

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ENTRE A ESCRITA DA HISTÓRIA E A LITERATURA NOS ENSAIOS DE  
HERTA MÜLLER**

**UBERLÂNDIA-MG  
2020**

**MANUEL BATISTA DE SÁ FILHO**

**ENTRE A ESCRITA DA HISTÓRIA E A LITERATURA NOS ENSAIOS DE  
HERTA MÜLLER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para conclusão do curso de Mestrado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos

UBERLÂNDIA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S111e      Sá Filho, Manuel Batista de, 1990-  
2020      Entre a escrita da história e a literatura nos ensaios de Herta Müller  
[recurso eletrônico] / Manuel Batista de Sá Filho. - 2020.

Orientadora: Kátia Rodrigues Paranhos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.3047>  
Inclui bibliografia.

1. História. I. Paranhos, Kátia Rodrigues, 1961-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
História. III. Título.

CDU: 930

---

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4395 - [www.ppghis.inhis.ufu.br](http://www.ppghis.inhis.ufu.br) - [ppghis@inhis.ufu.br](mailto:ppghis@inhis.ufu.br)



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História			
Defesa de:	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Ata 15, PPGHI			
Data:	Quatro de setembro de dois mil e vinte	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:
Matrícula do Discente:	11812HIS009			
Nome do Discente:	Manuel Batista de Sá Filho			
Título do Trabalho:	Entre a escrita da história e a literatura nos ensaios de Herta Müller			
Área de concentração:	História Social			
Linha de pesquisa:	História e Cultura			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cruzando os mares: teatro, política e cultura em Portugal e no Brasil nos anos 1960 e 1970			

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferência Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Alexandre de Sá Avelar (UFU), Charles Monteiro (PUC-RS), Kátia Rodrigues Paranhos orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Kátia Rodrigues Paranhos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Rodrigues Paranhos, Usuário Externo**, em 04/09/2020, às 11:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Charles Monteiro, Usuário Externo**, em 04/09/2020, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 04/09/2020, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2214015** e o código CRC **F5F21778**.

**MANUEL BATISTA DE SÁ FILHO**

**ENTRE A ESCRITA DA HISTÓRIA E A LITERATURA NOS ENSAIOS DE  
HERTA MÜLLER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para conclusão do curso de Mestrado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos (orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Charles Monteiro  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UBERLÂNDIA

2020

## AGRADECIMENTOS

Atravessar o longo percurso que envolve a feitura de uma dissertação é uma tarefa que pode ser bastante árida sem a presença daqueles que cruzam o nosso caminho e nele permanecem. A concretização do desejo de ser mestre em História só foi possível graças a várias pessoas, que me incentivaram desde o instante em que decidi prestar a seleção para a entrada na pós-graduação.

Agradeço aos meus pais, dona Lídia e seu Manuel, que sempre apoiam minhas escolhas, compreenderam os dias em que eu me sentia ansioso e estavam disponíveis quando uma palavra de ânimo era necessária. Os dois me transmitiram o gosto pela leitura ainda na infância e me fizeram criar um carinho especial tanto pela história quanto pela literatura. Sem a crença de vocês nas possibilidades transformadoras da educação, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus irmãos, Antonia e João, que tornam meus dias mais divertidos e dividem a responsabilidade diária de cuidar dos nossos cinco “filhos” felinos- que entraram em nossas vidas de maneiras inesperadas e inesquecíveis em 2018.

Ao Daniel que, mesmo longe geograficamente, sempre estava presente e se dispôs a ler os primeiros capítulos da dissertação. Suas sugestões me deram forças para prosseguir. Obrigado pela recepção tão carinhosa bem em Belo Horizonte quando eu precisava “tomar um sorvete para alegrar o meu dia” após um final de semestre cansativo. Sua amizade é um dos maiores tesouros que tenho!

Ao Renan, o maior e melhor gateiro de todos. Aprendo muito contigo todas as vezes que conversamos. Como gosto de te dizer, você é um anjo na minha vida!

Aos amigos do francês- Bárbara, João e Rodrigo- que partilham comigo o gosto pela literatura. Vocês estavam ao meu lado no congresso em Aracaju quando eu soube da aprovação na pós e se mantiveram presentes durante toda essa jornada de maneiras únicas. Agradeço à Bárbara por me mostrar a importância de não permitir que o medo nos paralise. Agradeço ao João por me acolher sempre com um sorrisão no rosto e ter energia para planejar os detalhes das nossas viagens em grupo levando em conta o meu jeito desligado. E agradeço ao Rodrigo por me inspirar com sua conduta profissional exemplar. O quarteto é imbatível!

À Mislele e Aline, minhas amigas da época da graduação, que me incentivaram a prosseguir nas veredas da História e compartilharam as dores e delícias de ser mestrandos durante estes dois anos.

Aos docentes que fizeram parte dos diferentes momentos da minha trajetória na pós, em especial os professores Alexandre Avelar e Ana Paula Spini. As considerações de ambos durante o exame de qualificação me permitiram repensar os passos finais da dissertação e forneceram perspectivas de continuidade da pesquisa. Também agradeço ao professor Alexandre a presteza com que aceitou o convite para participar da defesa. Agradeço também à Ana Flávia Ramos, Carla Miucci, Mônica Brincalepe, Daniel Pacheco e Marcelo Lapuente, professores responsáveis pelas

disciplinas que cursei no primeiro ano, pelas sugestões que me ajudaram a expandir os horizontes do projeto apresentado na seleção.

Ao professor Charles Monteiro, que aceitou contribuir com este trabalho por meio da leitura da dissertação e a participação na banca de defesa.

À Kátia Paranhos, minha orientadora, que topou percorrer os tortuosos labirintos da escrita mülleriana comigo. Sua maneira gentil e atenciosa de conduzir a orientação me acalmou quando eu me sentia perdido e inseguro, sem saber direito como desenvolver as discussões que se seguem. Obrigado pela leitura cuidadosa das várias versões deste trabalho e pela disposição em dialogar ao longo de toda a minha caminhada no mestrado.

Meu muito obrigado a vocês por estarem em minha vida de formas tão especiais!

Não supero nada. Superar é uma palavra muito positiva. Ao escrever, conseguimos compreender melhor o passado. Mas, quando termino, estou de novo como comecei. Todo mundo vive com as suas recordações. Não podemos lavar as nossas cabeças por dentro e dizer: “Agora é o momento zero.”

(Herta Müller, em entrevista para o jornal *O Globo* em 2011)

## RESUMO

Esta dissertação tem entre seus objetivos analisar a relação que a escritora romena Herta Müller mantém com seu passado, especialmente os anos vividos sob a égide do regime de Nicolau Ceausescu e as dificuldades de adaptação decorrentes do exílio para a Alemanha, tendo como base os livros de ensaios *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Para a autora, escrever representa tanto uma forma de lidar com o silêncio que grassava no vilarejo onde nasceu quanto um espaço para a crítica de práticas governamentais que desrespeitam as liberdades individuais. Outro objetivo desta dissertação é discutirmos algumas aproximações que podem ser estabelecidas entre a escrita da história e a literatura a partir das reflexões elaboradas por Müller sobre o seu fazer artístico. Marcados por um forte teor autobiográfico (ou autoficcional, como prefere Müller), os ensaios analisados são construídos de modo a conjugar uma narração de detalhes de diferentes momentos da vida da autora ao questionamento de como relatar tais eventos por meio da escrita. Ao pensar detidamente sobre o seu processo de escrita, Müller nos possibilita uma reflexão sobre o trabalho do historiador, perpassado por aspectos como a subjetividade, a assunção da parcialidade dos relatos que construímos sobre o passado e a necessidade de estarmos atentos ao uso que fazemos da linguagem em nossas narrativas. Ao longo do trabalho, também realizo alguns apontamentos sobre a leitura feita por diversos meios de comunicação sobre a distinção concedida a Müller pela Academia Sueca em outubro de 2009: ao receber o Prêmio Nobel de Literatura naquele ano, os livros da autora foram objeto de comentários que destacaram variados aspectos de sua carreira, entre eles o componente político que perpassa seus textos e o emprego criativo da linguagem preconizado por Müller.

Palavras-chave: Herta Müller; totalitarismo; exílio; escrita da história; Prêmio Nobel de Literatura

## ABSTRACT

This dissertation has among its objectives to analyse the relation kept by romanian writer Herta Müller with her past, especially the years lived under the regime of Nicolau Ceausescu and the difficulties of adaptation arising due to exile to Germany, based on the books of essays *The king bows and kills* and *Always the same snow and always the same uncle*. For the author, writing represents both a way of dealing with the silence about the past that prevailed in her native village and a realm for criticizing governmental practices that disrespect individual freedoms. Another aim of this dissertation is to discuss some approximations that can be established between the writing of history and literature based on the reflections elaborated by Müller on her creative process. Marked by a strong autobiographical (or autofictional, as Müller prefers) content, the essays are constructed in order to combine a narrative of different moments of the writer's life to the questioning of how to expose these events through writing. By thinking carefully about her creative process, Müller allows a reflection on the works of historians, permeated by aspects such as subjectivity, the assumption of the partiality of our versions about the past and the importance of being attentive to the use we make of language. Throughout the dissertation, some media reactions after the announcement made by the Swedish Academy in october 2009 are also examined: upon receiving the Nobel Prize for Literature that year, the writer's books were the subject of comments that highlighted several aspects of her career, including the political component that permeates her texts and the creative use of language advocated by Müller.

Keywords: Herta Müller; totalitarianism; exile; writing of history; Nobel Prize of Literature.

## SUMÁRIO

<b>Pensando com e sobre a história a partir dos ensaios de Herta Müller.....</b>	10
<b>Parte I- O “lado noturno da garganta” e a literatura como instrumento de crítica social</b>	
Capítulo 1- Pensando com a história: Herta Müller, o encontro com “o lado noturno da garganta” e a literatura como crítica.....	26
1.1 Da dispensa do tribunal da história não saímos incólumes.....	26
1.1.1 O encontro com o “lado noturno da garganta” na Romênia dos anos 1950.....	27
1.2 A literatura como instrumento de crítica: Herta Müller e o questionamento do totalitarismo..	37
1.3 “Cristina e seu simulacro”: Herta Müller e o encontro com o “lado noturno da garganta”.....	51
Capítulo 2- Questionando a ditadura: leituras e o Grupo de Ação Banato.....	65
2.1 Questionando o regime I: leituras proibidas.....	65
2.2 Questionando o regime II: Herta Müller e o Grupo de Ação Banato.....	80
<b>Parte II- “Aqui na Alemanha”: exílio e o não pertencimento a lugares</b>	
Capítulo 3- Negociando o pertencimento: Herta Müller e o trânsito entre culturas.....	91
3.1 A negociação do pertencimento nos ensaios de Herta Müller.....	91
3.2 A confiança na língua materna abalada: exílio e o trânsito entre culturas.....	95
3.3 “Mas é evidente que o romeno sempre escreve junto, porque cresceu para dentro do meu olhar”: Herta Müller e a “escrita-entre-mundos” .....	110
<b>Parte III- Pensando sobre a história: aproximações entre a escrita da história e a literatura a partir dos ensaios de Herta Müller</b>	
Capítulo 4- “Quando coloco o vivido nas frases, inicia-se uma mudança fantasmagórica”: a escrita da história e os ensaios de Herta Müller.....	124
4.1 Pensando sobre a história a partir dos ensaios de Herta Müller.....	124
4.2 “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”: Müller, a discussão sobre o uso inventivo da linguagem e a escrita da história.....	131
Capítulo 5- “Milho amarelo e sem tempo”: a subjetividade do historiador e as preocupações éticas na escrita da história.....	142
5.1 <i>Tudo que tenho levo comigo</i> e a literatura de testemunho.....	142
5.2 <i>Tudo que tenho levo comigo</i> e algumas aproximações com a escrita da história.....	149
Capítulo 6- “O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna”: o estranhamento como procedimento para construção de narrativas.....	160
Capítulo 7: Herta Müller, o Prêmio Nobel e a literatura oposicionista na contemporaneidade.....	176
7.1 O Prêmio Nobel de Literatura 2009 e as reações ao prêmio.....	176
7.2 Em muitas frentes, muitos lugares e a literatura oposicionista na contemporaneidade.....	195
<b>“A história está por toda a parte” e a importância de livros bem escritos como ferramenta de crítica.....</b>	
“A história está por toda a parte” e a importância de livros bem escritos como ferramenta de crítica.....	203
Fontes de pesquisa.....	209
Referências bibliográficas.....	212

**PENSANDO COM E SOBRE A HISTÓRIA A PARTIR DOS  
ENSAIOS DE HERTA MÜLLER**

A literatura não pode mudar nada disso [a existência de ditaduras]. Mas pode – e que seja *a posteriori*- inventar, por meio da língua, uma verdade que mostra o que acontece a nosso redor quando os valores descarrilam.

A literatura fala a cada um individualmente- ela é propriedade privada que permanece na cabeça. Nada mais fala de maneira tão incisiva conosco que um livro. E não espera nada em troca, exceto que pensemos e sintamos. (Herta Müller)<sup>1</sup>

Esta dissertação tem entre seus objetivos analisar as críticas realizadas pela escritora romena Herta Müller à história de seu país natal e a alguns aspectos da sociedade alemã do final do século XX tendo como base os livros de ensaios, *O rei se inclina e mata* (2003)<sup>2</sup> e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* (2011)<sup>3</sup>. Outro objetivo desta pesquisa é discutir algumas relações possíveis de serem estabelecidas entre a escrita da história e a literatura a partir das considerações feitas por Müller sobre o seu processo de criação, marcado por um cuidadoso trabalho com a linguagem. Müller publicou seus primeiros livros no início dos anos 1980 na Romênia, após anos de associação com escritores oposicionistas ao regime de Nicolau Ceausescu (1965-1989).

As obras publicadas no período, os livros de contos *Depressões*<sup>4</sup> e *Drückender Tango* (*Tango opressivo*, em tradução livre)<sup>5</sup>, questionam práticas governamentais que solapam as liberdades individuais e o silenciamento do passado, promovido tanto em nível familiar quanto em escala nacional. A publicação de tais obras foi responsável por uma devassa na vida privada da escritora promovida pela Polícia Secreta romena, a Securitate,<sup>6</sup> mesmo após o exílio para a Alemanha em 1987. Com a mudança, o sentimento de não pertencimento e deslocamento vivenciados em seu país natal continuam presentes, sendo os efeitos da ditadura nos indivíduos e

<sup>1</sup> MÜLLER, Herta. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p. 23-4.

<sup>2</sup> MÜLLER, Herta. *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003.

<sup>3</sup> MÜLLER, Herta. *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit.

<sup>4</sup> MÜLLER, Herta. *Depressões*. Tradução de Ingrid Ani Assman. São Paulo: Globo, 2010. Título original: *Niederungen*. Ano de publicação original: 1982. Neste livro de contos, somos apresentados ao cotidiano de um vilarejo de minoria alemã situado na Romênia socialista através do olhar de uma menina. Entre os temas trabalhados estão a invasão constante do Estado na vida dos indivíduos, o apego a tradições excludentes e o silenciamento sobre o problemático passado dos personagens, já que o pai da protagonista participou da Segunda Guerra como soldado e a mãe foi deportada para um campo de trabalhos forçados. Ao longo dos contos, Müller enfatiza que a violência e a falta de comunicação são as principais características que compõem a rotina de todos os habitantes do vilarejo.

<sup>5</sup> MÜLLER, Herta. *Drückender Tango: Erzählungen*. Bucareste: Kriterion-Verlag, 1984. Em *Drückender Tango*, também um livro de contos, Müller trabalha as mesmas questões que compõem as narrativas de *Depressões*, destacando a miséria e o isolamento dos habitantes em um vilarejo da Romênia socialista. Após a publicação deste livro, ela foi proibida de lançar novos títulos em seu país natal. O terceiro livro da autora, *O homem é um grande faisão no mundo*, foi publicado originalmente em 1986 na Alemanha enquanto Müller ainda morava na Romênia.

<sup>6</sup> A Polícia Secreta romena, Securitate, foi fundada em 1948 e extinta em 1991. Durante o regime de Ceausescu, contava com 11 mil agentes e milhares de informantes. Foi responsável por espionar, prender, torturar e matar civis considerados subversivos.

as dificuldades de adaptação em um novo país dois dos principais temas trabalhados por Müller nos livros selecionados para esta pesquisa.

*O rei se inclina e mata* foi publicado em 2003 e conta com nove ensaios nos quais Müller apresenta aos leitores temáticas como a mudança para a Alemanha, a permanência do passado de terror no novo país, além do destaque dado ao processo de construção de suas narrativas. Já *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* foi o primeiro livro lançado após o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura em 2009. Lançado em 2011 na Alemanha e no ano seguinte no Brasil, neste livro a autora discute questões relacionadas à criação de suas obras e influências no campo literário e musical. Nas duas coletâneas, as constantes perseguições a que foi submetida durante o regime de Ceausescu, o exílio e reflexões sobre o seu processo de criação artística são temas longamente tratados por Müller.

Em ambos os livros, fontes centrais para esta dissertação, a escritora detalha o processo criativo pelo qual constrói suas narrativas, em especial os romances. Ao longo do trabalho, estabelecerá uma interlocução entre os ensaios e as narrativas romanescas müllerianas, o que auxiliará na compreensão de como estes textos dialogam com as concepções sobre a escrita desenvolvidas em *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Além disso, os romances apresentam as agruras existenciais enfrentadas por indivíduos submetidos aos desígnios de um Estado totalitário, o que nos permitirá uma discussão de como as personagens lidam com temáticas recorrentes nos ensaios, como os efeitos deletérios da ditadura e algumas possibilidades de resistência em tais situações. Entre as obras que dialogarão com as fontes principais desta dissertação, destaco *O homem é um grande faisão no mundo*<sup>7</sup>, *Fera d'alma*<sup>8</sup>, *Tudo que tenho levo comigo*<sup>9</sup> e o já citado livro de contos *Depressões*.

Como aponta a epígrafe que abre esta introdução, Müller encara a literatura como um poderoso instrumento tanto de crítica a regimes autoritários quanto de amparo para os sujeitos

<sup>7</sup> MÜLLER, Herta. *O homem é um grande faisão no mundo*: um conto. Tradução de Tercio Redondo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Título original: *Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt*. Ano de publicação original: 1986. Neste livro, acompanhamos o processo de obtenção de um passaporte vivido por uma família de minoria alemã, que mora no interior da Romênia. Desejando imigrar para a Alemanha, encarada como um país de oportunidades, os personagens se submetem aos tirânicos desígnios das autoridades locais para conseguir deixar a Romênia.

<sup>8</sup> MÜLLER, Herta. *Fera d'alma*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Herztier*. Ano de publicação original: 1994. Em *Fera d'alma*, Müller nos apresenta a amizade de quatro jovens que se opõem à ditadura de Ceausescu. Eles se reúnem enquanto grupo após a morte da estudante universitária Lola. Desconfiando da versão dada pelo regime, de que Lola cometera suicídio, os jovens passam a se encontrar regularmente e a praticar atividades consideradas subversivas, como a leitura de livros proibidos pelo regime. Por esse motivo, eles começam a ser perseguidos, enfrentando diversos interrogatórios conduzidos por um major abominável, o que coloca em questão a união do grupo.

<sup>9</sup> MÜLLER, Herta. *Tudo o que tenho levo comigo*. Tradução de Carola Saavedra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Título original: *Atemschaukel*. Ano de publicação original: 2009. Em *Tudo que tenho levo comigo*, Müller narra a deportação vivenciada pelo jovem Leo Auberg para um campo de trabalhos forçados nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial. Após passar cinco anos no campo, lutando contra a fome e os diversos abusos cometidos contra a sua dignidade, Leo retorna para casa e se dá conta de que a relação com o mundo à sua volta não será mais a mesma.

submetidos a situações de restrição das liberdades individuais. Ao narrar as experiências vividas na Romênia comunista, a escritora também assinala o caráter de invenção, que se concretiza “por meio da língua”, contido em suas criações artísticas. Como discutirei ao longo deste trabalho, Müller desconfia da capacidade de representarmos nossas experiências “tal qual” elas ocorreram ao destacar em seus ensaios as adaptações efetuadas no vivido para que um relato adequado sobre o passado possa se efetivar. Segundo Müller, uma crítica ao passado só é possível quando não o deixamos tombar “numa frase ruim”<sup>10</sup>, sendo o cuidado no uso das palavras um dos pilares adotados pela autora na elaboração de seus textos. Ela procura construir os ensaios de modo a conjugar reflexões de cunho formal, sobre *como* representar o passado por meio da linguagem, a uma narração de episódios de sua vida que evidenciam sua discordância de governos que desconsideram a importância do indivíduo na sociedade.

No decorrer da dissertação, procurarei conjugar as considerações realizadas por Müller em seus textos a uma discussão sobre a escrita da história, também perpassada por aspectos de cunho artístico. Entre as inspirações que me auxiliarão a realizar esta análise, destaco as ponderações de Carl Schorske no tocante ao pensarmos *com e sobre* a história. De acordo com o teórico norte-americano, os historiadores têm escolhido com maior liberdade seus parceiros de trabalho (o que inclui a literatura), além de se aproximar com maior vigor dos quadros de análises de outras áreas do conhecimento, em especial desde os anos 1980. Esta aproximação permite um adensamento nas reflexões sobre o fazer historiográfico, dado que a feitura dos trabalhos acadêmicos é envolvida, assim como a literatura, pelos limites colocados pela linguagem ao representarmos o passado.

Para Schorske, pensar *com* a história envolve analisar a história tanto como processo quanto no papel dado pelos indivíduos ao passado. Já pensar *sobre* a história envolve analisar a história enquanto disciplina acadêmica em seus diferentes aspectos, entre eles a relação mantida pelos estudiosos com a ficção ao longo dos séculos. Schorske aponta que um debate sobre a história como disciplina não está desvinculado do pensarmos com a história, visto que as considerações teóricas a respeito do nosso trabalho variam de acordo com as situações vivenciadas pelos sujeitos em distintas temporalidades.<sup>11</sup>

Proponho-me a discutir, em um primeiro momento, como Müller pensa com a história ao elaborar suas críticas ao totalitarismo e a práticas que visam apagar a importância do indivíduo, vivenciadas tanto na Romênia quanto após a mudança para a Alemanha. Para Müller, o passado é um personagem sombrio que não pode ser facilmente deixado de lado, visto que as marcas provocadas pela ditadura e pelo exílio são profundas e ainda não foram devidamente equacionadas

<sup>10</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 91.

<sup>11</sup> SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

no espaço público. Em seguida, abordarei com maior vagar como o uso inventivo da linguagem proposto pela autora pode nos ajudar a pensar sobre o ofício do historiador. Mesmo que a discussão dos aspectos mais formais, ligadas à concepção mülleriana sobre o uso da língua, se encontrem por vezes distanciados das críticas elaboradas pela autora em minha narrativa, procurarei aproximarlos sempre que possível, já que este é o caminho proposto por Müller ao escrever. Assim, são a análise de como Müller interroga diferentes aspectos da sociedade contemporânea europeia e como seus textos podem nos ajudar a pensar a realização de nossas pesquisas os dois eixos que compõem esta dissertação.

É importante ressaltar que os ensaios aqui discutidos possuem um acentuado cunho autobiográfico (ou autoficcional, como prefere a autora). Müller parte da ficcionalização de detalhes da sua vida privada para construir suas narrativas literárias: como ela reforça ao longo dos ensaios e entrevistas, seus textos não constituem um reflexo direto de experiências anteriores. É por meio da escrita que uma reelaboração artística de vivências do passado se efetiva, com o objetivo de compartilhar com os leitores um testemunho dos abusos cometidos por diferentes governos ao longo do século XX. Posto que alguns detalhes da biografia de Müller são recorrentes nas coletâneas, apresento nos próximos parágrafos um resumo de fatos sobre a vida da autora que nos auxiliarão a compreender melhor as discussões propostas por ela nos textos ensaísticos.

Herta Müller nasceu em 1953 na cidade de minoria alemã de *Nitzkydorf*, na Romênia. Aprendeu a falar romeno apenas aos 15 anos e o paradoxo de que, mesmo em sua terra natal, ela vivenciava um permanente exílio, teve um grande efeito em sua vida e escritos. Seu pai, um soldado ligado à Waffen-SS, após ser prisioneiro de guerra, retornou à região do Banato<sup>12</sup> e nunca mais comentou sobre seu passado. A mãe de Herta acabou deportada para a antiga União Soviética, onde passou cinco anos presa em um campo de trabalhos forçados. Entre 1973 e 1976, Müller estudou literatura alemã e romena na universidade de Timisoara.<sup>13</sup> Durante o período, associou-se ao Grupo de Ação Banato (*Aktionsgruppe Banat*), grupo de escritores de vertente oposicionista à ditadura de Nicolau Ceausescu que buscavam uma maior liberdade de expressão.

Entre 1977 e 1979, trabalhou como tradutora em uma fábrica de Timisoara, sendo demitida por haver se recusado a colaborar com a Securitate. Após a demissão, passou a ensinar em um jardim de infância e a dar aulas particulares de alemão para sobreviver. No campo literário, fez sua estreia com a coleção de contos *Niederungen* (1982), que acabou censurada em seu país. Dois anos depois publica uma nova versão do livro por meio de uma editora alemã.

Por sua crítica ferrenha ao regime vigente, a escritora foi proibida de publicar na Romênia, emigrando de seu país natal para a Alemanha em 1987 junto com a mãe e o seu então

<sup>12</sup> Região geográfica e histórica da Europa Central atualmente dividida entre três países: Romênia, Sérvia e Hungria.

<sup>13</sup> Timisoara é capital do condado Timis County, oeste da Romênia Localizada na região do Banato, é considerada uma das principais cidades do país.

marido, o escritor romeno Richard Wagner. Müller possui mais de 20 livros publicados e suas obras são traduzidas em mais de vinte idiomas. Durante sua carreira, já ganhou diversos prêmios literários tanto na Romênia e Alemanha quanto em outros países, como a Irlanda.

Enquanto crítica de todas as formas de autoritarismo, as obras de Müller são focadas nas traumáticas experiências de sua infância, vividas em uma vila suábia<sup>14</sup>, e a perseguição a que foi submetida sob o regime político de Nicolau Ceausescu. Seus livros possuem como temas centrais o terror e a repressão durante o período, interrogando e denunciando as instituições ligadas ao governo. Além de ensaios, contos, poemas e romances, sua obra é composta por artigos escritos para os principais jornais e revistas da Alemanha, nos quais apresenta seus pontos de vista sobre temas como direitos humanos e regimes políticos de diferentes matizes e períodos da história.

O momento de maior repercussão internacional da carreira da escritora deu-se com o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura em 2009, por sua “concisão da poesia e a franqueza da prosa ao retratar a paisagem dos despossuídos”<sup>15</sup>. Mesmo antes de ser agraciada com o Nobel, Müller já era considerada por acadêmicos a mais importante escritora alemã-romena desde o poeta Paul Celan.<sup>16</sup> A autora faz parte do universo de escritores nascidos fora da Alemanha, em países cuja língua oficial não é o alemão, mas que escrevem em alemão.

Após o anúncio do prêmio, a obra de Müller passa a ser alvo de uma maior atenção por parte de estudiosos fora do contexto europeu, onde sua produção é estudada desde o início dos anos 1990.<sup>17</sup> No caso do Brasil, a partir dos anos 2010, diversos artigos e dissertações na área de Letras têm sido dedicados a aspectos da obra da autora. Entre os trabalhos que, mesmo não diretamente citados, serviram de inspiração para a composição da minha pesquisa, cito as dissertações de Scheila Mara Batista Lopes, Samia Tavares de Souza, Miriam Inês Wecker e os artigos escritos por Kelvin Falcão Klein e Rosvitha Friesen Blume.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *A linguagem como instrumento de resistência em tempos de exceção no romance Tudo que tenho levo comigo, de Herta Müller*, Lopes apresenta

<sup>14</sup> Suábia é uma região administrativa e histórica situada no estado alemão da Baviera. Possui um dialeto típico, o suábio. Os habitantes da vila onde nasceu e cresceu Herta Müller são descendentes desta região alemã.

<sup>15</sup> NOBEL MEDIA AB. *The Nobel Prize in Literature 2009*. Disponível em: [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/2009/#](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2009/#). Acesso em 25 de março de 2019. As informações bibliográficas utilizadas neste texto também estão disponíveis no site do Prêmio Nobel.

<sup>16</sup> Paul Celan (1920-1970), poeta, tradutor e ensaísta romeno. Filho de judeus de língua alemã, é considerado um dos maiores poetas do período pós-guerra, registrando em sua obra a marca do terror nazista. Seus pais foram presos e enviados para campos de concentração, onde faleceram em 1943. Celan também passou dois anos (entre 1942 e 1944) em um campo. Com o fim da guerra, mudou-se para Bucareste, de onde rumou para Paris. Em 1970, cometeu suicídio na capital francesa. Entre os poetas que Celan traduziu para o alemão ao longo de sua carreira estão Fernando Pessoa, Stéphane Mallarmé, Arthur Rimbaud, Emily Dickinson e Osip Mandelstam.

<sup>17</sup> Na introdução a um livro de artigos sobre a escritora editado em 2013, as críticas Brigid Haines e Lyn Marven fazem um apanhado da recepção e estudos acadêmicos sobre a obra mülleriana nos contextos europeu e norte-americano. Ver HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

uma discussão sobre o uso criativo da linguagem feito por Müller ao narrar situações de exceção, como as vivenciadas pelos personagens do romance *Tudo que tenho levo comigo*. Ao longo de seu trabalho, são destacadas a criação de neologismos e a atenção aos pequenos detalhes cotidianos, encarados por Müller como formas de contraponto a ideologias que privam os indivíduos de sua dignidade.<sup>18</sup>

Na dissertação de Souza, intitulada *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier, de Herta Müller*, são analisadas as representações do totalitarismo presentes na obra *Fera d'alma*. São discutidos, além do processo criativo da autora e a dificuldade contida na tarefa de narrarmos situações traumáticas, diferentes acepções do termo “totalitarismo” e de como o conceito pode nos ajudar a analisar as críticas müllerianas ao passado romeno.<sup>19</sup>

Já Wecker, em sua dissertação intitulada *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea*, aborda a produção mülleriana como representante de uma escrita que se situa “entre-mundos”. Embora a língua em que Müller produz seja o alemão, o passado sob a égide do regime de Nicolau Ceausescu é um dos principais temas que perpassa suas criações literárias. O ensaísmo autobiográfico presente em livros como *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* é compreendido pela pesquisadora como a maneira encontrada por Müller de lidar tanto com o silêncio sobre o passado que dominava no vilarejo em que cresceu quanto com as dolorosas experiências vividas por ela e pessoas próximas ao longo da vida adulta. Experiências que se encontram marcadas pela sensação de não pertencimento, mesmo após a chegada em solo alemão.<sup>20</sup>

Por sua vez, Klein destaca a relação estabelecida pela escritora com o passado de seu país natal e analisa as agruras vivenciadas pelas personagens femininas da escritora, em especial no romance *O compromisso*.<sup>21</sup> Já Blume estuda o sentimento de deslocamento presente nos ensaios e romances müllerianos, enfocando o período pós-exílio.<sup>22</sup> A crítica também aborda as

<sup>18</sup> Cf. LOPES, Scheila Mara Batista Pereira. *A linguagem como instrumento de resistência em tempos de exceção no romance Tudo que tenho levo comigo de Herta Müller*. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

<sup>19</sup> Cf. SOUZA, Samia Tavares de. *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier, de Herta Müller*. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

<sup>20</sup> Cf. WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea*. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

<sup>21</sup> Em *O Compromisso*, acompanhamos a trajetória de uma operária não nomeada que é constantemente intimida a depor nos mesmos dia e horário. Entre os temas do livro, destacam-se a invasão do Estado totalitário na privacidade dos sujeitos e a permanente desconfiança que ronda as relações mantidas pela protagonista, inclusive com o seu marido Paul. Cf. KLEIN, Kelvin Falcão. Ficção como suplemento da história e voz do corpo: o caso Herta Müller. *Revista Escrita*. Rio de Janeiro, n.11, 2010; MÜLLER, Herta. *O compromisso*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Globo, 2004. Título original: *Heute wär ich liebe mir lieber nicht begegnet*. Ano de publicação original: 1997.

<sup>22</sup> Ver BLUME, Rosvitha Friesen. “Não se pode pertencer a lugares”. A poética do deslocamento na obra de Herta Müller. *Revista Sociopoética*. João Pessoa, v.1, n.9, jan/jun.2012.

representações do terror sob o regime comunista construídas por Müller e as maneiras encontradas pelos personagens de resistir às insidiosas invasões do Estado em suas vidas privadas.<sup>23</sup> Outro ponto de interesse trabalhado por Blume é a íntima relação entre vida e obra nos ensaios da autora, com o destaque para a afirmação de que os escritos müllerianos não são um “espelho” de experiências passadas da escritora, mas recriações artísticas que passam por um cuidadoso processo de ficcionalização.<sup>24</sup>

Procurando aproximar as discussões realizadas na teoria literária ao campo historiográfico, defendi em 2014 a monografia intitulada *Nos “labirintos do medo”: exílio e linguagem em Depressões, de Herta Müller*.<sup>25</sup> Neste trabalho, tratei a questão do sentimento de não pertencimento no livro de contos *Depressões* e esbocei alguns pontos que serão desenvolvidos com maior vagar nesta dissertação. Ao reler os ensaios visando à elaboração de um projeto para o ingresso no programa de mestrado em história da Universidade Federal de Uberlândia, fiquei interessado em relacionar as concepções de Müller sobre sua prática literária às discussões ligadas à escrita da história. No projeto, procurei destacar que as reflexões de escritores que pensam a produção de suas obras podem nos ajudar a analisar o métier do historiador, já que a escrita e o uso da linguagem também são partes integrantes de nossas pesquisas sobre o passado.

Outro tópico tratado no projeto foi a discussão de como Müller aborda a temática do exílio em seus ensaios. Como assinala Edward Said, o exílio pode ser considerado um conceito de cunho histórico e de relevância na contemporaneidade, dado o aumento na escala de pessoas que, por diferentes razões, estão envolvidas no processo de mudança de pátria. A aceleração desse processo, ao longo do século XX, envolve uma mudança de casos individuais para ondas de exilados em todo o globo.<sup>26</sup> Em seus livros, Müller aborda as dificuldades decorridas com seu processo de mudança de país, que vão desde percalços de compreensão cotidianas à exasperação dos críticos em relação à presença da ditadura romena como temática principal de seus livros décadas após a mudança para Berlim. A chegada em território alemão não representou o acolhimento esperado: ao não se sentir “em casa” no país que a recebeu, Müller põe em dúvida em seus textos conceitos como pátria e identidade nacional, além de questionar a efetividade da linguagem em garantir uma comunicação adequada entre os sujeitos.

<sup>23</sup> Cf. BLUME, Rosvitha Friesen. *Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller: confluências entre vida e obra*. Disponível em: [www.fazendogenero.ufsc.br/9/anais1278106743\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/anais1278106743_ARQUIVO_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf). Acesso em 25 de março de 2019.

<sup>24</sup> Cf. BLUME, Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 21, n. 16, jun. 2013.

<sup>25</sup> Cf. SÁ FILHO, Manuel Batista de. *Nos “labirintos do medo”: exílio e linguagem em Depressões, de Herta Müller*. 2014. Monografia- Curso de História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

<sup>26</sup> Cf. SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Com o ingresso no programa de mestrado e o início das atividades de pesquisa, senti a necessidade de incluir em minha narrativa as críticas feitas por Müller à história romena, em especial ao período vivido sob o governo de Nicolau Ceausescu (1965-1989), dada a centralidade que o tema possui nos ensaios. Em seus textos, Müller aponta que começou a escrever como uma forma de compreender a sociedade ditatorial em que estava inserida. No decorrer dos ensaios, Müller detalha as práticas de cunho totalitário a que foi submetida em seu país de origem e discute alguns caminhos de resistência a tais regimes, que têm na promoção do terror, a eliminação dos indivíduos considerados “inimigos” e a desconfiança de uns contra os outros algumas de suas características fundamentais.<sup>27</sup> Além disso, ela destaca a continuidade de práticas adotadas no regime comunista ao chegar na Alemanha, indicando que os efeitos da contínua vigilância estatal ainda se fazem presentes em sua vida privada e nas sociedades alemã e romena décadas após a queda do regime comunista.

Dessa forma, com as discussões realizadas ao longo do primeiro ano de mestrado e o subsequente início do processo de escrita desta dissertação, decidi dividir o texto em três partes, de modo a garantir um melhor desenvolvimento dos temas acima propostos. Todas as partes se encontram ligadas pela questão de como Müller, ao refletir sobre seu processo de criação artística, pode nos ajudar a pensar alguns aspectos que compõem o trabalho do historiador. As críticas feitas por Müller ao passado romeno e às práticas discriminatórias a que foi submetida ao chegar na Alemanha estão intimamente vinculadas a uma reflexão de *como* relatar tais eventos já que, para a autora, narrar o passado envolve recriá-lo artisticamente através de um uso inventivo da linguagem.

Nos dois capítulos que compõem a primeira parte, intitulada *O “lado noturno da garganta” e a literatura como instrumento de crítica social*, me volto para a Romênia com o intuito de apresentar as discussões feitas por Müller sobre as práticas totalitárias de diferentes governos ao longo do século XX. A escritora considera a história como uma personagem atemorizante, da qual não podemos escapar incólumes: no primeiro capítulo, parto da contextualização de alguns aspectos do passado romeno para salientar os “encontros” decisivos que Müller e seus parentes tiveram com a história. Como forma de lidar com as privações e o silêncio que rondaram sua infância, ela encontra anos depois na literatura um poderoso instrumento de testemunho e ataque aos maus feitos cometidos por regimes ditoriais.

Ainda no primeiro capítulo, apresento as tensas relações travadas pela autora com agentes da Polícia Secreta e as reiteradas tentativas de apagamento do passado por diferentes setores da sociedade romena após a queda do governo de Ceausescu em 1989. Neste capítulo, entre os

---

<sup>27</sup> Cf. ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 8<sup>a</sup> reimpressão, 2009.

ensaios citados, utilizei o texto “Cristina e seu simulacro”<sup>28</sup> para apresentar o incômodo de Müller em relação ao silenciamento do passado e apontar como seus textos podem nos inspirar a construir narrativas de cunho crítico que não desconsiderem um uso cuidadoso da linguagem. Para pensar o conceito de totalitarismo e apresentar diferentes momentos da história romena ao longo do século XX, me apoio em Hannah Arendt e em estudiosos que têm como foco de suas pesquisas o regime de Nicolau Ceausescu e a obra mülleriana. Entre eles, destaco Dennis Deletant, Katherine Verdery, Cristina Petrescu e Valentina Glajar.

No segundo capítulo, discuto algumas ferramentas utilizadas pela escritora para construir sua crítica literária a ditaduras. Destaco como Müller se apropriou de diferentes leituras e como estes textos lhe forneceram subsídios para criar posteriormente suas narrativas romanescas. Além disso, saliento a aproximação de Müller com escritores do Grupo de Ação Banato, que também possuíam na literatura e no uso criativo da linguagem ferramentas de oposição ao regime. Esses escritores são considerados pela autora personagens fundamentais que, assim como os livros, também ajudaram na elaboração de suas críticas e a resistir à perseguição estatal sofrida em solo romeno.

Neste capítulo pontuo que, de modo semelhante aos literatos, é graças ao contato com outros profissionais, textos da área e a escrita de trabalhos acadêmicos que nos tornamos historiadores reconhecidos pelos pares e criamos nossas narrativas, em um caminho repleto de idas e vindas. As investigações conduzidas na academia, amparadas em fontes e procedimentos metodológicos próprios da disciplina, situam-se em um lugar social específico<sup>29</sup>, sendo a partir do contato com o outro que podemos construir relatos capazes de duvidar do que se encontra socialmente posto.

Na segunda parte, intitulada “Aqui na Alemanha”: exílio e o não pertencimento a lugares, apresento a temática do exílio. No terceiro capítulo, discuto como Müller duvida da possibilidade de nos sentirmos parte de uma nação quando práticas que desrespeitam as liberdades individuais são naturalizadas pelos governantes. Ao duvidar da noção de pertencimento a um país que quase a matou, Müller valoriza o trânsito entre culturas e idiomas e aponta que muitas das situações de exclusão ocorridas em seu país natal se repetiram após a chegada na Alemanha. Nos textos em que trata mais detidamente da temática, como “Em cada língua estão fincados outros olhos”<sup>30</sup>, a escritora reforça a importância de estarmos continuamente atentos ao emprego que fazemos da linguagem, que pode ser bom ou mau a depender de como a utilizamos: ao mesmo tempo que a língua pode servir para promover e justificar opressões, ela pode ser um instrumento de

<sup>28</sup> Ver MÜLLER, Herta Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op. cit., p.42-74.

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2.ed. Lisboa: Forense Universitária, 2000.

<sup>30</sup> Ver MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.7-40.

questionamento do status quo, fazendo-nos suspeitar de conceitos e práticas que nos pareçam à primeira vista contestáveis.

Neste capítulo, também faço algumas considerações sobre as possibilidades de pensarmos a escrita da história a partir das considerações müllerianas: ressalto que ao estudarmos as experiências dos sujeitos migrantes, não devemos tentar encaixá-las em conceitos estanques e monolíticos, que desconsiderem os trânsitos entre culturas experenciados por esses indivíduos. Também aponto a necessidade de empregarmos de maneira cuidadosa da linguagem em nossos escritos, já que nossos relatos são um espaço de atuação no presente, capaz de interrogar práticas que privem os sujeitos e grupos que estudamos de sua dignidade.

Na terceira parte, intitulada *Pensando sobre a história: aproximações entre a escrita da história e a literatura a partir dos ensaios de Herta Müller*, dividida em quatro capítulos, esboço algumas relações que podemos estabelecer entre os ensaios e a escrita da história de maneira mais sistematizada. Também discuto a recepção da obra da escritora no momento de maior destaque de sua carreira, ocorrido em 2009 após o anúncio de que ela fora laureada com o Nobel de Literatura naquele ano.

No quarto capítulo, parto das considerações müllerianas sobre seu fazer literário e apresento o debate que envolve a assunção da presença da narrativa em nossos trabalhos, tema que tem sido debatido com maior interesse desde os anos 1960 na comunidade historiográfica. Também discuto, a partir de autores como Roger Chartier, Lohanne Gracielle Silva, Carl Schorske, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Saul Friedlander e Dominick LaCapra alguns subsídios teóricos para pensarmos a história com a literatura, de modo a não encarar estes polos como antagônicos, mas enquanto campos passíveis de diálogo.

No quinto capítulo, detalho algumas aproximações existentes entre nossa escrita e a literária a partir das reflexões müllerianas sobre a feitura do romance *Tudo que tenho levo comigo*. Entre tais aproximações, destaco a importância de não descuidarmos dos aspectos éticos que se fazem presentes em nossas investigações, a necessidade de lidarmos com a presença da subjetividade do pesquisador ao longo do percurso investigativo e a assunção da fragilidade que envolvem nossas narrativas, já que não somos capazes de oferecer a nossos leitores um relato do passado “tal qual” ele ocorreu. Assim como em capítulos precedentes, indico neste capítulo que, ao escrever sobre o passado, atuamos como testemunhas em nome daqueles que não puderam narrar, sendo nossa escrita uma ferramenta de crítica a episódios de exclusão e privação da dignidade a que foram submetidos os sujeitos e grupos que pesquisamos.

No sexto capítulo, discuto o conceito de “olhar estranho”, cunhado por Müller no ensaio “O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna”<sup>31</sup>, incluído na coletânea *O rei se inclina e*

---

<sup>31</sup> MÜLLER, Herta. O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna. In: *O rei se inclina e mata*, op. cit., p.135-156.

*mata*: a relação de Müller com seu passado é marcada pela contínua desconfiança do que está ao seu redor, dado que muitas práticas vivenciadas na Romênia ainda se fazem presentes em solo alemão. Para Müller, estranhar o que se encontra à sua volta é uma forma de não trivializar as experiências passadas e de interrogar a suposta naturalidade de alguns conceitos como o sentimento de pertencimento a uma nação. Partindo das considerações de Carlo Ginzburg sobre a estranheza enquanto procedimento literário, procuro analisar como a desconfiança em relação ao passado pode ser uma forma de não o banalizarmos, além de uma porta de entrada para refletirmos sobre como podemos apresentar nossos textos de maneiras mais criativas.<sup>32</sup>

Nestes capítulos, além dos estudiosos já citados, conto com Walter Benjamin, Giorgio Agamben, Márcio Seligmann-Silva, Jeanne Marie Gagnebin, Hayden White, Michel de Certeau e Michel Foucault como alguns dos aportes teóricos que me auxiliarão a pensar a escrita mülleriana e os pontos de contato que podemos estabelecer com a feitura das pesquisas historiográficas.

No sétimo e último capítulo, destaco como a obra mülleriana tem sido lida em diferentes contextos, especialmente após o anúncio de que Müller era a ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura 2009. Escolho este acontecimento para encerrar a dissertação, pois ele me permite aludir, a partir do olhar de críticos literários e jornalistas, a algumas temáticas abordadas ao longo da pesquisa, em especial o componente político presente na obra da escritora e o cuidadoso trabalho com a linguagem advogado por Müller.

Além disso, o Nobel me permitirá discutir como uma escritora relativamente desconhecida no cenário internacional teve a premiação encarada em países que possuíam diferentes níveis de contato com seus livros até aquele momento: se antes da premiação, obras como *O rei se inclina e mata* estavam publicados somente na Alemanha e em países como Dinamarca e Suécia, após o Nobel, as traduções conheceram um aumento significativo, possibilitando que um maior número de leitores entrasse em contato com os escritos müllerianos. Ao longo do capítulo, também assinalo que o componente político foi bastante valorizado pela Academia Sueca (entidade responsável por escolher os ganhadores) ao laurear Müller, característica ressaltada por diferentes articulistas que analisaram a distinção nos dias seguintes ao anúncio.

Para fechar esta introdução, gostaria de assinalar que, ao trabalharmos com fontes literárias, temos em nossas mãos vestígios muito delicados, que pedem de nós sensibilidade e intuição para sua compreensão. Marc Bloch salienta que ao nos aproximarmos do passado, devemos ter em mente que

Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática. Para bem traduzi-los, portanto para bem

---

<sup>32</sup> GINZBURG, Carlo. Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário. In: \_\_\_\_\_. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

penetrá-los (pois será que se comprehende alguma vez perfeitamente o que não se sabe dizer?), uma grande finesse de linguagem, [uma cor correta no tom verbal] são necessárias. Onde calcular é impossível, impõe-se sugerir. Entre a expressão das realidades do mundo físico e a das realidades do espírito humano, o contraste é, em suma, o mesmo que entre a tarefa do operário fresador e a do luthier: ambos trabalham no milímetro; mas o fresador usa instrumentos mecânicos de precisão; o luthier guia-se, antes de tudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos.<sup>33</sup>

Ao longo da escrita desta dissertação, busquei seguir esse conselho ao refletir sobre como os ensaios podem ser uma porta de entrada para discutirmos a produção de pesquisas que não desconsiderem os aspectos artísticos contidos em nossa escrita. Como já afirmado anteriormente, tais preocupações se encontrarão aliadas às críticas feitas por Müller a diferentes aspectos da sociedade contemporânea, visto que as preocupações formais sobre a linguagem se relacionam ao receio de que as injustiças sofridas por ela e pessoas próximas se repitam no futuro. Cito um trecho do ensaio “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”, que resume bem as inquietações que intencionalmente explorar no decorrer deste trabalho:

Eu sempre escrevo pensando que aqueles que significam muito para mim leem junto, mesmo que já estejam mortos, principalmente se estão mortos. Quero me aproximar deles com as palavras. Essa é a única medida da qual eu sei que a posso, a partir da qual classifico as frases como suficientemente boas ou ruins. Essa, talvez, seja uma obrigação moral ingênua, distribuída em pequenos pedaços, ao escrever. Essa foi e é o contrário de estar por cima, de qualquer ideologia, seja ela como for- e por isso também o melhor meio contra ela. A ideologia tem o todo na mira. Segundo o seu critério as frases são permitidas ou proibidas. Para não abandonar o permitido, autores ideologicamente fixados tão somente sondam novas variantes para as partes prontas disponíveis. Essas só são variáveis nos limites em que o todo não é posto em xeque. Uma obrigação moral interior por motivos bem privados irrita os amantes da ideologia. Ela não se sente responsável pelo todo, sabe até mesmo que todo texto foge ao previsível, escapa do terreno oferecido pela ideologia. Ao invés de permitidas ou proibidas, as frases escritas a partir de uma obrigação interior se veem como verazes ou imitadas.<sup>34</sup>

Como destaca Müller, sua escrita é guiada por uma “obrigação moral interior” de não permitir que os abusos cometidos contra ela e pessoas próximas caiam no esquecimento. Este desejo se relaciona a um uso da linguagem que seja capaz de irritar e questionar os responsáveis por perpetuar situações que privam os sujeitos de sua dignidade e liberdade individual. A detida preocupação da autora com sua escrita liga-se, dessa forma, à pretensão de que os crimes cometidos por diferentes ditaduras ao longo do século XX não ocorram novamente.

Encararei os ensaios no decorrer deste trabalho como uma forma de intervir socialmente nas questões de seu tempo já que, ao escrever, Müller deseja promover discussões capazes de

<sup>33</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001, p.54-5.

<sup>34</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op. cit., p.91-2. Volto a discutir este trecho no capítulo 4.

modificar o que está posto.<sup>35</sup> Ao nos debruçarmos sobre um texto literário, temos a oportunidade de entrar em contato com as sensibilidades, medos, angústias e projetos construídos pelos homens e mulheres de outrora, o que permite-nos apreender como os sujeitos pensaram e deram sentido ao mundo em que viveram.<sup>36</sup>

Como aponta Lynn Hunt, os documentos que selecionamos para compor nossas pesquisas não são neutros ou transparentes, mas produzidos por autores situados em um determinado momento histórico e que possuem diferentes intenções e estratégias ao escrever seus textos.<sup>37</sup> Uma das principais intenções de Müller é colocar em xeque a existência de práticas excludentes que lhe provocaram profundas marcas físicas e emocionais e que continuam a vigorar em diferentes partes do globo no início do século XXI.

Para Müller, refletir sobre o passado através da literatura envolve um gesto de inconformismo, capaz de esboçar maneiras questionadoras de estarmos no mundo. Como aponta o historiador Nicolau Sevcenko, a literatura “é um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega o faziam.”<sup>38</sup> Através de uma escrita que possui no cuidado com a linguagem uma de suas principais características, Müller discute as possibilidades de alternativas aos abusos do poder cometidos por regimes de diferentes matizes. As pesquisas historiográficas, como argumentarei nas próximas páginas, também podem se inspirar nesse cuidado ao interrogar os maus feitos perpetrados pelos governos ao longo da história, sem desconsiderar a preocupação com uma escrita que intencione ultrapassar as fronteiras existentes atualmente entre a academia e a vida social mais ampla.

Nessa linha de raciocínio, o historiador Peter Gay afirma que os aspectos artísticos de nossa escrita não deveriam se encontrar dissociados da elaboração de interpretações sobre o passado que se sustentem cientificamente. Para Gay, arte e “verdade” devem andar de mãos dadas, sendo tarefa do historiador construir narrativas de cunho crítico que sejam capazes de interpelar os leitores a agir no presente. Essa construção não precisa excluir a elaboração de textos que tenham na atenção à escrita uma de suas preocupações.<sup>39</sup>

As questões realizadas pelo historiador são o guia que conduzirá as discussões realizadas durante todo o percurso investigativo, no qual a escrita possui um importante papel. Nós esculpimos nossas fontes a partir de perguntas colocadas em um momento histórico particular, o

<sup>35</sup> Ver SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>36</sup> SEVCENKO, ibid.

<sup>37</sup> Cf. HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.18.

<sup>38</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, op.cit., p. 284.

<sup>39</sup> Cf. GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

que torna nosso conhecimento também historicamente situado e passível de reformulação, caso novos questionamentos sejam realizados aos documentos que selecionamos.

Como assinala Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a sensibilidade e intuição são partes constituintes do nosso percurso investigativo, sendo a escrita uma poderosa maneira de darmos sentido às experiências dos sujeitos e grupos que estudamos. Somos inventores do passado quando, ao consultarmos e reunirmos uma série de arquivos, damos uma forma compreensível à profusão de acontecimentos que comporão nosso relato.<sup>40</sup>

Uma das questões que me guiam neste trabalho é a de buscar compreender como Müller aborda questões prementes da atualidade em seus textos ensaísticos, sem esquecer das longas reflexões feitas por ela sobre o seu fazer artístico: ao apresentar os caminhos que atravessa ao longo da feitura de seus relatos sobre a Romênia comunista, Müller nos permite refletir sobre alguns pontos de contato entre a literatura e a escrita da história, já que nossos relatos são perpassados por elementos também presentes na criação literária. Pensar as aproximações entre estes campos a partir da literatura é outra inquietação que me move no decorrer da feitura desta dissertação.

Assim, passo agora para o primeiro capítulo, em que as questões acima esboçadas começarão a ser discutidas com maior vagar. Como diria Müller, o passado, apesar de problemático, é muito precioso para que o deixemos tombar “numa frase ruim”. Espero que os ensaios, por meio da minha narrativa, possam servir de inspiração para a construção de trabalhos que levem em consideração tanto os aspectos artísticos quanto de crítica ao que se encontra socialmente posto, já que para Müller essas esferas não se encontram separadas.

---

<sup>40</sup> Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

## **PARTE I-**

**O “LADO NOTURNO DA GARGANTA” E A LITERATURA COMO  
INSTRUMENTO DE CRÍTICA SOCIAL**

## CAPÍTULO 1

### Pensando com a história: Herta Müller, o encontro com “o lado noturno da garganta” e a literatura como crítica

Aquilo que levianamente se denomina história também era para cada um da minha família, desde o nazismo, passando pelos anos 1950, o lado noturno da garganta. Cada um deles foi convocado pela história, tinha de alistar-se junto à história como vilão ou como vítima. E da dispensa da história nenhum deles saiu incólume. (Herta Müller)<sup>41</sup>

#### 1.1 Da dispensa do tribunal da história não saímos incólumes

Como aponta Müller na epígrafe que abre este capítulo, sua relação com a história possui um caráter bastante problemático. Da história não é possível escapar, já que somos convocados a comparecer diante de seu tribunal para ocupar o papel que nos é designado, seja como vítima, seja como vilão. Vista em seus aspectos mais sombrios, Müller afirma que não conseguimos sair incólumes dos danos causados pelo encontro com esta personagem atemorizante. De acordo com a autora, em trecho do ensaio “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”, os danos provocados pela convocação da história geraram repercussões emocionais e físicas tanto nela quanto em seus familiares:

Só fui compreender realmente como esses meus familiares se ressentiam desses danos quando eu mesma havia topado com a falta de saída. Só então eu sabia que com um assalto profundo demais todos os nervos ficam sobrecarregados para sempre. Que essa sobrecarga se afirma nos dias posteriores, que até mesmo recorre ao tempo anterior a ela. Ela não muda somente as coisas posteriores, mas também as anteriores que não teriam nada a ver com a fenda na vida, caso não houvesse a fenda. Tudo é magnetizado por essa ruptura, na cabeça e na vida toda nada mais se separa dela. O que havia antes da fenda se apresenta depois como se já tivesse estado aí escondido e por isso não fora reconhecido, já então um prenúncio inequívoco da perda posterior, um prólogo levianamente ignorado.<sup>42</sup>

A visão de Müller sobre a história é marcada pelos traumas e perdas do passado, que passam a compor sua relação com o mundo à sua volta. Magnetizados pela “fenda” que provocou a ruptura, ela e seus parentes tiveram que adotar diferentes estratégias para sobreviver. Seu pai, Josef, havia participado na Segunda Guerra como soldado e passou um período preso após o fim dos combates. Ao retornar para casa, ele “anestesiava seu tempo como soldado da SS na bebedeira”<sup>43</sup>. Já sua mãe, Katharina, enviada em janeiro de 1945 para um campo de trabalhos forçados situado na atual Ucrânia aos 17 anos, se debatia com as consequências do período

<sup>41</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op. cit., p. 98-9.

<sup>42</sup> MÜLLER, ibid, p.99.

<sup>43</sup> MÜLLER, ibid, p.99.

passado longe de casa, entre elas a perda dos cabelos e a avidez demonstrada durante as refeições, dada a fome que grassava nos campos de modo permanente.

Outros membros de sua família também tiveram complicados encontros com a história. A avó materna de Müller perdeu o filho durante a guerra e recorria aos objetos do morto para dar vazão ao desespero:

A mala do acordeão era o objeto de culto da minha avó. Ela entrava diariamente no quarto que não era habitado por nós, mas pela mala do acordeão. Ela olhava muda para a mala como se observa os santos na igreja e, em silêncio, se pede ajuda. (...) Como é que uma mãe chega ao ponto de confundir o seu filho com um acordeão.<sup>44</sup>

Por sua vez, o avô materno da escritora trabalhava como comerciante de cereais antes de perder suas terras para o Estado. Após a expropriação de sua propriedade, ele começa a anotar repetidamente suas antigas quinquelharias em recibos de papel. Ao procurar amparo nessa prática, ele “documentava a sua decadência”<sup>45</sup>, tentando assim manter um fio de dignidade.

Para uma melhor compreensão dos traumas e perdas vivenciados pela família de Müller durante os anos 1950, farei nas próximas páginas uma breve incursão em alguns aspectos da história romena. Ao longo do século XX, inúmeras disputas territoriais estiveram no centro da vida política do país, impactando diretamente as vidas dos sujeitos aqui estudados. A apresentação de como essas disputas se desenrolaram nos auxiliarão a melhor compreender as críticas realizadas por Müller a diferentes governos, em especial ao regime de Nicolau Ceausescu (1965-1989), em seus ensaios e romances. As considerações sobre os anos do governo Ceausescu encontram-se no centro das preocupações da escritora, sobretudo ao discutir os efeitos do totalitarismo e ao nos apresentar como a literatura pode ser uma poderosa forma de resistir às continuadas tentativas estatais de arruinar a vida privada dos indivíduos.

### **1.1.1 O encontro com o “lado noturno da garganta” na Romênia dos anos 1950**

Historicamente, o território hoje ocupado pela Romênia era dividido em inúmeros principados. Em 1859, ocorre a unificação dos dois maiores principados, o da Moldávia e Valáquia. Sob o governo de um mesmo suserano, a Romênia ganha unidade como país, embora ainda estivesse sob o domínio do Império Otomano. A independência é obtida durante o conflito conhecido como Guerra Russo-Turca, que se desenrolou entre 1877 e 1878. Ao vencer o conflito, o Reino da Romênia é reconhecido como país soberano e a monarquia constitucional adotada como regime de governo a partir de 1881.

De acordo com o historiador Dennis Deletant, as fronteiras do reino passaram por uma ampliação ao final da Primeira Guerra Mundial, em circunstâncias que deixaram o território

<sup>44</sup> MÜLLER, *ibid*, p.95.

<sup>45</sup> MÜLLER, *ibid*, p.96.

vulnerável perante as pressões externas. Este período, de extensa ampliação do território e de início do processo de modernização do país, é conhecido como România Mare (Grande Romênia) e incorporou todas as populações historicamente consideradas de origem romena. Em 1919, o reino possuía pouco mais de 16 milhões de habitantes e sua economia era caracterizada pela predominância da população rural e baixa produtividade por hectare, com grandes discrepâncias entre a qualidade de vida nas cidades e no campo.<sup>46</sup>

O reino se consolidou com aquisições de territórios antes pertencentes a outros países, o que trouxe populações como as minorias étnicas alemã, búlgara e húngara para o interior da nação.<sup>47</sup> Nas décadas seguintes, o governo procurou consolidar os ganhos e manter as fronteiras intactas, mesmo que poucas medidas efetivas tenham sido tomadas para integrar as minorias populacionais.

Como exemplo dos entraves ocorridos após a anexação dos novos territórios, cito o caso da minoria alemã, cuja expressiva parcela habitava na região do Banato, região anexada ao território romeno em 1918 e onde nasceu Herta Müller. Para essa parte da população, a integração ao país não se deu sem a constante tentativa de assimilação à cultura romena: mesmo possuindo direitos iguais aos demais cidadãos romenos, eram constantes as pressões para aderirem a particularidades da cultura local, como a romanização dos nomes e a inscrição em partidos políticos. Aspectos da cultura alemã permitidos no país (como escolas, igrejas, editoras de livros e jornais) eram monitorados e vigiados de perto pelo Estado romeno.<sup>48</sup>

De acordo com Katherine Verdery, com a ampliação do território, o questionamento sobre os elementos definidores da identidade nacional e da “essência” do povo romeno ganham força no período entreguerras, reatualizando um debate já presente na sociedade. Políticos e intelectuais criam diferentes representações sobre o tema, considerado “crucial durante as primeiras décadas do século XX, em especial nos anos 1920 e 1930”.<sup>49</sup> Diversos campos do saber elaboraram discussões sobre a temática, que se tornou um dos centros da vida intelectual do período.

A preocupação com a identidade nacional espalhou-se para “todo o discurso político e intelectual. (...) Eram raros os políticos e pensadores que, independentemente do partido e áreas

<sup>46</sup> DELETANT, Dennis. *Hitler's forgotten ally: Ion Antonescu and his regime, Romania 1940-1944*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 28. O historiador aponta que essa situação permaneceu durante os anos seguintes: citando dados do Censo romeno de 1930, Deletant assinala que a Romênia possuía pouco mais de 19 milhões de habitantes, com 80% deles morando no campo. Poucas vilas possuíam eletricidade, água e serviços de saúde adequados. Além disso, os transportes e comunicação eram precários e as taxas de mortalidade e analfabetismo elevadas.

<sup>47</sup> Entre os territórios adquiridos no período estão a Dobruja do Sul (antes pertencente à Bulgária), Transilvânia (antes pertencente à Hungria), Bucovina (antes pertencente à Áustria) e Bessarábia (antes pertencente à Rússia).

<sup>48</sup> HOLDEN, Anca-Elena Luca. *Cultural Identity in Contemporary German-Romanian Literature*: Richard Wagner and Herta Müller. Tese de doutorado, Universidade de Geórgia, Atenas, 2010, p.28.

<sup>49</sup> VERDERY, Katherine. *National Ideology under Socialism: Identity and Cultural Politics in Ceausescu's Romania*. University of California Press, 1991, p.42. “crucial during the first few decades of the twentieth century, most especially the 1920s and 1930s.” (no original) As traduções presentes neste trabalho são de minha responsabilidade.

do conhecimento, seja economia, psicologia, sociologia, etnografia, filosofia, literatura ou arte, que não tivessem algo a dizer sobre a essência romena.”<sup>50</sup> Entre os motivos para os recorrentes debates sobre o tema estavam a fragilidade das novas fronteiras e a multiplicidade populacional, que arriscavam minar a unidade nacional.

Mesmo com a variedade das discussões e interesse de intelectuais e políticos pelo tema, a tarefa de garantir a unificação do país provou-se árdua

porque a Romênia continha minorias nacionais de tamanho considerável: 28 por cento da população. (...) As representações romenas da unidade nacional e territorial tiveram lugar contra o medo constante do desmembramento territorial, o que se efetivou em 1940, quando a União Soviética anexou a Bessarábia e Hitler deu a Transilvânia do Norte de volta para a Hungria.<sup>51</sup>

Dependente de economias mais desenvolvidas do continente europeu, como França e Inglaterra, a desejada unidade nacional contava em grande medida com a manutenção dos acordos assinados após o final da Primeira Guerra, em especial o Tratado de Versalhes. Esta situação sofreu um revés após o início da Segunda Guerra Mundial e o desejo de Hitler em revisar os acordos territoriais anteriormente firmados. O reino se viu, a partir do final dos anos 1930, no meio de duras disputas que acabaram por colocar em xeque os anseios nacionalistas em prol da continuidade da Grande Romênia.

Um importante episódio que marcou as disputas em que a Romênia viria a enfrentar durante a Segunda Guerra Mundial foi a assinatura, em agosto de 1939, do Pacto Molotov-Ribbentrop ou Pacto de Não Agressão Germano Nazi-Soviético. O Pacto, assinado pela Alemanha e União Soviética, firmava a não beligerância bética entre as duas potências e dividiu o território europeu em zonas de influência, visando à reorganização territorial e política dos dois países. Nas palavras de Deletant, o documento acabou por introduzir “uma nova ordem na Europa, não mais sujeita à deliberação internacional e ratificação, mas aos interesses que os dois parceiros [União Soviética e Alemanha] consideravam ter o direito de cobrar e impor”.<sup>52</sup>

Em 26 de junho do ano seguinte, a União Soviética exigiu a reanexação da Bessarábia e da Bucovina do Norte em um período de quatro dias, sob a ameaça da eclosão de uma guerra<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> VERDERY, *ibid*, p.46 . “all political and intellectual discourse. (...) there was scarcely a politician, regardless of party, and scarcely a thinker, whether in economics, psychology, sociology, ethnography, philosophy, literature, or art, who did not directly or indirectly have something to say about Romanians’ essential character.” (no original).

<sup>51</sup> VERDERY, *ibid*, p.43. “because Romania now contained sizable national minorities: 28 percent (...) Romanian representations of national and territorial unity therefore took place against the constant threat of territorial dismemberment, a threat actually realized in 1940, when the Soviet Union annexed Bessarabia and Hitler gave northern Transylvania back to Hungary.” (no original).

<sup>52</sup> DELETANT, Dennis. *Hitler's forgotten ally*, op.cit., p.12. “a new order in Europe, one subject not to international deliberation and ratification, but to the interests the two partners considered they had the right to claim and impose.” (no original)

<sup>53</sup> A Bessarábia é uma região histórica da Europa Oriental. Hoje, o território compõe cerca de 65% da Moldávia, pequeno país europeu com cerca de 3 milhões de habitantes que têm o romeno como língua oficial. Por sua vez, a Bucovina é uma região histórica da Europa Oriental dividida atualmente entre dois

A província da Bessarábia havia sido conquistada pela Romênia em 1918 e, apesar de a maioria dos Estados europeus terem aceitado a transferência da soberania, os soviéticos continuaram a disputar o território. Já a Bucovina compunha o território romeno desde 1918 após a dissolução do Império Austro-Húngaro. Com a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, um anexo secreto dispunha que a Alemanha não interferiria no interesse soviético na região, respeitando-o caso necessário.<sup>54</sup>

Desejando resolver a situação, o rei Carol da Romênia pediu a Hitler que garantisse as fronteiras de seu país, o que se provou infrutífero, já que o dirigente nazista impôs como condição para negociação a resolução de disputas em outros conflitos territoriais na região. Com o ultimato estabelecido pela União Soviética e as negociações ocorridas nos meses seguintes, a Romênia perdeu, além da Bessarábia e Bucovina do Norte, as regiões da Transilvânia do Norte e Dobruja do Sul. Com as perdas ocorridas ao longo de 1940, a população diminuiu de 19 milhões para cerca de 13 milhões de habitantes e o país perdeu um terço de seu território, provocando amplos protestos contrários ao rei, em especial na capital Bucareste.

O rei Carol se alinha ao Eixo Roma-Berlim em julho de 1940, sob a esperança e posterior garantia de Hitler da proteção do território romeno de novas invasões. O medo de mais perdas territoriais provocado pela brutal invasão soviética foi um dos principais motivos, de acordo com Deletant, para a adoção aos preceitos de Hitler. Neste contexto, o apoio fornecido por aliados tradicionais (como França e Inglaterra) era limitado, sendo a Alemanha o parceiro militar mais óbvio pela proximidade geográfica, o crescente peso das transações comerciais entre os dois países e a superioridade militar demonstrada pelo exército comandado por Hitler.<sup>55</sup>

Internamente, o rei Carol viu suas bases de poder enfraquecidas. No início de setembro de 1940, abdicou do cargo e abandonou o país, com o poder sendo transferido ao general Ion Antonescu. Encarado como o único capaz de restabelecer a harmonia no país, Antonescu assume em 06 de setembro sob os auspícios de agentes alemães favoráveis à tomada de poder. A política do general é marcada pelos ferrenhos anticomunismo e antisemitismo, além do desejo de manter a ordem interna e um agudo senso de praticidade política: para Antonescu, dados os riscos corridos pela Romênia com os acontecimentos da Guerra, aceitar os preceitos alemães era a única

---

países, a Romênia e a Ucrânia. Com o final da Primeira Guerra Mundial, a Romênia domina toda a região, situação que muda ao longo da Segunda Guerra. Atualmente, a parte norte da Bucovina localiza-se na Ucrânia e a sul na Romênia.

<sup>54</sup> É importante ressaltar que a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop previa apenas o interesse soviético na Bessarábia. Para justificar a ocupação da Bucovina, a URSS argumentou que o território serviria como reparação das perdas provocadas pela ocupação romena na região desde o final da Primeira Guerra Mundial. Além disso, segundo os soviéticos, a população do território era formada por uma larga parcela de ucranianos, então sob o domínio da URSS. Dada a resistência alemã em ceder todo o território da Bucovina, Stálin decide limitar suas exigências somente ao norte da região, o que foi aceito pela Alemanha.

<sup>55</sup> DELETANT, *ibid.*

saída possível para recuperar as fronteiras perdidas. Em 23 de novembro de 1940, Antonescu assina o Pacto Tripartite, tornando-se oficialmente um aliado do Eixo.<sup>56</sup>

Dadas as contínuas agitações sociais, Antonescu proclama uma ditadura militar em 1941 e é promovido ao status de Marechal. Ele liderou o país até 1944, com um governo caracterizado pelo autoritarismo e um exacerbado sentimento de nacionalismo. Dado o alinhamento aos preceitos da Alemanha Nazista, o Exército romeno passa a cooperar e participar de ataques ao território russo, garantindo o retorno temporário da Bessarábia para a Romênia em julho de 1941.<sup>57</sup> O Marechal percebia os ataques como uma cruzada ideológica contra o comunismo, sendo a participação romena um ato de justiça capaz de reparar os sofrimentos provocados pelos russos.<sup>58</sup>

Contudo, a aliança entre os dois países viria a sofrer abalos, especialmente após as perdas alemãs na Batalha de Stalingrado, em 1943. A batalha representou uma perda em larga escala sofrida pelo Eixo e mudou os rumos da guerra ao colocar os alemães em posição defensiva. Com a situação militar de seus aliados deteriorada, Antonescu começa a refletir sobre uma aproximação com os Aliados: tal atitude também era de agrado de influentes agentes políticos do entorno do Marechal, que passam a estabelecer contato com representantes dos países aliados.

A lealdade aos ditames de Hitler foi mantida graças ao receio de Antonescu de sofrer represálias do exército nazista. Com essa atitude, membros do governo e o jovem rei Michael I, herdeiro do trono romeno, passam a armar um complô contra Antonescu, que se efetiva em 23 de agosto de 1944. Após ser deposto, o Marechal é preso, mandado a julgamento e condenado pelos crimes cometidos durante a guerra, sendo executado em 1946.

Após a retirada de Antonescu do poder, as ambições soviéticas encontram um espaço firme para se estabelecer: o rei assume unindo-se aos Aliados, o que não garantiu a pacificação dos conflitos na região, dadas as intenções expansionistas soviéticas.

Em resumo, os conflitos territoriais levados a cabo pelos soviéticos e a posterior aproximação liderada por Antonescu com os ditames de Hitler acarretaram consequências duradouras para o futuro do país:

a Romênia passou a ser comandada pelo Partido Comunista como uma consequência direta da sua participação na Segunda Guerra e das políticas dos

<sup>56</sup> O Pacto Tripartite foi assinado em Berlim em 27 de setembro de 1940 por representantes da Alemanha Nazista, Itália e Japão, formalizando a aliança conhecida como Eixo. O pacto tinha por objetivo estabelecer a defesa mútua entre os países e formalizar a aliança já existente entre eles, além de intimidar os Estados Unidos, que se mantinham neutros no conflito. Além da Romênia, países como Hungria e Bulgária também aderiram ao acordo.

<sup>57</sup> A retomada da Bessarábia ocorreu no interior da Operação Barbarossa, liderada pela Alemanha e iniciada em junho de 1941. A Operação representou o fim do pacto de não agressão e envolveu diversos países. Tinha por objetivo a conquista da União Soviética. No final da guerra, a Romênia perdeu os territórios anteriormente pertencentes à União Soviética e à Bulgária, reconquistando apenas a Transilvânia do Norte da Hungria.

<sup>58</sup> DELETANT, *ibid*, p.81.

Aliados que derrotaram o aliado romeno, a Alemanha Nazista. Em 1939, a Romênia havia declarado neutralidade. Que o país pouco tempo depois tenha se tornado um aliado da Alemanha deveu-se inteiramente às políticas da União Soviética, especialmente durante o período em que a Rússia era aliada da Alemanha e a Romênia não.<sup>59</sup>

Neste ponto, o encontro de dois dos personagens citados por Müller com “o lado noturno da garganta” se efetiva: seu pai e tio, então moradores da região do Banato e pertencentes à minoria alemã, estiveram entre os cerca de sessenta mil homens que se alistaram para participar da Waffen-SS, um dos principais exércitos nazistas sob o comando de Himmler.

Nos anos seguintes ao final da guerra, a associação dessa minoria com o nazismo provou-se suspeita para o regime socialista. Como recurso para lidar com os traumas e mortes provocados durante a guerra, a saída encontrada pelo pai da autora, que trabalhava como motorista de caminhão, é o alcoolismo. Já o tio de Müller, Matz, que havia se tornado um nazista convicto antes do início da guerra, nunca voltou para casa.

As considerações de Müller sobre os encontros de seus parentes com a história encontram-se espalhadas por vários ensaios, em especial os que compõem a coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Cito a seguir trechos do ensaio “Um corpo tão grande e um motor tão pequeno”, no qual Müller nos relata que começou a escrever para lidar internamente com a complicada relação que manteve com o pai durante décadas:

Eu sabia que precisava amá-lo, embora não pudesse- e, ao mesmo tempo, sabia que o amava, embora não quisesse. Essa insolubilidade tinha a ver (...) com a Waffen-SS. Grande parte da minoria alemã do Banato e também da Transilvânia era simpatizante de Hitler. (...) Em 1943, com seus dezessete anos, ele entrou voluntariamente na Waffen-SS. Provavelmente foi um soldado “aplicado”, se tornou *Oberscharführer*. Isso era tudo o que ele contava. (...) Embora nos anos 1970 ele ainda cantasse canções nazistas no vilarejo com seus “companheiros de guerra”, era arriscado perguntar-lhe sobre a guerra, ele era alcóolatra e facilmente era acometido por ataques de raiva.

Ou seja, motorista de caminhão e alcóolatra. Sim, combinava. Ele era agitado, sempre em busca do riso. Uma procura audaz, com uma linguagem irritadiça e humor sujo. Ele precisava de perigos e excessos.<sup>60</sup>

A relação entre ambos é marcada pelo amor e os ressentimentos provocados pela participação do pai na guerra. Para Müller, graves acusações pesam sobre seu pai no tribunal da história, o que a faz manter uma distância para se proteger e guardar o amor que sentia pelo ex-soldado nazista. Buscando “escapar de si”, o álcool é a saída encontrada pelo patriarca, que lidou até o final da vida com a consciência pesada graças às mortes causadas no front.

<sup>59</sup> DELETANT, Dennis. *Ceausescu and the Securitate: coercion and dissent in Romania 1965-1989*. Routledge, 2015, p.2. “Romania came under Communist control as a direct consequence of its participation in the Second World War and of the policies of the Alliance which defeated Romania’s ally, Nazi Germany. In 1939, Romania proclaimed its neutrality. That it thereafter became an ally of Germany was due entirely to the policies of the Soviet Union, especially during the period when Russia was Germany’s ally and Romania was not.” (no original).

<sup>60</sup> MÜLLER, Herta. Um motor tão grande e um corpo tão pequeno. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.84-5.

Já seu tio Matz havia se tornado um nazista fervoroso ao frequentar uma escola na cidade de Timisoara, onde entrou em contato com professores favoráveis ao regime de Hitler. Ao retornar ao vilarejo, “ele se sentia o representante do Führer, subia no tonel de vinho e fazia discursos (...) adestrava e ensinava os jovens, pressionava, denunciava. Ele era obstinado e estava tomado. Seu pai disse naquela época: “A bruxaria de Hitler pegou nele.” “Não dava para reconhecê-lo”, diz minha mãe hoje.”<sup>61</sup>

Entre as poucas lembranças que restaram de seu tio, Müller aponta que seus avós mantinham uma fotografia do morto em uma moldura sobre a cama do quarto. A fotografia, a última tirada por Matz antes de falecer, mostrava o dia do seu casamento. Nela, ele trajava o uniforme da SS ao lado da noiva, que tinha um olhar perturbado. Pouco tempo depois, ele retorna para a guerra e morre em combate, o que trouxe à tona memórias dolorosas para o avô da escritora, que havia lutado como soldado na Primeira Guerra Mundial.

Com a chegada ao poder do Partido Comunista no final dos anos 1940, Müller nos diz que manter a fotografia do noivo com uniforme da SS pendurada na parede era arriscado, já que “no stalinismo dos anos 1950, o policial poderia entrar em casa todos os dias sem qualquer motivo”.<sup>62</sup> A saída encontrada pelo avô para lidar com a perda do filho após retirar a fotografia da moldura era retocar a imagem a cada duas semanas com saliva e cabeças de fósforo queimadas, como forma de tentar manter a cor original do uniforme.

Outros encontros definitivos com a história ocorreriam na família de Müller nos anos seguintes, com a chegada dos comunistas em postos políticos importantes a partir de 1945 e o estabelecimento do regime comunista no comando do país em 1948. Segundo o historiador inglês Tony Judt, com a vitória perante o poderio alemão, o domínio soviético encontrou terreno propício para se espalhar por parte considerável da Europa.<sup>63</sup> Na Romênia, os primeiros passos para a consolidação do regime se deram logo após a deposição de Antonescu e a chegada do rei Michael I ao poder. O que se segue, nas palavras de Deletant, é a “sistematica criação do caos, no qual os personagens principais eram os Comunistas”.<sup>64</sup>

O Exército Vermelho ocupou a capital Bucareste em 31 de agosto de 1944 e os soviéticos passam a utilizar diversas estratégias visando à consolidação de um governo mais alinhado com os preceitos socialistas. Entre elas, estava a presença permanente das tropas soviéticas na região, além da libertação de membros do Partido Comunista Romeno da prisão.<sup>65</sup>

<sup>61</sup> MÜLLER, ibid, p.93.

<sup>62</sup> MÜLLER, ibid, p.93.

<sup>63</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.179.

<sup>64</sup> DELETANT, Dennis. *Ceausescu and the Securitate*, op.cit., p.4. “the systematic creation of chaos, in which the prime movers were the Communists” (no original).

<sup>65</sup> O Partido Comunista Romeno foi criado em 1921. Durante a Segunda Guerra Mundial, era composto por pouco mais de 1.000 membros, com a maioria de seus membros presos. Declarado ilegal em 1924, ganhou relevância no cenário político nacional com a presença soviética na região durante os últimos anos da guerra.

Posições-chave são ocupadas por membros do Partido Comunista no governo de Michael I, como o Ministério do Interior e o Serviço de Inteligência. Tais medidas acabaram por acirrar a subserviência do governo romeno aos ditames da União Soviética e tinham por intuito “quebrar as estruturas existentes na sociedade”<sup>66</sup>, com o ato final sendo a deposição do rei em 30 de dezembro de 1947. Após a deposição, a República Popular da Romênia é decretada sob a ameaça da eclosão de uma guerra civil.<sup>67</sup>

De acordo com Deletant, a deposição do rei não ocorreu como fruto da vontade popular, mas foi ditada “por grupos políticos que eram comandados por um mestre estrangeiro”.<sup>68</sup> Entre tais grupos, encontravam-se especialmente integrantes do Partido Comunista, que começara a ganhar importância no cenário político nacional ao receber o apoio direto da União Soviética após a deposição de Antonescu. Com a chegada dos comunistas ao poder, as bases para um estado totalitário são assentadas: seguindo os ditames de Stálin, o Estado romeno torna-se um estado “satélite”, remodelado “à imagem soviética”. A história, instituições e práticas soviéticas deveriam ser replicadas nos países conquistados, como foi o caso da Romênia.<sup>69</sup>

Três passos cimentaram a fundação desse novo Estado: o primeiro foi a associação da Romênia com o bloco soviético sob um ponto de vista militar, o que foi atingido graças a um acordo de amizade, cooperação e assistência mútua objetivando a defesa comum contra o poderio alemão. O segundo foi a consolidação de um partido de massas único, composto após a dissolução dos principais partidos de oposição. O terceiro passo foi a adoção de uma nova Constituição em abril de 1948 e a introdução de um sistema jurídico inspirado no soviético. Práticas stalinistas baseadas no terror e eliminação dos inimigos são a base dos primeiros anos sob o novo regime, que possui a partir de 1948 Gheorghe Gheorghiu-Dej como figura principal.<sup>70</sup>

Seu governo foi marcado pelas reiteradas ações visando eliminar todos os agentes sociais considerados inimigos. Após a dissolução dos demais partidos políticos nos últimos meses de 1947, a ênfase recaiu na construção dos quadros de elite dentro do partido, com a adoção de regras mais rígidas para a filiação. O expurgo de elementos considerados indesejáveis ocorreu em conjunto com outras medidas que visavam transformar radicalmente a sociedade romena, entre elas, o processo de nacionalização da economia e profundas mudanças no processo educacional.<sup>71</sup>

<sup>66</sup> DELETANT, *ibid.*, p.5. “to break the existing structures of society.” (no original)

<sup>67</sup> A partir de 1965, o país passa a se chamar República Socialista da Romênia, denominação adotada até a queda do regime em 1989.

<sup>68</sup> DELETANT, *ibid.* “of political groups who were the puppets of a foreign master.” (no original)

<sup>69</sup> No final da Segunda Guerra Mundial, a Romênia foi declarada pelas resoluções da Conferência de Ialta, em 1945, zona de influência soviética. Como outros países do leste europeu, era de interesse de Stálin que governos comunistas chegassem ao poder na região, o que no caso romeno se concretizou no final de 1947.

<sup>70</sup> Ao ser declarado em 1948 chefe do Partido Comunista Romeno, Dej torna-se o governante de fato do País, dada sua relevância no interior do partido. A influência de Stálin e a adesão de Dej aos princípios marxistas lhe granjearam uma crescente importância política nos anos seguintes: entre 1952 a 1955, ele ocupou o cargo de primeiro ministro romeno e entre 1961-1965, foi alçado ao posto de Presidente do país.

<sup>71</sup> DELETANT, *ibid.*, p.1-12.

Entre as medidas tomadas no período que atingiram indivíduos próximos a Müller, destacam-se a expropriação e a coletivização das terras agrícolas: em 1945, as propriedades dos alemães étnicos e romenos que colaboraram com a Alemanha Nazista, de criminosos de guerra e de indivíduos que possuíam terras com extensão maior a 50 hectares foram expropriadas e nacionalizadas, com a subsequente distribuição dos lotes a um grande número de trabalhadores. Em 1949, as grandes propriedades que ainda não haviam sido expropriadas foram confiscadas pelo Estado e houve o início do processo de coletivização das terras agrícolas. No outono do ano seguinte, dezenas de milhares de camponeses em diferentes regiões da Romênia foram registrados em fazendas coletivas, o que exigiu uma extensa coerção por parte do Estado: até 1952, cerca de 80.000 camponeses acabaram presos por sua oposição ao novo modelo e 30.000 julgados em público.<sup>72</sup>

De acordo com a historiadora romena Smaranda Vultur, os anos pós-guerra foram especialmente complicados para as comunidades alemãs do Banato, região que possui a diversidade étnica como uma de suas qualidades mais marcantes: em janeiro de 1945, a minoria alemã sofreu intensas expropriações de terras e deportações para a União Soviética, que teve na repressão governamental uma de suas características principais. A partir de 1949, começa a se instalar no país um clima de terror, que adquiriu formas agressivas, dado o monopólio do poder pelo Partido Comunista e a presença constante da polícia secreta, a Securitate, criada em 1948 com o intuito de garantir a defesa interna do país. O processo de coletivização das terras ocorreu concomitante à nacionalização das indústrias e finanças e durou quase doze anos (1949-1962), atingindo praticamente toda a população rural romena.<sup>73</sup>

O avô de Müller, descrito pela escritora como um grande proprietário de terras, teve suas propriedades expropriadas pelo Estado e foi internado por um curto período como “explorador do povo” em um campo situado na Romênia. Antes um rico comerciante conhecido em toda a região, o avô precisou lidar com o fato de que “o campo, o maquinário da agricultura, suas contas bancárias, suas barras de ouro, tudo o socialismo lhe havia expropriado”,<sup>74</sup> não restando nem o

<sup>72</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra*, op.cit., p. 182-187.

<sup>73</sup> Em 1948, dos 16 milhões de romenos, cerca de 12 milhões moravam no interior do país. Como aponta Vultur, ao longo do processo de coletivização, o bem-estar da população foi suplantado pela preocupação com a luta de classes e a necessidade da implantação do “novo homem” sob a égide do socialismo. O terror e a repressão eram combinados com uma intensa propaganda, que representava a personalidade dos dirigentes do Partido sob uma luz favorável e intentava mistificar a violência sofrida pelos camponeses: elegendo como “inimigos” todos aqueles que não aderiam às diretrizes governamentais, as propagandas deveriam fomentar a superioridade do novo modelo de produção. Segundo Vultur, muitos camponeses da minoria alemã encararam a associação forçada ao novo modelo de propriedade como uma degradação social e uma injusta punição, dada a queda na qualidade de vida proporcionada pela perda das terras. Cf. VULTUR, Smaranda. The role of ethnicity in the collectivization of Tomnatic/Triebswetter (Banat region). In: IORDACHI, Constanin; DOBRINCU, Dorin (orgs.). *Transforming Peasants, Property and Power: the collectivization of agriculture in Romania 1949-1962*. Central European Press, 2009.

<sup>74</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 95.

dinheiro para o barbeiro após o socialismo “haver concluído a expropriação da “classe exploradora”<sup>75</sup>.

Já a avó da escritora, por sua vez, além de lidar com a perda de terras e o fato de que sua família foi obrigada a trabalhar nas fazendas coletivas, teve como único recurso para superar a perda do filho durante a guerra o contato com os objetos do falecido, o que ocorria de maneira obsessiva.

A mãe de Müller também não passou incólume ao encontro com a história ao ser deportada para um dos campos de trabalhos forçados, como retaliação pela participação alemã nos crimes cometidos ao longo dos combates. Com a mudança de lado efetuada pelo governo romeno após a deposição de Antonescu, a minoria alemã passa a ser encarada com desconfiança na Romênia e um alvo preferencial da União Soviética, desejosa de utilizar a mão de obra dos deportados para a reconstrução do país.

Müller apresenta um resumo dos conflitos aqui discutidos no ensaio “Milho amarelo e sem tempo”, no qual comenta a elaboração do romance *Tudo que tenho levo comigo*:

Na Segunda Guerra Mundial, embora a Romênia, com seu ditador fascista marechal Antonescu, estivesse ao lado de Hitler, os soviéticos responsabilizaram apenas a minoria alemã pelos crimes nazistas. Ainda durante a guerra, em janeiro de 1945, todos os alemães- homens de idade entre dezessete e 45 anos e mulheres de idades entre dezoito e trinta anos-foram deportados para os campos de trabalhos forçados para a “reconstrução”. Havia listas, todos eram “arrancados” de casa pela polícia, levados a pontos de concentração e depois à estação de trem. A idade não importava muito. Às vezes até crianças ou muito mais velhos eram recolhidos. O transporte no vagão de cargas durava várias semanas. Os campos ficavam nas zonas carboníferas (...) na atual Ucrânia. O dia a dia era composto por colônia de trabalho, labuta, revista noturna, fome crônica. A morte chamava-se esfaimar e congelar. Não raro também suicidar-se.<sup>76</sup>

De acordo com Müller, as disputas ocorridas em âmbito governamental ocasionaram pesadas consequências para as minorias alemãs, encaradas como as únicas responsáveis pelo alinhamento da Romênia com os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nos meses finais da guerra, entre 70 e 80 mil pessoas foram deportadas: neste grupo estavam homens de 17 a 45 anos e mulheres com idades entre 18 e 30 anos. O destino da maioria deles foram as minas de carvão situadas na atual Ucrânia. A mãe de Müller retornou apenas cinco anos depois dos campos e nomeou a filha, nascida em 1953, a partir dessa experiência.

Neste cenário de privações, os parentes de Müller se encontram despidos de sua dignidade, tendo nos pequenos objetos (como o acordeão) e a adoção de hábitos destrutivos (como a bebedeira que acompanhou o pai da escritora até a morte) as maneiras encontradas para lidar com as perdas sofridas após serem “convocados” pelo tribunal da história. Müller, por sua vez,

<sup>75</sup> MÜLLER, ibid, p.96.

<sup>76</sup> MÜLLER, Herta. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 124.

teve o encontro decisivo com a história anos depois, sob a égide do governo de Nicolau Ceausescu, iniciado em 1965. Ao entrar em contato com participantes do Grupo de Ação Banato, um dos principais grupos literários de oposição ao regime comunista nos anos 1970, ela também teve sua vida revirada pelo Estado, o que a obrigou a encontrar maneiras de resistir às “fendas” físicas e emocionais provocadas pela perseguição governamental.

Nas próximas duas partes deste capítulo, discutiremos a relação da autora com o passado de seu país natal, procurando assinalar a importância da literatura e de um uso criativo da linguagem como maneiras de intervir criticamente diante da convocação do tribunal da história, marcada por abusos e repetidas tentativas do Estado de invadir todos os âmbitos da sua existência.

## **1.2 A literatura como instrumento de crítica: Herta Müller e o questionamento do totalitarismo**

De acordo com Müller, ao crescer no vilarejo, sua rotina era ditada pelo silêncio. De acordo com a autora, no ensaio “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”:

Quando criança no vilarejo, não conhecia a pergunta frequentemente feita por pessoas próximas: “No que você está pensando agora?” Nem a resposta frequente: “Em nada.” Essa resposta geralmente não é aceita, ela vale como desculpa, como distração. Pressupõe-se que cada um esteja pensando em algo que sabe o que é. Eu acredito que se pode pensar “em nada”, ou seja, em algo de que não se sabe o que é. Quando não se pensa em palavras, não se pensou “em nada” porque não se pode dizer o pensado com as palavras. Pensou-se em algo que não necessita do contorno da palavra. Está na cabeça. O falar sai voando, o calar fica e fica e cheira.<sup>77</sup>

O silêncio vivenciado pela autora encontrava guarida nos pequenos objetos, como as plantas do jardim do avô. Como aponta Müller, o calar guardava uma série de sentidos que não podiam ser explicitados, sob o risco de que dolorosas memórias e mágoas viessem à tona. Ficar em silêncio nessas situações envolvia estar com o pensamento envolto por eventos do passado que provocaram a “fenda” emocional, como as deportações para as minas de carvão e a expropriação das terras. Cada membro de sua família era marcado por um segredo que devia permanecer oculto para que a frágil harmonia do lar não se despedaçasse:

A pergunta “Em que você está pensando agora?” teria sido como um assalto. Era óbvio que se estava cheio de segredos. Cada um falava desviando de seus segredos quando falávamos sobre o trabalho e sobre os objetos que, por existirem, comprovavam o nosso pertencimento. Também o meu pertencimento aos de casa. Não era culpa deles, mas minha, que eu os fitava por muito tempo e os forçava a se tornarem símbolos e a me questionar.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.87.

<sup>78</sup> MÜLLER, ibid, p.88.

Ao se estar cheio de segredos, uma possibilidade é permanecer “uma vida fincado na cabeça, quando se considera absurdo gastar os pensamentos na fala”.<sup>79</sup> O calar pode ser uma espécie de refúgio ao garantir que a resignação diante do passado se torne um escudo mental e físico, permitindo que os dias transcorram sem maiores sobressaltos. Considerando “absurdo” expor os pensamentos através da fala, os parentes de Müller encontram no silêncio uma proteção diante das duras experiências vivenciadas no encontro de cada um deles com a história.

Müller, por sua vez, encontra na escrita uma forma de questionar a continuidade do silêncio que marcou sua infância. No ensaio “O rei se inclina e mata”, que compõe a coletânea homônima, ela fornece mais detalhes de como a literatura passou a ser uma aliada no questionamento das perdas sofridas tanto por ela quanto por seus familiares. Para tanto, ela parte da figura do rei, associando-o ao jogo de xadrez. Seu avô, após o final da Primeira Guerra Mundial, tinha como hábito jogar algumas partidas por semana, o que Müller acompanhava com especial atenção. Para ele, o jogo simbolizava uma maneira de ocupar o tempo, fazer novas amizades e lidar com as lembranças da Guerra.

Os reis que compunham o tabuleiro do avô, denominados pela escritora de “rei do vilarejo”, eram as peças que mais chamavam a atenção de Müller. Este rei funciona para ela como um prenúncio do encontro decisivo com a história anos mais tarde, quando houve o contato com o poderoso “rei da cidade”. De acordo com a autora, o rei do vilarejo a seguiu “primeiro do vilarejo para a cidade, depois da Romênia para a Alemanha, como reflexo das coisas que para mim jamais se esclareciam.”<sup>80</sup> A presença do rei citadino é um momento-chave de sua existência, dada a permanência deste personagem em seus pensamentos mesmo anos após a mudança para a Alemanha.

Enquanto o rei do vilarejo se “inclina” um pouco durante as partidas, o rei da cidade, que Müller identifica como o ditador responsável por comandar o país, “se inclina e mata” ao ter o medo como principal ferramenta de cooptação dos que ousam questionar sua autoridade:

A ferramenta do rei da cidade é o medo. Não o medo da aldeia, construído na mente, mas um medo planejado, servido friamente, que estreçalha os nervos. Após minha chegada das franjas do vilarejo para a cidade o asfalto tornou-se um tapete sobre o qual (...) a morte planejada pelo Estado rondava os tornozelos de mansinho: a repressão.<sup>81</sup>

É com a mudança para a cidade aos 15 anos que Müller começa a sentir o medo de maneira concreta. Após entrar em contato com literatos que questionavam o regime e escrever seus primeiros livros, ela própria é alvo dos desígnios da ditadura:

O que até então sentira como uma atmosfera sufocante transformou-se em medo concreto. Os amigos eram torturados, eu sabia exatamente onde e como.

<sup>79</sup> MÜLLER, *ibid*, p.88.

<sup>80</sup> MÜLLER, Herta. *O rei se inclina e mata*. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.62.

<sup>81</sup> MÜLLER, *ibid*, p.54.

Falávamos dias inteiros sobre isso, entre astúcia e temor, arrojados e transtornados procurávamos saídas que, porém, não havia em lugar algum, já que retroceder não passava pelas nossas cabeças. As represálias penetraram na minha vida. E alguns anos mais tarde penetraram na minha pele.<sup>82</sup>

Sua vida passa a ser marcada por interrogatórios frequentes e a suspeição de que ela era uma inimiga do governo. Neste contexto, ler e começar a escrever livros é uma forma teimosa de afirmar o amor pela vida:

Já por teimosia começa-se a amar a sua vida. Cada dia adquire um valor, aprende-se a gostar de viver. Afirma-se a si mesmo que se está vivo. Justo agora se quer viver. E isso basta, é mais sentido de vida do que se possa imaginar. É um sentido de vida testado, válido como a própria respiração. Também essa gana de viver, que cresce por dentro contra todas as circunstâncias externas, é um rei. Um rei obstinado, eu o conheço muito bem.<sup>83</sup>

Neste trecho, Müller se refere a um terceiro rei, capaz de se contrapor ao “rei da cidade”: é o que a autora denomina “fera d’alma” (no original alemão, *Herztier*). Trata-se de um neologismo formado por duas outras palavras, *Herztier*. Herz: coração e Tier: animal), título de um de seus romances.<sup>84</sup> Essa fera pode ser compreendida como um instinto interior que garante a sobrevivência diante dos abusos provocados pelo poder. Ao refletir sobre suas experiências por meio da literatura e a utilização criativa da linguagem, Müller encontra uma poderosa e obstinada maneira de afirmar seu desejo de viver, mesmo diante das insidiosas perseguições a que fora submetida pelo “rei da cidade”.

Como aponta o estudioso da obra mülleriana John White, a preocupação central da escritora está na utilização da literatura como uma ferramenta de crítica aos abusos cometidos por regimes totalitários. O cenário principal dos livros de Müller é o amargo cotidiano durante o regime de Nicolau Ceausescu, sob o qual ela cresceu:

As feias e amplas realidades políticas do cotidiano sob o governo de Ceauseescu documentados em trabalhos como *Depressões* (...) e *A raposa já era o caçador* têm, desde os eventos de 1989, sido tão bem documentados que a ficção de Müller pode atualmente contar com uma contextualização mais informada sobre o contexto político daquele que estaria disponível a seus leitores na época da primeira publicação desses textos (...) Mesmo assim, a mudança no cenário político romeno não ocasionou uma mudança radical na escrita de Müller: uma das características impressionantes de trabalhos posteriores como *Fera d’alma* e *O compromisso* continua sendo a extensão pela qual a barbárie e as peculiaridades do totalitarismo romeno moderno são apresentadas obliquamente, como algo a ser lido “entre as linhas”, como se uma tematização muito explícita pudesse jogar o jogo totalitário de politizar todos os domínios da experiência humana, incluindo a literatura. Consequentemente, os trabalhos literários de Müller são, em muitos aspectos, mais palimpsestos da situação política do que expressas reflexões miméticas do mundo totalitário no qual ela cresceu.<sup>85</sup>

<sup>82</sup> MÜLLER, ibid, p.55.

<sup>83</sup> MÜLLER, ibid, p.57.

<sup>84</sup> MÜLLER, Herta. *Fera d’alma*, op.cit.

<sup>85</sup> WHITE, John J. “Die Einzelheiten und das Ganze”: Herta Müller and Totalitarianism. In: HAINES, Brigid. (org.). *Herta Müller*. Cardiff: University of Wales Press, 1998, p .75. “The ugly larger political

É importante ressaltar que Nicolau Ceausescu assume o poder na Romênia em 1965, após o falecimento de Gheorghiu-Dej. Como apresentado em páginas anteriores, os primeiros anos da implantação do regime comunista na Romênia sob a liderança de Dej foram marcados por profundas transformações na sociedade, como o processo de coletivização das terras. As políticas de transformação econômica e social conduzidas pelo regime foram caracterizadas pela violência e o desrespeito aos modos de vida anteriormente existentes, visando à criação de uma nação sem classes. Ao longo dos anos 1950, com a morte de Stálin (1953) e o processo de desestalinização promovido por Nikita Khrushchev (1956), Dej assume a postura de certa independência da União Soviética, mantendo a centralização do poder em suas mãos e um discurso altamente nacionalista.<sup>86</sup>

Ao assumir o poder em 1965, os primeiros anos de Ceausescu são marcados por uma relativa liberalização das políticas do predecessor, projetando-o como um governante mais moderado e aberto a mudanças. Tal postura granjeou a Ceausescu o apoio de países como os Estados Unidos, ao ser visto como um líder capaz de assumir posições que discordavam das tomadas pela União Soviética. No entanto, ao longo dos anos 1970 até sua queda em 1989, seu governo pode ser assim resumido:

neostalinismo e um nacionalismo para promover o socialismo. (...) Nepotismo e corrupção tornaram-se um meio de vida em todos os níveis da burocracia, e, enquanto ambos os regimes [o de Dej e o de Ceausescu] eram repressivos, o de Dej era uma oligarquia, enquanto o de Ceausescu tornou-se uma ditadura pessoal. Talvez o traço definidor da ditadura de Ceausescu fosse o culto de personalidade que, ao crescer, não conheceu barreiras.<sup>87</sup>

Os trabalhos de Müller sobre o período enfocam as características acima listadas pelo historiador Keith Hitchins: os primeiros livros da autora, ainda publicados na Romênia, abordam as situações de exclusão e opressão vivenciadas por indivíduos em vilas na região do Banato. Contrariando a política oficial de construção de uma unidade nacional socialista, Müller nos apresenta a presença destrutiva do Estado, a desconfiança diante das minorias étnicas e a insidiosa

realities of daily life under Ceausescu chronicled in such works as *Niederungen* (...) and *Der Fuchs war damals schon der Jäger* have, since the events of 1989, become so well-documented that Müller's fiction can nowadays rely on a more informed sense of political context than would have been available to most of her non-Romanian readers at the time of first publication. (...) Yet the Romanian "Wende" has not brought a radical change in Müller's writing: one of the striking features of later works like *Herztier* and *Heute wär ich mir lieber nicht begegnet* remains the extent to which the sheer barbarism and regional peculiarities of modern Romanian totalitarianism are presented obliquely, as something to be read "zwischen den Zeilen", almost as if too overt a thematization might risk playing totalitarianism's game of politicizing all domains of human experience, including literature itself. Consequently, Müller's literary works are in many respects more palimpsests of the political than overtly mimetic reflections of the totalitarian world in which she grew up." (no original)

<sup>86</sup> Cf. HITCHINS, Keith. *A concise history of Romania*. New York: Cambridge University Press, 2014.

<sup>87</sup> HITCHINS, ibid, p.278. "neo-stalinism and a nationalism to promote socialism. (...) Nepotism and corruption became a way of life at all levels of the bureaucracy, and, while, both regimes were at heart repressive, Gheorghiu's Dej was an oligarchy, while Ceausescu's became a personal dictatorship. Perhaps the defining trait of the Ceausescu dictatorship was the cult of personality which, as it grew, knew no bounds." (no original)

presença dos traumas da Segunda Guerra Mundial guiando o comportamento dos personagens. Outras características do período amplamente trabalhadas pela autora são o reforço da onipresença do líder e o sentimento de medo a que são submetidos todos aqueles que discordem das políticas oficialmente adotadas.

Cito alguns exemplos de como a escritora trabalha a temática da ditadura romena, em especial os anos Ceausescu, em seus romances e contos: a estreia literária de Müller em 1982, com o livro de contos *Depressões*, possui como personagem principal uma criança cuja família se assemelha ao histórico dos pais da autora: nos contos, o pai, um ex-soldado de guerra da Segunda Guerra Mundial, descarrega na bebida e nas sessões de espancamento dos familiares os traumas e mágoas ocasionados pela sua participação no exército de Hitler. São constantes por parte do patriarca a exaltação das mortes provocadas no front e referências a canções de guerra que glorificam os feitos militares.

Já a mãe, que passara alguns anos de sua juventude em um campo de trabalhos forçados, é obcecada por limpeza e repete compulsivamente o ritual de limpar os cômodos da casa onde mora. A falta de comunicação e compreensão entre os personagens é a tônica das relações apresentadas nos contos, com o Estado sendo uma presença constante por meio de funcionários que se imiscuem em detalhes da vida privada das famílias.

A menina, neste contexto, é dominada pelo medo e incapacidade de expressar com clareza seus sentimentos. Os contos de *Depressões* são recheados de situações oníricas, nos quais a garota expressa seu desejo de se unir à natureza como uma forma de resistir ao cotidiano sufocante do vilarejo, percebido por ela como um “caixote” do qual é impossível escapar. Os habitantes encaram com desconfiança o contato com pessoas de minorias étnicas que moram em outros vilarejos e as relações interpessoais têm na violência o principal recurso para a resolução dos conflitos.<sup>88</sup>

Em *O homem é um grande faisão no mundo*, publicado originalmente na Alemanha em 1986 enquanto Müller ainda morava na Romênia, uma vila de minoria alemã também é o cenário onde a estória se desenrola. A vila é descrita como um lugar parado no tempo, cujos habitantes recorrem à superstição para lidar com seus medos e situações que fogem do controle racional. A trama principal envolve o moleiro Windisch e sua família, que desejam imigrar para a Alemanha, país considerado símbolo da liberdade e onde melhores condições de vida podem ser alcançadas. Para atravessar a fronteira, é necessária a obtenção de um passaporte, o que exige o contato frequente de Windisch com as autoridades locais.

Com o passar das semanas, fica subtendido que a jovem e bela filha do moleiro, Amalie, terá que se oferecer sexualmente como moeda de troca para que o processo se viabilize. Ao longo do romance, essa situação nos remete ao passado de Katharina, mulher de Windisch: ao passar

---

<sup>88</sup> Cf. MÜLLER, Herta. *Depressões*, op.cit.

cinco anos deportada na Rússia, a matriarca teve que se deitar com diversos homens para conseguir sobreviver ao frio e fome que grassavam nos campos. Dado o histórico de sua esposa e as atitudes que a filha terá de tomar para assegurar o bem-estar da família, as mulheres são encaradas por Windisch como seres que traem e capazes de dissimular para atingir seus objetivos.

Amalie, professora de uma escola primária, explica para os alunos que Ceausescu é o grande pai de todos os habitantes da nação: a Romênia é apresentada pela professora como uma nação onde reinam a unidade, igualdade e justiça entre os cidadãos. Essa igualdade, contudo, é apenas aparente, já que os preconceitos sofridos pela minoria alemã nos são sutilmente expostos durante o romance: em uma cena no bar, Windisch é relembrado de que ele não está na Alemanha, sendo imperioso se expressar em romeno naquele ambiente.

No final do livro, os passaportes são obtidos e a família se dá conta de que a chegada na Alemanha não modifica substancialmente o sentimento de exclusão vivido na Romênia: mesmo com a melhora nas condições materiais da família após a emigração, a sensação de não pertencimento no novo país é permanente, indicando que os laços construídos no vilarejo não são facilmente desfeitos e que o passado sob os auspícios de um regime ditatorial deixou profundas marcas na vida dos personagens.<sup>89</sup>

Nos romances publicados após a chegada na Alemanha em 1987, a Romênia continua a ser o cenário principal onde se desenvolvem os conflitos explorados por Müller na maioria de seus textos. Como exemplo, cito o romance *O compromisso*, publicado em 1997: uma operária não nomeada é alvo de constantes interrogatórios após colocar alguns bilhetes nos bolsos de ternos que seriam exportados para a Itália. Os bilhetes continham o pedido de que algum cidadão daquele país a pedisse em casamento. Acusada de prostituição, ela é interrogada sempre nos mesmos dia e horário por um agente da Polícia Secreta, o que transforma radicalmente a rotina da personagem e quebra sua confiança em pessoas próximas, como o marido Paul. O Estado, encarnado na figura do major que a interroga, é visto como uma presença invasiva, que ocupa os pensamentos e ações de todos os momentos da vida da jovem e das pessoas próximas.

Ao longo do romance, a protagonista encontra-se em uma viagem de bonde a caminho dos interrogatórios. No percurso, ela relembraria sua vida numa espécie de fluxo de consciência, marcada por perdas e sofrimentos tanto em sua infância no vilarejo quanto na juventude e vida adulta na cidade.<sup>90</sup>

Como aponta White, a apresentação dos mecanismos que regem as sociedades totalitárias é feito de modo sutil por Müller, que tem na atenção aos detalhes cotidianos e o foco em personagens destituídos de dignidade o fio condutor de suas narrativas. Com um uso minucioso e criativo da linguagem, Müller objetiva efetivar uma dura crítica aos governos que provocaram

---

<sup>89</sup> Cf. MÜLLER, Herta. *O homem é um grande faisão no mundo*: um conto, op.cit.

<sup>90</sup> Cf. MÜLLER, Herta. *O compromisso*, op.cit.

feridas emocionais e físicas nela e em pessoas próximas. Escrever, para Müller, não significa apresentar aos leitores um reflexo do passado “tal qual” ele ocorreu, mas uma oportunidade de elaborar artisticamente os sofrimentos experienciados durante a ditadura e promover uma discussão das formas pelas quais os sujeitos podem resistir aos excessos cometidos por diferentes regimes ao longo do século XX.

Entre os principais alvos de crítica está a minoria alemã à qual Müller pertence, grupo que se encontra largamente representado em seus contos e romances. Para Müller, o vilarejo onde ela cresceu é um símbolo “em miniatura” da ditadura de Ceausescu, representando um prenúncio do seu encontro decisivo com a história anos mais tarde ao se mudar para cidade. Müller enxerga sua comunidade natal como fechada e xenófoba, que reproduz em escala micro práticas excludentes sancionadas por diferentes governos. Nas palavras de White, a minoria alemã é apresentada de modo desfavorável nos textos müllerianos: “a figura geral da minoria alemã em declínio é a de um grupo de indivíduos ainda carregando ao redor deles o fardo de culpa pessoal por crimes cometidos no passado e que ainda continuam a exibir antiquados padrões de comportamentos reacionários”.<sup>91</sup>

Em especial, Müller narra em seus contos e romances as atitudes dos soldados que participaram na Waffen-SS, entre eles seu próprio pai, que serve de inspiração para muitos dos personagens que compõem seus livros. Cito um exemplo retirado do romance *Fera d'alma*, no qual ela estabelece de modo sutil comparações entre diferentes momentos da história romena. No livro, que se passa durante os anos Ceausescu, a protagonista, uma jovem universitária que se mudou do vilarejo onde cresceu para prosseguir os estudos e fugir do pesado histórico familiar, enxerga o pai como um homem que não encara seu passado. Em uma das cenas, a jovem explicita sua relação com o patriarca:

O pai nunca precisou fugir. Ele tinha marchado pelo mundo, cantando. Ele tinha feito cemitérios no mundo e partido depressa dos lugares. Uma guerra perdida, um soldado da SS volta para casa, uma camisa de verão recém-passada estava no armário, e na cabeça do pai ainda não havia cabelos brancos. (...) Ele tinha feito cemitérios e fazia rápido um filho na mulher.

O pai carrega os cemitérios na garganta, onde fica a laringe, entre a gola da camisa e o queixo. A laringe é pontuda e está trancada. Dessa maneira, os cemitérios nunca conseguem emergir até seus lábios. Sua boca bebe aguardente das ameixas mais escuras, e suas canções são pesadas e embriagadas para o Führer.<sup>92</sup>

O pai não consegue falar abertamente sobre sua participação na guerra e o silêncio interfere na relação com o mundo à sua volta. Ele não demonstra arrependimento diante das

<sup>91</sup> WHITE, John J. “Die Einzelheiten und das Ganze”: Herta Müller and Totalitarianism. In: HAINES, Brigid. (org.). *Herta Müller*, op.cit., p .79. “The general picture of the dwindling German minority is of a group of individuals still carrying around with them their burden of personal guilt for past crimes and yet continuing to display unreconstructed reactionary behavior patterns.” (no original)

<sup>92</sup> MÜLLER, Herta. *Fera d'alma*, op.cit., p.20.

atrocidades cometidas e as mortes provocadas no front ainda reverberam nas atitudes belicosas tidas para com a filha, indicando uma naturalização da violência. Como nos sugere Müller, a sociedade romena da segunda metade do século XX mantém uma delicada relação com a história, posto que os indivíduos lidam com seus fardos pessoais recorrendo ao silêncio:

Entre as plantas mais idiotas arrancadas, o pai diz: Ameixas verdes não são de comer, o caroço ainda é mole e a gente morde a morte. Não há o que fazer, a gente morre. O coração arde de febre por dentro.

Os olhos do pai estão embaçados, e a filha vê que o pai a ama feito um vício. Que ele não consegue se segurar em seu amor. Que ele, que constrói cemitérios, deseja a morte à filha.

Por isso, mais tarde, a filha vai comer até o fim os bolsos cheios de ameixas. Todos os dias, quando o pai não vê a filha, ela esconde meia árvore na barriga. A filha come e pensa, isso é para morrer.

Mas o pai não vê, e a filha não precisa morrer.<sup>93</sup>

O pai é definido como um construtor de cemitérios que, após enterrar os inimigos no campo de batalhas, deseja a morte da própria filha. No romance, tal desejo funciona como um anúncio da perseguição a que a jovem será submetida tempos depois ao se mudar para a cidade. Na cidade, a jovem e seus amigos são submetidos a constantes e humilhantes interrogatórios conduzidos por um major sem escrúpulos, o que leva muitos dos personagens a cometer suicídio. Assim como o pai, que participara como soldado da SS durante a guerra, Müller pontua que a eliminação dos inimigos e o silenciamento dos dissidentes são os motes condutores da política nacional durante o regime comunista.

Em *Fera d'alma*, Müller elabora diferentes analogias entre os regimes de Hitler e Ceausescu, dadas as políticas levadas a cabo pelos dois governos. Geralmente, os nomes dos governantes não são citados diretamente, sendo o contexto dos acontecimentos narrados e os efeitos das políticas sobre os sujeitos no presente as balizas temporais que nos orientam durante a leitura. No decurso de *Fera d'alma*, por meio de diferentes alusões e comparações entre passado e presente, é sugerido aos leitores que ambos os governantes são fazedores de “cemitérios”.

As políticas adotadas por Hitler, que possuíam o apoio do governo romeno, liderado por Antonescu, têm pesadas consequências na vida dos jovens do romance, graças ao silenciamento coletivo no tocante à participação da minoria alemã na SS após a instauração do regime comunista. Em *Fera d'alma*, coações físicas e psicológicas são a maneira utilizada pelos agentes da Securitate de calar os dissidentes durante o regime Ceausescu. Se Hitler fazia “cemitérios” por meio da produção de cadáveres ao longo da guerra, as políticas executadas nos anos Ceausescu são responsáveis pela morte de diversos personagens no decurso do romance. Ambos os governos são encarados por Müller como sendo de cunho totalitário, dada a ênfase na eliminação daqueles considerados inimigos por parte dos dois regimes.

---

<sup>93</sup> MÜLLER, ibid, p.21.

Após o término da Segunda Guerra Mundial em 1945, a aliança da Romênia com a Alemanha durante o conflito torna-se um tabu para as autoridades comunistas, ocorrendo uma supressão do tema em nível governamental. Os soviéticos acabaram por construir a imagem de Antonescu, que permitiu a ida de soldados de minoria alemã para o front ao lado dos nazistas durante a Segunda Guerra, como a de um criminoso, dadas as ferrenhas posições antisoviéticas do Marechal. Os acessos a documentos do governo romeno entre os anos 1941-44 foram barrados e a participação do país na invasão da União Soviética não era mencionada publicamente. Tal situação conhece uma mudança significativa somente após a queda de Ceausescu em 1989, quando ocorre a liberação dos arquivos governamentais e a discussão pública sobre os crimes cometidos, em especial contra os judeus, encontra guarda.<sup>94</sup>

Por sua vez, os indivíduos da minoria alemã que participaram diretamente nos conflitos ao lado de Hitler tornaram-se suspeitos perante o regime comunista, o que provoca fissuras na propalada unidade nacional. Dado o desejo de se apresentar o país como um estado unitário, vários aspectos da história romena recente tinham que ser silenciados:

Tão intratável era a questão das minorias na região romena que por muitos anos depois de 1945 qualquer conversa sobre eles como “minorias” era proibido. O status problemático das principais minorias étnicas, (...) a importância delas não apenas na política interna romena, mas também para a precária relação com a Alemanha Ocidental, Hungria e União Soviética (de quem Ceausescu desejava manter sua independência, com a ajuda ocidental), explica o cuidado com o qual a liderança tinha de tratar a questão étnica. Oficialmente, o país tinha que ser apresentado como a epítome da harmonia dentro da diversidade, com todas as minorias étnicas compartilhando os traços da identidade socialista romena. No entanto, para que isso fosse possível, muito do que havia ocorrido em um passado não tão distante tinha de ser ou reinterpretado ou convenientemente esquecido.<sup>95</sup>

Nos textos müllerianos, os indivíduos sofrem as pesadas consequências de práticas totalitárias que ainda reverberam no presente: tanto os assassinatos cometidos pelo pai de Müller durante a guerra quanto a deportação, a perda das propriedades agrícolas e a morte do filho sofridos por sua mãe e avós continuam a provocar estragos em diversas esferas das vidas dos indivíduos tocados pelo “lado noturno da garganta” décadas depois. Müller nos aponta que esquecer de tais acontecimentos após o encontro decisivo com a história não é possível. Neste

<sup>94</sup> DELETANT, Dennis. *Hitler's forgotten ally*, op.cit., p.4. Para mais detalhes de como Ceausescu lidou com o período Antonescu, ver páginas 263-277.

<sup>95</sup> WHITE, John J. “Die Einzelheiten und das Ganze”: Herta Müller and Totalitarianism. In: HAINES, Brigid. (org.). *Herta Müller*, op.cit., p. 81. “So intractable was the whole question of the minority groups in the Romanian region that for many years after 1945 any talk of them as “minorities” was prohibited. The whole vexed status of Romania’s leading ethnic minorities, (...) their importance not just within internal Romanian politics, but also for the country’s precarious relations with West Germany, Hungary and the URSS (from whom Ceausescu wished to maintain his independence, with Western help), explains the caution with which the leadership had to treat the ethnicity issue. Officially, the land had to be presented as the epitome of harmony within diversity, with all ethnic minorities sharing some overriding “Romanian” socialist identity. However, for this to be possible, much of what had taken place in the not too distant past had to be either reinterpreted or conveniently forgotten.” (no original)

contexto, a literatura atua como uma “efetiva fonte de ataque ao regime”<sup>96</sup> ao questionar o conformismo coletivo e as tentativas de silenciamento do passado.

Se o foco dos textos de Müller são as práticas discriminatórias ocorridas nos anos Ceausescu, White assinala que referências diretas ao governo Dej (1947-1965) são esparsas. No entanto, o período pode ser encarado como o mais “repressivamente totalitário” da história da Romênia.<sup>97</sup> Tal ausência se deve, segundo o crítico, porque as vítimas de Ceausescu encontram-se indelevelmente marcadas pela história e impossibilitadas de estabelecer comparações entre os dois governos, percebendo assim as sutis diferenças existentes entre ambos: se os anos Dej têm como principal característica o terror, o regime de Ceausescu é marcado pelo medo espraiado no tecido social, sob os auspícios da Securitate.

Ao passo que no governo Dej todos eram considerados inimigos em potencial, nos anos Ceausescu, “as minorias étnicas eram especialmente sinalizadas como um elemento divisivo da sociedade e atacadas como potenciais sabotadores”<sup>98</sup>. Ao crescer em um período marcado por certo relaxamento das políticas repressivas conduzidas anteriormente, Müller sentiu-se no direito, segundo White, de “visualizar seu próprio tempo com maiores expectativas que qualquer um poderia ter ousado cogitar trinta anos antes”.<sup>99</sup> Enfatizar o medo coletivo dos anos Ceausescu lhe permite uma aproximação, a partir de suas vivências, de diferentes episódios da história romena, em especial aqueles que provocam consequências para pessoas próximas: para Müller, a literatura possui a importante missão de intervir socialmente,<sup>100</sup> questionando o status quo e a continuidade de políticas governamentais excludentes.

A insistência em abordar o passado romeno em seus livros provocou a irritação dos críticos alemães nos anos 1990, que encararam a repetição temática da escritora como sinal de estagnação artística. Contrapondo-se a essa crítica, Müller sempre reafirma que ela não escolhe livremente o tema de seus livros, mas que a ditadura a escolheu: para ela, só é possível escrever sobre o que a machuca internamente, sendo a literatura uma maneira de elaborar e compreender as inúmeras feridas provocadas pela história.

Escrever sobre diferentes momentos da história romena ao longo do século XX também permite a Müller discutir os reflexos da ditadura ainda presentes na política do país, como a prevalência de ex-membros do regime de Ceausescu em importantes espaços de poder e a não discussão em âmbito coletivo do passado comunista, que muitos preferem esquecer. Além disso, mesmo tendo na crítica à história romena o foco de seus escritos, ela também aborda práticas

<sup>96</sup> WHITE, ibid, p.84. “an effective source of attack on the regime.” (no original)

<sup>97</sup> WHITE, ibid, p. 84. “the most repressively totalitarian.” (no original)

<sup>98</sup> WHITE, ibid, p.84. “Ethnic minorities were specifically targeted as a divisive element in society and attacked as potential saboteurs.” (no original)

<sup>99</sup> WHITE, ibid, p. 84. “To view her own time with greater expectations than anyone could have dared entertain thirty years earlier.” (no original)

<sup>100</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, op.cit.

discriminatórias de outros governos que limitam as liberdades individuais no início do século XXI em seus textos, como as perpetradas pelo regime chinês.<sup>101</sup>

Ainda de acordo com White, Müller utiliza o termo ditadura em seus escritos sem propor uma diferenciação precisa entre regimes de diferentes matizes e os níveis de coerção a que são submetidos os sujeitos. As críticas realizadas pela autora à história romena, como a efetuada em *Fera d'alma* ao estabelecer uma relação entre Hitler e Ceausescu, considerados fazedores de “cemitérios”, estão centradas na construção de analogias ligadas às políticas totalitárias adotadas por diferentes regimes ao longo do século XX.<sup>102</sup>

Para Müller, a ditadura de Ceausescu é perpassada por ações de cunho totalitário, ao estimular o medo entre todos os cidadãos e a desconfiança permanente de uns contra os outros. Ao se mudar para a Alemanha, nos narra Müller no ensaio “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”, ela comenta com amigos a visita ao cemitério dos pobres, onde eram enterrados os indivíduos acusados de crimes que não tinham família para ampará-los. Ao chegar em um desses cemitérios, ela vê cachorros carregando pedaços de corpos por todos os cantos. Na continuação da visita, ela se depara com uma mulher que provavelmente havia sido afogada pela Polícia Secreta:

E sobre a mesa estava deitada uma mulher nua e morta. As pernas estavam amarradas com arame na altura dos tornozelos, também em um dos pulsos esse arame, a amarração das mãos havia sido arrancada, podiam-se ver os cortes no pulso do outro braço. Cabelo, rosto e corpo grudentos de lama. A morta era aquilo para o que não há palavra em romeno: um cadáver de água.<sup>103</sup>

Mais detalhes são dados por Müller, em uma tentativa de narrar aquilo que escapa em um primeiro momento à compreensão:

Um cadáver de água amarrado não era um afogado, mas um que havia sido afogado. Por idiotice eu havia comprado, no caminho para o cemitério, só porque passáramos pela feira, uma sacola de cerejas. Eu não sabia o que fazer, pus a mão na sacola e depositei duas cerejas para a morta, nos lugares onde os olhos haviam afundado na cabeça. Saímos dali, não falamos uma palavra até a saída, quase não conseguímos movimentar as pernas. A relva era insuportavelmente bela, senti que ela estava faminta por mim. Tinha a impressão de que se enrijecia e que não nos deixaria sair pelo portão. Será que

<sup>101</sup> Como exemplo, cito a crítica feita publicamente em 2012 quando o escritor chinês Mo Yan foi galardoado com o Prêmio Nobel de Literatura: atribuir o prêmio a Yan foi considerado por Müller uma catástrofe, já que ele é próximo ao establishment do Partido Comunista da China e apoiador do regime. Para Müller, o partido é responsável por promover a censura e a prisão de dissidentes políticos. Para mais detalhes, ver a reportagem do jornal The Guardian: FLOOD, Alison. Mo Yan's nod to "catastrophe", says fellow laureate Herta Müller. 26 de março de 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2012/nov/26/mo-yan-nobel-herta-Müller>. Acesso em 21 de março de 2019.

<sup>102</sup> WHITE, John J. “Die Einzelheiten und das Ganze”: Herta Müller and Totalitarianism. In: HAINES, Brigid. (org.). *Herta Müller*, op.cit.

<sup>103</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 106.

a relva cheia de flores era um presente para os mortos que não tinham ninguém ou um esconderijo fluorescente para os assassinatos do Estado. Ou ambos.<sup>104</sup>

A descrição poética contrasta fortemente com a cena presenciada. O “esconderijo fluorescente” criado pelos agentes da Securitate não era capaz de apagar as mortes provocadas pelo Estado. A falta de palavras para descrever aquilo que se vê é encarada por Müller no ato de escrever: procurando dar voz ao silêncio e à incompreensão, a escrita é maneira encontrada para lidar com situações que desafiam nossa capacidade de representar o passado. Para Müller, o tempo da ditadura é “como uma vida por um fio, na qual sabia cada vez melhor o que não se pode dizer com palavras.”<sup>105</sup>

Ao tentar contar a situação vivenciada no cemitério para amigos próximos, Müller é alertada de que ela seria vista como louca caso compartilhasse suas experiências com um público mais amplo, dada a gravidade da situação. Após se instalar na Alemanha, para garantir que suas críticas ao regime fossem levadas a sério, ela afirma que procurava se servir de exemplos inofensivos. Mesmo esses exemplos, no entanto, já eram considerados exagerados pelos seus leitores no Ocidente. Dada a extensão dos horrores vividos, expressá-los em públicos já provoca a desconfiança do interlocutor que não vivenciou diretamente as situações descritas.

Podemos estabelecer uma aproximação das preocupações literárias de Müller com a discussão elaborada por Hannah Arendt sobre o conceito de totalitarismo, em especial no tocante à importância da Polícia Secreta em tais regimes.<sup>106</sup> No livro *As origens do totalitarismo* (1951), a filósofa nos apresenta algumas características que caracterizam este tipo de governo, que só alcançam a extensa proporção de crimes cometidos graças à descrença nos horrores infligidos aos seus cidadãos. Nas palavras de Arendt:

O motivo pelo qual os regimes totalitários podem ir tão longe na realização de um mundo invertido e fictício é que o mundo exterior não totalitário também só acredita naquilo que quer e foge à realidade ante a verdadeira loucura, tanto quanto as massas diante do mundo normal. A repugnância do bom senso diante da fé no monstruoso é constantemente fortalecida pelo próprio governante totalitário, que não permite que nenhuma estatística digna de fé, nenhum fato ou algarismo passível de controle venha a ser publicado, de sorte que só existem informes subjetivos, incontroláveis e inalcançáveis acerca dos países dos mortos-vivos.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> MÜLLER, ibid, p.106-7.

<sup>105</sup> MÜLLER, ibid, p. 107.

<sup>106</sup> É importante ressaltar que Arendt define como totalitários os governos comandados por Adolf Hitler na Alemanha Nazista e Josef Stálin na URSS. Contudo, como tenho discutido ao longo desta dissertação, Müller aproxima as práticas de eliminação e silenciamento dos inimigos cometidas pelo regime de Ceausescu daquelas ocorridas em momentos anteriores da história. Dada essa aproximação feita pela autora, trabalharemos aqui com o conceito de totalitarismo conforme estipulado por Arendt, já que ele nos permite uma discussão das consequências causadas por tais regimes nos indivíduos, o que interessa especialmente a Müller. Para uma discussão mais detalhada sobre o conceito de totalitarismo e sua relação com a obra mülleriana, remeto ao primeiro capítulo da dissertação de Samia Tavares de Souza, *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier*, de Herta Müller, op.cit.

<sup>107</sup> ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*, op.cit., p. 371.

Segundo Arendt, os governos totalitários acabam por criar ficções que se passam por verdades, excluindo quaisquer detalhes que escapem da ideologia que conforma o sistema. As diretrizes precisam ser aprovadas pela figura suprema do líder, capaz de ditar o que pode ou não ser considerado verdadeiro. Arendt também assinala que os grupos totalitários se encontram divididos entre os simpatizantes e os militantes, sendo a propaganda centrada naqueles indivíduos que ainda não se conformaram às diretrizes estabelecidas pelo regime.

Outra característica é o caráter de massa do movimento totalitário, que arregimenta indivíduos atomizados para o seu interior. A polícia secreta é um dos principais meios utilizados para se atingir o domínio totalitário, que visa “à abolição da liberdade e até mesmo à eliminação de toda a espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da própria liberdade”<sup>108</sup> O chefe da polícia ocupa um dos cargos mais poderosos no interior do regime, marcado pela multiplicidade de hierarquias, com poucos conhecendo as verdadeiras regras do jogo, já que “o verdadeiro poder começa onde o segredo começa”<sup>109</sup>.

O terror é considerado por Arendt como a “essência do poder totalitário”<sup>110</sup>: após um primeiro período de eliminação dos inimigos, a instalação do terror se concretiza quando não há mais ninguém no caminho da oposição. Assim, o medo torna-se difundido entre os cidadãos: o fim último é o alcance da perda da espontaneidade e o inimigo pode ser qualquer um que ouse pensar.<sup>111</sup>

Para Müller, o medo era uma constante em seu cotidiano na Romênia, em especial após sofrer repetidas ameaças de agentes da Polícia Secreta. Em um dos muitos encontros com um investigador da Securitate, ela é ameaçada com destino semelhante ao da moça no cemitério, o de tornar-se um “cadáver da água”, expressão que não possui um correspondente em romeno: “Pois eu não posso me tornar algo para o qual não existe palavra na língua dele [o romeno]. Esse lugar sem palavra no vocabulário romeno se me oferecia como um esconderijo. Eu esperava que eles não me pegassem, quando a coisa ficar séria eu desapareço, escapo para onde não há palavra.”<sup>112</sup>

De acordo com Müller, o suicídio, alternativa considerada em alguns momentos por ela como solução para escapar das ameaças, seria prestar um serviço para a Securitate. Matar-se representaria a fuga para um lugar onde não há palavras capazes de narrar o ocorrido, eliminando definitivamente a possibilidade de resistência por meio da literatura. Em tal situação, manter-se viva representa um poderoso contraponto ao objetivo de silenciar os considerados “inimigos” do Estado.

<sup>108</sup> ARENDT, ibid, p.347.

<sup>109</sup> ARENDT, ibid, p.347.

<sup>110</sup> ARENDT, ibid, p. 360.

<sup>111</sup> ARENDT, ibid, p.370.

<sup>112</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 104.

As reflexões de Müller sobre a difusão do medo como importante característica do regime de Ceausescu encontram-se espalhadas ao longo de diversos ensaios. Cito rapidamente as considerações realizadas no texto “O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna”, no qual Müller detalha o conceito de “olhar estranho”. Para a escritora, esse olhar se desenvolve a partir de acontecimentos do cotidiano que objetivam amedrontar, tornando as pessoas vigilantes a todos os seus movimentos. Entre tais acontecimentos, estão os repetidos interrogatórios e as suspeções que pairavam diuturnamente sobre ela e seus conhecidos. Tais situações fazem com que os indivíduos passem a estranhar o mundo à sua volta, impedindo-os de se comportar com naturalidade. De acordo com Müller, a naturalidade representa a possibilidade de agirmos com espontaneidade, o que não é permitido em um regime em que o medo se encontra disseminado pelo conjunto da sociedade e é empregado como mecanismo de silenciamento dos opositores.<sup>113</sup>

Contudo, como nos aponta Arendt, a perda da espontaneidade nunca pode ser completa, salvo em ocasiões nas quais se procura destruir sistematicamente a liberdade humana.<sup>114</sup> Para a filósofa, a espontaneidade está relacionada com a manutenção da própria vida, sendo uma das partes constitutivas da personalidade humana. Em seus textos, Müller nos apresenta tanto os mecanismos de funcionamento do totalitarismo, que intentam destruir a sanidade e integridade física dos indivíduos, quanto algumas possibilidades de resistência a tais regimes. Mesmo fraturada psicologicamente após anos de perseguição, Müller tem na escrita uma proteção, um esconderijo que lhe permite compreender as situações de suspeição a que fora submetida em diversos momentos de sua vida.

Nas próximas páginas, elaborarei com mais detalhes a discussão realizada por Müller em seus ensaios sobre alguns dos mecanismos que regem o sistema totalitário. Focarei especialmente na Securitate, uma das armas mais poderosas utilizadas pelo governo comunista para manter a ordem nacional e reprimir os dissidentes. Para a escritora, a intromissão da Polícia Secreta em sua vida privada marcou o encontro com o “lado noturno da garganta” e criou “fendas” emocionais difíceis de cicatrizar.

Müller elabora essa discussão em consonância à denúncia do desinteresse e apagamento do passado por importantes setores da sociedade romena, reforçando a importância da literatura na criação de narrativas capazes de questionar o desejo de abolição da espontaneidade. No final do capítulo, procurarei ressaltar algumas aproximações das preocupações müllerianas com a escrita da história, procurando evidenciar a importância de darmos atenção a relatos que questionam os abusos cometidos por diferentes governos em nossos trabalhos.

<sup>113</sup> MÜLLER, Herta. O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.135-156. Volto a este ensaio no capítulo 6, no qual discuto com mais detalhes a noção mülleriana de “olhar estranho” e estabeleço algumas aproximações com a escrita dos trabalhos historiográficos a partir das considerações da autora sobre seu fazer literário.

<sup>114</sup> ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*, op.cit., p.372.

### 1.3 “Cristina e seu simulacro”: Herta Müller e o encontro com o “lado noturno da garganta”

O ensaio selecionado para conduzir a discussão sobre Herta Müller e o seu encontro decisivo com a história, ocorrida ao longo dos anos do regime de Nicolau Ceausescu (1965-1989), intitula-se “Cristina e seu simulacro”. O ensaio foi publicado pela primeira vez no jornal alemão *Die Zeit*, em 23 de julho de 2009, sendo republicado em uma versão ampliada na coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* em 2011. Ao longo do texto, Müller aborda diversos temas, como o complicado processo de abertura dos arquivos da Polícia Secreta, a continuidade da perseguição política após a queda do regime comunista e a participação de personalidades romenas como colaboradores da Securitate. Além disso, um dos temas centrais do ensaio é o relato da autora sobre os destrutivos efeitos advindos da intromissão estatal, o que marca seu encontro com o “lado noturno da garganta”.

De acordo com Müller, após a extinção da Securitate em 1989, os arquivos produzidos pelo regime comunista ficaram guardados por quase dez anos nos arquivos do SRI (Serviço Romeno de Informação), órgão criado em 1990 como substituto para a antiga Securitate e responsável pela guarda dos arquivos da Polícia Secreta romena. Apenas em 1999, os arquivos do período passaram a ser guardado no âmbito da CNSAS (Conselho Nacional de Estudos de Arquivos da Securitate), criado por exigência da União Europeia como uma das condições para que a Romênia pudesse ser efetivada enquanto membro do bloco econômico europeu.<sup>115</sup> Dada a desconfiança de que continuava a ser vigiada anos após sua mudança para a Alemanha, Müller sempre declarava publicamente o desejo de olhar os documentos sobre ela mantidos em sigilo, o que lhe era negado por diferentes motivos.

Após reiteradas tentativas infrutíferas para conseguir acesso aos arquivos junto às autoridades romenas, a escritora obtém a permissão para acessá-los em 2008, motivo que a faz escrever sobre o assunto. Os arquivos contêm 914 páginas, estão divididos em 3 volumes e nele a escritora é identificada pela alcunha de Cristina. As investigações sobre sua vida privada foram iniciadas em 1983, embora informações de ações realizadas em anos anteriores por agentes da Securitate também estejam presentes entre os papéis. A justificativa para a abertura do arquivo: “Deformações tendenciosas da realidade do país, principalmente do meio campesino”, no meu livro *Depressões. “Análises de texto” de espiões fundamentam isso. E eu pertenço a um “círculo de literatos alemães conhecido por seus trabalhos hostis.”<sup>116</sup>*

A participação de Müller em um grupo literário questionador das práticas do regime comunista é a justificativa para que uma investigação sobre ela seja conduzida ao longo dos anos 1980. Com este problemático passado, repleto de desconfiança e perseguições, Müller aponta que

---

<sup>115</sup> A entrada da Romênia na União Europeia se efetuou em 1º de janeiro de 2007.

<sup>116</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 48.

viajar para a Romênia ainda lhe provoca certo desconforto, mesmo após duas décadas morando em Berlim. Ir à Romênia é sempre “uma viagem a um outro tempo, no qual eu nunca soube o que era acaso e o que encenado na minha própria vida.”<sup>117</sup>

Ao viajar em 2008 para um encontro literário em Bucareste, acontecimentos que lhe recordam o tempo da ditadura se sucedem: ao dar uma entrevista para uma jornalista, um segurança aproxima-se e retira violentamente a câmera da mão do fotógrafo. A reação de Müller, ao perceber que o saguão do hotel está decorado com bandeiras da OTAN, é instantânea: “Perguntei ao vigia se o saguão do hotel era um espaço secreto e o que a bandeirinha da Europa estava fazendo na recepção. Ele devia metê-la na gaveta, pois UE e OTAN são organizações de um mundo livre.”<sup>118</sup> A máquina fotográfica foi recuperada instantes depois, mas outras surpresas ocorreram durante a viagem, como a perseguição a um amigo da escritora pelas ruas da capital romena.

Müller aponta que a Securitate não deixou de existir, mas foi apenas substituída e rebatizada de SRI: de acordo com as declarações dadas pelo próprio órgão, o SRI assumiu “quarenta por cento da Securitate, ou seja, os funcionários mais jovens, ágeis”.<sup>119</sup> Para a autora, isso representa a continuidade das práticas de intimidação ocorridas durante a vigência do regime comunista, agora revestidas de um novo verniz sob o manto da economia de mercado. Müller assinala que as tentativas para desmontar o órgão e facilitar o acesso aos documentos têm sido raras, com muitos ex-espiões ocupando cargos de importância em escopo nacional, como assentos no Parlamento Romeno.<sup>120</sup>

Como aponta Dennis Deletant, o terror promovido pela Securitate era uma característica comum a todos os governos comunistas da região. O órgão tinha por objetivo primordial auxiliar na implementação de uma nova sociedade, guiada pelos preceitos marxistas-leninistas. A tarefa designada aos agentes da Polícia Secreta era o de “remover os “inimigos” do regime e aquelas classes da população consideradas um obstáculo à economia centralizada. Esse programa foi iniciado por Gheorghiu-Dej depois de 1945. [A Securitate] foi a herança de Nicolae Ceausescu.”<sup>121</sup>

A Securitate, também conhecida como Diretoria Geral de Segurança do Povo (*Direcția Generală a Securității Poporului*), foi criada em 1948 por Gheorghiu-Dej com o objetivo de defender a segurança da república romena dos inimigos internos e externos. Apesar das diversas mudanças organizacionais ocorridas ao longo de sua existência, o órgão manteve-se sob o

<sup>117</sup> MÜLLER, ibid, p.42.

<sup>118</sup> MÜLLER, ibid, p. 43.

<sup>119</sup> MÜLLER, ibid, p. 44.

<sup>120</sup> MÜLLER, ibid, p. 44-5.

<sup>121</sup> DELETANT, Dennis. *Ceausescu and the Securitate*, op.cit., p.1. “ Remove the enemies of the regime and those classes of the population who were considered an obstacle to the centralized running of the economy. This programme was initiated by Gheorghiu-Dej (...) after 1945. It was the inheritance of Nicolae Ceausescu.” (no original)

controle do Partido Comunista até sua extinção em 1989. De acordo com as estatísticas oficiais, em 1950, a Securitate contava com cerca de 5.000 oficiais, número que alcançou cifras próximas a 15.000 em 1989. Tais números não incluem os milhares de informantes que, recrutados a partir do sentimento de medo, auxiliavam a ampliar a desconfiança e o sentimento de vigilância constante entre a população romena.<sup>122</sup>

Instalada no Ministério do Interior, os agentes da Securitate eram supervisionados e treinados de perto nos primeiros anos do órgão por agentes soviéticos. A brutalidade dos métodos utilizados por Stálín para reprimir os opositores na União Soviética foram adotados na Romênia, como espancamentos e prisões forçadas. No ano seguinte, foi criada a Mílícia (Militia), responsável por manter a ordem pública. Estes dois órgãos foram os principais instrumentos repressivos utilizados pelo regime comunista para manter a população sob constante vigilância.

Nos anos seguintes, especialmente a partir de 1965, a participação soviética na formação de agentes foi diminuída. A polícia secreta foi usada em dois estágios distintos: o primeiro deles, de acordo com Deletant, abrange os anos de 1945-1964, período em que imperava o terror, com a eliminação física de inimigos, encarceramentos e deportações em massa para campos de trabalho dos elementos considerados indesejáveis. O segundo estágio, sob o regime Ceausescu (1965-1989), é marcado pelo medo, com repetidas tentativas de intimidação e cooptação dos indivíduos considerados suspeitos pelos agentes da Polícia Secreta.<sup>123</sup>

Müller assinala que as tentativas de intimidação por parte da Polícia Secreta passaram a ser recorrentes no período em que ela era tradutora de uma fábrica de tratores durante os anos de 1976-79. Após ser recrutada algumas vezes para ser informante do órgão, ela é ameaçada de morte ao se negar veementemente a colaborar. Com a recusa, situações de humilhação se seguem: Müller é retirada da sua sala de trabalho e passa a cumprir suas obrigações nas escadas para não ser demitida por ausência injustificada. Dias depois, sua amiga Jenny lhe reserva um espaço na sala de desenhistas técnicos, o que não é permitido por muito tempo. Em poucos dias, Müller passa a ser identificada pelos demais trabalhadores como espiã da Securitate e é encarada com reservas:

O fato de eu ser considerada espiã porque me recusei a me tornar espiã foi pior do que o recrutamento e a ameaça de morte. O fato de ser denegrida por aqueles que eu preservava, porque me recusava a espioná-los. Jenny e uma porção de colegas sabiam do jogo que estava sendo feito comigo. Mas todos os outros, que me conheciam apenas de vista, não. Como eu poderia explicar o que estava acontecendo para eles, como provar o contrário? Era humanamente impossível e a Securitate sabia disso e justamente por isso agiu assim. E ela também sabia que essa perfidia me machucaria mais do que sua chantagem. Nós nos acostumamos até com as ameaças de morte. Elas fazem parte daquele tipo de vida que levamos porque não podemos ter outro. Desafiamos o perigo até bem

---

<sup>122</sup> DELETANT, ibid, p.2. De acordo com Deletant, a quantidade de informantes da Securitate pode chegar a 600.000 indivíduos.

<sup>123</sup> DELETANT, ibid, p. 1.

fundo na alma. Mas a calúnia rouba a alma da gente. A única coisa que nos rodeia são monstruosidades. Essa impotência quase nos sufoca.<sup>124</sup>

A recusa em colaborar leva Müller a ser vista como uma perigosa informante. A calúnia foi um dos principais métodos utilizados pela Polícia Secreta para difamar publicamente a escritora. Outras estratégias se seguiram, entre elas as repetidas ameaças de prisão e de deportação para a realização de trabalhos forçados em regiões remotas da Romênia.

Segundo Valentina Glajar, em artigo que analisa as relações estabelecidas pelos agentes da Securitate com Herta Müller, as tentativas de cooptação dos novos informantes davam-se de maneira bastante elaborada: eram traçados um plano detalhando os objetivos do recrutamento, as informações biográficas do novo agente e uma lista com diferentes maneiras de convencê-lo a participar da Polícia Secreta ou de finalizar a missão com a recusa. Entre os motivos mais persuasivos para recrutar novos agentes, estava a assunção de que ele cumpriria um dever patriótico ao defender o Estado romeno de inimigos internos e externos.

Em caso de cooptação bem-sucedida, o novo espião recebia uma alcunha e se comprometia a fornecer somente informações verdadeiras. Já em caso de insucesso, ameaças, chantagens e o uso da força física poderiam ser utilizados como formas de intimidar os sujeitos que continuassem a perturbar a ordem.<sup>125</sup> No caso de Müller, os agentes da Securitate recorreram especialmente a constantes ameaças, difamações públicas e interrogatórios, além da contínua vigilância da vida privada da escritora.

Müller passa a ser acusada pelos agentes da Polícia Secreta de comércio ilegal e prostituição, sendo submetida a inúmeros interrogatórios nos quais as ameaças de prisão se repetiam. A espionagem no interior de seu apartamento, com gramos espalhados pelos cômodos, também foi utilizada como tentativa de intimidá-la. Nessa situação, até a oferta de uma linha telefônica no apartamento onde ela morava com o marido, o escritor Richard Wagner, tinha de ser encarada com suspeição:

Na Romênia, era preciso esperar anos por uma linha telefônica. Mas recebemos a oferta de uma, sem pedir. Recusamos, porque sabíamos que um telefone seria a estação de escuta mais prática em nosso pequeno apartamento. Entre os amigos que tinham telefone, assim que havia visitas, ele era colocado imediatamente dentro da geladeira e um disco começava a tocar. A recusa do telefone não adiantou nada, pois a metade do material do arquivo que me foi entregue era de relatórios de escuta do nosso apartamento.<sup>126</sup>

Como salienta Müller, a recusa da linha telefônica não impediu que sua vida privada fosse devassada pela Polícia, graças à instalação de gramos em sua residência. Esta tática, mais sutil

<sup>124</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.52.

<sup>125</sup> GLAJAR, Valentina. The presence of the Unresolved Recent Past: Herta Müller and the Securitate. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford: Oxford University Press, p.55-6.

<sup>126</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 59.

que o uso direto da violência física, era comum nos anos Ceausescu e podia ser acompanhada por métodos como subornos, prisão em hospitais psiquiátricos e expulsão do país. A violência física era utilizada apenas como último recurso.<sup>127</sup>

Outra situação de intimidação narrada por Müller eram as visitas inesperadas dos agentes da Securitate quando não havia ninguém no apartamento. Alguns sinais da visita eram deixados como guimbas de cigarro e cadeiras viradas. O mais perturbador deles durou semanas e envolveu uma pele de raposa estendida no chão do apartamento:

Uma pele de raposa, que estava no chão, apareceu com o rabo cortado, depois as patas e, por último, a cabeça foi colocada na barriga da raposa. Era terror psicológico, não víamos os cortes. Durante a faxina percebi pela primeira vez que o rabo estava lá, cortado. Eu ainda pensei no acaso. Semanas depois, quando a pata traseira foi cortada, comecei a me arrepiar. (...) Tudo podia acontecer, o apartamento tinha perdido sua privacidade. Cada vez que comíamos pensávamos que a comida podia estar envenenada. Não há uma palavra sobre essas visitas ao apartamento no arquivo.<sup>128</sup>

O terror psicológico era a base das atividades da Securitate, provocando uma sensação de insegurança e medo permanentes. A aterrorizante situação do tapete de raposa foi romanceada por Müller no livro *A raposa já era o caçador*, lançado em 1992. Nele, uma professora primária, Adina, passa a receber visitas inesperadas da Polícia Secreta em seu apartamento. A cada visita, pedaços do tapete de raposa são cortados e espalhados pela residência, o que imobiliza a personagem e instala a contínua sensação de medo ao seu redor. Uma das melhores amigas de Adina, Clara, se envolve com um agente da polícia, o que acaba por destruir a amizade das duas, dado o crescente grau de violência contido nas invasões inesperadas.<sup>129</sup>

As situações de intimidação narradas por Müller no ensaio “Cristina e seu simulacro” também acabaram atingindo pessoas do seu convívio profissional. Em outro momento do ensaio, ela descreve o espancamento sofrido por um jornalista que desejava entrevistá-la após o lançamento de *Depressões* na Alemanha Ocidental em 1984. O jornalista em questão, Rolf Michaelis, enviara um telegrama para a autora informando a respeito da visita que desejava fazê-la em Bucareste. O documento, contudo, nunca chegou nas mãos da escritora, já que fora interceptado por agentes da Securitate. Sem saber da chegada do jornalista, Müller viajou com o marido para a casa de alguns parentes dele no interior do país. Após dois dias de tentativas frustradas de entrar em contato com os escritores, Michaelis foi brutalmente espancado e teve os dedos dos dois pés quebrados. Procurando proteger os autores, Michaelis tratou do assunto publicamente somente anos depois da emigração de Müller e Wagner.

<sup>127</sup> Cf. PETRESCU, Cristina. Romania. In : POTLAK, Detlef ; WIELGOHS, Jan. *Dissent and Opposition in Communist Eastern Europe : origins of civil society and democratic transition*. Ashgate, 2004.

<sup>128</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 56-7.

<sup>129</sup> MÜLLER, Herta. *A raposa já era o caçador*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Título original: *Der Fuchs war damals schon der Jäger*. Ano de publicação original: 1992.

Tanto o espancamento quanto as repetidas invasões ao apartamento foram ocultos das 914 páginas que compõem o arquivo de Müller, mostrando a criação de lacunas propositais no tocante às atividades ilegais dos agentes da Securitate. Nas palavras da autora: “o serviço secreto riscava sistematicamente suas atividades do arquivo, tomando cuidado para que seus principais funcionários nunca pudessem ser responsabilizados quando esses documentos fossem a público. Cuidando para que a Securitate após Ceausescu se tornasse um monstro abstrato, sem atores.”<sup>130</sup> O apagamento de rastros se faz presente em outras atividades intimidatórias dos informantes, como o silenciamento em relação aos frequentes interrogatórios a que Müller foi submetida e das “fisgadas” na rua, momentos em que a escritora era convocada a prestar depoimento sem aviso prévio.

Ao ser distinguida com alguns prêmios literários na Alemanha Ocidental pela publicação de *Depressões*, Müller obteve a permissão de viajar para receber as honrarias em outubro de 1984. Com isso, as táticas de intromissão em sua vida privada sofrem uma ligeira modificação: “a intenção dessas viagens, como meu arquivo revela, era traiçoeira: em vez de passar por dissidente entre os colegas da escola, como até então, eu devia ser vista como aproveitadora do regime. E, no Ocidente, passar a suspeita de ser agente.”<sup>131</sup> A tática tinha por objetivo minar a confiança que editores e agentes públicos alemães pudessem ter na autora, que deveria ser vista como uma infiltrada da Polícia Secreta em solo alemão.

Com a publicação de *Depressões*, Müller foi difamada por lideranças da região do Banato, que publicaram artigos acusando-a de denegrir suas origens e de “pisar” no próprio ninho. Ela devia ser encarada pelos todos na região como uma inimiga do governo: “na mesma consonância com o regime, divida-se o ódio sobre mim e o trabalho de difamação. Eu fui estigmatizada ao máximo como inimigo principal (...) Quem me difamava estava atestando seu amor à terra natal.”<sup>132</sup> Entre as lideranças que participaram do processo de difamação de sua vida privada, Müller acusa o diretor da escola onde ela concluiu o liceu, na cidade de Timisoara: segundo a autora, o diretor tentou cooptar um dos estudantes da instituição, que deveria vigiar as reuniões literárias do Grupo de Ação Banato. No entanto, ao não realizar a tarefa, o rapaz passou a ser ele próprio alvo de interrogatórios por parte dos agentes da polícia secreta.

As tentativas de intimidação continuaram depois da emigração em 1987. Segundo Müller, os funcionários do órgão responsável por atender os recém-chegados dificultaram a obtenção da naturalização alemã ao encará-la como uma agente da Securitate.<sup>133</sup> A mãe da autora também foi ameaçada semanas antes da emigração: com a saída da mãe de Müller da Romênia, o regime garantia que todos os detalhes relacionados à escritora sumiriam do mapa sem deixar rastros

<sup>130</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.58.

<sup>131</sup> MÜLLER, ibid, p.63.

<sup>132</sup> MÜLLER, ibid, p.65.

<sup>133</sup> MÜLLER, ibid, p.70.

comprometedores para o governo de Ceausescu. Mesmo desejando ficar no país, Katharina Müller emigra na companhia da filha, o que não significou o fim das humilhações e exclusões em solo alemão.

Uma das tentativas de vigilância a que Müller foi submetida após a chegada na Alemanha é exemplificada com a visita de Jenny, a amiga que ela tinha feito no período em que trabalhou como tradutora na fábrica de tratores. Desconfiada de como Jenny havia conseguido o passaporte, Müller descobre que sua melhor amiga aceitara cooperar com a Securitate. A escritora não viu outra saída a não ser expulsá-la de sua residência. Jenny morreu pouco tempo depois de câncer, o que provoca em Müller uma mistura de sentimentos:

Essa amizade, que significava tanto para mim, foi destruída pela visita a Berlim; uma grave enferma de câncer depois da quimioterapia foi seduzida à traição. Por meio das conclusões posteriores, ficou claro que Jenny cumpriu suas ordens de maneira traíçoeira. Tive de colocar para fora minha melhor amiga, a fim de me proteger e a Richard Wagner de sua obrigação. Não era possível passar por cima desse novelo de amor e traição. Esse novelo certamente também torturava Jenny. Repassei sua visita milhares de vezes na minha cabeça, fiz o luto por essa amizade, descobri, incrédula, que depois de minha emigração Jenny mantinha inclusive um relacionamento com um oficial da Securitate. Hoje estou aliviada, porque o arquivo mostra que a proximidade entre nós cresceu espontaneamente, não foi alinhavada pelo serviço secreto, e que Jenny passou a me espionar apenas depois da minha emigração.<sup>134</sup>

Como aponta Müller, a invasão da intimidade pela Securitate é completa, visando destruir não só a vida pública de uma escritora premiada, mas também qualquer resquício de espontaneidade que subsistisse em sua vida privada. Para a escritora, a traição de Jenny é um marco divisório em sua existência, mostrando-lhe como a destruição de um indivíduo pode ser alcançada graças à perseguição estatal. Neste contexto, os sentimentos de amor e consideração pelo outro misturam-se com a revolta ao se descobrir traída por pessoas queridas. O medo de ser vigiado e delatado invade todos os cantos da existência: “Nós nos tornamos modestos, procuramos no envenenado uma parte que não está contaminada, mesmo que seja minúscula. O fato de meu arquivo comprovar os verdadeiros sentimentos entre nós me deixa quase feliz.”<sup>135</sup>

De acordo com Müller, os momentos de felicidade existiam apesar da ditadura, que desejava incutir o medo em todos os momentos da vida cotidiana. Cada movimento de Müller, de seu marido e amigos próximos eram vigiados pelo Estado:

Era um riso a qualquer preço, enraizado no medo. Um tipo de pantomima ensaiada, que era tão amargamente necessária para suportar os fatos. Será que uma tal felicidade relativiza o desprezo diário daquele tempo pelas pessoas? Se naquela época havia um grampo em cada cômodo, como me mostram hoje os arquivos a que tive acesso, então cada nicho privado também estava registrado no Estado.<sup>136</sup>

---

<sup>134</sup> MÜLLER, ibid, p. 62.

<sup>135</sup> MÜLLER, ibid, p. 62-3.

<sup>136</sup> MÜLLER, ibid, p.46.

A invasão de privacidade perpetrada pelos agentes da Securitate é uma das principais questões tratadas por Müller no decorrer do ensaio. A escritora aborda a violência psicológica a que foi submetida durante vários anos, que se mostrou mais duradoura e eficiente do que o uso da violência física. Segundo Glajar, o medo tornou-se a principal arma usada pelo regime de Ceausescu para procurar manter o controle da população, o que criou mitos sobre a onipresença da Securitate. O contínuo sentimento de medo “forçou as pessoas a duvidar de tudo e todos, a tornarem-se constantemente desconfiadas e a questionar suas existências sequestradas.”<sup>137</sup>

Além das repetidas tentativas de intimidação, que deixaram marcas emocionais profundas e servem de base para criticar a sociedade totalitária em que cresceu, outro assunto abordado por Müller no ensaio são as problemáticas relações que intelectuais e ex-agentes da Securitate mantêm com o passado comunista. Nos anos seguintes à queda do comunismo, “a maioria dos intelectuais deu tão pouca importância à abertura dos arquivos do serviço secreto quanto a todos os currículos pisoteados ao seu redor, quanto aos novos rearranjos dos figurões do partido e funcionários do serviço secreto”.<sup>138</sup> Para Müller, muitos continuaram mancomunados com o Estado romeno e suas práticas de apagamento do passado. A insistência da escritora em pedir publicamente a abertura de seus arquivos lhe granjeou a irritação de diversos amigos e conhecidos em seu país natal, que não desejavam mais tocar no assunto.

Ao longo do ensaio, Müller critica duramente uma “das mais conhecidas autoras romenas, a grande dama da lírica romena”, que afirmara em uma entrevista não desejar ver seus arquivos da Securitate, preferindo acreditar que foi querida por todos à sua volta.<sup>139</sup> Há vinte anos, nos diz Müller, “escuto-a dizendo: ‘Não podemos trocar de tema?’ E ela goza de grande apoio entre uma quantidade excessiva de intelectuais romenos.”<sup>140</sup> A atitude de não enfrentamento dos problemas advindos do passado é duramente criticada por Müller, que enxerga nessa indiferença uma perpetuação no presente de ações repressivas levadas a cabo durante o regime comunista.

Apontando a conivência da poetisa com o governo de Ceausescu ao trabalhar como redatora em uma revista, Müller aponta o mau uso que a funcionária fez de alguns poemas de outros escritores. Para “adequar” os poemas à glorificação de um feriado socialista, a então redatora os modificou, renomeando-os com títulos festivos. Citando outro momento da entrevista dada pela poeta a uma revista suíça, Müller continua a disparar sua indignação:

---

<sup>137</sup> GLAJAR, Valentina. The presence of the Unresolved Recent Past: Herta Müller and the Securitate. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit., p.63. “forced people to doubt everything and everybody, to become constantly suspicious, and to question their sequestered existence.” (no original).

<sup>138</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 47.

<sup>139</sup> Müller não cita diretamente o nome da poetisa, mas de acordo com Glajar (2013, p.53), trata-se de Nora Iuga, nascida em 1931 em Bucareste e considerada pela imprensa alemã e suíça como a grande dama da poesia romena na atualidade. Iuga foi a primeira tradutora de Müller para o romeno e, como outros intelectuais, encara as preocupações müllerianas sobre o passado totalitário como exageradas.

<sup>140</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 47.

Na entrevista, ela diz também que houve momentos felizes na ditadura. Quem questionaria isso? Eles existiram na vida de todas as pessoas, mas não graças à ditadura e, sim, apesar dela. Nos nichos privados, onde as trapaças ainda não haviam se infiltrado- ou até contra as trapaças houve uma felicidade descontínua, apressada e, por isso, extravagante, sim, desprendida.<sup>141</sup>

Segundo Müller, o passado também não é encarado “de frente” por ex-agentes da Securitate, que moram tranquilamente em solo alemão. A escritora cita diversos codinomes utilizados pelos agentes que participaram ao longo do processo de difamação sofrido por ela. Como destaca a autora, muitos agem como se a colaboração fosse um assunto do passado e relegado automaticamente ao esquecimento com a queda do comunismo em 1989. De acordo com Glajar, entre 500 e 2.000 agentes da Securitate moram na Alemanha, possuem cidadania alemã e nunca foram judicialmente responsabilizados pela sua participação como colaboradores.<sup>142</sup> Entre os vários codinomes citados por Müller encontra-se “Voicu”, que publicou pesadas críticas ao livro de contos *Depressões* logo após seu lançamento e participou do processo de difamação da escritora na imprensa ao longo dos anos 1980.<sup>143</sup>

Ao conseguir obter o acesso ao seu arquivo em 2008, Müller assinala que, ao ser identificada como Cristina, sua vida sob a ditadura era fraturada em duas. De acordo com ela, seu simulacro tornou-se “autônomo. Embora a ditadura tenha passado há vinte anos, esse simulacro continua a assombrar por aí. Até quando?”<sup>144</sup> O questionamento da autora liga-se à dificuldade encontrada por muitos países europeus em lidar com as pesadas e amargas memórias do passado comunista nos anos seguintes à queda do regime. O passado ainda continua a assombrar Müller, sendo uma presença “não resolvida” mesmo décadas depois da mudança para a Alemanha.<sup>145</sup>

No caso romeno, muitos agentes políticos no período pós-1989 possuíam estreitos laços com o governo de Ceausescu, dificultando uma discussão ampla sobre os maus feitos cometidos pelos agentes da Polícia Secreta.<sup>146</sup> A abertura dos arquivos da Securitate seguiu um complicado trajeto especialmente a partir dos anos 2000, com medidas legais que tiveram efeitos limitados.<sup>147</sup> As tentativas de abertura passaram a ganhar força com o início do processo de entrada da Romênia

<sup>141</sup> MÜLLER, ibid, p. 46.

<sup>142</sup> GLAJAR, Valentina. The presence of the Unresolved Recent Past: Herta Müller and the Securitate. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>143</sup> Trata-se, segundo Glajar (2013, p.57), do escritor Franz Thomas Schleich, nascido em 1948 em Bucareste. Durante a ditadura, Schleich recebia em espécie para traduzir e analisar os textos de autores da comunidade romeno-alemã.

<sup>144</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.74.

<sup>145</sup> Faço referência ao título do artigo de Valentina Glajar, “The presence of the unresolved recent past: Herta Müller and the Securitate” (“A presença do passado recente não resolvido: Herta Müller e a Securitate”).

<sup>146</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra*, op.cit., p.690.

<sup>147</sup> Como exemplo, cito o primeiro presidente da Romênia após a queda de Ceausescu, Ion Iliescu, que teve como política tratar a transição do socialismo para a democracia de mercado de um modo pacífico, de modo a não provocar maiores divisões na sociedade. Dessa forma, os abusos cometidos durante os anos Ceausescu passaram a ser discutidos no espaço público com mais vigor somente a partir dos anos 2000.

na União Europeia em 1999 e a criação do Conselho Nacional de Estudos de Arquivos da Securitate no ano seguinte. O CNSAS passa a ser o órgão responsável por lidar com a justiça de transição no país e tem como foco a organização e exame dos arquivos da Securitate, considerado o principal instrumento repressivo do regime de Ceausescu.

Entre as dificuldades encontradas para possibilitar uma ampla abertura dos arquivos estão a destruição dos documentos no período pós-1989 e a não liberação por parte do SRI, já que muitos arquivos ainda são considerados necessários para a garantia da segurança nacional. Contudo, como aponta Florin Abraham, apesar dos esforços governamentais, a maioria da sociedade romena demonstra pouco ou nenhum interesse em discutir o assunto, preferindo acertar as contas com o passado por meio da complacência e indiferença.<sup>148</sup>

Ao finalmente conseguir acessar seu arquivo, Müller destaca que ele se encontrava “absolutamente depurado. As coisas centrais foram apagadas, além de tudo aquilo que poderia incriminar os principais funcionários da Securitate.”<sup>149</sup> Acontecimentos importantes continuam repletos de lacunas, dadas as alterações, politicamente motivadas, sofridas nos anos seguintes ao fim do comunismo. O SRI, “o novo -velho serviço secreto”, nas palavras de Müller, “dirigia as visitas aos arquivos à sua maneira”<sup>150</sup>, dificultando uma aproximação com as provas que poderiam comprovar a participação dos agentes da Securitate nos abusos cometidos e sua posterior punição.

As preocupações de Müller sobre as depurações efetuadas em seus arquivos e a indiferença em relação ao passado de parte da sociedade romena coadunam-se com as reflexões elaboradas por Márcio Seligmann-Silva no artigo “Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais”: o teórico aponta que o elemento político “domina todos os momentos do trabalho no arquivo, passando pela conservação e pelo acesso, chegando finalmente à leitura dos documentos.”<sup>151</sup> O poder está sempre dependente dos arquivos, sendo necessário, para sua conservação, que as informações ali contidas estejam dominadas e controladas. Assim, tentativas de apagamento e de não enfrentamento do passado são táticas políticas, visando ocultar as injustiças promovidas contra indivíduos e grupos considerados indesejáveis.

Contudo, apesar da depuração e das repetidas tentativas de apagamento do passado, Müller encontra na literatura uma ferramenta de crítica aos abusos sofridos e de compreensão das suas memórias, que continuam a machucá-la no presente. Uma inquietação interior encontra-se

<sup>148</sup> ABRAHAM, Florin. To collaborate and to punish: democracy and transitional justice in Romania. In: APOR, Peter; HORVÁTH, Mark; MARK, James. *Secret Agents and the Memory of Everyday Collaboration in Eastern Europe*. Anthem Press, 2017.

<sup>149</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit, p.48.

<sup>150</sup> MÜLLER, ibid, p.47.

<sup>151</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAÚJO, Maria Paulo; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). *Violência na história: Memória, trauma e reparação*. Rio de Janeiro, Ponteio, 2012.

entre as razões que inspiram a autora a criar suas narrativas. No ensaio, ela comenta brevemente o que a motivou a escrever seu primeiro livro, *Depressões*:

Eu não me entendia mais, precisava me certificar de minha existência no mundo. Comecei a anotar minha vida até então- de onde venho, esse vilarejo parado de trezentos anos, esses camponeses com seu silêncio, esse pai com seu caminhão sobre as estradas esburacadas, sua bebedeira e suas canções nazistas com os “camaradas”. Essa mãe dura e perturbada, como que ofendida pela vida, sempre nas radiantes plantações de milho. E eu nessa fábrica, máquinas grandes como um cômodo, poças de óleo em todos os lugares, como um espelho que faz com que a gente escorregue na terra. Esse salário por peça na linha de montagem, os movimentos mecânicos da mão, os olhos cansados, olhares como velhas chapas de zinco. Daí surgiram os contos de *Depressões*.<sup>152</sup>

Mesmo que as palavras não sejam capazes de narrar plenamente o passado, a literatura é vista por Müller como uma importante ferramenta de questionamento que lhe permite testemunhar os horrores do passado. Seligmann-Silva sublinha a importância de relatos como o de Müller ao afirmar que eles funcionam como uma “fórmula política para que a repetição mimética, descontrolada da violência, não ocorra”.<sup>153</sup> Segundo o teórico, a cultura deve criar espaços para que tais testemunhos possam existir, já que permitem “por em processo o trabalho de elaboração dos traumas da sociedade, da violência que a constitui”<sup>154</sup>. Por não existir uma arte do esquecimento, ao procurar elaborar seu passado através da narrativa, o indivíduo pode canalizar “as energias do passado para uma ação libertadora no presente” e restituir, ainda que minimamente, a dignidade perdida.<sup>155</sup>

Ao questionar as práticas totalitárias do passado e denunciar as perpetuações de injustiças no presente por meio da literatura, consigo perceber uma aproximação das reflexões müllerianas com a escrita da história. Nossas narrativas, ao discutirem as injustiças e sofrimentos vivenciados por diferentes sujeitos e grupos ao longo do tempo, podem ser um incentivo para que a sociedade construa seu futuro sobre outras bases. Como aponta Michel de Certeau, conseguimos organizar o passado e estabelecer relações com o presente e o futuro por meio de nossa escrita. Nas palavras do historiador, o ato de narrar representa

O papel de um rito de sepultamento; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso. Por outro lado, tem uma função simbolizadora; permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: “marcar” um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, consequentemente, utilizar a

---

<sup>152</sup> MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 51.

<sup>153</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAÚJO, Maria Paulo; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). *Violência na história*, op.cit.

<sup>154</sup> SELIGMANN-SILVA, ibid.

<sup>155</sup> SELIGMANN-SILVA, ibid.

narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos.<sup>156</sup>

Nossa escrita, de acordo com Certeau, possui dois importantes papéis na sociedade: o de marcar a morte discursivamente e o de simbolizar a passagem do tempo, permitindo que os vivos possam se estabelecer em um espaço próprio. Em seus ensaios e textos romancescos, Müller nos apresenta preocupações semelhantes às apontadas por Certeau já que, para ela, narrar suas experiências funciona como uma maneira de estabelecer um lugar para si entre os demais, fazendo com que as traumáticas lembranças de seu passado possam se organizar. Em seus ensaios, a escritora apresenta aos leitores as perdas sofridas por ela no “encontro” com a história, sendo a literatura um instrumento capaz de introduzir no discurso as feridas emocionais e físicas sofridas sob a ditadura.

Em consonância com as reflexões de Seligmann-Silva e Certeau, o historiador norte-americano Dominick LaCapra aponta que os testemunhos são uma importante ferramenta para a construção de organizações políticas menos autoritárias, ao possibilitarem debates na esfera pública sobre os traumas do passado e suas consequências. Para LaCapra, os testemunhos permitem que as feridas dos tempos idos sejam elaboradas discursivamente e oportunizam a restauração dos laços entre passado e o presente, visto que o ato de narrar enseja a tomada de uma avaliação crítica em relação aos eventos e um funcionamento consciente da linguagem.<sup>157</sup>

LaCapra ainda salienta que a aproximação dos historiadores com relatos como os de Müller, marcados pela inquietação de fornecer um testemunho a respeito de acontecimentos traumáticos do passado, traz diversas interrogações no tocante à escrita da história. Entre elas, estão: a pertinência (ou não) de produzirmos nossos relatos sobre tais experiências de maneiras formalmente inovadoras, visando sensibilizar os leitores por meio de um emprego da linguagem que se aproxime da sensação de desorientação provocada pelas vivências traumáticas; o papel que os afetos e a sensibilidade do pesquisador ocupam ao entrar em contato com narrativas de eventos altamente dolorosos para aqueles que testemunham; e o espaço que a imaginação deve ter em nossos textos, visto que frequentemente os sujeitos encontram na reelaboração artística uma maneira de lidar com as perdas provocadas por acontecimentos que ferem sua dignidade.<sup>158</sup>

Os ensaios de Müller propõem essas indagações de maneira pungente, ao indicar que é possível lidar com as feridas causadas pelos cruéis “encontros” com a história através de uma escrita que valoriza um emprego criativo da linguagem ao abordar as vivências daqueles que

<sup>156</sup> CERTEAU, Michel de. Uma prática. In: *A escrita da história*, op.cit., p. 107.

<sup>157</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005. Para uma discussão sobre os testemunhos e as questões metodológicas envolvidas ao trabalharmos criticamente com tais relatos, muitas vezes perpassados pela memória traumática, remeto ao artigo de Alexandre de Sá Avelar, que aprofunda algumas reflexões que serão esboçadas ao longo desta dissertação. Cf. AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. *Revista Maracanã*. Rio de Janeiro: v.8, n.8, jan./dez. 2012.

<sup>158</sup> LACAPRA, ibid.

foram perseguidos pela ditadura. Como ressalta LaCapra, estabelecermos uma aproximação dos questionamentos propiciados pela literatura não envolve desconsiderar os protocolos metodológicos que balizam a historiografia ou fornecer receitas de como os pesquisadores devem narrar o passado, mas representa uma forma de pensarmos a feitura de nossos relatos sob um outro olhar. Refletirmos sobre a escrita da história através da literatura pode nos inspirar a analisar como a empatia e o emprego meticuloso da linguagem podem estar presentes em textos que tratam de temáticas socialmente sensíveis, além de possibilitar discussões sobre a legitimidade de aliar uma narrativa que respeita os preceitos historiográficos a inovações de cunho formal.<sup>159</sup>

Mesmo que ao produzir nossos textos atravessemos, como Müller, a “impossibilidade de esgotar com palavras”<sup>160</sup> as vivências dos personagens de outros tempos, temos na criação dos nossos relatos um aliado no debate de como a existência dos sujeitos que estudamos foi maculada em diferentes momentos da história. De modo semelhante a Walter Benjamin, que se inquietava com os cacos da história e colecionava objetos aparentemente sem valor, nossos escritos podem atuar socialmente ao ressaltar as fraturas e injustiças provocadas pelo progresso e a imposição de modelos totalitários de governo, servindo como um alerta contra o esquecimento do passado levado a cabo por diferentes regimes.<sup>161</sup>

Dessa forma, ao escrever Müller procura ressaltar as “fendas” causadas pelo encontro com o “lado noturno da garganta”. Ao pensar com a história, o passado é encarado como um personagem assustador, que provoca destruição e pavor em todos os campos da existência.<sup>162</sup> Os parentes da autora foram interpelados em um período de mudanças territoriais e profundas transformações sociais com a instauração do regime comunista. Já Müller teve sua vida invadida pela Polícia Secreta poucos anos depois: ao criticar a perpetuação do medo durante os anos Ceausescu, a escritora questiona o que Hannah Arendt aponta como o centro da política totalitária, a saber o espalhamento do terror pelo corpo social. Os contrapontos utilizados por Müller são a escrita e um uso criativo da linguagem, o que lhe permite que as feridas sofridas por ela e por pessoas próximas não tombem no esquecimento. Enquanto historiadores, também temos na escrita uma poderosa ferramenta de reconstrução do passado, permitindo que o presente e futuro da sociedade em que nos encontramos inseridos possam ser concebidos de maneiras mais democráticas.

No próximo capítulo, desejo explorar mais detidamente outros encontros ocorridos na vida de Müller, em especial a relação estabelecida por ela com os escritores que compunham o

<sup>159</sup> LACAPRA, ibid.

<sup>160</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAÚJO, Maria Paulo; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). *Violência na história*, op.cit.

<sup>161</sup> ARENDT, Hannah. Walter Benjamin. In: \_\_\_\_\_. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>162</sup> SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*, op.cit.

Grupo de Ação Banato. O grupo ficou nacionalmente conhecido ao criticar o que enxergavam como “desvios” no interior do regime comunista, ressaltando os problemas e fraturas existentes na sociedade do período. Além disso, discutirei as considerações de Müller sobre obras de outros literatos, apontando como ela se apropriou desses livros para compor seu projeto de crítica ao regime de Ceausescu.

## CAPÍTULO 2

### Questionando a ditadura: leituras e o Grupo de Ação Banato

No meu caso, sempre era possível dizer *lesen* [leitura] no lugar de *leben* [vida], afinal é apenas uma letra que muda. Assim como de *schreiben* [gritar] para *schreiben* [escrever] apenas uma letra é acrescentada. (Herta Müller)<sup>163</sup>

#### **2.1 Questionando o regime I: leituras proibidas**

Neste capítulo, buscarei explorar outros encontros que Müller realizou ao longo de sua trajetória. Se a história é considerada uma personagem atemorizante, que provoca graves consequências nas vidas dos indivíduos que cruzam seu caminho, Müller nos indica que seu percurso também foi marcado por encontros que lhe permitiram questionar as práticas ditatoriais de seu país natal. Os personagens que nos acompanharão neste capítulo serão os livros e o Grupo de Ação Banato, formado por autores que Müller conheceu enquanto cursava a faculdade de Letras em Timisoara.

Em um primeiro momento, abordarei as apropriações realizadas por Müller das obras de outros escritores e como tais leituras se relacionam à crítica literária realizada por ela à história romena. Em seguida, discutirei a relação estabelecida pela autora com o Grupo de Ação Banato, criado em 1972 e dissolvido em 1975 pela Securitate. O grupo era formado por jovens escritores que tinham no uso inventivo da linguagem uma das principais armas para a produção de críticas ao governo de Ceausescu. Por meio da literatura, eles procuravam ressaltar sua pertença ao mundo cultural alemão e apontar as fraturas existentes na unidade nacional socialista desejada pelo regime.

Como assinala a epígrafe que abre este capítulo, vida e obra não se encontram dissociadas nos ensaios de Müller, que parte de suas experiências sob a ditadura para criar relatos que têm no uso criativo da linguagem uma de suas características mais marcantes. Na chave de leitura mülleriana, os autores lidos servem como ponto de partida para balizar seu questionamento das ditaduras.

Segundo Roger Chartier, ao discutirmos o processo de leitura, temos que considerar que ele não é universal, já que varia a partir de fatores como a materialidade do escrito, os gestos de leitura (em voz alta, silenciosa, individual ou em grupo, etc.), as bagagens culturais e os tempos históricos nos quais estão inseridos os sujeitos. Nessa perspectiva, o leitor não é mero receptor, sendo capaz de efetuar leituras muitas vezes inusitadas ou que se contrapõem ao esperado pelo criador do texto.

---

<sup>163</sup> MÜLLER, Herta. Lalele, Lalele, Lalele ou A vida poderia ser tão bela como nada. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 79.

Ainda de acordo com Chartier, ao estudarmos um texto literário, devemos considerar seus aspectos de produção, circulação e recepção, sendo essencial estudar “suas variações segundo os tempos e os lugares”.<sup>164</sup> Para os intuiros deste capítulo, procurarei abordar como Müller leu obras de diferentes escritores para compreender e criticar a sociedade em que cresceu.

Como veremos nas próximas páginas, a autora salienta que suas leituras eram marcadas pelo medo de ser coagida para mais um dos longos interrogatórios a que era submetida, já que muitos dos textos não eram oficialmente aprovados pelo regime. Ao escrever sobre os livros que lhe apontaram caminhos para compreender o presente, Müller assinala a relevância que tais obras tiveram na sua elaboração literária de crítica a ditaduras. Para a autora, a leitura é uma fonte fundamental de compreensão do mundo e posterior criação artística.

Nos dois livros selecionados para compor esta dissertação, Müller passeia pela obra de diferentes escritores, em especial que se situam no contexto cultural romeno-alemão. Entre os autores discutidos ou citados nos ensaios estão Elias Canetti, Bertolt Brecht, Thomas Bernhard, Peter Handke, Ruth Klüger, Alexander Soljenístkin, Jorge Semprún, Max Blecher, Primo Levi, Anna Akhmátova, Paul Celan e Imre Kertész. Estes literatos, que publicaram suas obras em diferentes momentos do século XX, possuem como característica comum a crítica explícita às sociedades em que se encontram inseridos.

Em *O rei se inclina e mata*, Müller não dedica nenhum ensaio à obra de um autor específico, mas referências a diferentes escritores estão presentes ao longo das suas reflexões, que envolvem especialmente o uso da linguagem na literatura e a crítica a diferentes regimes autoritários e totalitários que se espalharam pela Europa durante o século XX. Já em *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, há sete ensaios dedicados a escritores específicos. Os autores discutidos são Elias Canetti<sup>165</sup>, Max Blecher<sup>166</sup>, Oskar Pastior<sup>167</sup>, Theodor Kramer<sup>168</sup>,

<sup>164</sup> CHARTIER, Roger. Literatura e história. *Topoi*: Revista de História, n 1, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000, p.205.

<sup>165</sup> Elias Canetti (1905-1994): romancista e ensaísta búlgaro. Galardoado em 1981 com o Prêmio Nobel de Literatura, escreveu apenas um romance, intitulado *Auto da Fé* (1935). Seu ensaio mais famoso, discutido por Müller em *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, se chama *Massa e poder* e foi publicado pela primeira vez em 1960.

<sup>166</sup> Max Blecher (1909-1938): escritor romeno. Além do romance *Acontecimentos na irrealidade imediata*, publicou ao longo de sua carreira literária livros de poesia, fortemente ligados à estética surrealista. Após estudar medicina em Paris, ele foi diagnosticado em 1928 com tuberculose, doença que o acompanhou até a morte. Em 2013, *Acontecimentos na irrealidade imediata*, livro discutido por Müller no ensaio dedicado a Blecher, foi publicado no Brasil pela editora Cosac&Naify. Nas palavras do historiador Keith Hitchins, o romance nos apresenta “os diários de um personagem acometido por tuberculose, cuja personalidade se desintegra sob um autoexame. Transcrevendo esse drama existencial, Blecher apresenta um mosaico de fragmentos minuciosamente descritos que, reunidos, sugerem o sentido último das coisas.” (HITCHINS, 2014,194). Para mais detalhes, ver HITCHINS, Keith. *A concise history of Romania*, op.cit.

<sup>167</sup> Oskar Pastior (1927-2006): poeta romeno. Suas memórias sobre os anos passados nos campos de trabalhos forçados entre 1945 e 1949 inspiraram Müller na criação do romance *Tudo que tenho levo comigo*, lançado em 2009. Discuto a relação de amizade entre eles e o processo criativo mülleriano no capítulo 5.

<sup>168</sup> Theodor Kramer (1897-1958): poeta austríaco de origem judia. Durante a 2ª Guerra foi perseguido, proibido de trabalhar e fugiu para a Inglaterra. Escreveu mais de 10.000 poemas, muitos dos quais ainda não foram publicados. Morreu em Viena.

Jürgen Fuchs<sup>169</sup> e o filósofo Emil Cioran<sup>170</sup>. Além disso, nesta coletânea está incluído um ensaio no qual Müller analisa algumas canções da cantora romena Maria Tănase<sup>171</sup> e a presença da música popular em momentos-chave do romance *Fera d'alma*.

Para os objetivos deste trabalho, apresentarei três textos no qual Müller discute sua relação com a leitura e as ponderações advindas do contato com as obras de Elias Canetti, Max Blecher e Heinrich Heine<sup>172</sup>. Em suas considerações, ela destaca a valorização do indivíduo em uma sociedade que tem na conformidade coletiva a única forma permitida de existência e a importância dos pequenos objetos para a elaboração de análises que se contraponham ao que se encontra socialmente posto.

No ensaio “O homem quer saber quem o está agarrando”, incluído na coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, Müller comenta a sua leitura do livro *Massa e poder*, de Elias Canetti e aponta que, ao se mudar para a cidade, entrou em contato com jovens que lhe incentivaram o gosto pela leitura. Nascida em uma família de camponeses, Müller afirma que sua casa não possuía uma biblioteca, sendo a partir do contato com os novos amigos feitos na cidade que ela começou a ler de maneira mais sistemática. Ao entrar na Faculdade de Letras de Timisoara em 1973, Müller encontra importantes pontos de contato que ligam seu passado ao de seus novos conhecidos:

Éramos um punhado de amigos. Todos há mais de dez anos na cidade. Todos vindos a seu tempo dos vilarejos para estudar na cidade. Desses vilarejos, sabíamos que éramos vigiados, porque o vilarejo fica aberto e escancarado feito um tabuleiro de xadrez. O pessoal dali põe o olho em nós, e esse olho tem trezentos anos de idade, e tudo nesse olho se chama “terra natal”. Essa terra natal governa o vilarejo. E quem não está disposto a glorificar tudo por essa terra natal de trezentos anos, teimosa, indolente, é carimbado por ela como estrangeiro ou até transformado em inimigo.<sup>173</sup>

Não glorificar os antepassados e costumes alemães era passível de crítica no ambiente do vilarejo, já que todos seus habitantes eram considerados responsáveis pela manutenção das tradições. O controle de uns sobre os outros era constante e recíproco:

Nos vilarejos de onde vínhamos, reinava o poder da terra natal. Como terra natal, o controle era recíproco, observava-se em todos os outros tudo aquilo

<sup>169</sup> Jürgen Fuchs (1950-1999): escritor alemão, considerado um dos principais dissidentes da Alemanha Oriental.

<sup>170</sup> Emil Cioran (1911-1995): filósofo romeno radicado na França. Sua obra possui como principais temas o pessimismo e o absurdo da existência, marcada pelo vazio que ameaça todas as coisas e o homem.

<sup>171</sup> Maria Tănase (1913-63): cantora e atriz romena, considerada uma das mais importantes intérpretes da música popular romena.

<sup>172</sup> Heinrich Heine (1797-1856): poeta romântico alemão, nascido em uma família judia e crítico do nacionalismo alemão. É considerado um dos mais influentes poetas do século XIX, que sofreu repetidas tentativas de supressão e censura de sua obra. Passou os últimos 25 anos de sua vida em Paris. É um dos poucos autores citados por Müller com uma obra que remonta ao século XIX. O ensaio foi escrito na ocasião do recebimento de uma distinção da Sociedade Heinrich Heine em 2009.

<sup>173</sup> MÜLLER, Herta. O homem quer saber quem o está agarrando: sobre a “massa” de Canetti e o “poder” de Canetti. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.170.

que era visto em si mesmo. Era um controle diferente da cidade. A terra natal não faz muito escarcéu de seu controle, ela controla de maneira instintiva, seu poder é uma lei natural: perfeitamente instalado e óbvio feito o Sol e a Lua, há trezentos anos.<sup>174</sup>

A sensação de vigilância permanente é ampliada com a mudança para a cidade, agora sob os auspícios da Polícia Secreta, que recorria ao sentimento de medo para intimidar qualquer tentativa de questionamento ao regime. Os motivos que levaram ao início da perseguição estatal são descritos por Müller da seguinte maneira:

Eu era tida como suspeita no vilarejo, na própria família como fracassada, e para mim tanto fazia. Eu estava na cidade e tinha uma porção de bons amigos e pertencia a eles e eles a mim. E na cidade havia asfalto, o partido e sua polícia governavam. E tudo o que víamos se chamava Estado. E muito rapidamente esse Estado estava atrás dos meus amigos. E atrás de mim. Por nada e coisa nenhuma, só porque dizíamos em voz alta o que todos sabiam, que esse Estado se chama ditadura e é uma armação feita de miséria e medo. Expressar isso, que todos sabiam, era o mais perigoso na hora de falar. Indefesos, ficávamos à mercê de outras pessoas, e quem um dia tinha falado permanecia assim rendido para sempre.<sup>175</sup>

Considerada inimiga tanto no vilarejo onde nasceu quanto na cidade, Müller afirma que o poder estatal passou a se mostrar diretamente por meio de constantes interrogatórios, que poderiam durar horas e se repetir ao bel-prazer dos espiões da Securitate. Buscando compreender a sociedade em que estava inserida, ela encontra nos livros uma chance de obter respostas para as problemáticas que a angustiavam. Em outro ensaio intitulado “Lalele, Lalele, Lalele ou a vida poderia ser bela como nada”, também incluído em *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, Müller desenvolve de modo mais detido seu encontro com a literatura:

Eu queria tudo diretamente, livros que olham nos olhos do tempo em que vivo. Nada explícito, mas implícito. Eu lia pela urgência dos medos- uma mistura entre medo de viver e medo de morrer. O serviço secreto entrava e saía do apartamento quando não estávamos em casa. Quando percebíamos, as cadeiras estavam viradas. Comíamos pensando que a comida podia estar envenenada.<sup>176</sup>

O medo se imiscuía nas leituras efetuadas por Müller ao longo da juventude, dado o receio de ser pega pela Polícia Secreta para mais um dos intermináveis interrogatórios que podiam ocorrer a qualquer momento do dia ou da noite. Tais leituras, levadas a cabo pela curiosidade de compreender a sua vida privada e a sociedade em que se encontrava, representavam uma tentativa de olhar diretamente nos olhos do presente, o que a direcionava especialmente para obras que interrogavam os abusos cometidos por diferentes governos ao longo do século XX.

Müller assinala que realizou três tipos de leitura durante o tempo da ditadura: a primeira eram as prescritas pelos livros didáticos e faculdade, que não “conseguiam ter qualquer

<sup>174</sup> MÜLLER, ibid, p.170.

<sup>175</sup> MÜLLER, ibid, p.171.

<sup>176</sup> MÜLLER, Herta. Lalele, Lalele, Lalele ou A vida poderia ser tão bela como nada. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 78.

significado para mim”<sup>177</sup>. A forma de escapar dessa obrigatoriedade era a busca de materiais proibidos ou que não estavam facilmente disponíveis. É por meio do contato com esses dois últimos tipos de materiais- os proibidos e os que demandavam certo trabalho para a sua obtenção- que ela arranja subsídios tanto para compreender a sociedade quanto para elaborar sua crítica literária às práticas totalitárias que vivenciou na pele.

Müller encara a leitura como uma ferramenta, capaz de lhe fornecer os meios de compreensão sobre os maus feitos cometidos pela ditadura. Nas palavras de Michel de Certeau, podemos dizer que ela atuou como uma caçadora, ao constituir para si por meio dos livros “uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade: [ler] é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática.”<sup>178</sup>

A possibilidade de se ter uma “cena secreta”, um momento de privacidade em uma sociedade que privilegia o coletivo, é um recurso altamente valorizado pela escritora, que tem nos pequenos objetos e detalhes e na discussão sobre a importância do individualismo elementos-chave da sua crítica ao totalitarismo. Ressaltar o indivíduo é necessário para Müller como forma de se contrapor a uma sociedade na qual a vida privada era cooptada pelo Estado:

O individual não existia no socialismo porque não podia existir. Individualismo era um palavrão. A não adaptação ao coletivo era denominada individualismo e servia até como motivo de demissão. Em todos os meus documentos de demissão como professora aparece a palavra individualismo. Eu queria viver no singular, mas quem mandava no socialismo era o plural.<sup>179</sup>

Assim, o livro é encarado por Müller como um objeto que pode se dirigir a cada indivíduo de maneira distinta, esperando em troca apenas que reflitamos sobre o seu conteúdo. Os pequenos objetos representam a única “propriedade privada” que os sujeitos que vivem em regimes totalitários podem ter. Segundo Alberto Manguel, sob uma ditadura, limitar o alcance dos livros é uma das estratégias mais utilizadas para impedir o florescimento de críticas:

como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar, uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar seu alcance. Portanto, como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras. Os poderes absolutos exigem que todas as leituras sejam leituras oficiais; em vez de bibliotecas inteiras de opiniões, a palavra do governante deve bastar.<sup>180</sup>

As obras lidas por Müller, disponibilizadas secretamente por seus amigos ou obtidas no Goethe Institut de Bucareste, haviam sido escritas por autores abertamente críticos, que

<sup>177</sup> MÜLLER, ibid, p. 78.

<sup>178</sup> CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p.269.

<sup>179</sup> MÜLLER, Herta. O homem quer saber quem o está agarrando: sobre a “massa” de Canetti e o “poder” de Canetti. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.181.

<sup>180</sup> MANGUEL, Alberto. *Leituras proibidas*. In: \_\_\_\_\_. *Uma história da leitura*. Companhia das Letras, 2004.

passeavam por gêneros variados, como poesia, prosa, ensaio e teatro. Um encontro especialmente revelador ocorreu durante a leitura de *Massa e poder*, de Elias Canetti. Ao saberem da existência do livro, Müller e seus amigos passam a considerá-lo uma leitura obrigatória, já que

queríamos compreender como o totalmente abstruso foi tornado possível, para onde foge a normalidade quando o anormal atinge tudo ao seu redor, sem exceção. Como foi possível adestrar a natureza de milhares para a dissimulação e o silêncio, era isso que queríamos entender; como todo o registro humano de sentimento e razão pode ser pervertido de tal maneira. Esse livro, *Massa e poder*, era leitura obrigatória.<sup>181</sup>

Com a leitura de *Massa e poder*, Müller visava compreender como a dissimulação e o silêncio haviam se instaurado em grande parte da sociedade romena. Tais mecanismos acabavam, na visão da autora, por normalizar e, de certa forma, legitimar os abusos cometidos pelo regime de Ceausescu. Como aponta Cristina Petrescu, a dissidência na Romênia comunista, embora existente, era esparsa e não chegava a formar um movimento unificado. Isso se deu, em parte, pela primazia do privado sobre o público prevalecente na sociedade romena: os assuntos particulares eram dissociados das exigências da esfera pública e encarados com maior importância. Para lidar com as determinações governamentais, a dissimulação e o consentimento eram as táticas mais comuns adotadas pela população.<sup>182</sup> Assim, o que chamou a atenção de Müller para a leitura de *Massa e poder* foi a expectativa de entender como esses mecanismos haviam sido adotados pelos seus compatriotas.

Em *Massa e poder*, Elias Canetti mistura noções de diversas áreas do conhecimento, como antropologia, psicologia, história e biologia para apresentar algumas definições dos dois polos que compõem o título de seu livro.<sup>183</sup> Dada a extensão das discussões elaboradas no livro e os objetivos propostos neste capítulo, me limitarei a apresentar de maneira sucinta a análise do ensaísta búlgaro. Entre as definições de massa trabalhadas por ele, destaco a de massa aberta, característica da modernidade, e que possui como “propriedades”<sup>184</sup>: a capacidade de unificar os sujeitos, apagando as diferenças entre eles, o desejo de crescimento contínuo, já que a massa “nunca é densa o bastante. Nada deve obstrui-la, nada deve interpor-se; tanto quanto possível, tudo deve ser a própria massa”<sup>185</sup>, e a necessidade de uma direção que guie os sujeitos que dela participam. Nas palavras de Canetti,

[a massa] está em movimento e move-se rumo a alguma coisa. A direção comum a todos os seus membros fortalece o sentimento de igualdade. Uma

<sup>181</sup> MÜLLER, Herta. O homem quer saber quem o está agarrando: sobre a “massa” de Canetti e o “poder” de Canetti. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.172.

<sup>182</sup> PETRESCU, Cristina. *From Robin Hood to Don Quixote: resistance and dissent in communist Romania*. Bucareste: Editora Enciclopedica, 2013, p.27-8.

<sup>183</sup> CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>184</sup> Faço referência ao capítulo “As propriedades da massa”, no qual Canetti apresenta um resumo das características da massa trabalhadas por ele. Ver: CANETTI, Elias. As propriedades da massa. In: \_\_\_\_\_. *Massa e poder*, op.cit., p.30-33.

<sup>185</sup> CANETTI, ibid, p. 31.

meta exterior aos indivíduos e idêntica para todos soterra metas particulares e desiguais que significariam a morte da massa. A direção é imprescindível para sua durabilidade. O medo de desagregação, sempre vivo nela, torna-se possível guiá-la a quaisquer metas. Enquanto possuir uma meta inatingível, a massa persiste.<sup>186</sup>

Segundo o autor, a massa auxilia o homem moderno a “libertar-se do temor do contato”<sup>187</sup>, dado que não há

nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo. Por toda parte, o homem evita o contato com o que lhe é estranho. À noite ou no escuro, o pavor ante o contato inesperado pode intensificar-se até o pânico. Nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente- quão facilmente se pode rasgá-las, quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima.<sup>188</sup>

Para Canetti, as massas se formam a partir do temor do desconhecido sentido por todos. Ao tentar assegurar sua existência diante das intempéries do mundo moderno, o homem acaba por encontrar na massa uma direção do que fazer, visto que uma de suas características é justamente a criação de um sentimento de unidade e igualdade, capaz de eliminar as diferenças entre os indivíduos.

Ao longo de sua explanação sobre a massa, Canetti subdivide o fenômeno em diversas categorias, a depender dos atributos predominantes no agrupamento humano analisado. Citarei três que são discutidas por Müller em seu ensaio, de modo a facilitar a compreensão da leitura feita pela escritora. A primeira delas é a denominada massa dupla: para Canetti, “a única possibilidade de a massa *conservar-se* reside na existência de uma segunda massa com a qual ela se relacione”<sup>189</sup>, especialmente se essa relação ocorre com uma massa encarada como inimiga. Ao considerar um grupo rival como perigoso, a massa dupla passa a ter um objetivo e uma meta, permitindo que o grupo se mantenha coeso e não sucumba facilmente diante da ameaça externa.

Outras subdivisões detalhadas por Canetti são aquelas que se definem a partir dos “afetos dominantes”<sup>190</sup>: para o ensaísta, tais massas são guiadas por diferentes sentimentos, a depender dos motivos pelos quais ela se encontra unida. Dos cinco tipos discutidos pelo autor, destaco dois, a massa festiva e a massa de fuga: enquanto a massa festiva se reúne para celebrar os feitos do grupo, a massa de fuga se constitui a partir de uma ameaça. É próprio dela “que todos fujam, que todos sejam arrastados por ela. O perigo de que se sente ameaçada é o mesmo para todos. Ele se concentra num determinado lugar e não faz distinções”.<sup>191</sup>

<sup>186</sup> CANETTI, ibid, p.31.

<sup>187</sup> CANETTI, ibid, p.12.

<sup>188</sup> CANETTI, ibid, p.11.

<sup>189</sup> CANETTI, ibid, p.76.

<sup>190</sup> CANETTI, ibid, p.56-7.

<sup>191</sup> CANETTI, ibid, p.62. Além da massa festiva e de fuga, Canetti também discute mais três tipos de massa segundo os afetos dominantes: a denominada massa de acossamento, que possui como intuito matar uma presa definida pelo grupo; a massa de proibição, unida por algo que não deve ser feito (como exemplo,

Já o poder é analisado por meio de seus detentores: para Canetti, os poderosos são indivíduos que, em última instância, se constituem em paranoicos que encaram todos ao redor como inimigos em potencial. Ao guiar as massas, eles têm por objetivo último sobreviver aos demais e “contornar a morte, esquivar-se dela”<sup>192</sup>. Diante da morte, aquele que governa as massas sente satisfação “pelo fato de não se ser o morto. Este jaz, ao passo que o sobrevivente permanece de pé. (...) Em se tratando de sobreviver, todos são inimigos de todos”<sup>193</sup>, sendo o poderoso aquele que tem nas mãos a prerrogativa de dar ordens que devem ser obedecidas sem questionamentos e de decidir sobre a vida e morte dos súditos.

No ensaio sobre *Massa e poder*, Müller estabelece uma profícua interlocução com a primeira parte da obra, que se ocupa da massa, e não cita diretamente os últimos capítulos do livro, nos quais Canetti aborda de modo mais incisivo a questão do poder. No entanto, a escritora tece alguns breves comentários sobre o poder na Romênia socialista que vão ao encontro das análises realizadas pelo teórico: ela assinala que o poder era marcado pela frequente invasão da vida privada dos cidadãos e pela criação de inimigos como justificativa para as arbitrariedades cometidas pelo regime. Ao ser “onipresente”<sup>194</sup>, o poder tinha no ditador sua principal figura, que demonstrava seu domínio sobre a vida e morte dos romenos por meio de decretos, tais como o que proibia o aborto e a venda de anticoncepcionais no país.<sup>195</sup>

Nos trechos em que discute mais detidamente as considerações de Canetti sobre a massa, Müller salienta que uma compreensão correta sobre a situação romena se daria somente de maneira “invertida”. Ao se ocupar com a massa por mais de quinhentas páginas, o ensaísta búlgaro havia se confundido:

Das quase seiscentas páginas de *Massa e poder*, por volta de quinhentas se ocupam com a massa. Era estranho: nada, mas nada mesmo que Canetti dizia sobre a massa estava certo. Desde o início ele estava errado e me deixou furiosa. E depois, em meio a essa decepção nervosa, a coisa se deslocou como um raio e imediatamente ficou correta em meio ao errado. Ainda sei bem: na ordem certa, tudo aquilo que ele dizia estava errado. Mas na ordem inversa, estava certo. Ou seja, ao contrário estava certo. Quer dizer, eu tinha de virar ao contrário, daí ficava certo. Isso me aconteceu de maneira inesperada, pois no começo eu não virava ao contrário propositalmente, aconteceu sem querer. As primeiras vezes que li PODER em vez de MASSA ou não li nada foi por

Canetti cita a greve, momento no qual os trabalhadores são proibidos de trabalhar e se reúnem em nome de melhorias coletivas); e a massa de inversão, exemplificada nas revoluções, nas quais as antigas estratificações são questionadas e os detentores do poder são retirados dos lugares que ocupavam até então.

<sup>192</sup> CANETTI, ibid, p.252.

<sup>193</sup> CANETTI, ibid, p.283.

<sup>194</sup> MÜLLER, Herta. O homem quer saber quem o está agarrando: sobre a “massa” de Canetti e o “poder” de Canetti. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 171.

<sup>195</sup> Em 1966, um ano após assumir o comando da Romênia, Ceausescu assinou o Decreto 770, que proibia o aborto e a venda de anticoncepcionais em todo o país. O objetivo era aumentar a população e garantir a construção de uma nação soberana, capaz de se manter independente dos ditames da União Soviética. Nos anos seguintes à assinatura do decreto, a população romena conheceu um significativo aumento, tendência que se modificou a partir dos anos 1970. Muitas crianças nascidas no período acabaram abandonadas em orfanatos estatais que não possuíam a estrutura necessária para cuidar de todas. O Decreto foi revogado em 1990.

desatenção, mas talvez pensasse automaticamente em PODER. Fiquei espantada com o resultado correto que surgiu da leitura errada. Tornei-me literalmente faminta pelas frases.<sup>196</sup>

Para Müller, as características apontadas por Canetti como constituintes da massa deveriam ser consideradas atributos do poder socialista. As chamadas “propriedades da massa”, tais como o desejo de crescimento sem limites e o apagamento das diferenças, definiriam de modo preciso o regime de Ceausescu e o desejo do ditador em permanecer infinitamente no poder.

Como exemplo da troca de ordem das palavras, Müller destaca a necessidade do poder de legitimar o regime por meio de grandes desfiles públicos diante do ditador “todo-poderoso”.<sup>197</sup> Canetti havia compreendido tal legitimação como uma característica da massa festiva, desejosa de se unir com regularidade para celebrar os feitos do grupo e mantê-lo coeso. No entanto, para que a suposição do teórico ficasse “correta” e coubesse no contexto romeno, era preciso trocar massa por poder.

Müller detalha sua leitura invertida ao assinalar que os desfiles promovidos pelo regime nos anos 1970-80 tinham o intuito de exaltar a pátria socialista e os feitos do governo. As pessoas reunidas em tais celebrações não passavam de “marionetes do poder”<sup>198</sup> que, ao invés de desejar participar dos desfiles, tinham na relutância e na vontade de escapar dessas demonstrações patrióticas sua única característica genuína. Na visão da autora, o conjunto de pessoas obrigadas a participar das passeatas não era um símbolo da massa festiva preconizada por Canetti:

Mas a massa festiva socialista não queria aumentar de maneira nenhuma, todos nessa massa preferiam abandoná-la. Todos nessa massa tinham sido tirados de seu local de trabalho e levados a se juntar. Eles também receberam ordens de cantar ou bradar algo. (...) Sua direção era somente escapar dali, sem ser visto, na próxima esquina. Antes de qualquer demonstração, eram distribuídas bandeiras, retratos e lemas. Ninguém os queria carregar voluntariamente porque não dava para fugir na próxima esquina com aquilo, era preciso se manter na manifestação até o fim. Apenas à noite dava para devolver as coisas na fábrica. Enquanto os outros há tempos estavam deitados na grama ou bebendo cerveja no bar, os escolhidos tinham de ficar perambulando com um retrato de Ceausescu no standarte.<sup>199</sup>

Na leitura mülleriana, ao invés de representar a massa festiva, as celebrações eram uma demonstração do poder socialista, desejoso de se manter perpetuamente no comando da nação. Os desfiles eram tanto uma forma de estabilizar o regime quanto de inculcar na sociedade romena a necessidade de obediência absoluta aos preceitos governamentais. Outro conceito discutido por Müller em seu ensaio é o de massa dupla, lido por ela como mais uma característica do poder. O

<sup>196</sup> MÜLLER, ibid, p.173.

<sup>197</sup> MÜLLER, ibid, p.174.

<sup>198</sup> MÜLLER, ibid, p.180.

<sup>199</sup> MÜLLER, ibid, p.180.

“poder duplo”<sup>200</sup> sinalizava a ligação entre o regime e a polícia secreta, que tinha na criação de inimigos uma justificativa para os crimes cometidos durante a ditadura.

A leitura “trocada” perseguiu Müller página após página, já que “a ideia de Canetti sobre a massa sempre foi a descrição do poder, tudo batia”.<sup>201</sup> Ao viver em uma sociedade que valoriza o coletivo, a escritora destaca que era impossível compreender *Massa e poder* sem confrontar as afirmações de Canetti com a experiência cotidiana. O livro era capaz de explicar a ditadura romena “apenas quando a leitura modificada estava bem treinada na cabeça.”<sup>202</sup>

Em outro momento do ensaio, a autora discute o desejo da “massa” de escapar da Romênia por meio da travessia do rio Danúbio, aproximando-o do conceito de massa de fuga. O conceito só batia com a experiência “porque ele significava algo diferente do que para Canetti. Durante a leitura, relatei imediatamente *massa de fuga* para se referir à fuga em conjunto de uma massa humana de uma ameaça.”<sup>203</sup> Neste caso, Müller assinala que a leitura invertida não se dava na troca do termo massa por poder, mas por uma compreensão distinta do conceito desenvolvido pelo teórico. Para a escritora, ao invés de se referir a um conjunto de pessoas escapando de uma ameaça em grupo, a massa de fuga fazia referência às tentativas individuais de escapar do país ocorridas durante a ditadura, que aconteciam “sem qualquer ligação entre si durante todo o tempo”.<sup>204</sup>

De acordo com Müller, no socialismo, a massa “não existia”<sup>205</sup>, já que ela não passava de uma autorrepresentação do poder ditatorial, considerado o responsável pela atomização da sociedade romena. Da mesma forma, não era possível exercitar a individualidade, dado que “qualquer especificidade era bastante grande no socialismo, formada por muita gente, mas não por indivíduos.”<sup>206</sup> Finalizando o ensaio, Müller assinala que a massa, conforme descrita por Canetti, só ganhou espaço durante a Revolução Romena de 1989, momento em que Ceausescu foi deposto em meio a protestos populares.<sup>207</sup>

O desejo de fugir, sublinhado por Müller no ensaio sobre *Massa e poder*, também se faz presente na leitura do poema *Lorelei*, escrito em 1824 por Heinrich Heine. O poema, discutido no texto “Lalele, lalele, lalele ou a vida é tão bela como nada.”, apresenta-nos Lorelei como uma

<sup>200</sup> MÜLLER, ibid, p.176.

<sup>201</sup> MÜLLER, ibid, p.176.

<sup>202</sup> MÜLLER, ibid, p.177.

<sup>203</sup> MÜLLER, ibid, p.177.

<sup>204</sup> MÜLLER, ibid, p.177.

<sup>205</sup> MÜLLER, ibid, p.181.

<sup>206</sup> MÜLLER, ibid, p.181.

<sup>207</sup> O processo que levou ao fim do governo de Ceausescu e do regime socialista na Romênia ficou conhecido como Revolução Romena de 1989. Como resultado dos inúmeros protestos contrários ao regime que tomaram conta das principais cidades do país, Ceausescu e sua esposa Elena foram executados em 25 de dezembro após um julgamento sumário organizado pelos revolucionários. Na leitura de Müller, ao terem uma meta e direção definidas (o desejo de derrubar o regime) e uma coesão enquanto grupo, os revolucionários constituíam a massa preconizada por Canetti ao antagonizar o poder.

sereia de cabelos longos e dourados que, com o seu canto, distraía os navegantes e os fazia colidir com as pedras ao longo do Rio Reno.<sup>208</sup>

Ao ser lido em sala de aula nas escolas romenas, detalhes importantes da vida de Heine eram escamoteados, de modo a não promover uma discussão sobre os abusos cometidos pelo governo romeno. Ao detalhar-se as complicações ocorridas na vida do poeta pelo fato de ele ser judeu, temas indesejáveis poderiam vir à tona:

E não havia nenhuma palavra sobre a complicações na vida do judeu Heine, pois então o assunto seria antisemitismo e exílio. E a Romênia tinha o suficiente disso. Além disso, levaria necessariamente à falsificação da história da Romênia, ao Estado outrora fascista, aliado da Alemanha nazista, com seus guetos, *pogroms* e o campo de concentração Transnistri, que estava sob direção romena. E exílio era, de todo modo, uma palavra inimaginável para a sala de aula, afinal havia milhares de romenos no exílio, inclusive cada vez mais escritores. E *Loreley* também podia falar de fuga. Mas se tratava apenas da repetição mecânica e de desvios táticos.<sup>209</sup>

Exílio e migração eram temas delicados, pois questionavam o projeto de integração nacional e trariam à tona incômodos episódios do passado associados ao nazismo, que contou com o apoio tanto do governo romeno quanto das populações de minoria alemã. Para Müller, o que importa reter da leitura do poema de Heine, escrito no século XIX, era a associação de Lorelei com os cemitérios anônimos construídos pelo regime comunista para os indivíduos que tentavam escapar do país atravessando o rio Danúbio. A sereia é encarada por Müller como uma representante da fuga e do exílio, o que aproxima o ser mitológico do poema de inquietações cotidianas da escritora sobre a ditadura, como o silenciamento sobre o número de romenos que morreram tentando fugir do país.

Já no ensaio dedicado ao romance *Acontecimentos na irrealidade imediata*, do escritor romeno Max Blecher, intitulado “Cada objeto tem que assumir seu lugar- e eu tenho de ser quem sou”, Müller destaca novamente a importância dos pequenos objetos para os indivíduos em situações de crise e as dificuldades em expressar claramente situações traumáticas por meio da linguagem. Em sua leitura, ela aponta os motivos políticos que dificultaram a recepção da obra desde sua publicação original em 1936: governada por diferentes regimes autoritários, a Romênia do século XX buscou enquadrar os escritores dentro de um “socialismo domesticado”<sup>210</sup>, não capaz de incluir em seu rol de leituras privilegiadas um romance escrito por um judeu. Além disso,

<sup>208</sup> Lorelei é um dos poemas mais famosos de Heine. Foi musicado por vários compositores, como Franz Liszt e Friederich Silcher. Como Müller assinala no ensaio, é um poema bastante estudado em escolas e universidades de língua alemã.

<sup>209</sup> MÜLLER, Herta. Lalele, Lalele, Lalele ou A vida poderia ser tão bela como nada. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.79-80.

<sup>210</sup> MÜLLER, Herta. Cada objeto tem de assumir seu lugar- e eu tenho de ser quem sou. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.186.

a obra de Blecher ainda é considerada perigosa por muitos, segundo Müller, por defender “uma realidade angustiante”<sup>211</sup> e incapaz de ser encaixada em uma memória nacional oficial.

Ao longo do livro, o protagonista, um adolescente não nomeado atravessa uma grave crise identitária, simbolizada na pergunta “Quem sou?”. O romance começa com as seguintes palavras:

Ao fitar por muito tempo um ponto fixo na parede, às vezes acabo não sabendo mais quem sou nem onde estou. Então, sinto claramente falta da minha identidade, como se eu tivesse me tornado, de repente, um estrangeiro perfeito. Esse personagem abstrato e minha pessoa real disputam em pé de igualdade minha convicção.<sup>212</sup>

Esta crise existencial não é solucionada e se aprofunda com as perambulações do protagonista pela cidade. Os encontros com os demais personagens só trazem à tona a inutilidade da existência e a não separação entre o interior e o exterior, visto que o adolescente sofre de constantes desmaios em que possui a sensação de se misturar com os objetos que o cercam. Em uma das cenas mais marcantes da obra, o jovem toma um banho de lama durante um de seus passeios, momento em que vivencia uma epifania. Na conclusão do romance, somos confrontados com a mesma angústia descrita nas primeiras páginas:

Debato-me, grito, atormento-me. Quem me despertará?  
Ao meu redor, a realidade exata me arrasta cada vez mais para baixo,  
fazendo o possível para me puxar para o fundo.  
Quem me despertará?  
Sempre foi assim, sempre, sempre.<sup>213</sup>

O romance finaliza com a mesma desesperança expressa no início, demonstrando a incapacidade do protagonista em se integrar aos demais e construir para si um porto seguro em meio a uma existência caótica. De acordo com Müller, neste livro, “os detalhes estalam. Fiozinhos de cabelo, bolinhas de gude, mesinha, cachorrinho, buquezinho- na matéria doce dos diminutivos, os detalhes vão se dirigindo ao monstruoso.”<sup>214</sup> Na leitura mülleriana, a relação que o personagem principal experimenta com os objetos é “incestuosa”, dado o grau de interpenetração experimentada pelo jovem com os pequenos detalhes que pululam no cotidiano.<sup>215</sup>

Com a falência dos sentidos vivenciada pelo personagem principal, as palavras são questionadas em sua capacidade de representar o mundo, ocorrendo a valorização de imagens fantásticas que acentuam o caráter erótico da relação com os objetos. Há um contínuo questionamento da possibilidade de expressar o sentimento de angústia que toma o protagonista de assalto, o que interessa especialmente a Müller, dada a importância conferida pela escritora a um uso criativo da linguagem. No decorrer do livro, em todas as observações realizadas pelo

<sup>211</sup> MÜLLER, ibid, p.186.

<sup>212</sup> BLECHER, Max. *Acontecimentos na irreabilidade imediata*. São Paulo: Cosac&Naify, 2013, p.7.

<sup>213</sup> BLECHER, ibid, p. 175.

<sup>214</sup> MÜLLER, Herta. Cada objeto tem de assumir seu lugar- e eu tenho de ser quem sou. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 185.

<sup>215</sup> MÜLLER, ibid, p.190.

adolescente, os ambientes são carregados, “com um erotismo que só é possível entre pele e pele. Sua carne parece se imiscuir no material nas coisas, um tipo de adultério em ornamentos inanimados.”<sup>216</sup>

Neste contexto, Müller assinala que o conhecimento sobre o mundo não é produzido estritamente pela razão, mas pelo sentir. A experiência do protagonista de *Acontecimentos na irrealidade imediata* é construída por meio do contato íntimo do protagonista com os objetos, o que envolve diretamente o corpo e as sensações decorrentes dessa assustadora aliança com o que se encontra ao seu redor.<sup>217</sup>

Consigo perceber na leitura efetuada por Müller a valorização de alguns aspectos que estão presentes em outros ensaios incluídos em *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, como a importância dos objetos e uma discussão sobre a possibilidade de a linguagem representar adequadamente o passado. A autora enfatiza em seus escritos a necessidade de reconhecermos o valor dos pequenos objetos, considerando-os como capazes de fornecer às pessoas um sentimento de pertencimento e individualidade em meio a ideologias que procuram unificar a sociedade.

Além disso, ela destaca a dificuldade enfrentada em elaborar linguisticamente uma construção poética sobre aspectos da existência que escapam ao meramente racional: para Müller, é por meio de um uso inventivo da linguagem que a crítica ao conformismo social é realizada. Em sua prosa, assim como no livro de Blecher, é pelo encontro com os sentimentos (como o medo) que somos lançados no interior dos mecanismos do mundo totalitário.

Outro importante ponto é ressaltado pela autora em sua leitura do romance de Blecher: a questão da identidade nacional. De acordo com Müller, o romance foi renegado ao segundo plano pela crítica romena por motivos políticos. Dada a fragmentação vivenciada pelo protagonista em *Acontecimentos na irrealidade imediata*, diferentes governos autoritários ao longo do século XX não conferiram ao romance um lugar privilegiado no rol de leituras aceitáveis para a construção de uma memória nacional, dada a íntima relação dos governantes com práticas excludentes que desrespeitam as liberdades individuais.

Tal questionamento também se encontra presente nas outras leituras efetuadas por Müller e aqui apresentadas. No caso do livro de Canetti, *Massa e poder*, é destacado como o poder atua para manter seus súditos em ordem e se perpetuar no comando da nação. Entre as táticas empregadas pelos poderosos, Müller ressalta a produção de inimigos, a estreita relação mantida com a polícia secreta e a constante glorificação do governo por meio de grandes desfiles públicos. Além disso, a autora afirma que o poder socialista desconsidera as potencialidades dos indivíduos, ao valorizar os aspectos coletivos da organização social. Já na leitura do poema de Heine, Müller

<sup>216</sup> MÜLLER, ibid, p.186.

<sup>217</sup> MÜLLER, ibid, p.191.

aborda o desejo de fuga de um país cujo governo fere constantemente as liberdades individuais e tem no coletivo a única forma valorizada de existência.

Assim, as leituras realizadas por Müller são direcionadas para as questões que a sensibilizam internamente, o que a inspira para criar seus próprios relatos sobre a Romênia da segunda metade do século XX. De acordo com o historiador Peter Gay, a escrita “é uma atividade que se realiza na tessitura de uma tradição literária.”<sup>218</sup> A atitude de um escritor frente aos que o precederam pode ser

dócil, ambivalente ou rebelde. Ele pode escrever de maneira que escreve porque, antes, outros escreveram dessa sua maneira ou porque, antes, outros não escreveram dessa sua maneira. Qualquer que seja sua atitude, ele não pode ficar indiferente à atmosfera que, pela escolha de sua profissão, é obrigado a respirar.<sup>219</sup>

Müller nos indica que sua atitude diante dos livros não é de indiferença ou rebeldia, mas de uma busca que intenta aproximar as questões abordadas por outros escritores do que a inquieta. Gay também aborda a questão do estilo literário, apontando que diferentes autores buscam criar uma forma própria de escrever “por meio de um esforço constante para superar a dependência e encontrar suas vozes próprias”.<sup>220</sup> O estilo, segundo Gay, é apreendido socialmente, sendo proveniente muitas vezes de outros livros. Ao discutir a relevância de outras obras para a construção de suas reflexões, Müller sugere que a leitura é uma aliada, que a inspira na criação de narrativas questionadoras da sociedade em que nasceu.

Gay aproxima tais reflexões da escrita da história, o que também me interessa ao longo deste trabalho: ele sinaliza que o historiador constrói um estilo ao longo de sua trajetória, o que impacta na sua formação enquanto sujeito. Tal estilo é lapidado socialmente, no contato com outros textos e na feitura das reflexões historiográficas produzidas em diferentes momentos de sua trajetória acadêmica. O estilo diz muito a respeito do nosso ofício, apontando quais aspectos são valorizados no mundo profissional em que estamos inseridos.<sup>221</sup>

Pensando a partir das considerações müllerianas, ler e viver não são ações separadas, estando uma enredada na outra. É por meio da leitura e o contato com escritores que questionam o status quo que Müller compõe suas críticas aos ditames ditoriais. De modo semelhante, é por meio das discussões com outros historiadores, da leitura de textos pertinentes aos temas que estudamos e da posterior elaboração de uma pesquisa (que envolve a criação de um texto final) que nos constituímos enquanto profissionais reconhecidos pelos pares. Fazemo-nos historiadores

---

<sup>218</sup> GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt.*, op.cit., p.26.

<sup>219</sup> GAY, ibid, p.26.

<sup>220</sup> GAY, ibid, p.25.

<sup>221</sup> GAY, ibid, p.17-31.

através do contato com os saberes que compõem o nosso ofício e que estão situados, como diria Michel de Certeau, em um lugar social específico.<sup>222</sup>

Segundo Certeau, nossa escrita se realiza no interior de práticas que são socialmente estabelecidas. Ao “fazer” história, o historiador se encontra inserido no que Certeau denomina “operação historiográfica”, definida como a junção de três componentes:

A combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas.<sup>223</sup>

Nossas narrativas se realizam dentro de uma instituição (o lugar social), que nos impõe procedimentos (os métodos) que devem ser seguidos para que nossa escrita seja considerada válida pelos pares. Sem a aprovação de outros historiadores, nossas pesquisas de nada valem. Para Certeau, podemos construir enunciados científicos caso contemplemos os três componentes contidos na “operação historiográfica”, o que nos relembra do caráter historicamente situado de nossas elaborações sobre o passado.

Os literatos, por sua vez, também se encontram inscritos em “lugares” que lhes são próprios, como o campo literário. Desse lugar, o retorno é esperado por agentes como leitores ou críticos, que podem (ou não) validar suas produções. Mesmo que as práticas realizadas na literatura sejam tradicionalmente distintas das efetuadas pelo historiador, o trabalho com a linguagem e a produção de narrativas aproxima ambos os campos: em seus livros de ensaios, Müller constrói reflexões sobre seu passado e as maneiras de representá-lo a partir de um cuidadoso manejo com as palavras. O cuidado com a língua envolve aspectos como a sensibilidade, intuição, imaginação e inspiração, também presentes nas investigações historiográficas.

Como destaca a historiadora Lohanne Gracielle Silva, a escrita do historiador, assim como a do literato, não se encontra desligada da sociedade em que se realiza, possuindo uma “relação sincrônica e diacrônica com outras práticas artísticas.”<sup>224</sup> No caso de Müller, essa relação se dá especialmente com autores situados temporalmente no século XX e que também vivenciaram regimes que privam os indivíduos de sua dignidade e liberdade individuais. O contato com tais obras inspirou Müller a interrogar a sociedade em que nasceu e a criar narrativas que possuem no uso detido da linguagem uma ferramenta de resistência.

<sup>222</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, op.cit.

<sup>223</sup> CERTEAU, Michel de, *ibid*, p.66.

<sup>224</sup> SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsações entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*. Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013, p.113.

Apesar das distinções existentes entre as práticas e lugares sociais ocupados por literatos e historiadores, ambos possuem a escrita como um instrumento de expressão que os aproxima. Nas palavras de Silva,

A escrita da história, da mesma forma que a escrita do literato, tem intima relação com a sociedade e ambas são práticas culturais que, sem a palavra, não existiriam. A partir das palavras escritas é que se constituem as palavras que são a materialização que torna possível a leitura. É preciso, antes de tudo, entender que seria impossível separar do nosso fazer, assim como de nossa vida, a intuição, a sensibilidade e o trabalho- tudo isso habita simultaneamente nossas tarefas e nossas vidas.<sup>225</sup>

Nessa mesma linha de raciocínio, Peter Gay destaca que não devemos esquecer dos aspectos artísticos que compõem o nosso ofício ao elaborarmos narrativas sobre os tempos idos. Em suas palavras, “a arte e a ciência não se separam nitidamente; dividem uma longa fronteira cheia de meandros, que é atravessada pelo trânsito erudito e literário sem grandes impedimentos nem muitas formalidades.”<sup>226</sup>.

Para Gay, é importante refletirmos sobre a construção de textos que primem pela beleza, sem esquecer das exigências científicas que sustentam o nosso saber. Dessa forma, teríamos a oportunidade de alcançar um público mais amplo com os nossos escritos.<sup>227</sup>

Tais considerações também estão presentes na escrita mülleriana: ao longo dos ensaios, a escritora nos reafirma a importância de construirmos narrativas críticas, mas que primem por um cuidadoso trabalho com a linguagem. Ao criticar os meandros totalitários através da literatura, consigo notar que as preocupações formais de Müller não estão dissociadas do conteúdo crítico que embasa seus relatos. Acredito que seus ensaios podem servir de inspiração para que, enquanto historiadores, construirmos nossos “estilos” de modos mais diversos, procurando escrever textos que tenham em vista tanto a beleza narrativa quanto a elaboração de interpretações plausíveis, de modo a não permitir que as memórias dos sujeitos que estudamos caiam no esquecimento.

## **2.2 Questionando o regime II: Herta Müller e o Grupo de Ação Banato**

Abro esta segunda parte com um curto ensaio de Müller, intitulado “Saudação”. Originalmente, ele foi proferido na Prefeitura de Estocolmo em 10 de dezembro de 2009, durante as atividades ligadas ao recebimento do Prêmio Nobel.<sup>228</sup> Em 2011, o texto foi incluído na coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Nele, Müller nos apresenta uma síntese

<sup>225</sup> SILVA, ibid.

<sup>226</sup> GAY, *O estilo na história*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt., op.cit., p.167.

<sup>227</sup> GAY, ibid, p.168.

<sup>228</sup> Ao ser galardoada com o Nobel em outubro de 2009, Müller foi convidada pela Academia Sueca, a entidade responsável pela escolha dos laureados, a participar da Semana Nobel em Estocolmo. Entre as atividades estão o proferimento de discursos de agradecimento e a realização de um banquete para a entrega dos diplomas que certificam os laureados. Abordarei mais detidamente os detalhes que envolvem o recebimento do Nobel no último capítulo deste trabalho.

de sua trajetória e a importância da literatura para a construção de outras possibilidades de existência, o que me ajudará a amarrar as discussões feitas até aqui e a elaborar mais alguns pontos sobre a complicada relação da escritora com o passado.

Como em seus outros textos, a autora parte de detalhes da sua vida para discutir como os livros podem ser uma forma de escapar do totalitarismo vivido sob a égide da ditadura. Em suas palavras:

Frequentei o ginásio da cidade contra a vontade de minha mãe. Ela queria que eu me tornasse costureira no vilarejo. Sabia que eu me corromperia na cidade. E eu me corrompi. Comecei a ler livros. Passei a perceber o vilarejo mais e mais como uma caixa na qual nascemos, casamos, morremos. Todas as pessoas do vilarejo viviam num tempo antigo, já nasciam velhas. Quando se quer ficar jovem, em algum momento é preciso deixar o vilarejo-era o que eu pensava.<sup>229</sup>

Neste trecho, Müller nos apresenta sua difícil relação com o vilarejo onde nasceu. Para ela, a infância e adolescência naquela pequena comunidade eram marcadas pela repetição, conformismo dos habitantes e ausência de perspectivas de um futuro com possibilidades promissoras. O vilarejo é comparado a uma “caixa”: em seu interior podemos apenas cumprir o ciclo biológico da vida, sem a possibilidade de uma construção pessoal que valorize aspectos não contidos na tradição.

Neste contexto de privações, a figura do Estado era onipresente, o que poderia conduzir à aniquilação dos sujeitos:

No vilarejo, todos eram humilhados pelo Estado, mas a sua ânsia de controle entre eles e contra eles mesmo chegava à autodestruição. Covardia e controle-ambas as coisas eram também onipresentes, mais tarde, na cidade. Covardia no âmbito particular até a destruição, controle estatal até a ruína do indivíduo. Talvez seja a forma mais breve de descrever os dias da ditadura.<sup>230</sup>

A autodestruição podia ocorrer tanto no nível individual quanto coletivo, como vimos ao longo da discussão sobre a coletivização das terras agrícolas. Questionar tal estado de coisas tornou-se possível somente com a “corrupção” sofrida após o contato com os livros. Ao se mudar para a cidade, um encontro considerado fundamental por Müller ocorreu com os integrantes do Grupo de Ação Banato:

Felizmente, encontrei amigos na cidade, uma porção de jovens poetas do “Grupo de Ação Banato”. Sem eles, eu não teria lido nem escrito livros. Mais importante ainda: esses amigos eram vitais. Sem eles, eu não teria suportado as represálias. Penso hoje nesses amigos. Também naqueles que estão no cemitério, que pesam na consciência do serviço secreto romeno.<sup>231</sup>

---

<sup>229</sup> MÜLLER, Herta. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 22.

<sup>230</sup> MÜLLER, ibid, p. 22-3.

<sup>231</sup> MÜLLER, ibid, p.23.

O Grupo de Ação Banato (Aktionsgruppe Banat) foi formado em 1972 e dissolvido em 1975 sob a ação da Polícia Secreta. Contava com nove escritores, entre eles Richard Wagner e Ernest Wichner.<sup>232</sup> Müller participava informalmente do grupo, mas tinha um contato próximo com os fundadores que, segundo ela, lhe emprestaram livros e a auxiliaram posteriormente na criação de suas narrativas contrárias à ditadura.

Volto ao discurso proferido por Müller em Estocolmo logo mais. Gostaria agora de apresentar mais alguns detalhes sobre o Aktionsgruppe Banat e a relação que Müller manteve com o grupo. Para tal, destaco alguns trechos de uma entrevista dada pela autora à Rádio Free Europe, poucos dias após o anúncio de que ela era a vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2009. No decurso da entrevista, entre outros assuntos, ela nos apresenta seu envolvimento com os fundadores do grupo:

Em Timisoara eu tinha amigos de um grupo literário chamado “Grupo de Ação Banato”, que conheci na universidade. Conheci-os por acidente, lendo livros e indo a eventos literários. Graças a Deus, naquele ponto eu não estava interessada em quem é alemão, romeno ou húngaro. Eu acho que todos os membros do grupo eram assim. Nós éramos interessados em opiniões. (...) Uma comunidade de visões, ou valores morais e políticos, era o que eu procurava.<sup>233</sup>

Marcada por uma expressiva diversidade étnica, a Romênia tem em seu território diversas minorias populacionais, como os alemães, os húngaros, russos, ucranianos e búlgaros. Müller afirma que sua infância no vilarejo transcorreu sem um contato mais próximo com outras minorias que compunham o país. Tal diversidade era incômoda para o governo Ceausescu, que tinha na homogeneidade uma palavra de ordem, sendo as minorias encaradas com suspeição.

Ao se mudar para Timisoara a fim de continuar os estudos secundários aos 15 anos, Müller destaca que se surpreendeu com a grande quantidade de línguas faladas na cidade, o que se diferenciava grandemente das suas experiências anteriores no vilarejo, onde apenas o alemão era utilizado. Com a mudança, ela começa a aprender romeno na escola o que, segundo ela, a ajudou a pensar o mundo de outra forma. É importante ressaltar que Müller realiza constantes

<sup>232</sup> Ao total, nove escritores formavam o Grupo de Ação Banato: Alfred Bohn, Rolf Bossert, Werner Kremm, Johann Lipett, Gerhard Ortinau, Anton Sterbling, William Totok, Ernest Wichner e Richard Wagner. Todos eles pertenciam à minoria alemã. No caso de Müller, ela passou a escrever profissionalmente no final dos anos 1970 e participou como membra do círculo literário Adam Müller-Guttenbrunn que reunia diversos escritores de língua alemã, entre eles os do Aktionsgruppe Banat, fechado em 1975.

<sup>233</sup> TICUDEAN, Mircea. 11 de outubro de 2009. Interview: Herta Müller on growing up in Ceausescu's Romania. Disponível em: [https://www.rferl.org/a/Interview\\_Herta\\_Mueller\\_On\\_Growing\\_Up\\_In\\_Ceausescu\\_Romania/1848830.html](https://www.rferl.org/a/Interview_Herta_Mueller_On_Growing_Up_In_Ceausescu_Romania/1848830.html). Acesso em 21 de março de 2019. “In Timisoara I had friends from a literary group called “Aktionsgruppe Banat”, which I met at university. I met them by accident, reading books and going to literary events. Thank God, at that point I wasn't interested in who's a German, who's a Romanian or a Hungarian. I think all the members of the group were like that. We were interested in opinions, not nationalities. A community of views, or moral and political values, that's what I was seeking out.” (no original)

comparações entre os dois idiomas em seus ensaios, destacando as variadas possibilidades de expressão permitidas por ambas as línguas.

Neste ambiente, Müller entra em contato com um grupo de jovens que escrevem em alemão. O encontro com os fundadores do Grupo de Ação Banato ocorreu ao longo da graduação em germanística cursada na Universidade de Timisoara entre os anos de 1973-1976. A possibilidade de discutir tanto as políticas excludentes do regime de Ceausescu quanto a relação da minoria alemã com o passado nazista interessaram especialmente a Müller. No trecho a seguir, ela nos fornece mais alguns detalhes sobre a atuação destes escritores na Romênia dos anos 1970:

Era um grupo lidando com literatura, e a língua dessa literatura era o alemão. A propósito, eu não era membra do grupo, eu não havia começado a escrever quando ele foi estabelecido, mas era amiga de muitos membros. Mais tarde, quando o grupo publicou o manifesto, que dizia que a literatura deveria (...) ser “crítica”, baseada nas experiências pessoais e opiniões, não na ideologia- aí a Polícia Secreta comunista veio e apresentou sua própria opinião.<sup>234</sup>

Os objetivos principais do grupo eram questionar o não enfrentamento das dolorosas memórias da Segunda Guerra Mundial e a continuidade de práticas autoritárias no governo Ceausescu. Os escritores se identificavam como uma “minoria dentro da minoria”, já que também não se sentiam parte do espectro cultural do regime Ceausescu que, a partir da década de 1970, passa a promover práticas de cunho nacionalista e um acentuado culto à personalidade de sua figura.<sup>235</sup>

Segundo Lydia Blanc, em seus discursos e aparições públicas, Ceausescu destacava o tema da origem nacional como forma de legitimar o regime. O retorno às origens e a busca por uma história comum eram constantemente reforçados em vários campos do saber, como a historiografia e a literatura. Em suas falas, Ceausescu buscava incluir as minorias alemãs no ideário de unidade nacional, mesmo considerando-as problemáticas para a integração comunista.

<sup>234</sup> TICUDEAN, ibid. “It was a group dealing with literature, and the language of that literature was German. By the way, I wasn't a member of the group, I hadn't started writing when it was established, but I was a friend of many of its members. Later on, when the group published its manifesto, which said literature should (...) be “critical”, based on personal experiences and opinions, not ideology -- then the communist secret police stepped in and presented their own opinion.” (no original)

<sup>235</sup> Como aponta Katherine Verdery, o acentuado nacionalismo dos anos 1970-80 pode ser explicado pela forte presença do tema em décadas anteriores na cena cultural romena. Antes e após a instauração do comunismo em 1948, muitos intelectuais não se sentiam atraídos pelas ideias esquerdistas, sendo a promoção da questão nacional uma maneira de legitimar o regime. De acordo com Verdery, na Romênia dos anos 1970 ocorreu uma “indigenização” do marxismo, com as ideias sobre a nacionalidade sendo mais preponderantes que às ligadas diretamente ao marxismo, como a luta de classes. Além disso, o afastamento da Romênia das diretrizes da União Soviética nos primeiros anos depois da posse de Ceausescu angariou popularidade ao regime, já que muitos viam na presença russa uma intromissão inadequada na economia nacional. Assim, o reforço da ideologia nacional foi uma das principais ferramentas utilizadas pelo regime para garantir sua legitimidade perante a população romena. Tal discussão teve profundos efeitos em vários campos do saber, como a historiografia. Os historiadores vinculados ao regime procuraram reescrever a história do país de modo a valorizar os personagens que teriam atuado a favor da construção da unidade nacional, cujo ápice ocorreu com a instauração do regime comunista. Dessa forma, a homogeneidade étnica era uma das palavras de ordem do governo Ceausescu. Para mais detalhes, ver VERDERY, Katherine, *National Ideology under Socialism*, op.cit.

Para Blanc, o ditador promovia um jogo repleto de contradições e manipulações: a oficialidade promovia as origens alemãs como modelos responsáveis pelo sucesso do regime ao mesmo tempo que encarava as minorias populacionais como inimigas.<sup>236</sup>

Ao ter o mundo cultural e a língua alemã como componentes de sua criação, os escritores do grupo subvertem a temática da “origem”: tal atitude simbolizava uma tentativa de resistir à integração nacional socialista, o que ocorria por meio da valorização de outras tradições culturais que não eram encaradas com bons olhos pelo regime.<sup>237</sup> No Grupo de Ação Banato, a língua alemã é utilizada como um ato político, mas também enquanto maneira de questionamento identitário. Para estes escritores, a celebração das origens passa pela exaltação à Alemanha, buscando se promover contra o Estado e o conformismo coletivo.

A poética do Aktionsgruppe Banat se baseava na centralidade do questionamento sobre o uso da linguagem, buscando ressaltar seu uso criativo como uma ferramenta de contestação. Os integrantes eram estudantes universitários que tinham a língua e cultura alemãs como principal inspiração para se contrapor ao discurso nacionalista e excluente promovido pelo regime comunista. Entre as referências que compunham as discussões dos jovens escritores estão Bertolt Brecht, Franz Kafka, teóricos da Escola de Frankfurt, os poetas beatnik e o rock n’roll.<sup>238</sup>

As críticas realizadas pelo grupo não objetivavam a queda do regime, mas a discussão das políticas que consideravam equivocadas no interior do socialismo. A crítica era efetuada a partir de um viés esquerdistas com o intuito de “reformar” os desvios cometidos sob a liderança de Ceausescu. Em outro trecho da entrevista, Müller afirma:

Sim, nós éramos esquerdistas e isso enraiveceu ainda mais os comunistas. Tivéssemos proclamado uma plataforma de direita, teria sido fácil para eles nos chamarem de fascistas. Mas em nossa visão era de que o tipo de socialismo que tínhamos na Romênia não era socialista, era algo totalmente diferente. (...) E não deveria ser esquecido que enquanto jovens alemães nós tivemos pais lutando por Hitler. Meu próprio pai tinha estado na SS, então nós éramos atraídos pelas visões esquerdistas do tipo promovido pelos social-democratas da Alemanha Ocidental. Nós também estávamos preocupados pela questão da culpa e da responsabilidade individual durante a guerra. Para mim, tais questões eram importantes e pessoais, porque elas estavam entre mim e meu pai, que nunca falou sobre a experiência na SS.<sup>239</sup>

<sup>236</sup> BLANC, Lydia. “*The cat and lizard*” game: censorship on German-speaking authors from Banat during the Ceausescu era. A case study : Horst Samson’s poetry book La Victoire. Tese de doutorado, European University Institute, Florença, 2009.

<sup>237</sup> BLANC, ibid.

<sup>238</sup> HOLDEN, Anca-Elena Luca. *Cultural Identity in Contemporary German-Romanian Literature*: Richard Wagner and Herta Müller, op.cit.

<sup>239</sup> TICUDEAN, ibid. “Yes, we were leftists and that enraged the communists even more. Had we proclaimed a rightist platform, it would have been easy for them to call us fascists. But our view was that the kind of socialism we had in Romania was not leftist at all, it was something totally different. (...) And it should not be forgotten that as young Germans we had parents fighting for Hitler. My own father had been with the SS, so we were naturally attracted to the leftist views of the type promoted by the West German social-democrats. We too were preoccupied by the Schuldfrage [the question of guilt], about individual responsibility during the war. To me such questions were important and personal, because they stood between myself and my father, who never talked about his SS experience.” (no original)

Para Müller, o envolvimento com o Aktionsgruppe Banat permitia discutir temáticas que lhe interessavam diretamente: entre elas, destaca-se o questionamento de práticas abusivas do regime de Ceausescu. Outro assunto que interessava à escritora era o passado da minoria alemã e as relações que o Estado romeno mantinha com a diversidade existente no país. Entre os detalhes que mais perturbavam Müller estavam a participação do próprio pai no exército nazista e a falta de uma discussão franca sobre o passado. Nos anos 1950-60, os governos comunistas tinham na culpabilização das minorias e no apagamento de detalhes da história nacional uma de suas principais características:

E eu também sabia que a Romênia, enquanto estado, tinha começado a guerra ao lado de Hitler. (...) E me irritava que a Romênia dos anos 1950 e 1960 apontava o dedo para as minorias por terem ajudado Hitler (o que incluía os húngaros) enquanto eu sabia que todo o estado romeno havia ajudado Hitler. A linha oficial tornou-se: alemães fascistas, húngaros fascistas, romenos libertadores ao lado do Exército Vermelho, do lado dos bons. Então as coisas estavam realmente bagunçadas.<sup>240</sup>

Como nos aponta Müller, o pesado passado de sua família não estava desvinculado de questões de âmbito nacional, como o silenciamento coletivo em relação ao histórico fascista da minoria alemã e o cerceamento da liberdade de expressão por parte do Estado romeno. Essas questões eram enfrentadas pelo Grupo de Ação Banato por meio de textos que buscavam experimentar com a linguagem, enfatizando a subversão de normas sintáticas e alterações de significado.

Entre os autores, a poesia é o gênero mais recorrente: graças à sua polissemia intrínseca, ela foi encarada como uma forma de engajar o leitor e desenvolver o questionamento. Inspirados pelas experimentações realizadas por Bertolt Brecht no campo teatral, o objetivo era transformar a leitura em uma ferramenta de ensino, que possibilitasse a valorização do indivíduo e seu cotidiano em detrimento dos grandes esquemas explicativos fornecidos pela retórica oficial.<sup>241</sup>

Segundo Cristina Petrescu, em um país onde as tentativas públicas de questionamento ao regime comunista foram dispersas, a escrita poética e questionadora dos jovens universitários chamou a atenção da Polícia Secreta, especialmente após a circulação em âmbito nacional de poemas do grupo em 1974, que deixavam entrever uma crítica ao ditador. Ao longo da existência do Aktionsgruppe Banat, escritores de minoria alemã que não pertenciam ao grupo atuaram como informantes da Securitate: esses literatos traduziam os textos produzidos pelos participantes do

<sup>240</sup> TICUDEAN, ibid. “And then I knew that Romania too, as a state, had started the war on Hitler's side, that it had had its own fascism. And it was irritating to me that Romania in the 1950s and 1960s pointed the finger at its minorities for helping Hitler [the Hungarians too], when I knew the whole Romanian state had helped Hitler. The official line became: Germans-fascists, Hungarians-fascists, Romanians-liberators alongside the Red Army, on the side of the good. So things were really messed up.” (no original)

<sup>241</sup> HOLDEN, Anca-Elena Luca. *Cultural Identity in Contemporary German-Romanian Literature: Richard Wagner and Herta Müller*, op.cit.

Aktionsgruppe Banat para o romeno, fator que contribuiu para o encerramento do grupo em 1975 com a prisão temporária de alguns dos fundadores.

Mesmo participando informalmente das discussões promovidas pelos amigos, Petrescu destaca que a relação com o Grupo de Ação Banato foi o período mais importante do denominado “período romeno” da vida e carreira de Müller: ao entrar em contato com os escritores do grupo, ela teve acesso a livros que não estariam facilmente disponíveis na Romênia dos anos 1970. Os livros proibidos, aponta Petrescu, auxiliaram “os escritores de língua alemã a emancipar suas mentes do conformismo reforçado pelo regime comunista. Ensinou-os a pensar livremente enquanto viviam em um país que restringia fortemente a liberdade de pensamento”.<sup>242</sup>

Nos anos seguintes ao fechamento do grupo, a Polícia Secreta passa a vigiar Müller com maior interesse, especialmente durante o período em que ela trabalhava como tradutora em uma fábrica de tratores. Ao se negar a atuar como informante da Securitate, ela foi encarada como uma inimiga do Estado, sendo submetida a interrogatórios e difamações. Como Müller pontua no discurso proferido na Prefeitura de Estocolmo, sem a ajuda dos amigos do Grupo de Ação Banato, dois importantes aspectos de sua vida não teriam se concretizado: a leitura de livros e a posterior elaboração de narrativas contrárias à ditadura.

Retomo agora o discurso proferido em Estocolmo: de acordo com a escritora, o Prêmio Nobel representa o reconhecimento dos sofrimentos vividos durante os sombrios anos da ditadura, além de ampliar as críticas elaboradas por ela e outros escritores, evocando-as

na memória daqueles que, graças a Deus, não precisaram vivenciá-la. Pois até hoje existem ditaduras de todos os matizes. Algumas duram desde sempre e não param de nos assustar, como a do Irã. Outras, como a da Rússia e a China, vestem-se com roupas civis, liberalizam sua economia- mas os direitos humanos estão longe de se desgrudarem do stalinismo ou do maoísmo. E há as semidemocracias do Leste Europeu, que de tanto por e tirar as roupas civis desde 1989 quase já as rasgaram.<sup>243</sup>

Em uma crítica que se dirige a ditaduras de diferentes matizes, a literatura possui relevância capital. Nas palavras de Müller:

A literatura não pode mudar nada disso [a existência de ditaduras]. Mas pode – e que seja a posteriori- inventar, por meio da língua, uma verdade que mostra o que acontece a nosso redor quando os valores descarrilam.

A literatura fala a cada um individualmente- ela é propriedade privada que permanece na cabeça. Nada mais fala de maneira tão incisiva conosco que um livro. E não espera nada em troca, exceto que pensemos e sintamos.<sup>244</sup>

---

<sup>242</sup> PETRESCU, Cristina. When dictatorships fail to deprive of dignity: Herta Müller's "Romanian Period". In: BRANDT, Bettina; GLAJAR, Valentina. *Herta Müller: Politics and Aesthetics*. University of Nebraska Press, 2013, p.69. “these German-language writers to emancipate their minds from the conformism enforced by the Communist regime. It taught them to think freely while living in a country that heavily restricted the freedom of thinking.” (no original)

<sup>243</sup> MÜLLER, Herta. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 23.

<sup>244</sup> MÜLLER, ibid, p. 23-4.

Neste trecho, consigo notar novamente a importância dada aos livros para a elaboração de uma crítica a regimes que possuem na coletividade sua principal força. É por meio da leitura-que pede de nós apenas uma reflexão tanto intelectual quanto emocional com o conteúdo lido-, que podemos encontrar amparo quando as liberdades individuais e os valores que consideramos fundamentais “descarrilam”.

Assim como nos demais ensaios, Müller nos apresenta quais as ferramentas utilizadas por ela para a elaboração do questionamento dos mecanismos totalitários. Destaco dois: os pequenos objetos e a valorização do indivíduo como contraponto à massa. Para a escritora, as ideologias que desejam unificar os indivíduos deixam de lado as possibilidades de pensar fora daquelas estabelecidas pela tradição. Com a literatura- e um uso criativo das palavras-, é possível a invenção de outras formas de existência, que respeitem as subjetividades e sua pluralidade.

De acordo com a historiadora Natalie Zemon Davis, em seu livro *Nas margens*: três mulheres do século XVIII, indivíduos situados nas fronteiras-tanto linguísticas quanto territoriais- possuem na leitura uma importante ferramenta para o questionamento do mundo em que se encontram, de maneira a atuar de modo não passivo na sociedade. Em um dos capítulos da obra, dedicado à discussão da autobiografia produzida por Glikl, judia imersa em um mundo católico por vezes hostil na Alemanha do século XVII, Davis nos apresenta elementos que se aproximam dos aqui abordados: são-nos apresentados os idiomas falados por Glikl, as leituras realizadas e, mais importante, como ela se apropriava do arcabouço cultural que dispunha para “encontrar sua voz” e agir diante das limitações existentes na sociedade de seu tempo. Glikl, como indica o título da obra, era uma mulher nas margens do mundo em que estava, tanto religiosa quanto linguisticamente.<sup>245</sup>

No caso de Müller, também situada nas fronteiras linguísticas e territoriais da sociedade contemporânea, a leitura e o contato com escritores críticos atuaram como aliados e inspirações na construção de narrativas que refletiam tanto sobre os limites existentes em uma sociedade totalitária quanto sobre as formas de resistir e questionar as ideologias que sustentam estes governos. Ao longo de sua trajetória, as leituras e o contato com outros escritores lhe deram ferramentas para se posicionar de modo crítico diante das políticas adotadas por diferentes governos da Romênia ao longo do século XX. Esses encontros serviram como contraponto ao chamado do “lado noturno da garganta”, definido como sendo a história. Se do encontro com a história não se sai intacto, é por meio da literatura que Müller nos apresenta diferentes estratégias de questionamento dos pesados ditames de regimes que desconsideram a importância do indivíduo.

---

<sup>245</sup> Cf. DAVIS, Natalie Zemon. Discutindo com Deus – Glikl bas Judah Leib. In: \_\_\_\_\_. *Nas margens*: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Para finalizar este capítulo, gostaria de assinalar novamente que as preocupações de Müller também fazem parte da escrita da história, como defendo ao longo deste trabalho: somos artesãos e inventores do passado que temos no cuidadoso uso da palavra a possibilidade de criar narrativas que interpelem homens e mulheres do nosso presente.<sup>246</sup> De acordo com Albuquerque Júnior, nossa escrita não se desenvolve sem uma participação ativa do investigador na elaboração de interpretações sobre os temas que pesquisa, visto que os acontecimentos e eventos levantados e compilados em nossos trabalhos são distribuídos ao longo de uma trama, “um tecido que vai ser retramado e refeito pelo historiador”<sup>247</sup>

Ainda de acordo com Júnior, a discussão sobre o caráter de construção do passado perpassa os escritos de literatos situados temporalmente no século XX, como James Joyce e Marcel Proust que, assim como Müller, assinalam o processo de fabricação do passado efetivado no próprio processo de escrita. Embora não possamos ter a mesma liberdade presente em uma obra literária, já que nossos relatos recorrem a fontes que podem ser verificadas pelos leitores, enquanto historiadores não podemos esquecer que mantemos “uma relação de proximidade com o fazer artístico”<sup>248</sup>, ao recordarmos nossos objetos e construirmos uma intriga em torno dele.

Citando Michel Foucault, que no livro *A ordem do discurso* ressalta o procedimento de interdição como uma das práticas discursivas ligadas ao poder em nossa sociedade<sup>249</sup>, Scheila Mara Batista Lopes afirma que Herta Müller constrói seus textos de modo artesanal, “tecendo conexões entre objetos, pessoas e acontecimentos numa colagem de imagens que se entrecruzam, subjetiva e inventivamente, vencendo o *olho do poder*.<sup>250</sup> De acordo com Lopes, ao valorizar um uso criativo da linguagem, a escritora romena encontra na literatura uma maneira de burlar discursos e práticas totalitárias que objetivam conformar o outro e apagar sua individualidade.

Ao conferir importância a detalhes banais do cotidiano, Müller aponta que a linguagem, em sistemas totalitaristas, exerce uma poderosa influência sobre a relação palavra-coisa, influenciando na percepção a respeito do mundo ao nosso redor.<sup>251</sup> A meu ver, ao destacar a importância das palavras e do cuidado no momento de usá-las, a autora nos lembra que essa mesma dedicação deve estar presente em nossos relatos sobre o passado: ao trabalharmos com temporalidades distintas das nossas, nos diria Müller, não podemos despedaçar as experiências

<sup>246</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. In: \_\_\_\_\_. *História*, op.cit.

<sup>247</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p.63.

<sup>248</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid.

<sup>249</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009. De acordo com Foucault, em toda sociedade, a produção de discursos é controlada e organizada de modo a exorcizar os perigos e poderes contidos em seu interior. Entre os procedimentos destacados pelo filósofo, o de interdição é definido como aquele no qual “temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja.” (p.09)

<sup>250</sup> LOPES, Scheila Mara Batista Pereira. *A linguagem como instrumento de resistência em tempos de exceção no romance Tudo que tenho levo comigo de Herta Müller*, op.cit., p.69.

<sup>251</sup> LOPES, ibid.

de homens e mulheres do passado em uma “frase ruim”, sob o risco de permitir que as injustiças ocorridas anteriormente se perpetuem. Ao narrarmos, também podemos ter no uso criativo das palavras uma aliada nas discussões sobre os aspectos do passado que estudamos em nossas pesquisas.

Dessa forma, passo para a discussão que a escritora estabelece com a temática do exílio nos ensaios. Se para Müller, sua vida no vilarejo e na cidade foram marcadas pela sensação de inadequação, o sentimento de integração ao chegar na Alemanha não se concretiza. Procurarei abordar como Müller questiona a noção de pertencimento a uma nação e de quais maneiras suas considerações nos trazem mais alguns elementos para pensarmos uma escrita da história que interroga esquemas explicativos monolíticos e leve em consideração a importância de um uso cuidadoso da linguagem.

**PARTE II-**

**“AQUI NA ALEMANHA”: EXÍLIO E O NÃO PERTENCIMENTO A  
LUGARES**

## CAPÍTULO 3

### Negociando o pertencimento: Herta Müller e o trânsito entre culturas

“Toda ruptura e toda cisão não são uma fatalidade.(...) Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda (o latim tornou-se língua morta a partir do momento em que não pôde mais evoluir). O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua.” (Tzvetan Todorov)<sup>252</sup>

#### 3.1 A negociação do pertencimento nos ensaios de Herta Müller

Neste capítulo, discutirei como Müller aborda o tema do exílio a partir de três textos que compõem as coletâneas *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Os ensaios se intitulam “Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio”<sup>253</sup>, “Em cada língua estão fincados outros olhos”<sup>254</sup> e “Aqui na Alemanha”<sup>255</sup>. Antes de adentrar os ensaios selecionados, gostaria de pontuar brevemente nesta primeira parte dois aspectos que se fazem presentes nas reflexões müllerianas sobre o exílio e que guiarão a minha leitura dos textos ensaísticos: a necessidade de negociarmos continuamente os sentidos ao transitarmos entre diferentes sociedades e culturas e a afirmação de Müller sobre a impossibilidade de pertencer a lugares.

Nos três ensaios, Müller apresenta as dificuldades de compreensão envolvidas no processo de chegada na Alemanha, posto que as autoridades alemãs responsáveis pelo acolhimento dos recém-chegados duvidaram dos motivos alegados pela escritora para emigrar. Ao finalmente se instalar na Alemanha, a escritora relata os frequentes percalços de entendimento ocorridos no dia a dia, dado que o alemão que a escritora trouxe consigo da Romênia destoa da variante padrão falada na Alemanha, denominada Hochdeutsch ou alto-alemão. Como nos explica Rosvitha Friesen Blume,

Nascida numa pequena comunidade descendente de alemães estabelecida na Romênia há mais de três séculos, falante de um dialeto em casa, [Müller] aprendeu o alto-alemão somente na escola. Esse, por sua vez, não era idêntico ao alemão atual da Alemanha, mas típico de uma comunidade distante do país de origem há várias gerações, com os característicos anacronismos, por um lado, e as influências do novo meio cultural, por outro, próprios a qualquer língua levada por emigrantes ao seu novo destino. O aprendizado do romeno, por sua vez, iniciou-se somente aos quinze anos, quando Herta se mudou para a cidade de Timisoara a fim de continuar os estudos.<sup>256</sup>

---

<sup>252</sup> TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record: 1999, p. 23-5.

<sup>253</sup> MÜLLER, Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.95-107.

<sup>254</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.7-40.

<sup>255</sup> MÜLLER, Herta. Aqui na Alemanha. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.187-198.

<sup>256</sup> BLUME, Rosvitha Friesen. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada. *Itinerários*, Araraquara, n.38, jan.-jun. 2014, p.61.

Para Müller, entrar em contato com o alto-alemão na escola significou realizar uma constante negociação de sentidos entre o dialeto falado no seu vilarejo natal e as lições aprendidas no ambiente escolar. Para transitar adequadamente entre essas variantes do idioma alemão, Müller se sentia no dever de ler muito. Ao começar a escrever anos mais tarde, ao não ter certeza das regras que envolviam o uso da linguagem, a escritora afirma ter se imposto uma maior precisão ao colocar as palavras no papel.<sup>257</sup>

Após a emigração, Müller enfrenta dificuldades para ser compreendida no novo país, dado que o alemão que trouxe consigo da Romênia possuía diferenças significativas em relação ao falado na Alemanha, especialmente no tocante ao sotaque e pronúncia. Termos e expressões empregados pela escritora eram vistos pelos alemães como antiquados, provocando inúmeros mal-entendidos na comunicação com as pessoas ao seu redor.

Além de transitar entre variantes do idioma alemão, outra instância de negociação de sentidos envolve a língua romena: em seus textos ensaísticos, a escritora estabelece diversas comparações entre o alemão e o romeno, procurando discutir como diferentes línguas procuram expressar uma mesma ideia, muitas vezes se apropriando de imagens distintas para definir um mesmo vocábulo.

Outro detalhe debatido por Müller ao discutir o exílio envolve a relação que a crítica literária manteve com os livros lançados por ela ao longo da década de 1990. Segundo os críticos, ela se encontrava em um estágio de estagnação artística ao tratar repetidamente dos mesmos assuntos em seus escritos, anos após a chegada na Alemanha. Para eles, Müller deveria abandonar o tema da ditadura romena e apresentar ao público assuntos relacionados à estadia no novo país, visto que o regime governado por Ceausescu havia se dissolvido após a Revolução Romena de 1989. Para Blume, tal situação reforça o contínuo processo de negociação do pertencimento presente na obra mülleriana, especialmente após a mudança para a Alemanha. De acordo com a ensaísta,

No ensaio “Pegar uma vez – largar duas”, também de 2003, Herta Müller diz que a crítica literária alemã reclama que ela só escreve sobre o passado e que seria preferível ela escrever sobre o seu presente na Alemanha, sobre a Alemanha de hoje. Ela, porém, se defende dizendo que seus assuntos não são do passado propriamente, já que passaram há pouco tempo; a ditadura de Ceausescu terminou em 1989. Eles só não são alemães. Na verdade, o que irritaria a crítica, segundo a autora, é a temática de um ponto de vista espacial, e não temporal, já que autores alemães estariam escrevendo sobre temas alemães temporalmente muito mais afastados do que os dela e seus temas seriam considerados contemporâneos, mesmo quando tratam da revolução cultural de 1968, por exemplo. Mas, por pertencerem à experiência de muitos leitores alemães, o assunto continuaria sendo considerado contemporâneo. E nesse contexto ela afirma que seu pertencimento teria de ser negociado: “A partir de quando o vivido se torna passado? A partir de quando o vindouro se

---

<sup>257</sup> BLUME, ibid.

chama futuro? A partir de amanhã, a partir da próxima semana, ou somente no ano que vem? Ou somente em dez anos?”<sup>258</sup>

A inquietação de Müller em continuar a discutir temas vinculados à ditadura em seus textos é justificada pela permanência de regimes que restringem as liberdades individuais em diferentes partes do globo. Além disso, como salienta Valentina Glajar, o passado romeno, na perspectiva mülleriana, é ainda historicamente recente e não “passou”: muitos dos abusos cometidos ao longo de décadas da vigência do governo socialista não foram devidamente equacionados na esfera pública, como a responsabilização dos agentes da Securitate pelos excessos cometidos sob o aval do Estado romeno.<sup>259</sup>

No trecho destacado por Blume, retirado do ensaio “Pegar uma vez-largar duas”, que compõe a coletânea *O rei se inclina e mata*, Müller assinala que a percepção da distância temporal é culturalmente construída, já que temas que impactam de maneira direta a sociedade alemã são considerados contemporâneos e relevantes ao presente da nação, mesmo que tenham ocorrido há várias décadas. Ao escrever narrativas que enfatizam acontecimentos envolvendo a minoria alemã de um país periférico, como a Romênia sob a ditadura de Ceausescu, a questão do pertencimento espacial desempenha um importante papel na avaliação da crítica literária: Müller, ao privilegiar assuntos que não ressoam diretamente nas vidas dos leitores alemães, acaba por ser vista como uma escritora ligada ao passado e que não conseguiu se reinventar artisticamente após a chegada em Berlim, o que reforça, para ela, o sentimento de não fazer parte de modo efetivo da sociedade alemã.<sup>260</sup>

Segundo Blume, o exílio, na obra mülleriana, pode ser encarado como uma oportunidade para a discussão sobre a própria possibilidade de se “pertencer a lugares”.<sup>261</sup> Ao se inserir em um novo meio cultural após deixar seu país natal, Müller busca negociar reiteradamente os sentidos entre suas experiências vivenciadas na Romênia e os episódios ocorridos após a chegada na Alemanha, país marcado por um acentuado caráter cosmopolita nas suas cidades mais populosas, como Berlim e Frankfurt. Para Müller, o sentimento de pertencimento precisa ser constantemente renegociado e colocado em dúvida, já que ela não se sente em casa em nenhum dos lugares onde se encontra. Cito novamente Blume:

---

<sup>258</sup> BLUME, ibid, p.63-4.

<sup>259</sup> Cf. GLAJAR, Valentina. The presence of the Unresolved Recent Past: Herta Müller and the Securitate, In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>260</sup> No ensaio citado por Blume, Müller cita o caso de escritores como o húngaro Imre Kertész que, ao escrever sobre temas da história alemã contemporânea, como os anos passados em um campo de concentração, não precisa negociar o pertencimento, já que ele nunca se mudou para a Alemanha. Nas palavras de Müller, “em autores como (...) Imre Kertész o critério temporal não é negociado porque a separação local deixa claro que eles não fazem parte. Eu, porém, vim para esse país, meu pertencimento tem de ser negociado.” (2013, 127). Cf. MÜLLER, Herta. Pegar uma vez-largar duas. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.109-133.

<sup>261</sup> BLUME, Roswitha Friesen. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada, op.cit.

Herta Müller afirma que “não se pode pertencer a lugares”. Assim como não pertencia à Romênia, por ser, primeiro, integrante de um grupo fechado de descendentes de alemães e, depois, opositora política da ditadura socialista, não se sentiu inteiramente pertencente à Alemanha quando imigrou ali, constituindo-se, muito mais, como uma subjetividade híbrida, tão comum da contemporaneidade.<sup>262</sup>

Se na Romênia, o sentimento de não pertencimento é a tônica das discussões levadas a cabo por Müller em seus ensaios, essa percepção se mantém com a chegada na Alemanha, dadas as inúmeras dificuldades de compreensão e adaptação em sua vida privada e na carreira literária, exemplificada na relação estabelecida pelos críticos com sua obra.

Em seu país de origem, o desconforto do não pertencimento se devia tanto ao passado da comunidade de minoria alemã, marcado pela participação de seus familiares no exército nazista e o silêncio em relação aos traumas da Segunda Guerra, quanto às políticas exclucentes adotadas pelo governo socialista. Ao mudar para a cidade de Timisoara e se posicionar como opositora dos preceitos que guiavam o regime de Ceausescu através da literatura, Müller recebe uma autorização para emigrar com a mãe e o então marido, o escritor Richard Wagner, em fevereiro de 1987. A chegada na Alemanha, no entanto, não modifica a sensação de deslocamento, que continua a prevalecer. Para a escritora, entre as questões que se colocam com o processo de mudança de país estão: como se sentir parte do seu país natal, que quase a matou? E como se sentir pertencente a um país, como a Alemanha, que não a acolhe de maneira efetiva?

De acordo com Blume, o exílio, marcado por ser um deslocamento de cunho geográfico, pode provocar transformações tanto no sujeito migrante quanto no país que o recebe, já que o tráfego entre culturas possibilita aos sujeitos envolvidos a oportunidade de interrogar e relativizar antigas convicções.<sup>263</sup> No caso de Müller, que já se sentia deslocada e “estrangeira” em seu país de origem, refletir sobre o exílio se constitui em uma maneira de estabelecer comparações entre suas experiências na Romênia socialista e na Alemanha capitalista do final do século XX e início do XXI. Ao não se sentir em casa em nenhum lugar, apresentar aos leitores a temática do exílio é também um espaço de questionar como nós construímos, por meio da linguagem, a própria noção de pertencimento a uma identidade nacional.<sup>264</sup>

Blume assinala que Müller, ao duvidar do sentimento de pertencimento a uma determinada nação, coloca em xeque

ideias de monoculturalismo e de uma identidade nacional da literatura de língua alemã. Pode-se conceber, muito mais, um continuado processo de tradução cultural, em que autores de diferentes meios culturais se traduzem, enriquecendo-se e transformando-se mutuamente nesse continuado processo tradutorio, gerando uma literatura híbrida, característica essa cada vez mais comum na contemporaneidade marcada por múltiplos deslocamentos.<sup>265</sup>

---

<sup>262</sup> BLUME, ibid, p.64.

<sup>263</sup> BLUME, ibid.

<sup>264</sup> BLUME, ibid.

<sup>265</sup> BLUME, ibid.p.70.

Segundo Blume, para Müller, escrever sobre o exílio se trata de um “continuado processo de negociação pelo pertencimento.”<sup>266</sup> Ao transitar entre diferentes sociedades, a escritora acaba por enfatizar em seus textos o que Blume denomina de “tradução cultural”, ou seja, um processo constante de negociação dos sentidos e do questionamento das certezas, já que, ao entrar em contato com outras culturas, Müller aponta que valores e concepções considerados sólidos podem ser relativizados.<sup>267</sup>

Com tais considerações, passo à discussão dos três ensaios escolhidos para formar este capítulo. Nas próximas páginas, procurarei detalhar as questões levantadas nesta primeira parte, trazendo mais alguns apontamentos sobre as especificidades do exílio na obra mülleriana e a relevância de tais discussões para pensarmos alguns aspectos da escrita dos trabalhos historiográficos.

### **3.2 A confiança na língua materna abalada: exílio e o trânsito entre culturas**

No ensaio “Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio”, que compõe a coletânea de título homônimo, Müller descreve com uma linguagem altamente poética seu processo de emigração. No trecho a seguir, a escritora detalha a viagem de saída da Romênia:

Minha mãe e eu saímos com um caminhão às quatro da manhã, carregando a caixa de emigração. O caminho até o posto da alfândega era de cinco, seis horas. Estábamos sentadas na caçamba, no chão, protegidas do vento pela caixa. A noite estava gélida, a Lua balançava na vertical, os globos oculares se tornavam duros como frutas congeladas na testa por causa do frio. Piscar doía como se o gelo fino da geada tivesse caído nos olhos. Primeiro a Lua balançava estreita e um pouco curvada; mais tarde, quando ficou ainda mais frio, ela começou a espantar, tinha cantos lapidados. A noite não era preta, mas transparente, porque a noite se comportava como um reflexo na luz do dia. Nessa viagem, estava frio demais para conversar. Não queríamos ficar abrindo a boca o tempo todo porque o palato congelaria. Eu não queria dar um pio.<sup>268</sup>

A caixa a que Müller faz referência no início da citação continha em seu interior a bagagem levada por ela e a mãe e deveria conter, no máximo, “setenta quilos (...) por pessoa.”<sup>269</sup>, de acordo com as prescrições estatais. O silêncio durante a viagem é interrompido por uma frase da mãe, que se recorda da deportação, ocorrida em 1945: “Mas era preciso, sim, conversar, porque minha mãe disse-talvez apenas para si, mas sem querer- em voz alta: “Mas é sempre a mesma neve”.<sup>270</sup>

Para Katharina Müller, a mudança forçada de país se associa a um acontecimento de sua história pessoal envolto em constrangimentos: os cinco anos de sua vida desperdiçados nos

<sup>266</sup> BLUME, ibid, p.63.

<sup>267</sup> BLUME, ibid.

<sup>268</sup> MÜLLER, Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.98-9.

<sup>269</sup> MÜLLER, ibid, p. 98.

<sup>270</sup> MÜLLER, ibid, p. 99.

campos de trabalhos forçados. Na sequência do ensaio, a escritora aponta que, de acordo com a mãe, a neve é traiçoeira e fora a responsável por sua captura pelos soldados soviéticos: ao sair do esconderijo, situado em um buraco no jardim do vizinho, as pegadas na neve a denunciaram. Em 1987, a nova situação de deslocamento simboliza a repetição do abandono forçado de seu país natal: a neve que caíra em 1945 é a mesma que cai em 1987, indicando que a deportação, assunto sobre o qual Katharina silenciava a maior parte do tempo, precisava ser melhor discutido entre os seus familiares.<sup>271</sup>

Por sua vez, para Müller, o exílio representava uma tentativa de não perder a razão diante dos abusos cometidos contra ela e seus amigos durante a ditadura:

Depois de anos de humilhação, eu queria sair desse país. (...) Naquela época, minha cabeça não estava longe de perder a razão. Eu estava tão quebrada, meus nervos se arvoravam contra mim, o medo que eu sentia saía da minha pele e escorria em todos os objetos com os quais eu lidava. E eles lidavam imediatamente comigo. Quando olhamos um pouquinho assim para fora dos limites, quando manobramos mentalmente alguns milímetros entre o abstruso e o normal, quando nos observamos fazendo isso, então chegamos ao ponto mais extremo da normalidade. Nessa hora, não é possível acrescentar muito mais. Nessa hora, queremos cuidar bem de nós mesmos, tentamos separar o pensar do sentir. Continuamos querendo manter tudo na cabeça, como estamos acostumados, mas nada mais no coração.<sup>272</sup>

Segundo a autora, a principal justificativa para emigrar era a contínua perseguição estatal a que ela fora submetida, notadamente nos anos seguintes ao fechamento do Aktionsgruppe Banat. Em outros textos, como o ensaio “Cristina e seu simulacro”, Müller descreve com maiores detalhes os abusos cometidos por agentes da Polícia Secreta romena, além de discutir as dificuldades para obter o acesso aos seus documentos do período, mesmo após a queda do regime.<sup>273</sup> Para a escritora, os anos de humilhação e a necessidade de se distanciar de um país que quase a matou tornavam prementes a emigração, mesmo que sua mãe desejasse permanecer na Romênia.

Como assinala Cristina Petrescu, com o encerramento das atividades literárias do Grupo de Ação Banato, os autores participantes eram autorizados a fazer parte somente de círculos literários conformistas aprovados pelo regime. A partir desse momento, as carreiras dos jovens escritores foram marcadas por severas restrições de publicação, além de interrogatórios frequentes e repetidas buscas em seus apartamentos por agentes da Securitate.<sup>274</sup>

<sup>271</sup> MÜLLER, ibid, p. 99.

<sup>272</sup> MÜLLER, ibid, p. 104.

<sup>273</sup> Cf. MÜLLER Herta. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit.

<sup>274</sup> Em consonância com as considerações de Petrescu, Adela-Gabriela Hîncu, em sua dissertação de mestrado, traça as diferentes estratégias adotadas pelos escritores que participavam do Grupo de Ação Banato. Muitos decidiram emigrar dadas as restrições de liberdade existentes na Romênia dos anos 1980. Os que decidiram ficar no país, como Müller, tiveram suas oportunidades de trabalho reduzidas. Dado o sucesso de seu livro *Depressões* na Alemanha e suas reiteradas críticas ao governo Ceausescu, o exílio se torna a alternativa que lhe permitiria continuar escrevendo com maior liberdade. Cf. PETRESCU, Cristina. When dictatorships fail to deprive of dignity: Herta Müller's "Romanian Period". In: BRANDT, Bettina;

Em 1982, Müller, que participava informalmente do Aktionsgruppe Banat, publica seu primeiro livro de contos, *Depressões*, em uma versão censurada pelo governo romeno.<sup>275</sup> O lançamento da obra na Alemanha Ocidental em 1984 foi marcado por uma recepção entusiasmada que, de acordo com Adela-Gabriela Hîncu, se deveu a fatores como o “exotismo” dos temas abordados, dando a oportunidade aos críticos literários de explorar as condições de vida das minorias alemãs que habitavam na Romênia por meio da obra. Além disso, os contos dialogavam com uma tradição já estabelecida na literatura alemã, ligada ao questionamento dos valores idealizados de uma vida campestre, facilitando sua recepção por parte dos críticos<sup>276</sup>.

A boa recepção de *Depressões* levou a escritora a viajar quatro vezes para o exterior, oportunidades nas quais criticou duramente o governo de Ceausescu. Dadas as suas intervenções no cenário cultural alemão contrárias ao governo e as críticas feitas por ela ao conjunto dos intelectuais romenos, que não se engajavam em denunciar os abusos do regime socialista, a emigração torna-se uma alternativa. Segundo Hîncu:

Durante as quatro visitas aprovadas que ela fez na Alemanha Ocidental, Áustria e França em 1984 e 1985, Müller deu entrevistas nas quais ela discutiu a situação dos autores alemães na Romênia, especialmente o tema da censura, a interdição em deixar o país, e o limitado acesso à União dos Escritores. Com o crescente interesse na literatura dos escritores alemães produzida na Romênia, o único membro que foi obtive permissão para fazer uma leitura na República Federal foi Richard Wagner em 1985. Foi na época em que a Alemanha Ocidental se tornou uma alternativa real para seguir na profissão de escritor e por causa das renovadas medidas de repressão que a maioria dos jovens escritores alemães remanescentes na Romênia decidiu emigrar.<sup>277</sup>

As frequentes medidas de repressão adotadas pelo regime e a saída do país de outros escritores pertencentes à minoria alemã levaram Müller a pleitear uma permissão para emigrar em 1985, concedida dois anos depois pelo governo. De acordo com Hîncu, o interesse pela obra mülleriana no exterior facilitou e encorajou outros escritores de minoria alemã a questionar de

GLAJAR, Valentina. *Herta Müller*, op cit.; Cf. HÎNCU, Adela-Gabriela. *Children of the cultural Revolution “Gone Ashtray”: the forlorn 1970s Generation of German Writers from Socialist Romania*. Mestrado em Artes. Universidade de Budapeste, 2013.

<sup>275</sup> Müller conseguiu publicar *Depressões* em 1982, em uma edição que sofreu diversos cortes por parte da censura romena. Em 1984, a primeira edição alemã do livro também foi publicada com cortes. Somente em 2010 uma edição revisada por Müller, com a adição de quatro contos suprimidos nas edições anteriores, foi lançada na Alemanha.

<sup>276</sup> HÎNCU, ibid, p.75-6. Como assinala Hîncu, para os leitores alemães, o “exotismo” nos contos de *Depressões* se deve aos temas trabalhados por Müller, entre eles o cotidiano opressor de um país socialista analisado pelos olhos de uma criança que é constantemente maltratada pelos pais.

<sup>277</sup> HÎNCU, ibid, p.77. A União dos Escritores da Romênia, fundada em 1949, é uma associação profissional que reúne os escritores romenos. “During the four approved visits she made in West Germany, Austria and France in 1984 and 1985, Müller gave interviews in which she discussed the German authors’ situation in Romania, notably the issue of censorship, the interdiction to leave the country, and the limited access to the Writers’ Union. With the growing interest in the literature of the German writers in Romania, the only other member of the group who was allowed to give course to an invitation to read in the Federal Republic was Richard Wagner in 1985. It was around the time when West Germany became a real alternative for follow through their profession as writers and because of renewed repression measures that most of the remaining young German writers in Romania decided to emigrate.” (no original)

modo mais enfático o regime socialista em seus escritos e intervenções no exterior. Hîncu cita como exemplo o escritor Rolf Bossert<sup>278</sup> que, ao emigrar da Romênia para a Alemanha Ocidental em 1985, descreveu em entrevistas o tratamento dado pelas autoridades romenas a escritores de minoria alemã como marcado pelo “terror psicológico”.<sup>279</sup>

Ao não conseguir conter as críticas realizadas pelos jovens autores, a solução adotada pelo governo romeno foi a concessão dos documentos necessários para que Müller e Wagner saíssem do país: dessa forma, o regime silenciava as críticas internamente enquanto realizava uma campanha de difamação no exterior por meio de agentes infiltrados em instituições que promoviam a cultura romena na Alemanha. No caso de Müller, essa campanha envolvia a criação de boatos envolvendo a participação da escritora enquanto agente da Securitate. Tal tática, na visão dos espiões da Polícia Secreta, a prejudicaria duplamente, pois ela seria encarada como aproveitadora do regime na Romênia e com suspeição por parte daqueles com quem ela travava contato nas viagens para a Alemanha.<sup>280</sup>

Contudo, como aponta Müller no decorrer do ensaio, se a viagem que a levaria para fora de seu país ocorreu em meio às dificuldades emocionais de lidar com as perseguições sofridas durante a ditadura, a chegada na Alemanha não representou a acolhida esperada: ao se instalar no asilo temporário situado na cidade de Nuremberg, em frente ao antigo prédio do partido nazista, as autoridades alemãs não sabiam como proceder diante da reivindicação apresentada pela escritora: o de ser aceita na República Federal da Alemanha como refugiada política graças às perseguições sofridas na Romênia. No excerto abaixo, a autora descreve os dias passados no albergue:

No primeiro dia, interrogatório no Serviço Federal de Inteligência (BND). E novamente no segundo dia com várias pausas e no terceiro e no quarto dias. Eu já sabia: a Securitate não está morando comigo em Nuremberg, ela está sentada aqui no BND. Agora eu estava onde ela estava, mas onde, maldição, eu tinha chegado? Esses interrogadores se chamavam verificadores, na porta estava escrito local de verificação A e local de verificação B. O verificador A verificava se eu não “tinha uma tarefa”. A palavra “espião” não aparecia, mas se verificava: “A senhora tinha relações com o serviço secreto local?”. “Ele é que tinha comigo, essa é a diferença”, eu dizia. “Deixe essas diferenciações comigo, afinal sou pago para isso”, ele dizia. Era revoltante. O verificador B verificava: “A senhora queria derrubar o governo? Agora a senhora pode confessar, isso já é neve de ontem”.<sup>281</sup>

<sup>278</sup> Rolf Bossert (1952-1986): escritor, jornalista, professor e editor em língua alemã na Romênia. Bossert está entre os autores participantes do Grupo de Ação Banato. Em 1985, ele se muda para a Alemanha após ser proibido de publicar na Romênia e sofrer reiteradas perseguições por parte da Securitate. Em 1986, Bossert se suicida pulando da janela de uma casa de repouso em Frankfurt.

<sup>279</sup> HÎNCU, ibid, p.82-3. Cito o trecho completo: “he specially signed out the situation of Richard Wagner, Herta Müller, William Totok, Franz Hodjak and Helmuth Frauendorfer, whose treatment by the authorities Bossert described as “psychological terror.” (no original). “[Nas entrevistas, Bossert] assinalou especialmente a situação de Richard Wagner, Herta Müller, William Totok, Franz Hodjak e Helmuth Frauendorfer, cujo tratamento pelas autoridades Bossert descreveu como “terror psicológico”.

<sup>280</sup> HÎNCU, ibid.

<sup>281</sup> MÜLLER, Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.105.

Para os agentes responsáveis por analisar os documentos de emigração, Müller deveria se encaixar nos preceitos do denominado Aussiedler, termo utilizado entre 1957 e 1992 pelo governo alemão para se referir aos emigrantes étnicos que, nascidos sob herança germânica e vindos da ex-URSS, ou até 1992, de países da Europa Central ou Oriental, preenchem algumas precondições legais, incluindo um teste de proficiência em língua alemã. Este status garantia aos emigrantes: cidadania alemã e participação em programas governamentais de assistência, incluindo o pagamento de pensões e seguro-desemprego. O Aussiedler deveria conseguir comprovar sua pertença ao mundo cultural alemão, mesmo que isso significasse a colaboração de algum familiar com o Exército nazista, caso do pai da escritora.<sup>282</sup>

Como destaca Müller no trecho supracitado, os chamados verificadores adotavam os mesmos procedimentos aos quais ela fora submetida pelos agentes da Polícia Secreta romena. Entre eles, destacam-se os infundáveis interrogatórios sobre os motivos de sua saída da Romênia e a suspeição de que ela fora uma agente da Securitate. Após ser aprovada em um teste de proficiência em língua alemã, as autoridades insistiam em questionar se ela era refugiada política ou alemã. Ao se identificar como refugiada política e alemã ao mesmo tempo, o funcionário lhe informa que era necessário escolher, posto que não havia formulário para as duas coisas. Em um primeiro momento, as autoridades concluíram que Müller não deveria ser alemã, já que as atitudes tomadas por ela na Romênia também eram perigosas sob o ponto de vista de um cidadão romeno.

O fato de não querer se desvincilar de seu problemático passado provocou problemas na chegada à Alemanha: os responsáveis por analisar seus documentos não desejavam discutir os abusos cometidos durante a ditadura e desconfiavam que Müller era uma espiã do serviço secreto romeno. Ao passo que os oficiais procuravam algum detalhe que comprovasse a pertença de Müller ao mundo cultural germânico (o que garantiria a cidadania alemã), a escritora desejava discutir os maus feitos praticados sob o regime de Ceausescu. Para a escritora, insistir que sua saída da Romênia era baseada na perseguição política parecia o mais correto, já que poderia permitir uma discussão com as autoridades sobre os motivos que a fizeram abandonar seu país natal.<sup>283</sup>

---

<sup>282</sup> Cf. GLAJAR, Valentina. Banat-Swabian, Romanian and German: conflicting identities in Herta Müller's *Herztier. Monatshefte*, v.89, n.4, 1997. Em seu artigo, Glajar destaca que durante os anos 1980 foi comum a “venda” de indivíduos de minoria alemã para a Alemanha Ocidental em troca de dinheiro. Um acordo realizado entre os dois países em 1978 permitia a saída de 12 mil alemães étnicos a cada ano. Assim, ao liberar a saída de Müller e seu marido, o governo romeno recebeu dinheiro pela permissão dada a ambos de deixar o país.

<sup>283</sup> Em sua dissertação de mestrado, Miriam Inês Wecker trata a questão do exílio na obra mülleriana a partir de dois outros textos da escritora, ainda não traduzidos em português. Em ambos, Müller também destaca as dificuldades enfrentadas ao lidar com os funcionários do asilo temporário e o sentimento de deslocamento provocado pela chegada na Alemanha. O primeiro é um discurso intitulado “Herzwort und Kopfwort” (Palavra do coração e palavra da cabeça, em tradução livre), publicado em 2013 na revista alemã *Der Spiegel*. Neste discurso, a escritora assinala que, com sua chegada ao asilo temporário na companhia da mãe, foi interrogada por vários dias por agentes do Serviço de Inteligência Alemã e recebe o mesmo tratamento desconfiado que os espiões da Securitate lhe davam. Após passar por um teste de proficiência em língua alemã, a autora descreve o absurdo crescente sofrido nas dependências do albergue.

Dado o desinteresse das autoridades em discutir o passado na Romênia e a desconfiança de que ela fora uma agente da Securitate, ao ter sua pertença ao mundo cultural alemão comprovada, Müller recebe a carteira de identidade alemã, mas o pedido de cidadania permaneceu pendente.<sup>284</sup> A situação foi resolvida somente um ano e meio depois, quando as autoridades lhe garantiram a cidadania. A escritora assinala que a demora em receber a cidadania lhe acarretou problemas de ordem pessoal, como ameaças de morte por parte do serviço secreto romeno. Sem ser cidadã alemã, as autoridades pouco poderiam fazer para protegê-la.

Müller procura vincular suas discussões sobre o totalitarismo e o exílio a uma reflexão de como representar tais temáticas através da linguagem, aspecto que se encontra fortemente presente nos textos discutidos neste capítulo. Cito a seguir alguns exemplos dessa preocupação da escritora no ensaio “Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio” envolvendo a palavra neve. Ao narrar os interrogatórios a que era submetida no BND, Müller comenta o desdém com que um dos verificadores tratou seu passado. O agente instava Müller a assumir seu papel como espiã da Securitate. Para ele, o regime de Ceausescu era “neve de ontem”, ou seja, águas passadas que não possuíam mais importância após a mudança de país. Dessa forma, ela poderia assumir sem receios de que trabalhara como agente da Polícia Secreta, o que para Müller era intolerável:

Então aconteceu. Eu não suportei o verificador desdenhando minha vida com uma expressão idiomática. Eu me levantei da cadeira e disse, alto demais: “É sempre a mesma neve”.

Eu já não gostava da expressão “neve de ontem” antes, porque ela não quer mais conhecer aquilo que era ontem. Agora sinto muito claramente o que não suporto nessa expressão com a neve de ontem: não suporto a maneira maldosa como uma metáfora ganha espaço, como mostra desdém. Como essa expressão deve ser insegura, porque se coloca de maneira tão impositiva, tão arrogante. Afinal, temos de inferir da expressão que a neve de ontem certamente foi

Apresentando um resumo do discurso proferido por Müller, Wecker aponta que “a situação absurda e surreal assume dimensões cada vez maiores ao ponto de [Müller] ter que preencher formulários indicando o tipo de fisionomia, partes do corpo e tipo de roupa usada pelos policiais romenos e, por mais que argumentasse, os inspetores permaneciam impassíveis” (2018, 43). Em um trecho do discurso, traduzido por Wecker, Müller afirma que seu status de exilada não era negociável, o que provocou problemas ao chegar na Alemanha. Nas palavras da autora, “eu não tinha ido para a casa de meu tio, mas ao exílio. Para mim, este termo não era negociável. Eu o requeria por compreender aos fatos. Ele incomodava as autoridades que não queriam ouvir falar da ditadura. Interrompiam-me quando eu queria lhes contar como essa ditadura se infiltrou até a esfera mais íntima da minha vida.” (MÜLLER apud WECKER, 2018,44). O segundo texto é *Reisende auf einem Bein* (*Viajantes sobre uma perna só*, em tradução livre), publicado na Alemanha em 1989. Nele, a protagonista Irene é uma exilada vindia da Romênia que vivencia um profundo sentimento de desorientação ao se instalar na Alemanha. Na chegada, os agentes da burocracia alemã desconfiam dos motivos que levaram Irene a emigrar, já que ela gostaria de ser reconhecida como exilada política. De acordo com Wecker, para a protagonista, “o exílio metafísico na Romênia torna-se um exílio de fato na Alemanha” (2018, 45), dado o tratamento recebido por parte das autoridades alemãs e as dificuldades para se adaptar à rotina no novo país. Cf. WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea*, op.cit.; Cf. MÜLLER, Herta. *Reisende auf einem Bein*. Berlin: Rotbuch-Verlag, 1989.

<sup>284</sup> HOLDEN, Anca-Elena Luca. *Cultural Identity in Contemporary German-Romanian Literature*; Richard Wagner and Herta Müller, op.cit.,p. 94.

importante, senão não seria preciso falar sobre ela, se livrar dela. Não disse ao verificador o que se passava pela minha cabeça.<sup>285</sup>

Para Müller, a metáfora “neve de ontem” era desrespeitosa, já que seu passado na Romênia não poderia ser apagado com a simples mudança de país. Segundo Müller, falar sobre a “neve de ontem” era necessário, posto que os acontecimentos de seu passado continuam a ressoar no presente. A “neve de ontem” continua a ser a mesma de hoje tanto para ela quanto para a mãe: ambas relacionam a emigração a acontecimentos ocorridos em diferentes momentos da história romena e que ainda repercutem em suas vidas privadas. Na visão mülleriana, não é possível desconsiderar o passado na Romênia após a mudança de país, visto que os maus feitos ocorridos na ditadura não foram devidamente discutidos e solucionados tanto na esfera pessoal quanto pública.

Ao longo do ensaio, a palavra neve é utilizada para compor tanto metáforas e frases, como as já citada “neve de ontem” e “é sempre a mesma neve”, quanto a formação de neologismos, como “traição da neve [SCHNEEVERRAT]”<sup>286</sup>, que resumiria a experiência de deportação vivenciada pela mãe em 1945. Segundo Müller, a utilização criativa das palavras é um aspecto fundamental das análises sobre diferentes momentos de sua trajetória pessoal. Palavras inventadas, como traição da neve “permitem muitas comparações, porque não foi feita nenhuma. Palavras como essas saltam da frase como se fossem de um outro material. Para mim, esse material se chama: o truque com a língua”.<sup>287</sup> Este “truque” envolve a desconfiança sobre a capacidade de representarmos com exatidão os eventos através da linguagem: segundo Müller, escrever sobre o passado na Romênia e o exílio em solo alemão é possível apenas através de um uso inesperado das palavras, já que “quando queremos ser precisos na descrição, devemos encontrar algo na frase que seja totalmente diferente para conseguirmos ser exatos”.<sup>288</sup>

A inquietação no tocante à elaboração de suas experiências por meio de um manuseio cuidadoso da linguagem é um dos fios condutores do ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”. Nele, Müller discute a importância de enxergarmos a língua como um agente político, capaz de interferir na percepção que temos da sociedade em que nos encontramos inseridos. Por isso, a linguagem não deve ser empregada de modo irrefletido, visto que por meio dela podemos colocar em dúvida valores e crenças arraigadas, como o conceito de identidade nacional. Além disso, a escritora assinala que a confiança que os indivíduos possuem em sua língua materna, um dos principais elementos que compõe a identidade nacional das nações modernas, pode ser seriamente abalada diante dos abusos governamentais. O exilado tem a relação com seu país e língua materna questionadas, precisando negociar de modo constante os

<sup>285</sup> MÜLLER, Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.106.

<sup>286</sup> MÜLLER, ibid, p.100.

<sup>287</sup> MÜLLER, ibid, p.100-1.

<sup>288</sup> MÜLLER, ibid, p.95.

sentidos entre as experiências trazidas de sua terra natal e os acontecimentos vivenciados no país que o recebe.

Para a escritora, considerarmos a língua como um dos elementos do sentimento de pertencimento a uma nação não é uma associação evidente, especialmente se pensarmos nos deslocamentos geográficos ocorridos no decurso do século XX:

Muitos escritores alemães imaginam que a língua materna poderia substituir qualquer coisa, caso fosse necessário. Embora nunca tenham tido a necessidade, dizem: LÍNGUA É PÁTRIA. Autores cuja pátria está à sua disposição imediata, a quem não acontece nada que ameace suas vidas, me irritam com essa afirmação. (...) Pessoas cuja pátria os deixa ir e vir à vontade não deveriam abusar dessa frase. Elas têm chão seguro sob os pés. Vindo de suas bocas a frase oculta todas as perdas dos fugitivos. Ela sugere que os emigrantes poderiam abstrair-se do colapso de sua existência, da solidão e da autoevidência para sempre quebrada, já que a língua materna no cérebro, enquanto pátria a tiracolo, pode compensar tudo. Não se pode, é-se obrigado a levar sua língua materna. Só se a pessoa estivesse morta não a teria consigo mas o que isso tem a ver com pátria?<sup>289</sup>

De acordo com Müller, os indivíduos que tiveram de se deslocar por causa da perseguição estatal se encontram em uma terra desconhecida e sem perspectiva, sem o chão seguro sob seus pés após a mudança de país. Para ela, os emigrantes não podem compensar o sentimento de não pertencimento ao seu país de origem recorrendo à língua materna, visto que ambos não representam para esses indivíduos um refúgio. Somente aqueles que nunca foram obrigados a abandonar seu lar poderiam adotar a visão de que língua e pátria se ligam diretamente, dado que eles podem se amparar tanto no idioma materno quanto nas tradições de seu país de origem sem correr grandes perigos.

Com considerações semelhantes às apresentadas por Müller no excerto acima, Edward Said discorre sobre as dificuldades experimentadas por aqueles forçados a deixar sua terra natal no ensaio “Reflexões sobre o exílio”. Na visão de Said, o exílio

jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. Nas palavras de Wallace Stevens, o exílio é “uma mente de inverno” em que o *páthos* do verão e do outono, assim como o potencial da primavera, estão por perto, mas são inatingíveis. Talvez essa seja uma outra maneira de dizer que a vida do exilado anda segundo um calendário diferente e é menos sazonal e estabelecida do que a vida em casa. O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente.<sup>290</sup>

De acordo com Said, o exílio é um cenário marcado pela desorientação e continuadas tentativas de compensar as perdas sofridas com o abandono da terra natal: a vida do exilado é

<sup>289</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 29-30.

<sup>290</sup> SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, op. cit., p.46.

marcada por um calendário menos previsível do que o adotado quando nos encontramos em casa, posto que ela é conduzida fora de uma ordem antes considerada habitual. Para Said, assim como para Müller, o exílio representa uma força que desestabiliza, sendo necessário que o sujeito efetue constantes negociações de sentido entre o passado e as experiências após a chegada em outro país para que suas vivências no exterior sejam minimamente satisfatórias. Said aponta que

Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais. Essas ocupações exigem um investimento mínimo em objetos e dão um grande valor à mobilidade e à perícia. O novo mundo do exilado é logicamente artificial e sua irrealidade se parece com a ficção.<sup>291</sup>

Conforme o ensaísta palestino, o exilado, graças ao deslocamento geográfico, acaba por valorizar a mobilidade ao procurar compensar uma perda que desorienta, já que ele se encontra no trânsito entre lugares e culturas distintas. A vida de um exilado, segundo Said, se caracterizaria pelo entrelaçamento e superposição de diversos lugares e tempos. Neste universo, romancistas seriam numerosos, graças à possibilidade de criação de novos mundos por meio da escrita ficcional. Ao se parecer com a ficção ou ao se configurar na ficção, a figura do exilado está vinculada a uma força que desestabiliza as divisões tradicionais.

Para Müller, a desorientação provocada pela mudança de pátria a faz desconfiar da relação mantida por aqueles forçados a abandonar sua terra natal com a língua materna. As seguintes perguntas se colocam ao pensarmos no vínculo entre exílio e língua a partir da perspectiva da autora: como pertencer a uma nação com práticas autoritárias, que mata os indivíduos que ousam questionar os abusos cometidos? Como o exilado pode continuar a se apropriar da língua materna após ter vivenciado na pele os maus feitos praticados pelos responsáveis em governar seu país de origem?

Em outro trecho do ensaio, a autora analisa tais questões ao apresentar os apontamentos do escritor Jorge Semprún<sup>292</sup> sobre a relação mantida por ele com sua língua materna e a história do seu país de origem, a Espanha. Semprún discute em seus livros temas como as experiências no campo de concentração de Buchenwald e os anos de clandestinidade política durante a ditadura franquista. Como aponta Müller, de acordo com Semprún, empregar a língua materna não é fácil para aqueles que foram perseguidos em sua terra natal:

---

<sup>291</sup> SAID, *ibid.*

<sup>292</sup> Jorge Semprún (1923-2011): escritor, intelectual, político e roteirista de cinema espanhol, cuja obra foi escrita majoritariamente em francês. Durante a Segunda Guerra Mundial, Semprún foi deportado para o campo de concentração de Buchenwald, experiência que perpassa sua obra literária. Filiado ao Partido Comunista Espanhol (PCE) desde 1942, atuou como agente clandestino do partido sob o pseudônimo de Federico Sánchez. Foi expulso do PCE em 1964. Em 1988, foi convidado pelo então primeiro-ministro espanhol Felipe González para ser Ministro da Cultura, cargo que ocupou até 1991. Faleceu em 2011 na capital francesa.

Eu me apoio numa frase de Jorge Semprún. Ela está em seu livro *O adeus de Federico Sánchez* e é o resumo do prisioneiro de campo de concentração e do emigrante Semprún vivendo em terra estranha durante a ditadura de Franco. Semprún diz: “Não é a língua que é pátria, mas aquilo que se fala.” Ele sabe do mínimo acordo interior com os conteúdos pronunciados que é necessário para pertencer. Como é que na Espanha franquista o espanhol poderia ser sua pátria? Os conteúdos da língua materna se dirigiam contra sua vida. O reconhecimento de Semprún de que PÁTRIA É AQUILO QUE É FALADO raciocina ao invés de fazer lisonjas à pátria no ponto mais miserável da existência. E quantos iranianos são atirados na cadeia até hoje por uma única frase persa. E quantos chineses, cubanos, norte-coreanos, iraquianos não podem estar em casa por um momento em sua língua materna. Ou será que um Sakharov em prisão domiciliar poderia ter a língua russa como pátria? <sup>293</sup>

Segundo Müller, Semprún não acreditava em uma ligação automática entre língua materna e o sentimento de pertencimento a uma pátria, visto que os conteúdos defendidos e expressos pelos governantes de seu país natal representavam um efetivo risco de vida.<sup>294</sup> No trecho acima, a escritora também fornece outros exemplos de sujeitos que acabaram perdendo o vínculo com seu país e língua nativa graças à discordância de práticas levadas a cabo por regimes de cunho autoritário. Entre os exemplos, ela cita Andrei Sakharov, físico nuclear que acabou exilado com a esposa ao contrariar os preceitos defendidos pelo regime soviético.<sup>295</sup> Em tais casos, Müller duvida da possibilidade de os indivíduos manterem uma relação não problemática com seu país de origem e a língua materna, já que ambos representam um perigo à sobrevivência do sujeito.

Ao longo do ensaio, ela cita casos de outros escritores que, assim como Semprún, também mantiveram uma delicada relação com a língua materna. Entre eles, cito os exemplos de Paul

<sup>293</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.32.

<sup>294</sup> No livro de Semprún citado por Müller, cuja edição brasileira se intitula *Saudações de Federico Sanchez*, o escritor descreve os anos em que trabalhou como Ministro da Cultura no governo de Felipe González, entre 1988 e 1991. Semprún salienta que escrever sobre seu passado envolve um trânsito entre o espanhol e o francês, língua na qual escreve seu relato. Para ele, escrever em uma língua estrangeira lhe permite se resguardar interiormente, já que é possível guardar uma distância maior dos acontecimentos narrados. Ao longo do livro, o escritor inclui algumas palavras e expressões em espanhol e assinala que sua memória poética é sempre bilíngue (1995, 81). Ele se considera um eterno exilado e ressalta ter assumido o exílio como um “destino histórico que de certo modo me fora designado. Eu precisei assumi-lo. (...) Eu vivi o exílio político espanhol como uma verdadeira pátria” (1995, 15). Semprún se vê como um apátrida, cuja casa seria a linguagem (1995, 14). Müller lê a afirmação do escritor como um indício da quebra de confiança na relação entre pátria e língua materna o que, no caso de Semprún, reforça o trânsito entre idiomas como uma das principais características de sua obra. Ver SEMPRUN, Jorge. *Saudações de Federico Sanchez*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

<sup>295</sup> Andrei Sakharov (1921-1989): Sakharov desenvolveu ao longo de sua carreira de físico pesquisas que tratavam da utilização da energia nuclear, o que fez com que fosse incluído em grupos de pesquisa sobre o desenvolvimento de armas nucleares em 1948. No entanto, nos anos seguintes, passou a preconizar o desarmamento nuclear e reclamou a desestalinização do país, denunciando a existência de gulags na União Soviética e outras violações dos direitos humanos cometidas pelo regime. Em 1975, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, mas não foi autorizado a receber a distinção. Em 1980, ao se opor à invasão soviética no Afeganistão, foi condenado a um exílio forçado na cidade de Gorki, onde permaneceu até 1986. Em dezembro de 1985, foi instituído pelo Parlamento Europeu o Prêmio Sakharov, atribuído anualmente a uma personalidade ou organização que se destaca na luta pelos direitos humanos e liberdade de expressão. Faleceu em 1989 em Moscou.

Celan e de Georges-Arthur Goldschimdt<sup>296</sup>, que tiveram a confiança “instintiva na língua materna (...) abalada.”<sup>297</sup> Nas palavras de Müller,

Após o extermínio dos judeus no nazismo, Paul Celan teve de conviver com o fato de sua língua materna alemã ser a língua dos assassinos de sua mãe. Mesmo nesse espaço extremamente adverso, Celan não pôde desvincilar-se dela. Pois na primeira de todas as palavras que Celan pronunciou quando aprendeu a falar, a língua já estava fincada. Ela era a fala que cresceria para dentro da cabeça e teve de continuar sendo. Mesmo quando cheirava a chaminé de campo de concentração, Celan teve de permiti-la como o mais íntimo pulsar da língua, embora tivesse crescido entre o ídiche, o romeno e o russo, e o francês se tornasse sua língua cotidiana. Bem diferente foi o caso de Georges-Arthur Goldschidmt. Ele recusou a língua alemã após o extermínio dos judeus; durante décadas escreveu em francês. Mas não esqueceu o alemão. E seus últimos livros, escritos em alemão, são tão virtuosos que a maioria dos livros escritos na Alemanha perde o brilho ao seu lado. Pode-se dizer também que Goldschidmt teve a língua roubada por muito tempo.<sup>298</sup>

Como assinala Müller, cada escritor acabou por adotar uma estratégia em relação à língua materna ao vivenciar o exílio. No caso de Celan, o exílio na França não representou um desligamento completo do alemão em sua escrita, mesmo que ele fosse o idioma ligado ao extermínio de seus pais em um campo de concentração nazista. Já para Goldschidmt, a recusa de escrever em alemão se estabeleceu após a descoberta da existência dos campos. Essa recusa, porém, não significou o abandono completo de sua língua materna, já que mesmo escrevendo durante muitos anos em francês, ele traduzia obras da tradição literária e filosófica alemã. Mesmo com a confiança na língua abalada, ambos continuam a ter o idioma alemão como uma importante referência em suas produções.

Os dois escritores, na visão de Müller, carregam as marcas da perseguição aos judeus na escrita e na vida privada. Tanto Celan quanto Goldschimdt tiveram a língua natal “roubada” diante dos abusos perpetrados pelos nazistas, que contavam com a utilização política do alemão para justificar os maus feitos promovidos contra diversas parcelas da população. Em seus livros, diante da perda da confiança na língua nativa e no país natal, segundo Müller, eles nos apresentam as possibilidades existentes de trânsito entre diferentes idiomas e a preocupação de se negociar de maneira crítica os sentidos, visto que as experiências pós-exílio não se desvinculam de vivências anteriores: no caso de Celan, o poeta se utilizava da língua alemã no exílio para criar poemas que descreviam os horrores cometidos contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>299</sup> Já nos

<sup>296</sup> Georges-Arthur Goldschimdt: nascido em 1928 na cidade alemã de Reinbek em uma família de judeus convertida ao protestantismo. Em 1938, foge para Alemanha para escapar do regime nazista. Em 1949, obteve a nacionalidade francesa. Ao longo de sua carreira, Goldschidmt trabalhou como professor de alemão, escritor e ensaísta, além de traduzir para o francês nomes como Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin, Franz Kafka e Peter Handke. Seus livros, que perpassam diferentes gêneros, como autobiografia, crítica literária e ensaios relacionados ao ofício de tradutor, são todos escritos em francês.

<sup>297</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.29.

<sup>298</sup> MÜLLER, ibid., p.29.

<sup>299</sup> Como assinala a estudiosa Maria João Cantinho, entre os “grandes temas da poética celaniana” encontra-se “justamente o problema da língua alemã”, dado o fato desse ser o idioma utilizado pelos nazistas,

textos de Goldschidmt, o alemão e francês são colocados lado a lado, especialmente nos momentos em que ele estabelece comparações sobre como os dois idiomas descrevem ideias e acontecimentos utilizando palavras diferentes.<sup>300</sup>

A partir de tais exemplos, Müller destaca que o sentimento de pertencer a uma nação pode ser abalado graças à perseguição política e um uso inadequado da linguagem por parte dos governantes, ao se apropriarem do idioma para naturalizar a violência. A desconfiança de Müller em relação a uma associação direta entre língua e pertencimento nacional é um dos pontos que compõe, segundo Thomas Cooper, uma das especificidades do exílio na obra da escritora. Para o estudioso, Müller não apresenta aos leitores o modelo clássico de exílio presente na literatura europeia:

Em seu desconforto com visões de uma linguagem unitária como centro estável da identidade, Müller difere marcadamente de muitas figuras canônicas do exílio. Para escritores como Heinrich Heine, Sándor Márai, Andrzej Bobkowski, Kazimierz Brandys, ou até mesmo Eva Hoffman, a língua constituía uma casa, tanto como um lugar de origem quanto como uma fonte do ser. Certamente, a experiência de Müller do exílio foi fundamentalmente diferente, considerando-se que a fuga de seu país natal foi um retorno à sua língua materna. No entanto, é precisamente o contato contínuo com a língua materna que a fez profundamente sensível à multidão de vozes pela qual a linguagem é negociada como uma intersecção de identidades divergentes. Ao passo que a ruptura do exílio permitiu aos autores acima citados mitologizar suas línguas nativas como essências ou lugares perdidos, Müller situou sua identidade em termos culturais mais amplos, não limitados à linguagem.<sup>301</sup>

---

denominados por Celan de “mestres da morte” e responsáveis por corromper a língua alemã. A contradição de escrever no idioma nativo de sua mãe e a dos carrascos “ocupava-lhe permanentemente o espírito e transformou-se numa das suas obsessões fundamentais”, o que se verifica, segundo Cantinho, na “crispação” presente nos poemas celanianos. Tal crispação pode ser compreendida como uma busca por se expressar na língua alemã de maneira inventiva, sendo o poeta responsável por recriar um mundo destroçado e marcado pelo desespero e ausência de amor. Para Celan, é somente por meio de um emprego crítico da linguagem, que rompe com seu uso convencional, que a representação sobre os horrores cometidos ao longo da Segunda Guerra pode se efetivar. Para mais detalhes, ver CANTINHO, Maria João. Paul Celan, a experiência do limite da linguagem. Disponível em: <https://revistacaliban.net/paul-celan-a-experi%C3%A3Ancia-do-limite-da-linguagem-30afb01b99bf>. Acesso em 29 de outubro de 2019.

<sup>300</sup> Cito um exemplo do trânsito entre os idiomas presente na obra de Goldschidmt tendo como referência o livro *À l'insu de Babel*, de 2009. Neste livro, Goldschidmt tece longos comentários sobre o ofício de tradutor e as dificuldades que perpassam a profissão. Para Goldschidmt, cada idioma carrega consigo a história de seus falantes e possui particularidades que devem ser levadas em conta ao traduzirmos um texto. O alemão é descrito como uma língua propícia à criação de conceitos filosóficos, dada a possibilidade de formarmos longas palavras por aglutinação. Já o francês seria o idioma dos subentendidos. Considerando a tradução uma maneira de conhecer melhor tanto a nós mesmos quanto o mundo que nos cerca, Goldschidmt realiza inúmeras comparações entre os dois idiomas com o intuito de discutir como cada língua comprehende e nomeia a realidade de modo particular. Além disso, o ensaísta salienta que o alemão foi instrumentalizado pelo nazismo durante os anos 1930, transformando-o em um jargão de obediência e adesão absolutas. Esse cenário exigiu que a sociedade alemã (em especial a partir da década de 1960) se voltasse para sua história com o intuito de analisar criticamente, entre outras temáticas, o mau uso da língua perpetrado pelos nazistas. Cf. GOLDSCHIDMT, Georges-Arthur. *À l'insu de Babel*. Paris: CNRS Éditions, 2009.

<sup>301</sup> COOPER, Thomas. Bewteen Myths of Belonging. In: NEUBAUER, John; TÖRÖK, Borbála Zsuzsanna (orgs.). *The Exile and Return of Writers from East-Central Europe. A Compendium*. De Gruyter: 2009, p.492. “In her discomfort with visions of a unitary language as a stable site of identity, Müller differs markedly from many of the canonical figures of exile. For writers such as Heinrich Heine, Sándor Márai, Andrzej Bobkowski, Kazimierz Brandys, or even Eva Hoffman, language constituted a kind of a homeland,

Como nos explica Cooper, o modelo clássico de exílio repousa na associação direta entre pátria e língua, consideradas como essências do sujeito. O exílio marcaria uma perda irreparável na vida dos indivíduos, que teriam na língua materna uma fonte de inspiração para a criação de narrativas glorificadoras da nação perdida.

Já na visão de Müller, escritores como Jorge Semprún, Paul Celan e Georges-Arthur Goldschimdt, não idealizam a relação entre língua e pátria, dado o grau de violência a que foram submetidos nos países onde moravam. No ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, ela destaca que os três escritores, ao terem sua confiança na língua e pátria abaladas, encaram o exílio e o sentimento de não pertencimento como uma oportunidade para trafegar entre culturas, em uma negociação contínua de sentidos entre passado e presente. Em seus textos, esses autores possuem uma visão crítica do uso da linguagem, ao discutir como ela é empregada por diferentes nações para justificar opressões, visão que se coaduna à adotada por Müller ao narrar sua experiência de exilada.

Primeiramente “estrangeira” em seu país de origem, ao discordar do saudosismo em relação ao passado nazista do vilarejo e se opor ao regime de Ceausescu, Müller assinala que nem o alemão (sua língua materna) e nem o romeno (língua aprendida aos 15 anos na escola) lhe permitiram se sentir parte do país onde nascera. Ao se mudar para Berlim, a sensação de deslocamento permanece, o que leva a escritora a duvidar da possibilidade de pertencer a lugares. Contudo, como indica Cooper, o sentimento de não pertencimento e o exílio aparecem nos textos müllerianos como uma possibilidade de analisar como os sentidos são negociados através da linguagem e as maneiras pelas quais as experiências do passado ainda influenciam o presente dos indivíduos.<sup>302</sup>

Ao continuar a escrever em alemão após a mudança de país, Müller aponta como o idioma é empregado para justificar opressões tanto na Romênia socialista quanto na Alemanha capitalista. Para ela, língua e pátria não possuem um vínculo direto, que pode ser abalado a depender do uso que os atores sociais fazem da linguagem. Ao invés de ressaltar o exílio como uma ruptura e cisão irremediáveis, a escritora enfatiza as diferentes instâncias pelas quais o pertencimento a uma nação é construído em diferentes sociedades.

Na sequência do ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, Müller detalha sua relação pessoal com a Romênia, a chegada na Alemanha e como a linguagem é utilizada nos dois países de maneira irrefletida, o que a fez duvidar da possibilidade de pertencer a algum desses

either as a place of origin or a source of the self. Certainly, Müller’s experience of exile was fundamentally different in that her flight from the country of her birth was a return of sorts to her mother tongue. Yet it is precisely this continuous contact with German that made her keenly sensitive to the multitude of voices through which language is negotiated as an intersection of divergent identities. Whereas the rupture of exile enabled the authors cited to mythologize their native tongues as essences or places lost, Müller located her identity in broader cultural terms not limited to language.” (no original)

<sup>302</sup> COOPER, ibid.

lugares. Para ela, a pátria romena era “absorvida” por dois grupos que celebravam tradições preconceituosas:

Eu não gosto da palavra “pátria”: na Romênia ela era absorvida por dois grupos de donos da pátria. O primeiro eram os suábios, senhores da polca e especialistas em virtudes dos vilarejos; o outro, os sabujos e lacaios da ditadura. Pátria do vilarejo enquanto germanismo glorificante e pátria do Estado enquanto obediência acrítica e medo cego da repressão. Ambos os conceitos de pátria eram provincianos, xenófobos e arrogantes. Eles farejavam a traição em todo lugar. Ambos necessitavam de inimigos, julgavam de modo rancoroso, generalizante e inamovível. Ambos se consideravam importantes demais para rever um julgamento incorreto. Ambos se serviam da tortura a pessoas próximas de seus perseguidos.<sup>303</sup>

Müller se sente deslocada tanto no vilarejo onde nasceu, com suas tradições que glorificavam o passado nazista quanto na cidade, cujos habitantes se encontram marcados pelo medo e obediência irrefletida aos preceitos da ditadura. De acordo com a autora, os dois grupos empregavam a linguagem para produzir inimigos e perpetuar a violência contra aqueles que não seguiam os rígidos preceitos que guiavam a Romênia sob o domínio da ditadura.

Se o não pertencimento era uma constante na Romênia, Müller aponta que essa sensação não se modifica depois da chegada na Alemanha. No ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, ela nos apresenta diversas comparações no tocante ao uso da linguagem em ambos os países, apontando que os idiomas romeno e alemão eram empregados em diferentes contextos para perpetuar e justificar a violência contra determinados grupos sociais: na Romênia, as piadas contra o regime socialista adotavam por muitas vezes tons abertamente racistas e xenófobos. Já na Alemanha, os cartazes de propaganda que coloriam as ruas representavam a violência sem maiores questionamentos.

Entre os exemplos de propaganda citados no ensaio está o de um salto de sapato de jacaré que pisa sobre uma mão masculina. A partir do cartaz, a escritora estabelece algumas associações que apontam para a naturalização da violência por parte daqueles que não vivenciaram diretamente uma ditadura:

Eu não consigo fazer outra coisa senão levar as imagens a sério, elas são ferimentos inúteis e por isso dos mais indecentes, desmando sem motivo. Um jogo desdenhoso com tortura e homicídio. Que relação tem a beleza de um sapato com o fato de ele estar parado sobre uma mão humana. A meu ver uma empresa degrada seu produto dessa maneira. Eu não conseguiria comprar o gracioso sapato do cartaz por causa da história da mão pisada que o acompanha. A mão pisada nunca poderá ser separada do sapato. Ela é até maior do que o sapato, ela atormenta minha memória. (...) A publicidade do sapato me perturba com a lembrança das pessoas reais que foram torturadas na ditadura, que eu vi desmoronarem. Esse gracioso sapato de jacaré no cartaz, para mim ele é capaz de tudo. Ele nunca poderia se tornar meu, nem dado de

---

<sup>303</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.30-1.

presente poderia aceitá-lo. Nunca teria a certeza de que esse sapato não acabaria repetindo o seu costume de pisar em mãos sem eu perceber.<sup>304</sup>

Para a literata, o sapato de jacaré remete a diferentes episódios de sua vida na Romênia. No trecho acima, ela destaca a tortura física e psicológica a que foram submetidos diversos conhecidos durante a ditadura. Em outro excerto do ensaio, a escritora realiza outra comparação a partir do par de sapatos: Müller associa o par às botas de soldado do seu pai, que participara como combatente do exército nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Ao calçar as botas, ele tinha por hábito cuspir muitas vezes nelas até que brilhassem. Segundo Müller, o mesmo brilho que torna o sapato de jacaré tão atrativo na propaganda estava presente nas botas do pai, que aprendera a importância de ter o sapato brilhando graças à mania de limpeza aprendida no exército. Nas palavras da autora, quando seu pai cuspia sobre as botas, ela se dava conta de que “é nos pequenos detalhes impensados que se vê que o soldado da SS está incorporado nele.”<sup>305</sup>

Em um movimento muito comum em seus textos, o de realizar associações bastante livres entre passado e presente a partir de pequenos objetos e detalhes do cotidiano, Müller elabora o que Blume denomina de “imagens da opressão”<sup>306</sup>, com o intuito de criticar práticas de caráter abusivo que perpetuam a violência. Partindo do cartaz visto nas ruas de Berlim, a escritora aproxima a naturalização da violência fomentada pela propaganda a acontecimentos vivenciados na Romênia, como o orgulho que seu pai exibia ao calçar as botas que utilizara nos combates ao lado dos nazistas.

De acordo com Müller, a língua não pode ser usada de modo descuidado, já que por meio dela podemos reforçar ações que desrespeitam as liberdades individuais e justificam agressões. Em outro trecho do ensaio, Müller sintetiza suas considerações sobre a importância de estarmos sempre atentos ao emprego que fazemos da linguagem:

A língua nunca foi e nunca é, em tempo algum, um terreno apolítico, pois ela não pode ser separada daquilo que uma pessoa faz com a outra. Ela sempre vive no caso específico, cada vez é preciso estar à espreita para arrancar-lhe o seu intento. Nessa indissociabilidade da ação ela se torna legítima ou inaceitável, bonita ou feia, também se pode dizer: boa ou má.<sup>307</sup>

Para Müller, a linguagem é uma arena política, que pode tanto perpetuar a violência quanto auxiliar-nos a duvidar das justificativas dadas pelos governantes para promover a exclusão social contra certos grupos. Ao abordar a temática do exílio em seus ensaios, a escritora ressalta o papel fundamental que a língua possui na vida dos sujeitos migrantes, já que é por meio dela que podemos negociar os sentidos e o pertencimento entre diferentes sociedades.

<sup>304</sup> MÜLLER, *ibid*, p.35-6.

<sup>305</sup> MÜLLER, *ibid*, p. 38.

<sup>306</sup> BLUME Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã, op.cit., p.69.

<sup>307</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 40.

Não se sentindo em casa nem em seu país natal e nem na Alemanha, Müller acaba por valorizar o trânsito entre culturas: ao chegar em solo alemão, suas experiências vividas sob a ditadura são o ponto de partida que ela possui para estabelecer comparações entre passado e presente. No próximo subtítulo, discutirei este ponto com maior detalhe, apontando como a escritora aborda a negociação de sentidos ao trafegar entre diferentes países e culturas em seus textos.

### **3.3 “Mas é evidente que o romeno sempre escreve junto, porque cresceu para dentro do meu olhar”: Herta Müller e a “escrita-entre-mundos”**

No ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, Müller narra suas dificuldades para colocar no papel suas experiências vividas tanto na Romênia quanto na Alemanha, já que, segundo ela, “não é verdade que há palavras para tudo”<sup>308</sup>. Procurando sair do silêncio em que estava envolta durante sua infância no vilarejo e na vida adulta sob os auspícios de uma ditadura, ela tem na escrita um refúgio, já que as palavras lhe permitem elaborar, mesmo que com limitações, suas vivências. O desejo de ser capaz de dar sentido a suas experiências perpassa um uso criativo da linguagem, dado que para Müller é somente por meio da invenção artística que podemos nos aproximar do vivido.

Além da escrita, Müller aponta que também podemos nos aproximar de nossas experiências anteriores através do contato com obras que empregam de modo inusitado a linguagem: com o uso inventivo da língua “sempre se quer dizer mais, se movimenta mais do que dizem as palavras de modo imediato.”<sup>309</sup> Ao leremos no papel palavras retiradas de seu uso habitual podemos, na visão mülleriana, refletir sobre nossa vida e encontrar um refúgio em momentos nos quais a vida “não está mais em ordem.”<sup>310</sup>

Outra fonte que a auxilia na compreensão de suas experiências envolve o trânsito entre diferentes idiomas e variantes da língua alemã. A escritora aponta que a língua romena a ajudou na reflexão sobre o seu próprio processo de criação. Segundo Müller, ao comparar o alemão com o idioma aprendido durante sua adolescência, maneiras inusitadas de enxergar o mundo se abrem:

Era cada vez mais frequente a língua romena ter as palavras mais sensitivas, que me pareciam mais adequadas do que minha língua materna. Não queria mais prescindir da amplitude das transformações. Não na fala e não na escrita. Em meus livros ainda não escrevi uma única frase em romeno. Mas é evidente que o romeno sempre escreve junto, porque cresceu para dentro de meu olhar.”<sup>311</sup>

---

<sup>308</sup> MÜLLER, *ibid*, p.16.

<sup>309</sup> MÜLLER, *ibid*, p.22.

<sup>310</sup> MÜLLER, *ibid*, p.16.

<sup>311</sup> MÜLLER, *ibid*, p.28-9.

Para Müller, o romeno apresentava imbricações “sensuais, atrevidas e surpreendentemente belas.”<sup>312</sup>, o que a fazia pensar em maneiras inesperadas de colocar as palavras no papel. Um exemplo das comparações estabelecidas pela autora entre o alemão e o romeno encontra-se no trecho abaixo:

Lírio, *crin*, é masculino em romeno. Certamente A lírio olha de outro jeito para a gente do que O lírio. Em alemão se tem uma dama, em romeno um senhor. Quando se conhecem as duas visões, elas se unem na cabeça. A visão feminina e a masculina se abrem, dentro do lírio se embalam uma mulher e um homem, fundindo-se. O objeto realiza em si mesmo um pequeno espetáculo, porque ele não se conhece mais muito bem. O que se torna o lírio em duas línguas que correm ao mesmo tempo? Um nariz de mulher em um rosto de homem, um palato longo esverdeado ou uma luva branca ou gola de pescoço? Ele cheira a ir e vir, ou a ficar além do tempo? Do lírio fechado das duas línguas surgiu, através do encontro das duas visões de lírio, uma história enigmática e sem fim. Um lírio com um chão duplo sempre está inquieto na cabeça e por isso diz constantemente algo inesperado de si e do mundo. Vê-se mais nele do que no lírio monolíngue.<sup>313</sup>

Como assinala Müller, “vê-se mais” quando estabelecemos pontos de contato entre diferentes idiomas. A relação entre o alemão e o romeno é desenvolvida com maiores detalhes na sequência do ensaio. Nas palavras da autora,

De uma língua à outra acontecem transformações. A visão de língua materna se posiciona em relação à visão diferente da língua estranha. A língua materna se tem quase sem qualquer acréscimo próprio. Ela é um dote, que surge sem que se perceba. E por outra língua, vinda mais tarde e de modo diferente, ela é julgada. No mais óbvio reluz, de repente, o aleatório das palavras. A partir de então a língua materna não é mais a única estação dos objetos, a palavra da língua materna não mais a única medida das coisas.<sup>314</sup>

De acordo com Blume, o romeno aparece nos livros de Müller como uma maneira de promover a precisão e o rigor no momento de escrever em alemão, dado que para a escritora não se deve desperdiçar as palavras “numa frase ruim”<sup>315</sup>, que não faça justiça às pessoas que lhe são caras. Com a mudança de país, o trânsito entre idiomas se amplia: além do romeno, instala-se a negociação de sentidos com o alto-alemão falado na Alemanha.<sup>316</sup>

Esse tema é abordado pela autora no ensaio “Aqui na Alemanha”, no qual ela expõe as dificuldades de compreensão no cotidiano após se instalar em solo alemão, além de enfatizar a continuada negociação pelo pertencimento no novo país, dado que os impasses em sua vida pessoal e profissional eram usuais. Durante o texto, Müller nos apresenta vários exemplos que evidenciam a incompreensão nos momentos em que era necessário estabelecer um diálogo com

<sup>312</sup> MÜLLER, *ibid*, p.26.

<sup>313</sup> MÜLLER, *ibid*, p.26-7.

<sup>314</sup> MÜLLER, *ibid*, p.27.

<sup>315</sup> Cf. MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.91.

<sup>316</sup> BLUME, Rosvitha Friesen. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada, op. cit.

os alemães. Recorrentes eram as correções por parte dos comerciantes, que destacavam os “erros” de pronúncia cometidos pela escritora.

Ao se encontrar em tais situações, ela recorre à comparação entre as diferentes formas de se dizer uma mesma palavra. Para a escritora, o trânsito entre as variantes do alemão lhe aponta como diferentes sociedades enxergam de modos distintos a realidade social:

Duas vezes eu comprei flores na mesma loja. A vendedora, uma mulher em torno dos cinquenta anos, me manteve na memória da primeira para a segunda vez. Como prêmio para a minha volta ela escolheu as mais belas bocas-de-leão do balde, hesitou um pouco e perguntou: “Que compatriota é a senhora, a senhora é francesa?”. Como não gosto da palavra “compatriota”, hesitei também e instalou-se entre nós um silêncio, antes de eu dizer: “Não, eu venho da Romênia”. Ela disse: “Tudo bem, não faz mal”, e sorriu como se de repente estivesse com dor de dente. A frase soou bondosa, como: isso pode acontecer, é apenas um pequeno erro. E ela não ergueu mais o olhar, só o fixou sobre o buquê empacotado. Estava embarcada, havia me sobrestimado. Já quando pedi “boca-de-leão” tive de pensar: No meu alemão, que trouxe comigo da Romênia, essas flores se chamam Froschgöschl [boca de sapo]; na língua do vilarejo, diretamente Quaken [coaxo]; portanto, apenas o canto contínuo que os sapos emitem. A diferença entre leões e sapos não poderia ser maior, a comparação dos dois animais é absurda. A boca-de-alemão no alemão da Alemanha é uma boca de sapo ou um coaxar de sapo grotescamente sobrestimado.<sup>317</sup>

Mesmo entendendo sem dificuldades todas as palavras que lhe eram dirigidas, Müller enfatiza que questionavam com frequência se ela era estrangeira, provocando diversos mal-entendidos. Cito mais um dos exemplos descritos no ensaio:

Quantas vezes tive de responder na Alemanha de onde eu venho. Na revistaria, na costureira, no sapateiro ou no padeiro, na farmácia. Eu entro, cumprimento, digo o que quero, os vendedores me atendem, dizem o preço- e então, após engolirem seco: “De onde a senhora vem?”. Entre o colocar o dinheiro sobre o balcão e guardar o troco digo: “Da Romênia”. Como se tem de falar um pouco sobre o sapato ou sobre o vestido, sobre o que dá e o que não dá, até que, portanto, se esclareceu o intento manual, pronunciei várias frases completas seguidas. Aí despedem-me com a frase: “Mas a senhora já fala muito bem alemão”. Não quero deixar por isso mesmo, mas não tenho nada a acrescentar.<sup>318</sup>

Outro exemplo de incompreensão em seu cotidiano na Alemanha envolve diretamente o passado na Romênia:

O que é que se fala quando encontro a minha vizinha embaixo, junto à caixa de correio e, ao subirmos juntas as escadas, ela me conta que não consegue descansar nenhuma noite sequer, pois a criança de três anos de idade vai até a sua cama entre as duas e três horas da madrugada com uma ovelha de pano querendo brincar: “Isso é um verdadeiro terror” diz ela, “o serviço secreto romeno não poderia ter inventado nada pior”. Ela é historiadora. Devo dizer-lhe que o serviço secreto romeno não queria brincar de boneca de pano comigo?<sup>319</sup>

---

<sup>317</sup> MÜLLER, Herta. Aqui na Alemanha. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.190-1.

<sup>318</sup> MÜLLER, ibid, p. 191.

<sup>319</sup> MÜLLER, ibid, p.193-4.

Com tais exemplos, a escritora destaca o desconhecimento generalizado por parte das pessoas com quem conversava na Alemanha de suas origens, dado que ela, assim como eles, também pertence ao universo de falantes nativos do alemão. Contudo, ao ser originária de um país onde uma das minorias populacionais possui o alemão enquanto idioma materno, Müller era frequentemente vista como estrangeira, não sendo a chegada na Alemanha uma garantia de integração entre os diferentes usuários do idioma.

O alemão que Müller trouxe consigo da Romênia contém importantes diferenças em relação ao falado na Alemanha, especialmente no tocante ao sotaque e pronúncia.<sup>320</sup> Termos e expressões utilizados por Müller eram encarados como antiquados e estranhos pelas pessoas com quem ela tratava contato no novo país. Dadas as diferenças existentes entre as variantes do idioma e o desconhecimento por parte dos alemães da situação da minoria alemã na Romênia, tanto a comunicação diária quanto a integração dos exilados são vistas por Müller como um processo difícil e repleto de incompreensões.

O desconhecimento sobre a situação das minorias alemãs também se estendia aos profissionais responsáveis pelo estudo do passado, o que surpreendeu Müller. Como a escritora destaca em outros textos ensaísticos, após se instalar na Alemanha, ela precisava selecionar quais situações do passado deveria narrar em seus livros e aparições públicas. Mesmo os exemplos mais inofensivos poderiam fazer com o que o público alemão a considerasse louca, dado o grau de violência e terror psicológico contidos nas suas vivências em solo romeno.<sup>321</sup>

Segundo Valentina Glajar, em seus textos, Müller apresenta aos leitores a negociação de seu pertencimento ao narrar o sentimento de deslocamento na Romênia e a continuidade dessa sensação ao chegar na Alemanha. Com a emigração, o passado

não era um capítulo fechado para Müller. O país [a Romênia] havia ficado para trás fisicamente na fronteira quando ela emigrou, mas persistia através das memórias, percepções, hábitos e a língua que Müller trouxe para o novo país. (...) Os romenos de minoria alemã que emigraram para a Alemanha tiveram que passar por um duplo processo de negociação identitária: por um lado, eles tiveram que lidar com o passado e reavaliar suas posições e os papéis ocupados na ditadura de Ceausescu (...) Por outro lado, a minoria tinha que se ajustar às novas realidades ocidentais.<sup>322</sup>

---

<sup>320</sup> Cf. BLUME, Rosvitha Friesen. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada, op. cit.

<sup>321</sup> Cf. MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit.

<sup>322</sup> GLAJAR, Valentina. Banat-Swabian, Romanian and German: conflicting identities in Herta Müller's *Herztier*, op. cit, p. 536-7. "was not a closed chapter for Müller. The country physically ended at the border when she emigrated to Germany, but it lived on through memories, perceptions, habits and the language that Müller brought along to the new country. (...) German-Romanians who emigrated to Germany have to undergo a double process of identity negotiation: on the one hand, they have to cope with the past and reevaluate their positions and roles they played in Ceausescu's dictatorship.(...) On the other hand, minority Germans had to adjust to the new Western realities." (no original)

De acordo com Glajar, os migrantes de minoria alemã atravessavam um duplo processo de negociação identitária, posto que era necessário lidar com as pesadas lembranças do passado sob a ditadura e se ajustar à realidade social existente no Ocidente. Para Müller, tais dificuldades se encontram expressas em vários momentos: além das dificuldades de compreensão no dia a dia, ela destaca o papel da crítica literária alemã, que desejava ler narrativas com personagens situados na Alemanha. Dada a insistência da escritora em criar enredos que se referiam ao passado na Romênia socialista, os críticos não puderam ignorar a presença do país natal e a discussão sobre a ditadura em seus textos.<sup>323</sup>

Nas palavras de Müller, a resistência da crítica em lidar com as problemáticas abordadas em seus trabalhos se vincula à dificuldade da sociedade alemã em ser confrontada com livros que fujam de eventos ligados à história do país. A crítica desejava a normalidade, ou seja, ler narrativas que apresentassem episódios relacionados somente ao passado alemão, como o pós-guerra e a recuperação econômica ocorrida na segunda metade do século XX, ignorando acontecimentos que envolvessem o passado das minorias étnicas:

Também o meio literário busca a normalidade. Alguns críticos literários desejam o romance total alemão no qual conste, de modo conciso, o grande todo, não como até o momento, o pequeno periférico. Eles insistem na contemporaneidade. No caso de temas alemães a contemporaneidade felizmente é elástica, estende-se décadas para trás. (...) Entretanto, se a pessoa, como eu, vem de outro país e escreve em alemão não sobre esse, mas sobre o outro país, a crítica literária já há dez anos considera passado aquilo que se passou há doze anos. (...) Eles me aconselham a parar com o passado e a finalmente escrever sobre a Alemanha.<sup>324</sup>

Segundo Müller, a crítica literária, ao resenhar os livros lançados durante os anos 1990, apontava que escrever repetidamente sobre a ditadura não interessaria a leitores preocupados em consumir obras que trabalhassem temas ligados diretamente ao passado alemão. Para a escritora, tal postura reforça a dificuldade de fazer parte de um país que não deseja discutir temas relevantes para os migrantes. Sentindo-se estrangeira no país que deveria acolhê-la, Müller assinala que seu pertencimento deve ser constantemente renegociado, dado que ela nunca é encarada como parte dos escritores preocupados com as questões consideradas importantes pelos leitores alemães.

A busca pela normalidade se estendia também aos políticos alemães que, segundo Müller, não desejavam discutir o passado. Adaptação e integração à realidade alemã eram as palavras de ordem: “Desde 1945 e após a reunificação com maior afinco ainda, a Alemanha trabalha pela sua

<sup>323</sup> GLAJAR, ibid, p.537. Como aponta Enikő Stringham, em pesquisa que discute a recepção da obra mülleriana, esta crítica se acentuou nos jornais alemães após a publicação do romance *O compromisso*, em 1997. Em anos anteriores, Müller já havia lançado romances que também tratavam da temática da ditadura, como *Fera d'alma*, de 1994. Alguns críticos da imprensa arrolados por Stringham viram em *O compromisso* um sinal de exaustão criativa, já que a autora continua a discutir os mesmos temas livro após livro. Para mais detalhes, ver STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*. Mestrado em Artes. Arizona State University, 2011.

<sup>324</sup> MÜLLER, Herta. Aqui na Alemanha. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.197.

“normalidade”. (...) ela se procura no desejo de que os alemães do leste e do oeste se tornem iguais. Normalidade rápida, a fim de que não se precise falar sobre as consequências de uma ditadura socialista.”<sup>325</sup>

Comentando a emigração das minorias étnicas alemãs ao longo do século XX, Valentina Glajar afirma que foi crescente o número de indivíduos que buscaram asilo na Alemanha a partir dos anos 1950. Eles desejavam escapar dos

opressivos regimes comunistas de seus países, superar as dificuldades econômicas e pertencer a uma maioria-ser alemã entre alemães. A onda de emigração não parou após 1989 quando as democracias foram estabelecidas nos países da Europa Oriental. Pelo contrário, em 1990, quase 400.000 alemães étnicos entraram na Alemanha, dos quais mais de 100.000 eram romenos de minoria alemã. Esses alemães étnicos deixaram seus países natais como uma minoria étnica e chegaram na Alemanha para se dar conta de que eles deveriam assumir um novo status minoritário: o de semiestrangeiros no país de seus ancestrais.<sup>326</sup>

Com a queda do regime socialista em 1989 e o fim das restrições governamentais para viajar para o exterior, quase metade dos 200.000 alemães étnicos que ainda habitavam no país emigraram. Se nos anos 1930, a quantidade total de alemães étnicos na Romênia era de 745.421 (representando 4,1% da população total do país), o censo populacional realizado em 2011 demonstra uma queda significativa nesse número: somente 36.000 permanecem em solo romeno, sendo incerto por quanto tempo “a identidade e língua alemã serão preservadas na Romênia” ao longo das próximas décadas.<sup>327</sup> Contudo, como ressalta Glajar, ao buscar escapar do regime que tolhia as liberdades individuais, os sujeitos que pertenciam à minoria alemã não obtiveram uma mudança em seu status social ao chegar na Alemanha. São encarados da mesma forma que na Romênia: como estrangeiros que deveriam se integrar ao novo país sem trazer à tona aspectos que conturbassem a assimilação desejada pelo governo alemão.<sup>328</sup>

De acordo com Müller, se o regime de Ceausescu desejava integrar as minorias no discurso oficial ao mesmo tempo que as encarava com suspeição, atitude semelhante era tomada pelo governo alemão ao receber os emigrantes. Na Romênia governada por Ceausescu, as minorias populacionais eram denominadas “nacionalidades coabitantes”, demonstrando a desconfiança do regime para com essa parcela da sociedade:

<sup>325</sup> MÜLLER, ibid, p.196.

<sup>326</sup> GLAJAR, ibid, p.521. “oppressive communist regimes of their countries, to overcome economic hardship, and to belong to a majority- to be Germans among Germans.The flood of emigration did not stop after 1989 when democracies were established in the Eastern European countries. On the contrary, in 1990 alone, almost 400.000 ethnic Germans entered Germany of whom over 100.000 were German-Romanians.These ethnic Germans left their homelands as an ethnic minority and arrived in Germany just to realize that they had to take on a new minority status: that of semi-foreigners in the country of their ancestors.” (no original)

<sup>327</sup> URSPRUNG, Daniel. The German Minority in Romania: a historical overview. *Euxenos: Governance and Culture in the Black Sea Region*, v. 19-20, 2015. “it is uncertain how long the German identity and language will be preserved in Romania in the long term.” (no original).

<sup>328</sup> GLAJAR, Valentina. Banat-Swabian, Romanian and German: conflicting identities in Herta Müller’s *Herztier*, op. cit

O Estado romeno chamava as minorias húngara, alemã, sérvia que vivam ali há séculos de “nacionalidades coabitantes”. Como todos além dos romenos, também eu pertencia e continuei pertencendo à minoria alemã, apesar dos trezentos anos desde a fixação da minha família ali, uma visitante nascida na pátria romena. (...) Continuar sendo visitante mesmo após trezentos anos, há que se conceder à Romênia, esse é um grande feito.<sup>329</sup>

Por sua vez, na Alemanha, as autoridades insistiam na integração dos imigrantes sem estimular a discussão pública de temas delicados, como as consequências decorrentes do fim das ditaduras socialistas do Leste Europeu. Para Müller, no entanto, esquecer suas experiências sob a ditadura não é um desejo que pode ser facilmente realizado, visto que não é possível guardar o passado em uma caixa e colocá-lo de lado facilmente:

Quanto mais olhos eu tenho para a Alemanha, mais o atual se conecta com o passado. (...) Da Romênia eu me livrei há muito tempo. Mas não do abandono programático das pessoas na ditadura, não dos efeitos de todo tipo que lampejam a toda hora. Ainda que os alemães orientais não digam mais nada a respeito e que os alemães ocidentais não queiram mais ouvir falar disso, esse tema não me deixa em paz. Ao escrever, tenho de me manter ali onde estou mais ferida interiormente, senão é claro que não precisaria escrever.<sup>330</sup>

Assim, ao falar sobre suas experiências no exílio, marcadas pelas diversas dificuldades de adaptação e um permanente deslocamento, Müller acaba por estabelecer diversas comparações entre passado e presente. No ensaio “Aqui na Alemanha”, a escritora assinala que a indiferença em relação aos maus feitos cometidos na ditadura, que grassava entre seus compatriotas, se repete na Alemanha. Como exemplo dessa atitude, ela cita a reação dos críticos aos livros escritos pós-exílio e a atitude dos políticos alemães, que desejavam a assimilação das populações migrantes, sem a proposição de discussões sob o passado ditatorial nos países do Leste Europeu. Para Müller, esquecer o passado não é possível: segundo ela, escrever envolve estabelecer análises nas quais presente e passado se conectam, visto que muitas das práticas existentes em seu país de origem também ocorrem na Alemanha.

Conforme Miriam Inês Wecker, o ensaísmo autobiográfico é uma das maneiras encontradas por Müller para narrar suas experiências enquanto estrangeira. Suas narrativas enfocam o complexo trânsito entre culturas e o estabelecimento de diversas comparações entre

<sup>329</sup> MÜLLER, Herta. Aqui na Alemanha. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.195. Discuti com maiores detalhes a desconfiança do regime para com as minorias populacionais nos capítulos 1 e 2, tendo como referências autores como Valentina Glajar, Cristina Petrescu, John White e Lydia Blanc. A minoria alemã era encarada com suspeição graças à sua participação na Segunda Guerra ao lado dos nazistas e os possíveis contatos que essa parcela da população poderia ter no exterior. Com o estabelecimento do regime socialista em 1948, os vestígios do apoio dado pelo Estado romeno aos desígnios nazistas foram apagados da história oficial, com a “culpa” recaindo sobre as minorias. Assim, ao mesmo tempo que desejava construir uma unidade nacional socialista, o regime de Ceausescu via com suspeição os alemães étnicos, encarando-os como “nacionalidades coabitantes”. Para um resumo dessas questões, remeto ao artigo de Cristina Petrescu: PETRESCU, Cristina. When dictatorships fail to deprive of dignity: Herta Müller’s “Romanian Period”. In: BRANDT, Bettina; GLAJAR, Valentina. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>330</sup> MÜLLER, ibid, p.198.

presente e passado. A escrita mülleriana se desenvolve “entre-mundos”<sup>331</sup>, ou seja, é uma literatura sem morada fixa, que tem no deslocamento uma de suas principais características:

Este deslocamento literário que culmina em uma escrita des-locada tem como característica o movimento transcultural, translingual e transareal que acompanha esta ida e vinda de uma cultura e de uma língua para a outra. O movimento transfronteiriço entre línguas e culturas implica um processo de tradução contínuo que se estende à pessoa, promovendo os saberes sobre o viver, o sobreviver e o conviver, armazenados sob a forma de obra literária.<sup>332</sup>

No caso de Müller, o deslocamento se faz presente na dúvida que une os ensaios analisados neste capítulo: como pertencer a nações que desrespeitam as liberdades individuais e empregam a linguagem para perpetuar opressões? Ao ter uma escrita situada “entre-mundos”, a obra mülleriana nos apresenta “um constante ir e vir entre local e tempo, sociedades e culturas”<sup>333</sup>, no qual a negociação de sentidos e do pertencimento é uma constante.

Também podemos perceber esse deslocamento por meio das comparações propostas pela autora entre as inúmeras maneiras de expressar uma mesma ideia em diferentes idiomas, como o romeno e o alemão. Como assinala Wecker, tal movimento perpassa um processo de tradução contínuo, ou seja, de buscar compreender como diferentes sociedades encaram a realidade social, apontando que as fronteiras geográficas e linguísticas são porosas:

As dinâmicas envolvidas nestes processos de deslocamento que atravessam fronteiras políticas e culturais implicam também o atravessamento de fronteiras linguísticas. Esses processos abalaram as sólidas estruturas que sustentavam as identidades nacionais e a ideia de uma nação supostamente homogênea, sendo cada vez mais comum, especialmente nos espaços em que a globalização atua com maior força, o pertencimento a mais de uma nacionalidade (...) A língua materna já não é mais o único meio de escrita para muitos autores, colocando os estudos literários diante de um fenômeno que interroga a construção de espaços culturais e literários homogêneos.<sup>334</sup>

Nessa mesma linha de raciocínio, Rosvitha Friesen Blume destaca que os textos müllerianos são compostos por “deslocamentos e exílios múltiplos”<sup>335</sup>. Entre os deslocamentos analisados por Blume, ressalto dois: o territorial e o identitário.<sup>336</sup> O primeiro deles envolve o

<sup>331</sup> O termo “escrita-entre-mundos” é cunhado pelo germanista Ottmar Von Ette, estudioso da obra mülleriana, e utilizado por Wecker para discutir como a literatura contemporânea em língua alemã tem no deslocamento uma importante característica. Cf: WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea*, op.cit.

<sup>332</sup> WECKER, ibid, p.09-10.

<sup>333</sup> WECKER, ibid, p.18.

<sup>334</sup> WECKER, ibid, p.18.

<sup>335</sup> BLUME, Rosvitha Friesen. *Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller: confluências entre vida e obra*, op.cit, p.2.

<sup>336</sup> Além desses, Blume trata os deslocamentos no olhar e nas relações de gênero presentes na obra mülleriana. Tratando do deslocamento no olhar, Blume aponta que Müller busca escapar daquilo que é conhecido, familiar e comum como uma tentativa de fuga do controle do estado totalitário. Este olhar estranho diante do mundo é “um olhar resistente, numa busca desesperada por autonomia e individualidade.” (p.04) e perpassa um uso criativo da linguagem, capaz de irritar os detentores do poder. Já os deslocamentos nas relações de gênero envolvem o não pertencimento das mulheres na ordem

sentimento de não pertencimento destacado pela escritora nos textos que tenho discutido ao longo deste capítulo. Tanto a Romênia quanto a Alemanha são lugares em que Müller se sente deslocada de forma permanente.

Já o deslocamento identitário envolve a presença de subjetividades cindidas nas produções müllerianas. Tanto em seus textos ensaísticos quanto em seus romances e contos, a escritora salienta a necessidade de negociar de maneira constante os sentidos e o pertencimento ao trafegar entre diferentes sociedades e culturas. Ao transitar entre lugares, os personagens duvidam da possibilidade de possuir uma identidade fixa, que representaria uma essência do indivíduo. Como aponta Blume, os valores do sujeito migrante são sempre colocados em questão, já que ele não conta com os preceitos de sua sociedade natal como única base para se constituir enquanto sujeito.<sup>337</sup>

Para fechar as análises realizadas neste capítulo sobre o exílio nos ensaios de Müller, gostaria de abordar algumas questões que as considerações da autora levantam para a escrita dos trabalhos historiográficos. Como aponta Edward Said, o exílio pode ser considerado um conceito de cunho histórico e de relevância na contemporaneidade, dado o aumento na escala de pessoas que, por diferentes razões, estão envolvidas no processo de mudança de pátria. A aceleração desse fenômeno, ao longo do século XX, envolve uma mudança de casos individuais para ondas coletivas de exilados em todo o globo.<sup>338</sup> Desde os anos 1990, a literatura alemã tem se caracterizado pelo constante afluxo de escritores advindos de outros países que acabam por fixar residência em grandes centros como Berlim e Frankfurt, o que levanta inquietações, segundo Miriam Inês Wecker, sobre temas como o trânsito entre culturas e as maneiras pelas quais as pessoas se situam nas diferentes realidades sociais em que estão inseridas.<sup>339</sup>

Ao termos sujeitos que se deslocam geograficamente por diferentes motivos como o foco de nossas pesquisas, cabe considerar a singularidade desses indivíduos quando escrevemos a seu respeito. Referindo-se ao migrante, Durval Muniz de Albuquerque Júnior aponta que essa figura

Não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele

---

patriarcal, dominante nos diferentes lugares onde Müller habitou. Contudo, as mulheres não ocupam somente a posição de vítimas, mas também de participantes e defensoras do sistema totalitário. Cf. BLUME, ibid.

<sup>337</sup> BLUME, ibid. Blume cita como exemplo do deslocamento identitário nos textos müllerianos o romance *Reisende auf einem Bein*. A protagonista Irene, ao chegar na Alemanha, apresenta traços de uma identidade fragmentada ao longo de todo o livro. Um exemplo disso é a cena na qual ela observa sua foto no passaporte e não se reconhece: a Irene do passaporte lhe é estranha e parece outra pessoa. Outro exemplo é um pesadelo no qual ela se vê como duas pessoas em um restaurante e não sabe qual delas é a verdadeira Irene. Nas palavras de Blume, a protagonista é uma viajante em uma só perna ao duvidar da fixidez de sua identidade, “em uma busca interminável de si mesma.” (p.06)

<sup>338</sup> SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, op. cit.

<sup>339</sup> WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller: a escrita deslocada na literatura alemã contemporânea*, op.cit.

mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. Ele não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, é transversalidade.

Esse sujeito segmentado e nômade é, dificilmente, aprisionado por grades conceituais com perspectivas totalizadoras. Ele foge, ele escapa, ele cruza fronteiras, ele muda de lugar, ele se desloca, ele se movimenta deixando atrás de si rastros, sinais que, às vezes, convergem para o mesmo lugar, mas que, às vezes, divergem, tornam-se excêntricos, diferenciam-se e singularizam-se, afastando-se do mesmo lugar, do todo, da unidade.<sup>340</sup>

Como destaca o historiador, sujeitos que trafegam entre diferentes sociedades são atravessados por diversos pontos de vista e maneiras de enxergar a realidade social, em um constante movimento de ir e vir entre diferentes espaços. Ao trabalharmos com esses indivíduos, somos convidados a não amarrar suas experiências em conceitos globalizantes e homogeneizantes, que desconsiderem os deslocamentos que compõem a vida do migrante. Ainda de acordo com Albuquerque Júnior,

Nos fluxos da cidade, este ser se nomadiza, oscila entre a fragmentação total e o orgulho num todo fechado. É este balançar pingente que os andaimes teóricos do historiador deve procurar resgatar, não só preenchendo vazios, construindo paredes sólidas, mas abrindo brechas por onde possam cintilar aspectos que questionam, exatamente, a pretensão de o discurso científico ser o discurso sem lacunas; o discurso enunciador da verdade única.<sup>341</sup>

Em seus textos, Müller questiona a possibilidade de pertencermos a uma nação, valorizando o tráfego entre diferentes sociedades e a contínua negociação do pertencimento. Se no século XIX, ao se estabelecer quanto disciplina acadêmica, a historiografia foi empregada em países como Alemanha, França e Brasil para garantir a construção da unidade nacional, no início do século XXI, Júnior aponta a necessidade de que nossas narrativas questionem conceitos unificadores, ao encará-los como construções que servem a determinados interesses.<sup>342</sup>

Segundo Júnior, estudarmos as vivências dos sujeitos migrantes é um convite para duvidarmos de discursos totalizantes e que não levam em consideração os aspectos artísticos contidos em nossos escritos. Como assinala Müller, a linguagem é empregada para construir a unidade nacional, mas também pode ser usada para questionar os abusos do poder. Para ela, a

<sup>340</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: \_\_\_\_\_. *História*, op. cit., p.248.

<sup>341</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p. 252.

<sup>342</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p.253. Para um exemplo de como a historiografia se ligou à construção das histórias nacionais durante o século XIX, remeto ao texto do historiador José Carlos Reis, intitulado “A escola metódica, dita “positivista”, que apresenta um panorama do escopo de atuação do historicismo e da escola metódica na Alemanha e França, respectivamente. No caso brasileiro, o artigo de Manoel Luís Salgado Guimarães, intitulado “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, examina como o IHGB atuou, a partir de sua fundação em 1838, para elaborar uma interpretação da história brasileira. Cf. GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988; REIS, José Carlos. A escola metódica, dita “positivista”. In: \_\_\_\_\_. *A história, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

língua não é boa nem má, mas se constitui em um agente político que deve ser avaliado a partir de seus usos concretos por parte dos sujeitos. Dessa forma, nossas pesquisas, ao também se preocuparem com o emprego que fazemos da língua, podem estimular uma “abertura para a construção do novo, para o respeito ao diferente. Uma história que quer saltar da estação do repetitivo, que busca novos rumos, que não quer simplificar, mas complicar o real.”<sup>343</sup>

Os apontamentos de Júnior sobre nossa escrita se coadunam às análises de Stuart Hall sobre a figura do exilado: de acordo com o sociólogo jamaicano, uma das principais temáticas da literatura migrante do século XX é a discussão da nação enquanto construção histórica. Entre as consequências do fenômeno da globalização e da pluralização de culturas e identidades no interior dos estados-nação, destaca-se a figura do exilado, que se encontra em constante processo de negociação dos sentidos entre diferentes lugares: ao ser produto de várias histórias e culturas, o exilado não pertence a nenhum lugar em particular.<sup>344</sup>

Hall ainda assinala que um importante aspecto da constituição das nações modernas é o conceito de identidade nacional, que preza pela unidade em meio à diversidade. Nas palavras dele, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.”<sup>345</sup> Uma nação é uma comunidade de caráter simbólico com poder de gerar sentimentos de identidade e lealdade. A linguagem possui um papel fundamental na consolidação dessas identidades, já que é através dela que narrativas que exaltam a pátria são criadas e difundidas.

No caso de Müller, o questionamento da possibilidade de pertencermos a determinada nação envolve uma discussão sobre como a linguagem é empregada para legitimar opressões contra certos grupos sociais. Como ela afirma no ensaio “Em cada língua estão fincados outros olhos”, a palavra pátria não lhe agrada, posto que o sentimento de se sentir parte de uma nação envolve um emprego da língua que desrespeita e exclui aqueles que não se conformam aos preceitos governamentais.<sup>346</sup>

Em seus textos, a autora discute como o desejo de unificação nacional levado a cabo pelo regime socialista desconsiderou a possibilidade de críticas daqueles que não concordavam com os abusos cometidos. A mesma situação se repete na Alemanha que, segundo Müller, buscava a assimilação e não propunha a discussão de aspectos delicados da existência dos migrantes, como o passado sob a ditadura. A pergunta colocada repetidas vezes pela escritora ao longo de seus ensaios sobre o exílio é: como pertencer a nações que se apropriam da língua para perpetuar opressões contra determinados grupos sociais?

<sup>343</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, *ibid*, p. 254.

<sup>344</sup> Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>345</sup> HALL, *ibid*, p. 62.

<sup>346</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit.

Quando escrevemos sobre sujeitos que, como Müller, duvidam da possibilidade de pertencer a lugares, somos convidados a duvidar de valores e conceitos que menosprezam os deslocamentos que fazem parte da trajetória do migrante. Também somos convidados a ter um cuidado no manuseio com a linguagem que utilizamos ao narrar as experiências passadas desses indivíduos: como assinala Müller, seu trânsito entre países a faz perceber como a língua deve ser empregada de um modo minucioso, capaz de irritar aqueles que estão no poder e cometem abusos em nome de uma pretendida unidade nacional.

O tráfego entre diferentes países e culturas também envolve ressaltar a pluralidade e as incertezas que envolvem a elaboração de nossas versões sobre o passado. Cito novamente Albuquerque Júnior:

[O historiador] deve procurar ressaltar a polissemia e a fluidez da realidade que estuda e que o cerca. O historiador é, afinal, um construtor do passado, nas andanças do presente. Presente e passado são caminhos a percorrer, a construir, não apenas com todas as certezas, mas também com todas as incertezas, desvios, viagens frustradas, possibilidades não realizadas.<sup>347</sup>

Conforme Albuquerque Júnior, passado e presente não se encontram desvinculados, posto que é a partir das inquietações do presente que analisamos as trajetórias percorridas por indivíduos que interrogam as unidades totalizantes e ressaltam a pluralidade e a fluidez ao se deslocar entre diferentes lugares. Nossos processos de pesquisa não são constituídos somente por certezas, mas também por dúvidas e viagens frustradas, visto que nossas construções de versões sobre o passado se fazem concomitante ao contato com as fontes e a bibliografia, que podem indicar a possibilidade de percorrer caminhos ainda não trilhados.

Neste sentido, as discussões levantadas por Müller em seus textos ensaísticos, que apontam para a contínua negociação de sentidos entre suas experiências na Romênia e os episódios ocorridos na Alemanha, nos insta a refletir sobre a relevância do trânsito entre culturas para o sujeito migrante. Como aponta Albuquerque Júnior, para esses indivíduos, o deslocamento perpassa a recriação de valores e tradições, com a identidade sendo reconstruída de modo contínuo em um processo repleto de dúvidas e incertezas, fator que devemos levar em conta ao narrar suas vivências em nossas pesquisas.<sup>348</sup>

De acordo Tzvetan Todorov, citado na epígrafe que abre o capítulo, o exílio não precisa ser encarado como uma cisão irreparável. Apesar de ser uma perda muitas vezes desorientadora, a mudança de pátria pode ser tanto uma chance para questionarmos os valores que consideramos inabaláveis quanto para praticar a tolerância ao não permanecermos “trancados” em nossa língua e idioma natais.<sup>349</sup> Assim, ser arrancado do convívio daqueles que amamos pode significar a

<sup>347</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: \_\_\_\_\_. *História*, op. cit., p.250.

<sup>348</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p.253.

<sup>349</sup> TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*, op.cit.

reavaliação de comportamentos e atitudes que antes pareciam as únicas possíveis. Pensando na elaboração de nossas pesquisas, encaro os deslocamentos geográficos como inspiração para questionarmos análises monolíticas, que desconsideram tanto o emprego inventivo da linguagem quanto o processo contínuo de construção da identidade vivenciado pelos sujeitos que estudamos.

Encerro a viagem percorrida neste capítulo com uma afirmação feita por Müller, que sintetiza as considerações feitas nestas páginas. Segundo a escritora, não pertencer a lugares não precisa ser uma fatalidade, já que não somos feitos de materiais sólidos como a pedra ou madeira, que nos fixariam de modo definitivo no lugar onde nascemos. Sua afirmação deixa entrever que a sensação de não pertencimento não é uma “desgraça”, mas pode ser uma oportunidade para transitar entre culturas e criar narrativas questionadoras dos maus feitos do poder:

Nos lugares em que me encontro, não posso ser de todo estranha. Também não estranha em todas as coisas ao mesmo tempo. Sou estranha, como outros também, em certas coisas. Não se pode pertencer a lugares. Não se pode estar “em casa” na pedra, na madeira, no que quer que seja – pois não somos feitos de pedra ou de madeira. Se isso é uma desgraça, então ser estranha é uma desgraça. Senão não.<sup>350</sup>

---

<sup>350</sup> A afirmação de Müller, traduzida por Rosvitha Friesen Blume, foi retirada do ensaio “O diabo está sentido no espelho”, que compõe o livro *Der Teufel sitzt im Spiegel*, de 1991. Ver BLUME, Rosvitha Friesen. *Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller: confluências entre vida e obra*, op.cit.

**PARTE III-**

**PENSANDO SOBRE A HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES ENTRE A  
ESCRITA DA HISTÓRIA E A LITERATURA A PARTIR DOS  
ENSAIOS DE HERTA MÜLLER**

## CAPÍTULO 4

### “Quando coloco o vivido nas frases, inicia-se uma mudança fantasmagórica”: a escrita da história e os ensaios de Herta Müller

Não confio na língua. Sei por experiência própria que ela, para se tornar precisa, deve sempre se tornar algo que não lhe pertence. Não sei por que figuras de linguagem são tão diabólicas, por que a comparação mais válida furta qualidades que não lhe pertencem. Apenas por meio da invenção surge a surpresa, e está provado o tempo todo que a proximidade à realidade só começa com a surpresa inventada na frase. (...) Apenas quando aquilo que é impossível no real se torna plausível na frase, é que a frase- pode se afirmar diante da realidade, como uma realidade própria, como se estivesse à mercê das palavras, mas de palavras válidas. (Herta Müller)<sup>351</sup>

#### 4.1 Pensando sobre a história a partir dos ensaios de Herta Müller

A possibilidade de uma representação adequada do passado por meio da linguagem está entre as principais discussões presentes nos dois livros de ensaios de Herta Müller selecionados para esta pesquisa, *O rei se inclina e mata e Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tendo por base as experiências vividas durante a ditadura de Nicolau Ceausescu (1965-1989), Müller apresenta ao longo das duas obras os percursos trilhados na produção de seus textos românicos. De cunho autobiográfico (ou autoficcional, como prefere a autora)<sup>352</sup>, os ensaios elaboram a premissa presente na epígrafe que abre o capítulo: para Müller, (re)apresentar o passado perpassa um uso detido da linguagem que conduz a mudanças inesperadas no já vivido. Tal processo envolve tanto uma ficcionalização dos acontecimentos para que uma aproximação com o passado seja possível quanto a percepção de que a linguagem não é capaz de representar de maneira absoluta eventos já vivenciados.

A partir dessa afirmação, procuraremos desenvolver nas próximas páginas uma discussão que, apoiando-se nas concepções desenvolvidas por Müller nos ensaios sobre o uso da linguagem

<sup>351</sup> MÜLLER, Herta. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.97-8.

<sup>352</sup> No campo da teoria literária, os termos autobiografia e autoficção não se igualam: a autobiografia clássica, como proposta por Philippe Lejeune, implica a coincidência entre narrador e o nome do autor, pressupondo um desejo de desvelar a verdade sobre a biografia do escritor, sem o recurso à ficção. Já no conceito de autoficção, desenvolvido a partir dos anos 1970 pelo escritor francês Serge Dubrovsky, ocorre o questionamento da possibilidade de alcançarmos uma verdade absoluta sobre os fatos narrados, com a descrença na capacidade da linguagem em representar o passado. No caso dos ensaios müllerianos, mesmo possuindo um forte teor autobiográfico, a inflexão prevalecente em nossos dias está presente: Müller discorre longamente sobre seu processo criativo e coloca em dúvida a capacidade de uma representação exata do passado. Para uma discussão mais detalhada sobre a relação entre Herta Müller e o conceito de autoficção, ver a dissertação de mestrado de Samia Tavares de Souza, intitulada *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier, de Herta Müller*. Ver LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008; SOUZA, Samia Tavares de. *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier, de Herta Müller*, op.cit.

e o seu processo de escrita, nos permita refletir sobre a escrita da história e algumas relações que podemos estabelecer entre história e literatura.

Muitos dos textos ensaísticos que compõem *O rei se inclina e mata e Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* tiveram origem em palestras e conferências que foram agrupados e publicados posteriormente sob a forma de livros. Ao longo de sua carreira, Müller realizou inúmeras docências e palestras sobre o seu fazer literário em universidades tanto da Alemanha quanto da Suíça. De acordo com Rosvitha Friesen Blume, desde o final dos anos 1950, escritores são convidados pelas instituições de ensino superior desses países para realizar cursos e palestras sobre seus processos de criação. Os convites têm como objetivo primordial permitir um maior diálogo e integração entre a produção literária propriamente dita e os trabalhos críticos desenvolvidos em âmbito institucional. Ao serem convidados, espera-se que os autores explanem “a poética que rege seus processos criativos, ou que ao menos proporcionem aos estudiosos da literatura um olhar sobre sua prática de criação literária”.<sup>353</sup>

Nas últimas décadas, como aponta Blume, a produção dos escritores palestrantes tem sido marcada por uma crescente “tematização da subjetividade de seus autores, (...) pela fragmentação e por elementos autobiográficos”<sup>354</sup> Compartilhando muitas dessas características, os textos müllerianos possuem um acentuado cunho “narrativo, literarizado e ficcionalizado, fragmentário e subjetivo; mais do que no caso de grande parte dos ensaios poetológicos de outros autores alemães contemporâneos, o ensaísmo de Müller é autobiográfico”<sup>355</sup> Para Müller, de acordo com Blume, “vida e escritura se fundem de maneira indissolúvel em toda a sua obra”<sup>356</sup>, com uma sendo o combustível necessário para que a outra aconteça. Neste processo, a escritora reitera aos leitores a ficcionalização das experiências narradas, relembrando-nos frequentemente da importância do trabalho minucioso com a linguagem para que sua escrita se efetue.

A germanista Katrin Kohl, em artigo que analisa como Müller concebe o uso da linguagem em seus ensaios, apresenta-nos mais detalhes sobre o contexto de criação das obras que são a base desta pesquisa. De acordo com Kohl,

Em *O rei se inclina e mata*, Müller apresenta uma série de nove ensaios, incluindo quatro leituras sobre poética dadas em 2000 e 2001 na Universidade de Tübingen no interior da Tübingen Poetik-Dozentur. Os ensaios comentam a natureza da linguagem, a referencialidade de certas línguas e a mudança do papel das palavras em diferentes contextos sociais. (...) O ensaio que dá nome ao livro se inicia com as reflexões de Müller sobre a escolha de palavras e imagens em seus textos literários, e escolhas estilísticas são explicadas por meio de vívidos exemplos tirados de sua experiência autobiográfica. Ao convidar o leitor a partilhar memórias de eventos específicos e pessoas individuais, Müller conecta seu trabalho ao contexto de recepção – não por

---

<sup>353</sup> BLUME, Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã, op.cit.

<sup>354</sup> BLUME, ibid. p.52.

<sup>355</sup> BLUME, ibid, p.55.

<sup>356</sup> BLUME, ibid, p.57.

uma exposição teórica, mas por meio de episódios contados de modo empático.<sup>357</sup>

Como aponta Kohl, alguns dos ensaios tiveram como origem conferências sobre poética realizadas na Universidade de Tübingen nos anos de 2000 e 2001.<sup>358</sup> Os textos reunidos em *O rei se inclina e mata* apresentam uma série de reflexões nas quais Müller discute como podemos representar eventos passados por meio das palavras, em especial aqueles em que ela esteve diretamente implicada, dada a inspiração autobiográfica que perpassa seus escritos.

Já na coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* estão inclusos os dois discursos proferidos em Estocolmo durante o recebimento do Prêmio Nobel em 2009. Nestes textos, episódios ocorridos durante a ditadura proporcionam discussões tanto de cunho linguístico quanto uma reflexão sobre possibilidades de resistência em um regime autoritário. Os demais textos que compõem o volume são provenientes de palestras e artigos de jornal e também possuem como principais temas o cotidiano sob a ditadura e uma explanação detalhada de como Müller comprehende o seu processo de criação. Nas palavras de Kohl:

O volume *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* marca o recebimento do Prêmio Nobel em 2009, começando com os discursos que ela proferiu em Estocolmo. Neles, ela relembra episódios memoráveis de sua infância, dando um vislumbre das personalidades de sua mãe e avó e as circunstâncias da vida em seu vilarejo e então na cidade, com objetos materiais (...) como pontos de referência que motivam reflexões tanto sobre as memórias familiares e os processos de perseguição estatais- quanto reflexões sobre a potencial força moral da literatura.<sup>359</sup>

Tais temas- o do uso criativo da linguagem na feitura de textos literários e as possibilidades de resistência em um mundo totalitário- são recorrentes nos demais livros de ensaios da autora ainda não publicados no Brasil. Por exemplo, na coletânea *Der Teufel sitzt im*

<sup>357</sup> KOHL, Katrin. Beyond Realism: Herta Müller's Poetics. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 20-1. “Müller presents a serie of nine essays, including four lectures on poetics given in 2000 and 2001 at University of Tübingen within the framework of the annual *Tübinger Poetik-Dozentur*. The essays comment on the nature of language, the referentiality of particular languages, and the changing role of words in different social contexts. (...) The essay title begins with reflection on Müller’s choice of words and images in her literary texts, and stylistic choices are explained by recounting vivid examples taken from autobiographical experience. By inviting the reader to share memories of specific events and individual people, Müller connects her work to the context of reception- not by theoretical exposition but by through the force of empathetically recounted episodes.” (no original)

<sup>358</sup> A *Tübinger Poetik-Dozentur* ocorre uma vez por ano na Universidade de Tübingen e teve sua primeira edição em 1996. É um espaço no qual autores contemporâneos são convidados a falar sobre o modo como compreendem a criação literária. Os ensaios originários dessas palestras e incluídos no livro *O rei se inclina e mata* são os seguintes: Em cada língua estão fincados outros olhos; O rei se inclina e mata; Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos; Pegar uma vez- largar duas.

<sup>359</sup> KOHL, ibid, p.20. “The volume *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel* marks the award of the Nobel Prize in December 2009, beginning with the speeches she gave in Stockholm. She here recalls memorable episodes from her childhood, giving glimpses of her mother’s and grandmother’s personalities and the circumstances of life in her village and then in the city, with material objects (...) as points of reference that prompt reflections both on family memories and on the processes of persecution by the state- and the reflection as well on the potential moral force of literature.” (no original)

*Spiegel*<sup>360</sup> (*O diabo senta no espelho*, em tradução livre), de 1991, há uma exploração mais detida sobre o processo de escrita mülleriano: os ensaios que compõem este volume abordam a natureza da invenção artística e sua relação com a verdade, além de apontar como os sentidos possuem um importante papel na elaboração de narrativas. Em *Hunger und Seide*<sup>361</sup> (*Fome e Seda*, em tradução livre), de 1995, a escritora parte de episódios ocorridos no vilarejo que cresceu na Romênia para discutir a eficácia da literatura em provocar reflexões significativas nos momentos de crise. Já em *In der Falle*<sup>362</sup> (*Na armadilha*, em tradução livre), de 1996, Müller analisa a obra de autores cujas biografias e projetos literários estão diretamente ligados ao nazismo.

De acordo com Blume, a produção ensaística mülleriana tem importantes pontos de contato com outros escritores contemporâneos alemães: ao tratar de questões relacionadas ao seu fazer artístico, esses autores apontam para uma aproximação com os debates travados na teoria literária, como o uso da linguagem e sua efetividade em representar o passado. Discussão semelhante se faz presente no campo historiográfico, em especial após as considerações do teórico norte-americano Hayden White nos anos 1970. A assunção de que os historiadores, ao realizarem suas pesquisas, criam narrativas que partilham de características comuns às criações literárias será um dos caminhos percorridos neste capítulo para analisarmos como a literatura pode nos auxiliar a refletir sobre os trabalhos desenvolvidos por historiadores profissionais.

Para White, em seu livro *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, publicado pela primeira vez em 1973, o labor histórico é “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram representando-os.”<sup>363</sup> Ao narrar, o pesquisador dispõe os acontecimentos que estuda dentro de uma “hierarquia de significação ao atribuir aos eventos funções diferentes como elementos da estória, de maneira a revelar a coerência formal de um conjunto completo de eventos como um processo comprehensível, com princípio, meio e fim.”<sup>364</sup> Como um literato, o investigador maneja os eventos ao longo de seu texto de modo a criar um enredo que torne o passado menos estranho na atualidade. Em toda obra histórica, há presente um grau de invenção, sendo possível que um mesmo episódio tenha diferentes interpretações a depender das escolhas narrativas efetuadas pelo pesquisador.

---

<sup>360</sup> MÜLLER, Herta. *Der Teufel sitzt im Spiegel*. Berlin: Rotbuch-Verlag, 1991.

<sup>361</sup> MÜLLER, Herta. *Hunger und Seide: essays*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1995.

<sup>362</sup> MÜLLER, Herta. *In der Falle*. Göttingen: Wallstein-Verlag, 1996.

<sup>363</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 18.

<sup>364</sup> WHITE, ibid, p.22.

A partir de tais afirmações, que aproximam radicalmente os polos história e literatura, outros teóricos, como Michel de Certeau<sup>365</sup>, Carlo Ginzburg<sup>366</sup>, Peter Gay<sup>367</sup>, Roger Chartier<sup>368</sup>, Saul Friedlander<sup>369</sup> e Dominick LaCapra<sup>370</sup> ressaltam os procedimentos próprios à disciplina historiográfica, como a crítica das fontes e a presença de notas de rodapé, salientando a possibilidade do alcance de uma verdade plausível e verificável no interior das investigações realizadas na academia. Tais autores procuram não tornar esses campos indistinguíveis, como proposto por White, mas reafirmam em suas pesquisas as especificidades existentes em cada uma dessas formas de conhecimento e as relações possíveis de serem travadas entre elas.

Como exemplo dessa postura, Chartier, em seu artigo “História e Literatura”, assinala que a literatura, ao autotematizar-se, pode ser um ponto de partida para pensarmos sobre a produção dos trabalhos historiográficos. Segundo o teórico francês, a literatura que se volta para uma reflexão sobre si mesma “ultrapassa sempre as questões clássicas dos historiadores, e leva-os a construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação”<sup>371</sup>. Para Chartier, escritores que questionam seu fazer literário podem auxiliar os historiadores a analisar o processo que envolve a feitura de pesquisas acadêmicas, já que ambos têm na narrativa um componente fundamental.

A historiadora Lohanne Gracielle Silva, ao estudar as relações existentes entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história, traz apontamentos que se assemelham ao caminho apontado por Chartier. Partindo de uma análise do livro *Água viva*, publicado em 1973, no qual Lispector apresenta aos leitores uma realidade definida pela ênfase no instante, Silva afirma:

Pensar a escrita da história com o livro *Água Viva* se torna possível (...) com a compreensão de que a literatura é capaz de produzir conhecimento, não é apenas um documento sobre o passado e nem unicamente fonte para o estudo em história. Se entendêssemos que fazer história é apenas falar sobre acontecimentos, como se estes fossem inteiramente verdadeiros e concluídos, e que a escrita da história é destituída de imaginação e de um processo criativo que se assemelha ao artístico, não veríamos contribuição, principalmente a partir do livro *Água Viva*, de Clarice Lispector, para reflexões sobre a escrita da história. Mas ao pensarmos em uma história em constante movimento, em devir, uma história não interessada apenas por contextos e acontecimentos - como se estes fossem destituídos de seres humanos -, uma história preocupada com a vida e a forma como o indivíduo se relaciona com o tempo, aí sim podemos ver em *Água Viva* contribuições pertinentes para pensarmos o campo teórico e a própria escrita da história.<sup>372</sup>

<sup>365</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, op. cit.

<sup>366</sup> Entre os inúmeros textos em que Ginzburg discute a questão, remeto ao seguinte ensaio: GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>367</sup> GAY, Peter. *O estilo na história*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt, op.cit.

<sup>368</sup> CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>369</sup> FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación. El nazismo y la solución final*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

<sup>370</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op.cit.

<sup>371</sup> CHARTIER, Roger. Literatura e história, op.cit., p. 205.

<sup>372</sup> SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsões entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*, op.cit., p. 26-7.

Mesmo a partir de autores considerados herméticos, como Clarice Lispector, que valoriza em seus escritos um uso inventivo da linguagem, um estudo em história é possível. De acordo com Silva, um caminho para alcançar este objetivo é explorar como os autores analisam seu processo de criação artística. No caso de Lispector, guiada por uma escrita “enfeitiçada”, que se caracteriza pela fragmentação e inquietação com o que não se encontra totalmente formado, temas como a descontinuidade temporal, a atribuição do valor de uma obra pela crítica e o desejo de compreender o outro em seus aspectos menos racionalizáveis por meio da literatura tornam-se questões a serem tratadas em uma pesquisa historiográfica.

Silva também aponta a importância de encararmos a literatura não apenas enquanto fonte, mas como uma forma de conhecer o mundo, envolta pela imaginação e sensibilidade do escritor. Os historiadores, ao traçarem os planos de escrita dos seus textos, também se encontram imersos em um processo de construção de narrativas, o que envolve um cuidadoso trabalho com a linguagem utilizada para apresentar o texto final ao público. A sensibilidade e criatividade do pesquisador também fazem parte desse processo, já que é a partir de questões feitas no presente que as investigações sobre o passado são conduzidas: o desenrolar de um trabalho acadêmico ocorre no trânsito entre o nosso presente e o contato com as fontes selecionadas para compor a pesquisa, o que exige uma escuta atenta e sensível das vozes do passado para que interpretações adequadas sejam construídas.

As proposições de Carl Schorske também permitem uma reflexão sobre a escrita da história por meio da distinção dos termos pensar *com* a história e pensar *sobre* a história. Para Schorske, nas últimas décadas, a história passou a escolher com maior liberdade seus parceiros de trabalho, o que inclui a literatura. Sem a pretensão de ser “a rainha, monarca de tudo o que investiga na cena erudita”,<sup>373</sup> os historiadores têm procurado, em especial desde os anos 1980, uma maior aproximação com as teorias e quadros de análise de outras disciplinas para incrementar suas explicações sobre o passado. Segundo Schorske, pensar *sobre* a história envolve refletir sobre os desenvolvimentos da história enquanto disciplina acadêmica em seus diferentes aspectos, como por exemplo, a análise da relação entre os polos história e ficção ao longo dos séculos.

Já pensar *com* a história perpassa uma discussão sobre a “utilização do passado na construção cultural do presente e do futuro.”<sup>374</sup> De acordo com o historiador norte-americano, pensar *com* a história envolve tanto refletir na história como processo quanto no papel dado pelos sujeitos em diferentes tempos históricos ao passado.<sup>375</sup> Schorske ainda assinala que um debate *sobre* aspectos da disciplina histórica não se encontra dissociado de pensarmos *com* a história, visto que as mudanças ocorridas no interior da historiografia não estão descoladas da sociedade em que ocorrem. Nas palavras do teórico, as preocupações dos historiadores com aspectos

<sup>373</sup> SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*, op.cit., p.255.

<sup>374</sup> SCHORSKE, ibid, p. 13-4.

<sup>375</sup> SCHORSKE, ibid, p. 13-4.

teóricos da disciplina “variam com suas próprias situações históricas, com a mudança de suas relações com a sociedade, suas estruturas e seus problemas. Aqui me vejo novamente pensando com a história ao pensar sobre ela.”<sup>376</sup>

Nesta dissertação, discuti nas duas primeiras partes como Müller procura intervir na sociedade por meio da literatura, procurando pensar *com* a história ao analisar as críticas feitas pela escritora às ditaduras e à sociedade alemã contemporânea. Também busquei pontuar como tais críticas nos auxiliam a pensar alguns aspectos da escrita da história, como a importância de questionarmos análises monolíticas que desconsideram a complexidade dos sujeitos e grupos que estudamos. Neste e nos próximos dois capítulos, abordarei com maior vagar os aspectos formais, ligados à discussão sobre o papel da linguagem e de que maneiras as concepções de Müller sobre o seu fazer artístico nos ajudam a pensar *sobre* a história, em especial a escrita de nossos trabalhos. Assim como nos capítulos anteriores, procurarei aproximar as considerações da autora sobre o uso da linguagem às críticas feitas por ela à sociedade em que se encontra inserida, já que este é o movimento feito por Müller ao escrever.

No caso de Müller, o debate sobre o uso criativo da linguagem encontra-se vinculado ao questionamento dos maus feitos perpetrados pelo governo em seu país natal e a continuidade dos abusos estatais com a mudança para a Alemanha. Em seus ensaios, a autora explora assuntos que também compõem seus romances, como as possibilidades de resistência a ditaduras que limitam as liberdades individuais e o exílio. Acontecimentos de seu passado são retomados como uma forma de propor ações que permitam aos indivíduos sob a égide de tais regimes resistir no presente.

De acordo com Katrin Kohl, embora Müller apresente uma discussão aprofundada sobre a linguagem em seus ensaios, a escritora afirma não possuir uma teoria acabada, desenvolvendo o tema à medida que narra diferentes momentos de sua vida.<sup>377</sup> Ao propor discussões sem a intenção de formular uma teoria, Müller encabeça uma tarefa que pode, em um primeiro momento, ser encarada como modesta e sem maiores pretensões literárias. Segundo Kohl:

A tarefa [de discutir o papel da linguagem e sua capacidade de expressar o real] é modesta porque respeita o funcionamento de um mundo que não segue nem um padrão consensual e nem uma lógica narrativa. No entanto, a tarefa é altamente ambiciosa, pois exige um rigor inflexível de superar o desafio de fazer as palavras capazes de articular até mesmo as experiências mais angustiantes em um reino que é livre das pressões da conveniência política.<sup>378</sup>

---

<sup>376</sup> SCHORSKE, *ibid*, p.28.

<sup>377</sup> Cf. KOHL, Katrin. Beyond Realism: Herta Müller's Poetics. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>378</sup> KOHL, Katrin, *ibid*, p.31. “The task is modest because it respects the workings of a world that neither follows a consensual pattern nor obeys a narrative logic. Yet the task is highly ambitious, for it demands uncompromising rigour in meeting the challenge of making words fit to articulate even the most harrowing experience in a realm that is free from the pressures of political expediency.” (no original)

Como aponta Kohl, a questão central que guia Müller nas discussões sobre seu processo de escrita é como podemos articular situações traumáticas por meio da narrativa, de modo a resistirmos aos abusos cometidos por diferentes governos. A relutância de Müller em propor uma concepção fechada sobre a importância da linguagem está ligada à desconfiança da autora em propor aos leitores visões totalizantes sobre os assuntos que apresenta em seus textos. Seu foco recai no detalhe e em episódios cotidianos, sem a pretensão de seguir uma lógica narrativa tradicional, com começo, meio e fim bem estabelecidos. De toda maneira, é possível fomentarmos um debate que relate as concepções müllerianas e a escrita da história, visto que é a partir da apreciação sobre acontecimentos do passado e o modo de representá-los no presente que Müller promove suas discussões.

Para balizar a análise, selecionei três textos, nos quais a autora apresenta de forma minuciosa seu processo de escrita. As ponderações de Müller sobre o assunto também fazem parte de ensaios presentes em outras obras, que serão citados quando necessário. Cada ensaio será analisado em um capítulo separado, visando dar maior fluidez à narrativa.

Nas páginas seguintes, discutirei o ensaio intitulado “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos tornamo-nos ridículos”, incluído em *O rei se inclina e mata*. Já citado em capítulos anteriores, Müller destaca neste texto as relações existentes entre a perseguição sofrida na Romênia e o seu processo criativo. Vinculado ao relato de suas experiências, ela nos apresenta uma concepção de linguagem que questiona a capacidade de representarmos com exatidão o passado. Com este ensaio, apontarei como Müller concebe um uso da linguagem não desvinculado de questões prementes da sociedade em que se encontra inserida e como os historiadores têm refletido sobre a presença da narrativa em seus trabalhos nas últimas décadas.

#### **4.2 “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”: Müller, a discussão sobre o uso inventivo da linguagem e a escrita da história**

Neste ensaio, Müller discute seu processo criativo a partir das diferenças percebidas por ela entre falar e calar e a relação deste último com a escrita. O título é retirado da frase que abre e fecha o livro *Fera d'alma*, publicado originalmente em 1994 na Alemanha. Nele, é narrado a história de quatro jovens de minoria alemã que enfrentam interrogatórios e perseguições graças à oposição ao regime de Ceausescu. Ao longo da obra, os personagens encontram maneiras sutis de burlar a vigilância estatal e garantir a comunicação entre o grupo de amigos. Entre as estratégias adotadas, destaca-se a presença de fios de cabelo nas cartas enviadas como confirmação de que elas não foram violadas.

A frase-título do ensaio simboliza o fato de que falar sobre as angústias vividas durante um regime totalitário incomoda aqueles que se encontram a nossa volta, dada a extensão do horror. Por sua vez, calar-se também é incômodo ao criar barreiras emocionais que dificultam um

diálogo franco sobre temas delicados do passado. No romance *Fera d'alma*, os personagens precisam lidar com os dissabores vivenciados em seu país natal, tendo uns nos outros um importante suporte emocional. Para a autora, escrever aproxima-se do silêncio, já que nunca é possível transmitir completamente com palavras aquilo que se deseja sem provocar a desconfiança do interlocutor.

Müller inicia o ensaio comparando os comportamentos de seus parentes no vilarejo onde cresceu com os existentes na cidade no tocante ao falar e ao calar. Para a autora, tais diferenças proporcionam a base que enseja uma discussão sobre seu processo de escrita. De acordo com Müller, “calar não é uma pausa durante a fala, mas algo por si só”<sup>379</sup> A diferença entre esses termos é marcante, especialmente considerando o costume de seus familiares, que se expressavam verbalmente apenas para se referir ao que era considerado essencial. No vilarejo, ela assinala que se ouvia “mais com os olhos do que com os ouvidos”<sup>380</sup>. Ao nos calarmos, “tudo está aí ao mesmo tempo, tudo o que por muito tempo não é dito fica retido, mesmo o que nunca é dito”.<sup>381</sup>

O silêncio entre os seus lhe parecia habitual em um ambiente no qual as pessoas estão indelevelmente marcadas por traumas da história recente: “quando nunca se tem por costume dizer algo um ao outro, não se precisa acostumar-se a pensar em palavras. Não se precisa falar para existir.”<sup>382</sup> Como aponta Müller, quando nos calamos, guardamos em um mesmo instante inúmeros sentidos que não precisam ser explicitados, ao passo que o falar necessita sempre seguir uma sequência de palavras e frases que não se sobrepõem, sob o risco da perda de sentido.

Ao se mudar para a cidade romena de Timisoara com 15 anos para continuar os estudos secundários, ela percebe outra atitude em relação à palavra falada: ao invés da desconfiança, os cidadãos são marcados pela necessidade de falar como forma de “sentirem a si mesmos, para serem amigos ou inimigos uns dos outros, para oferecer algo ou receber algo”.<sup>383</sup> A constante pressão para falar incomodava Müller, que começa a se dar conta da dificuldade que possui em se expressar adequadamente utilizando as palavras.

Tal dificuldade é exemplificada na relação que ela trava com uma funcionária da fábrica onde começa a trabalhar como tradutora após se formar na faculdade de Letras. Ao ser questionada pela amiga sobre o que ocorria durante os interrogatórios a que era constantemente submetida, Müller afirma não possuir palavras suficientes para expressar toda a gama de sentimentos vivida naqueles episódios:

Quanto eu deveria falar, quando eu gostaria de dizer tudo à amiga que pergunta a respeito dos detalhes dos interrogatórios. Dizer tudo significa: tudo o que se pode dizer com as palavras. Assim eu contei sempre todos os fatos a ela, mas

---

<sup>379</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.79.

<sup>380</sup> MÜLLER, ibid, p.79.

<sup>381</sup> MÜLLER, ibid, p.79.

<sup>382</sup> MÜLLER, ibid, p.87.

<sup>383</sup> MÜLLER, ibid, p.80.

nada além disso, nunca qualquer palavra sobre plantas que me familiarizam com o meu próprio estado quando passo pelos jardins ao ir para casa. Nunca disse qualquer coisa a respeito dos pêssegos senis, nunca mencionei o açúcar de defunto e as dália. O falar mantinha equilíbrio com o calar. Onde o calar teria sido mal compreendido pela amiga, eu tinha de falar, onde o falar teria me colocado na proximidade dos loucos, tinha de calar.<sup>384</sup>

Como forma de buscar um lugar seguro em meio à perseguição estatal, Müller recorre a objetos e coisas como plantas, carregando-os de sentidos que fogem do comum. Por exemplo, plantas como a dália ajudavam a amplificar o interrogatório “até a monstruosidade, mas já acrescentavam a essa amplificação o murchamento necessário para se adaptar, a fim de encaixar o último acontecido no anterior.”<sup>385</sup> Investir os objetos com sentidos inusitados lhe dava “uma atitude interior quase estável frente aos arrepios de fora”<sup>386</sup>. Outras plantas também são envolvidas nessa criação de sentidos: ciprestes e pinheiros são considerados plantas hostis, assim como o milho, ao passo que dálias e álamos são as plantas dos desamparados.<sup>387</sup>

Tanto no vilarejo quanto na cidade, Müller se percebe enquanto deslocada e incapaz de expressar plenamente suas angústias. No vilarejo, seus parentes mantinham o silêncio como um escudo diante de assuntos como a participação da minoria alemã na Segunda Guerra Mundial ao lado dos nazistas. Já na cidade, ela se sente solitária diante das agruras enfrentadas com a constante vigilância a que é submetida. Dada a extensão da perseguição, calar-se e investir os objetos ao redor de sentidos inesperados é uma maneira de compreender o mundo à sua volta.

Outra forma encontrada por Müller para se comunicar e compreender a si mesma é a escrita. Para a autora, tal ato também é atravessado pela diferença entre falar e calar: “Visto de fora, o escrever talvez se pareça com o falar. Mas por dentro é uma questão de se estar só. Frases escritas se comportam em relação aos fatos vividos mais como o calar se comporta em relação ao falar. Quando coloco o vivido nas frases, inicia-se uma mudança fantasmagórica.”<sup>388</sup> Segundo Müller, escrever se liga ao ato de calar: neste processo, diversos sentimentos se misturam, sendo a palavra escrita uma forma de expressar os medos e traumas do passado. Contudo, assim como na fala, através da escrita um sentido pleno nunca é alcançado, já que ao lidarmos com episódios do passado no presente, mudanças surreais pedem passagem:

As entranhas dos fatos são empacotadas em palavras, elas aprendem a andar e se mudam para um lugar ainda desconhecido durante a mudança. Para continuar com a imagem da mudança, quando escrevo é como se a cama se colocasse numa floresta, a cadeira dentro de uma maçã, a rua corre para dentro de um dedo. Mas também é o contrário: a bolsa fica maior que a cidade, o branco do olho maior que a parede, o relógio de pulso maior que uma lua. Na vivência se tinha lugares, um céu aberto ou fechado sobre a cabeça e a terra,

---

<sup>384</sup> MÜLLER, *ibid*, p.83.

<sup>385</sup> MÜLLER, *ibid*, p.82.

<sup>386</sup> MÜLLER, *ibid*, p. 82.

<sup>387</sup> MÜLLER, *ibid*, p.97.

<sup>388</sup> MÜLLER, *ibid*, p. 90.

asfalto ou pisos de quarto sob os pés. Estava-se envolvido por horários, havia luz ou noite diante dos olhos.<sup>389</sup>

Marcada por fatos ocorridos em sua vida na Romênia- em especial os ligados à privação da liberdade ao viver sob um governo totalitário-, Müller assinala que sua ficção se alimenta de detalhes do cotidiano. Ao serem levados para o “reino” das palavras, estes acontecimentos aparentemente banais não podem ser contados tal qual ocorreram. Na sequência, a escritora explicita como funcionam as “mudanças fantasmagóricas” aludidas anteriormente:

O vivido enquanto acontecimento não está nem aí com a escritura, não é compatível com as palavras. Os acontecimentos reais nunca podem ser apreendidos equitativamente com palavras. Para descrevê-los, os acontecimentos precisam ser modelados em palavras e completamente reinventados. Aumentar, diminuir, simplificar, complexificar, mencionar, passar por alto- uma tática que tem seus próprios caminhos e o vivido apenas como pretexto. Quando se escreve, arrasta-se o vivido para um outro *metier*. Testa-se qual palavra pode realizar o quê. Não há mais noite ou dia, vilarejo ou cidade, mas quem comanda são o substantivo e o verbo, oração principal e subordinada, compasso e som, linha e ritmo. O acontecimento real insiste enquanto aparição periférica; com palavras dá-se um choque após o outro. Quando ele mesmo não se reconhece mais, o acontecimento volta ao centro. Precisa-se demolir a presunção do vivido para se escrever sobre ele, desviarse de cada rua verdadeira para uma inventada, pois só esta pode se parecer com ela novamente.<sup>390</sup>

Nesta citação, Müller resume o seu processo de criação: ao escrever, as palavras tomam a dianteira e provocam transformações no vivido. A construção de uma narrativa pressupõe que as palavras não obedeçam nem aos horários, às pessoas próximas e ao espaço original; para se aproximar de vivências anteriores, é necessário que elas acessem lugares desconhecidos. De acordo com Müller, o vivido não é compatível com as palavras utilizadas de modo irrefletido, o que exige do literato um cuidado especial ao lidar com temas delicados.

É somente com o distanciamento dos fatos, recriados através de uma utilização criativa da linguagem, que uma aproximação com o já vivenciado é possível: para Müller, recorrer à invenção e ficcionalização de sua própria vida é o caminho pelo qual uma escrita do passado pode se realizar.<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> MÜLLER, ibid, p.90.

<sup>390</sup> MÜLLER, ibid, p.90-1.

<sup>391</sup> As considerações de Müller sobre seu fazer literário se aproximam do que a crítica Diana Klinger considera a “escrita de si como performance”: para Klinger, o autor se constrói no texto à medida que a narração se desenvolve, distinguindo-se do sujeito escritor real “de carne e osso”. Contudo, diferentemente dos relatos do eu prevalecentes na modernidade, nos quais há uma expectativa de acessarmos a “verdade” sobre a vida do autor, em nossos dias prevalecem narrativas que deixam entrever o “caráter teatralizado da construção da imagem do autor.” (KLINGER, 2008,24). Assim, a distinção entre fato e ficção se esboroa, como podemos perceber nos ensaios müllerianos. Neles, somos constantemente alertados de que devemos encarar os eventos descritos como uma construção entre as muitas possíveis de serem realizadas por meio da linguagem. Ver KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 12, 2008.

As concepções elaboradas neste ensaio se ligam à expressão “percepção inventada”, termo cunhado por Müller na coletânea *Der Teufel sitzt im Spiegel*. Como explica Samia Tavares de Souza, neste livro, a escritora aponta que a percepção inventada designa “uma reelaboração literária das percepções advindas da própria experiência vivida, com a finalidade de aproximar o leitor dos sentimentos e percepções causados por estas experiências”<sup>392</sup>. Para Müller, os pilares que guiam a construção de suas narrativas são os detalhes e impressões interiores sobre os acontecimentos marcantes de sua vida. É por meio do recurso à memória, que funciona de maneira instável e seletiva, que tais episódios são escolhidos e trazidos para o “reino” das palavras, permitindo que a escrita sobre o passado se concretize. Essa escrita não pressupõe a busca por uma verdade absoluta baseada simplesmente em fatos, mas sim a criação de textos capazes de questionar os abusos de governos ditoriais por meio da ficção.<sup>393</sup>

As considerações de Müller sobre sua escrita não se encontram desvinculadas de preocupações sobre a sociedade em que ela se encontra inserida. Para a autora, ao escrever, o literato precisa estar atento ao modo como seus relatos serão apresentados, de maneira a não deixar “o que lhe é caro encalhar desprotegido”<sup>394</sup> e se despedaçar “numa frase ruim”<sup>395</sup>. Dois motivos justificam essa apreensão:

Eu sempre escrevo pensando que aqueles que significam muito para mim leem junto, mesmo que já estejam mortos, principalmente se estão mortos. Quero me aproximar deles com as palavras. Essa é a única medida da qual eu sei que a posso, a partir da qual classifico as frases como suficientemente boas ou ruins. Essa, talvez, seja uma obrigação moral ingênua, distribuída em pequenos pedaços, ao escrever. Essa foi e é o contrário de estar por cima, de qualquer ideologia, seja ela como for- e por isso também o melhor meio contra ela. A ideologia tem o todo na mira. Segundo o seu critério as frases são permitidas ou proibidas. Para não abandonar o permitido, autores ideologicamente fixados tão somente sondam novas variantes para as partes prontas disponíveis. Essas só são variáveis nos limites em que o todo não é posto em xeque. Uma obrigação moral interior por motivos bem privados irrita os amantes da ideologia. Ela não se sente responsável pelo todo, sabe até mesmo que todo texto foge ao previsível, escapa do terreno oferecido pela ideologia. Ao invés de permitidas ou proibidas, as frases escritas a partir de uma obrigação interior se veem como verazes ou imitadas.<sup>396</sup>

<sup>392</sup> SOUZA, Samia Tavares de. *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier*, de Herta Müller, op.cit., p.74.

<sup>393</sup> Como aponta Souza, os textos de Müller se aproximam do conceito de autoficção, conforme trabalhado na teoria literária. Tanto em seus ensaios quanto nos romances, Müller “coloca em evidência não só a instabilidade da memória, mas também a possibilidade da literatura de se aproximar de uma Verdade mais profunda do que aquela presente nos simples fatos. Além desse aspecto, para Müller, a própria memória, e por consequência, a escrita da memória, já é uma forma de mediação entre o vivido e o narrado.”(SOUZA, 2018, 75) Ainda de acordo com Souza, textos autoficcionais se aproximam do chamado romance pós-moderno, no qual características como a fragmentação do sujeito, a ausência de linearidade, a descrença na possibilidade de se oferecer uma verdade e a autorreferencialidade se fazem presentes. Ver SOUZA, Samia Tavares de. *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã: o romance Herztier*, de Herta Müller, op.cit.

<sup>394</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p.91.

<sup>395</sup> MÜLLER, ibid, p.91.

<sup>396</sup> MÜLLER, ibid, p.91-2.

De acordo com a autora, uma escrita que apregoa um uso criativo da linguagem tem por principal objetivo não macular a memória de pessoas próximas que perderam a vida durante a ditadura, após anos de vigilância e perseguição estatal.<sup>397</sup> Outra razão liga-se ao desejo de fugir das garras daquilo que é permitido pelo governo, que possui o “todo” na mira e não consente que preocupações individuais tenham espaço na literatura: neste contexto, escapar envolve a escrita de frases guiadas por uma “obrigação moral interior”, que têm em motivos privados sua principal razão de ser. Ao trazer à tona a individualidade e detalhes do cotidiano, Müller aponta que seus textos desejam abordar as brechas e os problemas existentes em um regime que deseja uniformizar a sociedade.

Como aponta a antropóloga e estudiosa do socialismo romeno Katherine Verdery, na Romênia dos anos 1970, o tema da ideologia nacional é reforçado no governo de Nicolau Ceausescu. Escritores que promoviam a unidade do povo romeno e a exaltação do regime socialista ganham espaço nas instituições culturais e políticas. Segundo Verdery, na busca pela criação de um “novo homem” no interior do socialismo, a linguagem “passa a ter um significado especial enquanto construtora da vida social precisamente porque uma nova ordem de práticas sociais ainda não foi regularizada e não funciona de forma confiável”<sup>398</sup>

Neste contexto, em que a ideologia nacional é um dos meios utilizados para garantir a popularidade e coesão do regime, “a linguagem se torna um terreno moldado pelo poder e contestado por aqueles que resistem à centralização de significados. Produtores de palavras povoam estas palavras com objetivos que podem ser suspeitos; o centro deve ter então manter a linguagem sob constante vigilância”.<sup>399</sup> As tentativas de vigilância por parte do governo poderiam assumir diferentes formas no cotidiano, tais como a censura, a constante vigilância e o bloqueio a promoções na carreira, posto que o Estado era o único empregador. Por sua vez, intelectuais que defendiam as políticas de Ceausescu conseguiam se manter próximos ao centro do poder, dada a íntima relação existente entre a política e o mundo cultural.

No caso de Müller, dada a recusa em colaborar com o regime, sua carreira literária foi marcada pela censura e uma estrita vigilância da polícia secreta, por meio de buscas em seu domicílio e interrogatórios frequentes. Dessa forma, no decorrer do ensaio, a autora parte de

<sup>397</sup> Entre esses amigos está Roland Kirsch (1960-1989), escritor romeno. Após se mudar para Berlim em 1987, Müller continua a manter contato com Kirsch através de cartas e é citado pela autora como um de seus amigos mais fiéis. Kirsch cometeu suicídio em seu apartamento na cidade de Timisoara enquanto esperava os documentos necessários para emigrar. No entanto, Müller acredita que ele tenha sido assassinado pela Securitate, visto que vizinhos ouviram uma briga no apartamento do escritor momentos antes dele se enforcar. Kirsch foi inspiração para um dos personagens do romance *Fera d'alma*.

<sup>398</sup> VERDERY, Katherine. *National Ideology under Socialism*, op.cit., p.90. “Language takes on special significance as a constructor of social life precisely because a new-order of social generating practices has not yet been regularized, does not function reliably.” (no original)

<sup>399</sup> VERDERY, ibid, p. 90. “language becomes a terrain shaped by power and contested by those who resist the centralization of meanings. Producers of words populate these words with objectives that might be suspect ; the center must therefore keep language under constant surveillance” (no original)

episódios do seu dia a dia para relacioná-los com problemáticas de caráter mais amplo, ligadas ao importante espaço ocupado pela linguagem na produção de sentidos na sociedade. Ao ser um *lócus* de disputa entre diferentes grupos, a palavra escrita, por meio da imaginação, pode ser um meio de resistência ao se contrapor à uniformização social desejada por governos de cunho totalitário.

Tais discussões, ligadas ao modo como Müller concebe sua produção literária e a relação desta com o mundo social, possuem pontos de contato com a historiografia ao pensarmos na escrita da história. A chamada “virada linguística”, que tem no historiador norte-americano Hayden White um de seus principais representantes, enfatizou a importância da linguagem na elaboração do passado, além de questionar a possibilidade do alcance de verdades definitivas no campo historiográfico. Como aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior, desde os anos 1960, momento em que o estruturalismo e o denominado “retorno da narrativa” colocaram a linguagem e a narrativa no centro das discussões, os historiadores se voltaram para “pensar o estatuto de seu próprio saber, os limites e as fronteiras de que deveria ter seu discurso”.<sup>400</sup>

A partir dessa constatação, os historiadores passaram a debater mais amplamente o fato de que “escrevem, de que utilizam a linguagem, de que narram e de que a narrativa é a forma através da qual constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos”<sup>401</sup>, salientando assim a distância que existe entre o passado “tal qual” ele foi e a explicação histórica que o ampara.

Nessa linha de raciocínio, Roger Chartier nos apresenta um resumo das questões envolvendo as relações estabelecidas entre história e narrativa nas últimas décadas do século XX. Nas palavras do historiador francês:

Durante muito tempo, a história havia esquivado sua pertinência à classe dos relatos e havia apagado as figuras próprias de sua escritura, reivindicando seu cientificismo. Assim, quer se trate de uma recopilação de exemplos à moda antiga, quer se ofereça como conhecimento de si mesma na tradição historicista e romântica alemã, quer se proclame “científica”, a história não podia senão recusar pensar-se como um relato e como uma escritura. (...) Daí deriva a questão principal em que se baseou o diagnóstico de uma possível “crise da história” nos anos 1980 e 1990. Se a história como disciplina de saber partilha suas fórmulas com a escritura de imaginação, é possível continuar atribuindo a ela um regime específico de conhecimento? A “verdade” que produz é diferente da que produzem o mito e a literatura?<sup>402</sup>

Diagnosticada por Chartier após o encontro com a literatura nos anos 1980-90, a “crise da história” envolvia o questionamento da possibilidade de alcançarmos verdades “definitivas”

<sup>400</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero? In: \_\_\_\_\_. *História*, op.cit., p.43.

<sup>401</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p.43.

<sup>402</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.12-3.

por meio de nossa escrita, o que levou a diferentes respostas por parte dos teóricos<sup>403</sup>. Como afirma Albuquerque Júnior, se durante o século XIX, a ciência histórica procurou se distanciar da literatura ao se constituir enquanto disciplina, a evidenciação da dimensão retórica e narrativa da história permite uma aproximação, mesmo que incômoda, entre esses dois campos.<sup>404</sup>

De acordo com Chartier, nossa escrita se encontra envolta em questões de cunho estético, partilhando de “fórmulas” com a ficção. Assim, a necessidade de pensarmos a linguagem utilizada nas pesquisas e o modo como articulamos os eventos que selecionamos para compor nossos trabalhos passam a estar entre as preocupações dos historiadores situados nas últimas décadas do século XX.

Segundo Albuquerque Júnior, com a crescente formalização da disciplina, ocorrida durante o século XIX, nossos relatos foram sendo conduzidos cada vez mais longe da vida e dos homens para se tornarem “a narrativa de eventos sem sangue, (...) mesmo quando narra suas guerras e revoluções.”<sup>405</sup> Por sua vez, o texto literário estaria ligado à imaginação e operaria nas sombras e campos da existência não racionalmente explicáveis. Esta oposição estrita impediu que os historiadores pensassem seu fazer com a literatura, o que lhes permitiria construir reflexões a partir das sensibilidades e paixões dos sujeitos estudados.

Mesmo com os argumentos levados a cabo por teóricos que procuraram pensar a presença da narrativa na pesquisa histórica nos anos 1970, como Paul Veyne, Hayden White e Michel de Certeau, Albuquerque Júnior aponta que houve uma grande denegação da literatura, dada a defesa da “realidade” e da busca de uma “verdade” sobre o passado por parte dos historiadores. Procurando tratar a questão por outro viés, ele sugere que discutamos a relação entre esses polos de maneira a refletirmos “com a literatura”, o que nos distanciaria de uma história meramente preocupada com fatos. Para o teórico, pensar a história com a literatura envolve a proposição de

<sup>403</sup> Chartier destaca três publicações nos anos 1970 que considera “fundacionais” na discussão sobre o assunto: as respostas dadas pelos historiadores salientavam ou a aproximação com os procedimentos literários (caso de Paul Veyne em seu livro *Como se escreve a história*) ou o realce das características que dão aos textos historiográficos uma “feição” própria (caso de Carlo Ginzburg e Michel de Certeau), mesmo que não sejam desconsiderados os aspectos narrativos contidos em nosso trabalho com o passado.

<sup>404</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, *ibid.*

<sup>405</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, *ibid.*, p. 48. É importante ressaltar que a crítica feita por Albuquerque Júnior segue os passos de filósofos como Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Michel Foucault (1926-1984). Para Nietzsche, em sua *Segunda consideração intempestiva* – da utilidade e desvantagem da história para a vida, o “excesso de história”, ligado ao conhecimento científico, leva a um enfraquecimento dos homens e da própria capacidade de atuar no mundo em que se encontram. Um “unguento” para essa situação seria recorrer à arte. Já Foucault, em seu livro *A arqueologia do saber*, ao ressaltar o caráter discursivo da história, assinala as descontinuidades e rupturas existentes no tecido social, questionando uma história racionalizante que desconsidera os conflitos e guiada somente pela busca de fatos que levariam a uma “verdade” única sobre o passado. Para Foucault, ao narrar, os historiadores criam os objetos dos quais falam, apontando para o seu caráter histórico e discursivamente construído. Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003; FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

reflexões que indiquem os pontos de convergência entre esses campos, de modo a não encará-los como antagônicos.

Importantes teóricos, como Saul Friedlander e Dominick LaCapra, também analisam em seus trabalhos algumas problemáticas ligadas à escrita da história a partir de contextos históricos específicos, como as catástrofes ocorridas ao longo do século XX (em especial, o Holocausto). Discuto sucintamente as considerações de ambos para amarrar as discussões apresentadas neste capítulo: segundo Friedlander, a solução final, definida como evento-limite dada a magnitude do genocídio praticado de maneira sistemática pelo regime nazista, traz à tona o questionamento de como narrar o horror, visto que esse acontecimento coloca “em prova nossas tradicionais categorias de conceituação e representação”<sup>406</sup>: ao estudar eventos como o Holocausto, os historiadores são confrontados tanto com a necessidade de fornecer à sociedade narrativas verossímeis em relação ao passado quanto com a premência de refletir sobre as maneiras pelas quais esses episódios serão representados, posto que eles desafiam a capacidade da linguagem de expressar a barbárie.<sup>407</sup>

Por sua vez, LaCapra assinala que as técnicas de representação convencionais são “particularmente inadequadas com respeito a eventos que (...) são questões-limite”<sup>408</sup>, sendo necessário que os historiadores se questionem como escrever sobre acontecimentos envoltos em silêncios, traumas e inúmeras perdas. Ao se referir a técnicas convencionais de escrita da história, LaCapra destaca o positivismo: segundo ele, essa corrente não aborda a questão da relação do historiador com seu objeto de estudo ao advogar uma estreita separação entre o pesquisador e suas fontes. Além disso, o positivismo tende a recontar o passado de forma linear e causal, desconsiderando as incertezas, as sensibilidades e as reconstruções ocorridas ao longo do processo de pesquisa. Valoriza-se a objetividade que, ao se dissociar dos artifícios empregados nos relatos literários, seria capaz de narrar o passado “tal qual ele ocorreu”.

Na visão do teórico, ao entrarmos em contato com temáticas socialmente sensíveis, como o Holocausto e outras catástrofes ocorridas ao longo do século XX, nos relacionamos de maneira acentuada com as memórias dolorosas dos sujeitos e grupos que estudamos, o que dificulta uma separação tão estrita entre sujeito e objeto como apregoado pelo positivismo. De acordo com LaCapra, diante de tais dificuldades, cabe aos historiadores reconhecer que seus trabalhos, conduzidos pelo desejo de elaborar memórias acessíveis e confiáveis em relação ao passado,

<sup>406</sup> FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*, op.cit., p.23. “pone a prueba nuestras tradicionales categorías de conceptualización y representación”. (no original)

<sup>407</sup> FRIEDLANDER, ibid.

<sup>408</sup> LACAPRA, Dominick. Representar el holocausto: reflexiones sobre el debate de los historiadores. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación. El nazismo y la solución final*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007, p.176. “particularmente inadecuadas con respecto a sucesos que (...) son cuestiones límite”

também são perpassados por aspectos como o lugar ocupado socialmente pelo investigador, a subjetividade e a participação ativa do pesquisador nas narrativas que elabora.<sup>409</sup>

Além disso, mesmo com a linguagem sendo colocada em xeque diante de tais eventos, Friedlander aponta que não podemos nos furtar em elaborar narrativas sobre os horrores ocorridos na contemporaneidade, já que “o extermínio dos judeus na Europa é tão acessível à representação e interpretação quanto qualquer outro evento histórico. Só que nesse caso tratamos de um (...) ‘evento-límite’”<sup>410</sup> Diante da radicalidade do horror, cabe aos historiadores questionar se formas menos tradicionais de representação são válidas e como devemos lidar com os efeitos do trauma e os testemunhos dos sobreviventes em nossos trabalhos.

Das reflexões de ambos, me interessa destacar a importância que a escrita e um emprego meticuloso da linguagem possuem em nossas pesquisas. Tanto Friedlander quanto LaCapra ressaltam que nossa escrita pode agir socialmente ao promover debates sobre os abusos cometidos por diferentes regimes, possibilitando que organizações políticas mais democráticas encontrem espaço na sociedade.<sup>411</sup> Diante do desafio de representar acontecimentos que testam nossa compreensão, cabe aos historiadores estarem atentos ao uso que fazem da linguagem, posto que é por meio dela que podemos construir memórias fiáveis e críticas em relação ao passado.

Pensar tais considerações através da literatura, como defendo ao longo destas páginas, envolve refletir sobre algumas aproximações possíveis entre os dois campos: um primeiro ponto de contato dá-se pela própria escrita, instrumento que literatos e historiadores compartilham para elaborar o passado. Tanto Müller quanto os historiadores constroem narrativas guiadas pelo desejo de compreensão, seja de si, seja dos indivíduos e grupos sociais pesquisados.

Mesmo diante dos desafios colocados pela linguagem, que não constitui um meio transparente que “reflete” a realidade, a autora romena salienta a importância de escrever sobre a perseguição política sofrida por ela e pessoas próximas para que os abusos cometidos não caiam no esquecimento. Diante dos horrores levados a cabo pelo regime de Ceausescu, ela destaca que sua escrita sobre o período é perpassada por detalhes que enfatizam o caráter de construção de seus textos, como a subjetividade e um emprego criativo da linguagem, capaz de irritar os detentores do poder. Esse caráter de construção também se encontra presente nos textos produzidos na academia que, assim como a ficção, têm na palavra uma ferramenta para a criação de narrativas críticas em relação aos maus feitos perpetrados pelos governantes.

Além disso, a escritora traz uma discussão sobre as “mudanças fantasmagóricas” que envolvem seu processo de escrita, propiciando um debate sobre a relação que os historiadores

<sup>409</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op.cit.

<sup>410</sup> FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*, op. cit, p. 23. “el exterminio de los judíos de Europa es tan accesible a la representación y la interpretación como cualquier otro suceso histórico. Sólo que en este caso tratamos con un ‘suceso límite’” (no original).

<sup>411</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op.cit, p.109.

mantêm com o tempo: ao adentrar o mundo das palavras, Müller aponta as transformações que ocorrem no já vivido, em uma labuta que envolve uma seleção de suas memórias e a reflexão de como dispô-las no papel de modo a não permitir que a morte de pessoas próximas tombe no esquecimento. A relação de Müller com o passado é marcada pela estranheza, dado o fato de que uma aproximação de suas experiências só é possível por meio do recurso à imaginação. Este trabalho perpassa um trânsito constante entre as questões que a sensibilizam no presente e os acontecimentos marcantes de seu passado.

De modo semelhante, os historiadores, ao estudarem temporalidades distintas daquelas em que estão inseridos, são envolvidos por modos de compreender o mundo que em um primeiro momento lhes são estranhos. O processo de tornar o passado comprehensível envolve transitar entre as questões colocadas pelo presente da pesquisa e as fontes selecionadas, o que exige um olhar crítico, atento e sensível aos documentos. Assim como Müller, que recria suas vivências por meio da escrita, os historiadores também dão forma ao passado por meio das narrativas que elaboram, com a subjetividade do pesquisador sendo parte integrante desse processo, desde a formulação das questões à redação do texto final.

No ensaio aqui discutido, Müller levanta questionamentos que são pertinentes para refletirmos sobre o fazer historiográfico. Entre eles, destaco o estranhamento em relação ao passado, a relação passado-presente, o papel da linguagem na construção das narrativas, a validade (ou não) de construirmos narrativas formalmente inovadoras sobre temas socialmente delicados e a presença da subjetividade e dos afetos do pesquisador ao longo das pesquisas que realiza. Com o próximo ensaio, retomo e detalho algumas das questões apresentadas neste capítulo, ao vermos como Müller pensa sua escrita na prática, ou seja, durante a elaboração de um romance.

## CAPÍTULO 5

### “Milho amarelo e sem tempo”: a subjetividade do historiador e as preocupações éticas na escrita da história

#### 5.1 *Tudo que tenho levo comigo* e a literatura de testemunho

Neste capítulo, trataremos do ensaio “Milho amarelo e sem tempo”, no qual Müller discute o processo de feitura da sua obra *Tudo que tenho levo comigo*.<sup>412</sup> Procurarei analisar nas próximas páginas como as considerações de Müller sobre sua criação literária podem nos auxiliar a pensar alguns aspectos que compõem a produção das investigações historiográficas, entre eles a presença da subjetividade do historiador e a importância de uma escrita que não macule a memória dos sujeitos que estudamos.

Lançado em 2009 na Alemanha e dois anos depois no Brasil pela editora Companhia das Letras, *Tudo que tenho levo comigo* é o último romance lançado pela escritora até o momento. O livro foi publicado meses antes de Müller ser galardoada com o Prêmio Nobel de Literatura e concorreu naquele mesmo ano ao prestigioso Deutscher Buchpreis (Prêmio Alemão do Livro), criado em 2005 com o objetivo de valorizar e divulgar autores que escrevem em língua alemã.<sup>413</sup>

*Tudo que tenho levo comigo* aborda a trajetória do jovem Leopold Auberg, mandado para um campo de trabalhos forçados situado na atual Ucrânia em janeiro de 1945 e o seu retorno para casa cinco anos depois. Os campos foram criados pelo governo soviético como forma de retaliação pela participação dos povos de minoria alemã na Segunda Guerra. Para Stálin, essas populações deveriam ajudar na reconstrução da União Soviética e pagar pelos crimes de guerra cometidos. A mãe de Müller foi enviada para um dos campos e sua experiência despertou o interesse da autora pelo assunto.

Como assinala Müller no início do ensaio, durante a infância no vilarejo, sua mãe comentava sobre a deportação por meio de uma “linguagem sintetizada” que intencionava resumir os cinco anos passados nos campos:

Desde que me lembro, minha mãe diz:  
“O frio é pior do que a fome.”  
Ou: “O vento é mais frio do que a neve”.  
Ou: “Uma batata quente é uma cama quente.”  
Desde minha infância até hoje, há mais de cinquenta anos, minha mãe  
não mudou nem uma palavra nessas frases. São sempre ditas  
individualmente, porque cada uma dessas frases, em si, contém cinco

<sup>412</sup> MÜLLER, Herta. *Tudo o que tenho levo comigo*, op.cit.

<sup>413</sup> O Deutscher Buchpreis é atribuído em outubro a um romance em língua alemã pela Associação dos livreiros alemães como parte da programação da Feira do Livro de Frankfurt. Os romances são selecionados por editores alemães, austríacos e suíços, que designam títulos publicados entre outubro do ano precedente e o mês do setembro do ano em que será anunciado o prêmio. Uma lista com vinte livros é publicada em agosto. A shortlist com os seis finalistas é divulgada em setembro. No início de outubro, o ganhador é anunciado. Apesar de selecionado para a shortlist e considerado favorito, o romance de Müller não foi o escolhido pelos jurados.

anos de campo de trabalhos forçados. Trata-se de sua linguagem sintetizada, que substitui o relato sobre o campo.<sup>414</sup>

Sobre o período, afirma Müller, era possível apenas falar em sussurros, mesmo que grande parte das pessoas do vilarejo tenham sido vítimas da deportação:

Eu estava bem cheia dessas frases cifradas. Seu sentido estava fossilizado, elas soavam tão imperturbavelmente vazias que trêsvezestrêssão-nine. Eu finalmente queria entender o que havia por trás dessas frases. Embora soubesse que todas as mulheres do vilarejo da idade da minha mãe tinham sido levadas para a Rússia, além de todos os homens que na época eram jovens ou velhos demais para a guerra. Mas sobre o campo só se falava em sussurros, porque era proibido.<sup>415</sup>

Na busca por compreender o que tais “frases cifradas” significavam, Müller decide escrever um romance sobre o assunto. Ela inicia as pesquisas em 2001: primeiramente, ela registra as conversas com pessoas do vilarejo que estiveram nos campos. No desenrolar de suas anotações, ela passa a se encontrar com o poeta romeno Oskar Pastior, que também foi deportado.<sup>416</sup> As experiências narradas pelo poeta tornaram-se centrais para a criação do livro: para Müller, Pastior sintetizava suas vivências no campo de modo distinto dos habitantes do vilarejo, ultrapassando o sentido fossilizado contido em fórmulas matemáticas como “trêsvezestrêssão-nine”.

De acordo com a autora, as frases ditas pelos camponeses não lhe permitiam compreender de que formas as pessoas vivenciaram a deportação, posto que seus relatos não descreviam o cotidiano nos campos. Entre os detalhes que Müller considerava úteis para a feitura do romance destacam-se minúcias à primeira vista banais, mas que ressaltam a experiência individual dos deportados, tais como as roupas utilizadas, os instrumentos de trabalho, a estrutura dos dormitórios e as reações diante do frio e da fome que grassavam nos campos. Esses detalhes encontravam-se ausentes das narrativas feitas pelos habitantes do vilarejo, que falavam do período de maneira reticente e por meio das denominadas “frases cifradas”.

<sup>414</sup> MÜLLER, Herta. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p. 123.

<sup>415</sup> MÜLLER, ibid, p. 123. Importante ressaltar que a junção da fórmula três vezes três são nove em uma só frase transmite ao leitor o caráter de incompreensão sentido pela autora ao conversar com os habitantes do vilarejo, dada a maneira inusitada de transcrição da fórmula.

<sup>416</sup> Oskar Pastior foi deportado em 1945 para um campo de trabalhos forçados, retornando à Romênia em 1949. Nos anos seguintes, atuou como informante para a Securitate. Tal fato foi trazido a público em 2010 e é discutido no texto “Mas sempre ocultou”, também incluído em *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Nele, Müller avalia as circunstâncias que teriam levado o amigo a colaborar: de acordo com a escritora, após a saída dos campos, Pastior foi acusado de “agitação antissoviética” por escrever sete poemas sobre a deportação. Recebendo a prisão, ele assinou uma declaração de colaborador informal da Polícia Secreta romena. Além disso, Pastior era homossexual, o que aumentava os riscos de uma prisão iminente. Ao longo do ensaio, Müller procura situar a decisão de Pastior historicamente, de modo a compreender a decisão tomada por ele: segundo a autora, após os anos passados no campo de trabalhos forçados, o poeta receava perder novamente a liberdade em um momento de brutal repressão governamental. Mesmo assinando o termo de colaborador, Pastior não atuou como um “zeloso denunciante”, o que leva Müller a avaliar a decisão de seu amigo com ambiguidade: mesmo chocada e revoltada com a revelação, ela afirma que o acolheria “todas as vezes” em seus braços para conversar sobre o assunto. Cf. MÜLLER, Herta. *Mas sempre ocultou*. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.163-69.

Por sua vez, Pastior compartilhava suas vivências sobre a deportação destacando os detalhes mais íntimos de seu dia a dia, como os trabalhos e os movimentos repetitivos que executava, as saudades que sentia de casa e a fome que o acompanhava nos anos em que passou no campo. Müller resume da seguinte maneira os primeiros encontros com o escritor:

Ele [Oskar Pastior] queria me ajudar *com tudo o que eu vivenciei*, ele disse. Passamos a nos encontrar regularmente. Ele contava, e eu anotava. Ele sintetizava a língua de maneira diferente da de minha mãe. Ele falava do “ponto zero da existência”. Sua lembrança vivia das minúcias.<sup>417</sup>

As minúcias relatadas pelo poeta romeno eram acompanhadas por uma série de frases que, para Müller, passaram a representar a síntese das vivências dos deportados. Pastior sempre se referia aos campos como o “ponto zero da existência”, assinalando que o período em que esteve deportado deixou marcas profundas, que ainda reverberavam décadas após o retorno para casa. Por meio dessas frases curtas, capazes de resumir pontos-chave da experiência nos campos, Müller encontra inspiração para iniciar a escrita do romance.

Ernest Wichner, escritor romeno que acompanhou de perto o processo de elaboração de *Tudo que tenho levo comigo*<sup>418</sup>, em entrevista dada em 2011, fornece mais alguns pormenores sobre os encontros entre os dois literatos, reiterando a importância do relato de Pastior para a criação do livro. De acordo com Wichner, as conversas se revelaram frutíferas graças à profusão de detalhes nas descrições do poeta sobre o período. No início do projeto, as discussões de Müller com outros deportados se revelaram pouco proveitosas, pois “eles não se lembravam das especificidades. Suas experiências tinham sido suplantadas por outros ou simplesmente reprimidas. Na Romênia, depois de tudo, tinha sido proibido falar sobre as deportações.”<sup>419</sup> Já no caso de Pastior, suas memórias

foram formadas de uma maneira diferente que daquelas pessoas que não desejavam aprender mais nada, que não desejavam experientiar mais o mundo, que simplesmente desejavam sobreviver aos campos. E quando nós três estávamos no caminho para Lana [cidade italiana situada na região de Bolzano] para alguns eventos literários, moderei a discussão de ambos sobre a deportação de Pastior. Em seguida, eles se encontraram todas as semanas até a morte de Oskar e trabalhavam juntos por muitas horas. Foi assim que a ideia de escrever um livro juntos surgiu, embora o projeto não pudesse ser realizado

---

<sup>417</sup> MÜLLER, Herta. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.124. Os grifos são da autora.

<sup>418</sup> Ernest Wichner é um escritor, tradutor e editor nascido em 1952 na cidade de Guttenbrunn. Ele é um dos membros fundadores do Grupo de Ação Banato. Em 1975, emigrou para Berlim, onde vive até hoje. Wichner teve um importante papel na publicação da primeira coletânea de contos de Müller na Alemanha Ocidental ao levar o manuscrito de *Depressões* escondido no trem após visitar Müller na Romênia. A publicação do livro em 1984 e os prêmios literários recebidos naquele ano permitiram que a autora viajasse para o Ocidente e realizasse sua crítica à ditadura no exterior. Em 2004, Wichner acompanhou Herta Müller e Oskar Pastior em visitas ao campo de trabalhos forçados no qual Pastior foi deportado.

<sup>419</sup> Cf. GLAJAR, Valentina; BRANDT, Bettina. Interview with Ernest Wichner. In: \_\_\_\_\_. *Herta Müller: Politics and Aesthetics*, University of Nebraska Press, 2013, p.47. “They could not recall the specifics. Their experiences had been superseded by others or had simply been repressed. In Romania it had after all been forbidden to talk about the deportations.” (no original)

devido à morte repentina de Oskar Pastior em 04 de outubro de 2006, em Frankfurt.<sup>420</sup>

Se as memórias de muitos sobre o tema eram envoltas em esquecimento e silêncio, o interesse de Pastior em relatar os detalhes cotidianos da deportação é uma fonte de inspiração para Müller, que se encontra regularmente com o poeta até a morte deste em 2006. Com os encontros, Müller aponta que ambos começaram a inventar ou a “dissimular” em cima do real visando à elaboração do livro.

Com a continuidade das discussões, nos diz Müller, “avançávamos cada vez mais um pouquinho da realidade à invenção- quando finalmente nos demos conta, escrevíamos há tempos realidades inventadas em conjunto.”<sup>421</sup> Aos poucos, a escritora percebe as diferenças de percepção existentes entre o poeta e ela, graças às vivências distintas de ambos. Enquanto Pastior

conhecia as pessoas reais e se sentia ligado a elas, ele não era livre para retirar-lhes ou acrescentar-lhes algo através da frase. Na pantomima dupla da escrita, ele tinha de ter respeito. Mas o diálogo com seus relatos exigia que eu cruzasse seus escrúpulos e contrapusesse à pessoa de Oskar Pastior uma pessoa-texto, uma pessoa-eu artificial montada com características reunidas de outros internos. E em alguns lugares essa pessoa-eu artificial tinha de agir contra ele.<sup>422</sup>

As divergências de métodos para confabular em cima do vivido se acentuam com o passar do tempo, alcançando um clímax após a morte do poeta. Ao passo que Pastior não se sentia livre o bastante para criar em cima de seus traumas pessoais, Müller conseguia atuar com um maior distanciamento, muitas vezes colocando-se “contra” o relatado pelo amigo. Sozinha com o texto, ela modifica muitas das sequências já elaboradas. Ela define da seguinte maneira seu método de trabalho:

Sempre se confirma: escrever é, primeiro uma conversa com os objetos reais da vida. E depois uma segunda conversa dos estados tratados nessa primeira conversa com o papel- ou seja, a transformação numa frase (...) Mas, pronta no papel, a frase está morta. Ela volta a se tornar ambas as conversas apenas quando é lida. (...) A cada tentativa de registro, percebemos que o vivido não é bom nem mau. Ele precisa ser preparado na conversa interna por tanto tempo até que encontraremos palavras que eventualmente possam ser usadas. (...) As palavras ditam o que deve acontecer, seguimos seu som, uma palavra exata até as realidades serem atropeladas pela metáfora. As palavras inventadas tomam ar, não sabemos o que elas permitem, as testamos. Elas pegam aquilo de que precisam. E rejeitam o que não permitem. Nada lhes é indiferente. Palavras

<sup>420</sup> GLAJAR; BRANDT, ibid, p. 48. “were shaped in a different way than those of people who did not want to learn anything anymore, who did not want to experience the world any longer, who simply wanted to survive the camps. And when the three of us were on our way to Lana [southern Tirol/Italy] for some literary events, I moderated their discussion about his deportation. Thereafter, they met every week until Oskar’s death and worked together for several hours. That’s how the idea to write a book together came about, although that project was not realized because of Oskar Pastior’s sudden death on October 4, 2006, in Frankfurt am Main.” (no original)

<sup>421</sup> MÜLLER, Herta. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.127.

<sup>422</sup> MÜLLER, ibid, p.138.

têm o ouvido apurado, sua percepção as torna inteligentes. Mais inteligentes do que tudo que preparamos na conversa com os objetos reais. Elas precisam do jogo de alternância e aproveitam a ligação ao real para se soltar.<sup>423</sup>

Aqui, assim como no ensaio discutido no capítulo anterior, Müller resume sua concepção de escrita: o relato de experiências do passado pressupõe uma ficcionalização, capaz de modificar o modo como os acontecimentos ocorreram. Ao escrever, algo distinto é criado, dada a necessidade de ajustarmos o vivido em frases e estruturas gramaticais que não contemplam a totalidade dos fatos. Segundo Müller, aproximar-se do passado é somente possível por meio desse processo, que envolve um encontro tanto com o inesperado e as exigências interiores do escritor quanto com as palavras usadas para recriá-lo.

É importante ressaltar que os romances müllerianos, em especial *Tudo que tenho levo comigo*, podem ser enquadrados na denominada literatura de testemunho, cujo objetivo é narrar as experiências ligadas aos horrores e violências vividos por diferentes sujeitos ao longo do século XX. De acordo com o crítico literário Wilberth Salgueiro, a noção fundadora de testemunho advém das experiências dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas e tem como maiores expoentes Primo Levi na prosa e Paul Celan na poesia.<sup>424</sup> Ambos são citados por Müller como referências que auxiliam a pensar de quais maneiras é possível narrar suas experiências sob a ditadura.

Ainda segundo Salgueiro, o conceito de testemunha tem passado por uma ampliação nas últimas décadas, de modo a abarcar os relatos daqueles que desejam narrar tais eventos, mesmo não os tendo vivenciado diretamente:

Testemunha é a pessoa. Testemunho é o relato, o depoimento, o documento, o registro (escrito, oral, pictórico, filmico, em quadrinhos etc.). A testemunha, por excelência, é aquela que viveu a experiência, é um *supérstite* (superstes) – sobrevivente. Há, naturalmente, outros graus de testemunha: há o testis, que se põe como *terstis* (terceiro) – que presenciou, que viu, que “testemunhou”. E há, com o alargamento dos estudos de testemunho, a consideração da testemunha solidária (...) O testemunho, por excelência, é feito/dado/produzido/elaborado pelo sobrevivente. Há, igualmente, os testemunhos de terceiros e de solidários.<sup>425</sup>

Se etimologicamente a palavra testemunha (do latim *terstis*) significa aquele que procura fornecer um testemunho factual no curso de um processo de litígio entre dois contendores, o *superestes* seria o sujeito que procura expressar através de um relato aquilo que não pode ser delimitado ou encerrado por meio do mero processo legal. Partindo da definição aqui esboçada de testemunha, o filósofo italiano Giorgio Agamben aponta, a partir dos relatos do escritor italiano Primo Levi sobre os campos de concentração, que o testemunho dos sobreviventes é lacunar e

<sup>423</sup> MÜLLER, ibid, p. 133-4.

<sup>424</sup> SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga: Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, 2012.

<sup>425</sup> SALGUEIRO, ibid, p.285.

repleto de aporias. Para Agamben, a testemunha “integral” dos campos seria o muçulmano, ou seja, aquele que se encontra no limiar entre a vida e a morte e não pode narrar. Com isso, relatos como o de Levi são marcados por falhas e pela incapacidade de expressar com exatidão a totalidade dos eventos narrados.<sup>426</sup>

Produzidos em um primeiro momento pelos sobreviventes diretos dos campos de concentração, na atualidade abundam narrativas de indivíduos que se solidarizam com os horrores do passado e buscam reatualizá-los, mesmo não tendo presenciado as situações que descrevem. É o caso de Müller que, partindo do testemunho de Oskar Pastior, recompõe as memórias do poeta visando à criação de um romance.

Em nossos dias, existem inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a eventos, períodos, situações e períodos, seja em relação a formas de expressá-lo, o que pode se dar sob diferentes meios como filmes, HQs, filmes, poemas, séries televisivas, entre outros. Se o exemplo paradigmático da literatura de testemunho são os relatos de sobreviventes dos campos de concentração, atualmente as situações relatadas são muito variadas, como ditaduras, genocídios, torturas, desigualdades econômicas e preconceitos étnicos e sexuais do cotidiano ocorridos em várias partes do globo.<sup>427</sup>

Estudar esses testemunhos envolve muitas vezes entrar em contato com memórias dolorosas, relatadas por indivíduos colocados à margem da sociedade e que foram privados de sua dignidade. Entre alguns traços pertencentes a este “gênero” literário listadas por Salgueiro, estão: o registro em primeira pessoa; um compromisso com a sinceridade do relato; a vontade de resistir diante dos abusos cometidos; e a impossibilidade radical de reapresentação do vivido/sofrido<sup>428</sup>, características que compõem em alguma medida tanto o ensaio quanto a redação final de *Tudo que tenho levo comigo*. De especial importância para este trabalho, sublinho a insistente afirmação de Müller no tocante à dificuldade de testemunhar a deportação vivenciada por Pastior através da linguagem. Já no romance, embora Leo Auberg advogue a escrita de um relato sincero e fiável de suas experiências, somos constantemente relembrados do caráter problemático e fragmentado de sua narração.

Para Márcio Seligmann-Silva, a literatura de testemunho possui uma delicada relação com o “real”: para muitos escritores, dar conta da magnitude dos sofrimentos vividos em

<sup>426</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

<sup>427</sup> Como exemplo dessa produção, cito a narrativa em quadrinhos *Maus*, de Art Spielgeman, serializado de 1980 a 1991. A obra retrata Spielgeman entrevistando o próprio pai acerca das experiências deste enquanto sobrevivente da Shoah. Os judeus são representados como ratos, alemães como gatos e poloneses como porcos. Entre os diversos filmes que abordam o período estão *A lista de Schindler* (1993), *A vida é bela* (1997), *O menino do pijama listrado* (2008) e *O filho de Saul* (2015). No Brasil, sobressaem obras relacionadas aos 21 anos de ditadura militar (1964-1985). Entre as obras que abordam este período, estão *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira e *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

<sup>428</sup> Cf. SALGUEIRO, ibid, p.287-91.

ambientes como os campos de concentração só é possível por meio da invenção ficcional.<sup>429</sup> Duas características principais compõem essa corrente literária:

- a) A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura- após 200 anos de auto-referência- seja revista a partir do questionamento da sua relação e o do seu compromisso com o real;
- b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal qual ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação.<sup>430</sup>

De acordo com Seligmann-Silva, apenas a passagem pela imaginação torna possível a criação de narrativas sobre as complicadas experiências descritas pela literatura de testemunho. Narrar tais situações envolve tanto uma cuidadosa labuta com a linguagem quanto o contato com delicados traumas advindos do passado: conceito advindo da psicanálise, o trauma pode ser definido como “uma “perfuração” na nossa mente e como uma ferida que não se fecha”<sup>431</sup>, resistindo à simbolização. Perpassados pelo trauma, os relatos testemunhais enfocam as limitações existentes ao termos na linguagem o principal recurso de elaboração do passado.<sup>432</sup>

Segundo Seligmann-Silva, narrar as traumáticas experiências vividas em situações como os campos de concentração tem por objetivo o estabelecimento de “pontes” com os demais, o que permite ao sobrevivente iniciar “seu trabalho de religamento ao mundo, de reconstrução da sua casa. Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”.<sup>433</sup> Para Müller, que constrói o livro a partir de relatos dos sobreviventes diretos dos campos de deportação, a escrita do romance visa evidenciar os silêncios e constrangimentos que envolvem o período e as dificuldades que perpassam a reintegração do protagonista ao cotidiano de sua família.

<sup>429</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>430</sup> SELIGMANN- SILVA, ibid, p.373.

<sup>431</sup> SELIGMANN-SILVA, ibid, p.383.

<sup>432</sup> Para um aprofundamento das análises sobre o trauma, remeto ao livro da crítica literária Cathy Caruth, intitulado *Unclaimed exprience: trauma, narrative and history*, no qual a temática é apresentada com enfoque na perspectiva freudiana. Em consonância com as análises de Seligmann-Silva, Caruth assinala que o trauma, para Freud, é uma ferida infligida à mente. Desencadeado a partir de um evento não devidamente assimilado pelo sobrevivente, o evento traumático volta constantemente e sem aviso prévio para assombrar o indivíduo. As representações literárias do tema têm, entre suas principais características, a repetição (seja da linguagem utilizada ou de eventos), lapsos cronológicos e a fragmentação do sujeito, incapaz de se dissociar dos eventos que provocaram a “ferida”. Tais características estão presentes ao longo de *Tudo que tenho levo comigo*, no qual Müller alia as dificuldades do protagonista em lidar com o passado à necessidade de narrá-lo para que tais acontecimentos não caiam no esquecimento. Ver CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative and history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

<sup>433</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC-Rio. v.20, 2008, p.66.

Como exemplo, cito a homossexualidade de Leo, considerada um crime na Romênia comunista dos anos 1950: ao longo do romance, ele precisa achar subterfúgios para lidar com seus desejos, como o uso de apelidos e encontros em lugares escondidos. Os encontros fortuitos com outros homens, sempre marcados pelo medo e a apreensão de ser preso, estão entre os fatores que o fazem se sentir excluído, mesmo após a saída do campo.

Outra dificuldade vivenciada por Leo é a insidiosa presença do traumático passado no presente. As experiências no campo vêm à tona por meio de constantes pesadelos e Leo não consegue se sentir “em casa” ao voltar para os seus. Estar com os parentes representa uma sensação de mal-estar permanente, já que as lembranças do passado o paralisam e seus pais não sabem como lidar com as pesadas memórias que o filho carrega consigo.

Ao procurar narrar os acontecimentos no campo, Leo se dá conta de que sua escrita sobre o período não se dará de maneira integral, visto que seu relato é repleto de lacunas. Um exemplo dessa dificuldade nos é apresentada por Leo ao comprar um caderno pautado, com o objetivo de escrever a respeito dos anos em que esteve ausente. Ao tentar escrever sobre o campo, ele se dá conta de que não é possível falar diretamente sobre o tema, mas apenas “em torno dele”, já que a deportação representa o “indizível”.

Em *Tudo que tenho levo comigo*, Müller ressalta as contínuas tentativas do protagonista em se integrar aos seus e as inúmeras dificuldades que envolvem o ato de representar situações traumáticas, que privam o ser humano de sua dignidade. A autora encontra no recurso à imaginação “o meio (...) para enfrentar a crise do testemunho”<sup>434</sup>, mesmo que seu relato consiga ressaltar apenas as falhas e dores vividas pelo protagonista ao longo de sua trajetória. Apesar da incompletude e as diversas lacunas que habitam tais relatos, teóricos como Seligmann-Silva e o italiano Giorgio Agamben apontam para a importância de acolhermos tais testemunhos, de forma a não permitir que os horrores extremos cometidos durante a segunda metade do século XX se perpetuem na atualidade.

Para Müller, o que conta é a capacidade de recriar artisticamente vivências de difícil representação, com a aceitação da incompletude que envolve a construção de narrativas sobre estes eventos. A noção de um real construído ou “inventado” está incorporada na elaboração narrativa da autora: é possível apenas chegar a uma compreensão do passado de maneira aproximada e por meio da ficção, que não dá conta da totalidade dos traumas narrados.

## **5.2 *Tudo que tenho levo comigo* e algumas aproximações com a escrita da história**

Assim como Müller, que encara a incompletude como parte integrante da narração sobre o passado, teóricos que refletiram sobre o trabalho do historiador, como o filósofo Walter Benjamin, também ressaltaram as dificuldades que perpassam nosso processo de escrita. Segundo

---

<sup>434</sup> SELIGMANN-SILVA, ibid, p.70.

Benjamin, ao final da Primeira Guerra Mundial, os soldados retornaram das trincheiras incapazes de relatar as traumáticas situações vividas durante o conflito. Com a participação na Guerra, os combatentes voltaram para casa “pobres em experiência comunicável”<sup>435</sup>: as duras experiências foram responsáveis por desmoralizar o ser humano, provocando uma profunda cisão na forma como o ato de narrar, até então ligado à transmissão de tradições, se efetuaria na sociedade europeia a partir daquele momento.

Após a Guerra e sua vasta devastação, nos diz Benjamin, “o frágil e minúsculo corpo humano”<sup>436</sup> se encontrou diante de forças que em muito lhe ultrapassavam, marcando uma distância entre as vivências dos soldados e a profusão de livros nos anos seguintes sobre os combates, “que nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca”<sup>437</sup>

A dificuldade que permeia a narração de experiências passadas também é abordada pelo filósofo alemão em suas *Teses sobre a história*, escritas em 1940. Neste texto, Benjamin aponta que escrever sobre o passado não significa “conhecê-lo ‘como de fato foi’”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”<sup>438</sup> Ao escrever, o historiador, partindo de preocupações do seu presente, deve estar atento aos perigos que relampejam e ao acúmulo de catástrofes cometidas ao longo da história humana. Nas palavras de Benjamin, “onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele [o anjo da história] vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”.<sup>439</sup>

Ao invés de ressaltar os grandes feitos e glórias de homens do passado, Benjamin nos convida a olhar para a cadeia de catástrofes e ruínas que compõem a história. Assim, nossa escrita não deveria se inquietar em narrar o passado objetivamente, buscando estabelecer verdades absolutas e definitivas sobre os temas que pesquisamos. De acordo com o filósofo, ao invés de focarmos no tempo contínuo, “homogêneo” e que nos “impele irresistivelmente para o futuro,”<sup>440</sup> devemos estar atentos aos estilhaços provocados pela ênfase no tempo contínuo e linear, conforme enfatizado pela historiografia historicista do século XIX.

Para Benjamin, passado e presente não estão desvinculados: são as questões que elaboramos no presente da pesquisa que nos permitem entrar em contato com os relâmpagos advindos de outros tempos. É só quando prestamos atenção aos estilhaços oriundos do passado que podemos reconhecer sua presença no presente: “O passado só se deixa fixar (...) no momento

<sup>435</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1.7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.198.

<sup>436</sup> BENJAMIN, ibid.

<sup>437</sup> BENJAMIN, ibid.

<sup>438</sup> BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>439</sup> BENJAMIN, ibid.

<sup>440</sup> BENJAMIN, ibid.

em que é reconhecido [...] irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.”<sup>441</sup>

Segundo Giorgio Agamben, Benjamin se inquieta com a legibilidade que os rastros do passado podem alcançar no presente, o que ocorrerá somente se ouvirmos as exigências das sombras de outros tempos que nos atravessam. Assim como Benjamin, o filósofo italiano aponta para a inter-relação existente entre os tempos, questionando uma separação estrita entre passado e presente. Para Agamben, somos contemporâneos ao nosso tempo não quando aderimos completamente a ele, mas quando somos capazes de tomar certo distanciamento e não nos deixamos “cegar pelas luzes do século”, percebendo nelas “a parte de sombra, a sua íntima obscuridade.”<sup>442</sup>

Agamben aponta que não podemos ter uma relação completa de afastamento com o tempo presente e a sociedade em que nos encontramos. Segundo o filósofo, estarmos “dissociados” de nosso tempo envolve uma contínua relação de aproximação e afastamento, o que nos permite notar aspectos de outros tempos que ainda relampejam em nosso presente. Por meio dessa relação, podemos perceber “o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele.”<sup>443</sup> Ao pensarmos na escrita da história, as considerações desses autores apontam que é ao estarmos atentos às sombras, rastros e estilhaços de outros tempos que temos o ponto de partida para a elaboração de nossos relatos. Estamos sempre no trânsito entre os tempos, sendo as interrogações feitas no presente da pesquisa o motor de nossas perquirições históricas.<sup>444</sup>

Segundo Benjamin, temos que levar em consideração que “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história”<sup>445</sup>, sendo uma das nossas tarefas questionar o conformismo e o esquecimento coletivo em relação a situações que provocam feridas físicas e emocionais nos sujeitos que estudamos. Nessa chave de leitura, o testemunho, ao invés de simbolizar uma tentativa de conciliação entre presente e passado, representa um alerta contra os horrores perpetrados em diferentes momentos da existência humana.<sup>446</sup> No caso do romance *Tudo que tenho levo comigo*, Müller aponta que a deportação ainda está presente nas memórias e lembranças dos prisioneiros, dado o silenciamento que envolveu o tema. A escrita do livro é a forma encontrada pela autora de enfrentar as sombras e cacos do passado que ainda ecoam no presente.

<sup>441</sup> BENJAMIN, ibid.

<sup>442</sup> AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010, p.60-1.

<sup>443</sup> AGAMBEN, ibid, p.61.

<sup>444</sup> AGAMBEN, ibid, p. 72.

<sup>445</sup> BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*, op.cit.

<sup>446</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas, op.cit.

Como aponta Jeanne Marie Gagnebin, as considerações benjaminianas sobre a história nos levam a refletir sobre a incompletude que permeia nossas narrações. Ao recusar o ideal de uma ciência histórica denominada de historicista e burguesa que “pretende fornecer uma descrição, a mais exata e exaustiva possível, do passado”<sup>447</sup>, Benjamin

denuncia primeiro a impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e “fatos” históricos, já que estes últimos adquirem seu *status* de fatos apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico que, na falta de algo melhor, chamamos de real”, como diz Pierre Vidal-Naquet. Nós *articulamos* o passado, diz Benjamin, nós não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico, mesmo com todas as dificuldades que essa tentativa levanta”.<sup>448</sup>

Enquanto historiadores, somos articuladores e criadores do passado quando elaboramos narrativas a partir das inquietações que nos movem no presente. Ao escrevermos, temos como um de nossos principais recursos os rastros e vestígios de outros tempos que, transformados em fontes, têm na fragilidade uma de suas principais características.<sup>449</sup>

Esta fragilidade também está presente nos relatos de Müller e pode ser percebida na insistente afirmação da autora de sua incapacidade em recontar o passado tal como ocorreu. Sua narrativa é tecida a partir dos vestígios compartilhados por Pastior, sem nunca se esquecer do caráter ficcional do produto final. Já para os historiadores, tal fragilidade perpassa a compreensão de que seus trabalhos são sempre construções parciais, cuja elaboração é guiada pelo contato com as fontes e os questionamentos que norteiam a investigação.

Além de partilharmos a presença da narrativa e a assunção do caráter de construção dos seus escritos, outro componente aproxima história e literatura a partir das considerações de Müller: a autora aponta que a recriação do passado é atravessada pela subjetividade daquele que cria o relato. Após longos diálogos com Pastior, Müller finalizou o livro enfatizando as minúcias do cotidiano que lhe pareciam mais significativas. O testemunho do poeta romeno serviu de base para que o romance fosse escrito a partir das preocupações que guiam o projeto literário mülleriano, ancorado na ênfase dada as experiências individuais e ao que é considerado banal e corriqueiro como maneira de se contrapor a grandes esquemas explicativos.

Como exemplo da ênfase dada por Müller a detalhes do cotidiano, destaco a análise feita pela autora sobre a importância que os pequenos objetos possuem na vida de indivíduos em situações de privação da liberdade:

Quanto menos [objetos] temos, mais importantes se tornam. (...) Nós os seguramos na mão e eles nos garantem que ainda não perdemos a razão. Vêm de casa ou foram comprados novos. Trazem orgulho dos

<sup>447</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 40. (grifos da autora)

<sup>448</sup> GAGNEBIN, ibid, p.40.

<sup>449</sup> GAGNEBIN, ibid, p.44.

dois jeitos. Objetos transferem sua paciência para o proprietário, seu uso traz consigo os costumes. E costumes dão apoio, principalmente onde reina uma vigilância ininterrupta, onde falta toda a liberdade. Até ferramentas que são do campo de trabalho simulam privacidade e não exigem nada por isso.<sup>450</sup>

Através dos objetos que fazem parte do dia a dia no campo, Müller constrói o livro, o que pode ser verificado nos nomes dados a vários capítulos do romance, como “Cimento,” “Álamo Negro”, “Lenço e ratos” e “A bengala”. Os objetos também estão presentes em metáforas utilizadas por Pastior para descrever o cotidiano nos campos e apropriadas por Müller ao longo do romance, como a pá do coração, que faz referência às pás existentes nos campos de extração do carvão. Por trás da aparente banalidade do objeto, esconde-se o desejo de não sucumbir ao Anjo da Fome, metáfora que representa a persistente penúria experimentada pelos prisioneiros.

Em tais situações, vivenciadas por sujeitos submetidos a regimes autoritários, são os pequenos objetos e minúcias consideradas insignificantes que podem garantir um mínimo de privacidade e dignidade, além de permitir aos indivíduos a continuidade da ligação com os costumes de seu local de origem. O desejo de se ligar aos seus por meio de pequenos objetos e gestos pode ser especialmente percebido na canção entoada pelo protagonista nos momentos de maior dificuldade nos campos. Intitulada “Milho amarelo e sem tempo”, a canção, aprendida por Leo durante sua infância, é uma das formas encontradas pelo jovem de expressar a saudade sentida nos anos em que permaneceu longe de casa. Ao dar como título para o ensaio o nome da canção, Müller reforça sua intenção de destacar os detalhes do cotidiano que servem de amparo para aqueles que se encontram em espaços onde reina a falta de liberdade.

Assim como Müller, que compôs o romance a partir de questões do passado que ainda reverberam no presente e do íntimo contato com testemunhas diretas dos campos, a escrita da história também é perpassada pela presença da subjetividade: aspectos como a sensibilidade e a intuição compõem a pesquisa acadêmica, que se encontra em um diálogo entre o presente e os vestígios selecionados enquanto fontes. Na pesquisa histórica, os fatos são fabricados a partir tanto dos questionamentos quanto da aplicação de métodos que garantem a fiabilidade do material final fornecido pelo historiador.<sup>451</sup>

Como aponta o historiador norte-americano Dominick LaCapra, enquanto narradores do passado, não podemos excluir aspectos como a empatia e a sensibilidade do nosso percurso investigativo. Ao escolhermos determinada temática de pesquisa, em especial as que envolvem memórias traumáticas e dolorosas para os sujeitos que estudamos, nos envolvemos afetivamente com os personagens que comporão nossos textos, o que exige um olhar cuidadoso que consiga

<sup>450</sup> MÜLLER, Herta. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.139.

<sup>451</sup> Cf. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

conjugar os aspectos afetivos aos pressupostos críticos que guiam a disciplina historiográfica.<sup>452</sup> Ao objetivarmos, por meio de nossos relatos, a elaboração de uma “memória acessível”<sup>453</sup> e empiricamente verificável, capaz de auxiliar a sociedade a lidar com as feridas do passado e a construir o futuro sobre outras bases, também devemos estar atentos ao fato de que nossas versões sobre o passado podem ser revistas e questionadas por outras investigações.

Nossa escrita é construída no âmago de uma sociedade e por pessoas, o que torna o conhecimento sempre possível de reescrita sob novas perspectivas. Nas palavras do historiador Antoine Prost, “o historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos; pode sempre questioná-los de novo, com outras questões ou levá-los a se exprimir com outros métodos”.<sup>454</sup> É por meio de um cuidadoso trabalho com as fontes e a posterior elaboração de uma narrativa que procuramos dar forma aos objetos que estudamos, de modo a responder aos questionamentos que conduzem nossa investigação. Nesse percurso, diversas escolhas que envolvem a imaginação e criatividade do historiador se fazem presentes, entre elas, a forma da organização do texto final e como os resultados de seu trabalho serão apresentados ao público.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a pesquisa historiográfica é um trabalho de carpintaria, que ainda não superou suas origens artesanais. Como um artesão, o historiador seleciona quais aspectos do passado destacará, apropriando-se das fontes para alcançar conhecimentos plausíveis sobre os personagens que comporão sua trama. Temos a palavra como instrumento que nos permite organizar o passado:

O proscar, o contar, o narrar é a arte que permite a tecelagem do passado, é a arte que permite inventar o passado, que permite dar forma aos tempos, que possibilita o registro do que se passou procurando entender-se como se passou. (...) A história nasce como este trabalho artesanal, (...) que se faz sobre os restos, sobre os rastros, sobre os monumentos que nos legaram os homens que nos antecederam que, como esfinges, pedem deciframento, solicitam compreensão e sentido.<sup>455</sup>

---

<sup>452</sup> Segundo LaCapra, a relação afetiva do historiador com suas fontes (em especial, os testemunhos) fica mais evidente em situações traumáticas ou consideradas limite, como o Holocausto. LaCapra destaca duas atitudes que podem advir de um contato não crítico com os objetos de pesquisa: a primeira é a identificação total com as vítimas, o que dificulta uma análise adequada do passado; a segunda é a tentativa de se afastar completamente das experiências alheias por meio de técnicas que procuram negar a importância da subjetividade do pesquisador ao longo do processo investigativo. O historiador norte-americano apregoa um meio termo entre as duas posições, o que envolve reconhecer os afetos e a subjetividade do investigador como parte constituinte de nossos trabalhos, mas sem esquecer o aparato crítico que deve estar presente nas investigações acadêmicas. Para mais detalhes, ver LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op. cit.

<sup>453</sup> LACAPRA, ibid, p.113. Cito o trecho completo que baseou o parágrafo: “Un de los objetivos de la comprensión histórica, como ya he dicho, consiste no sólo en armar un registro de hechos pasados ratificado publicamente sino también en construir una memoria accesible (...)que se transforme en parte de la esfera publica y que haya sido verificada con espíritu crítico” (no original).

<sup>454</sup> PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*, op.cit., p. 77.

<sup>455</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: BELLINI, Ligia, NEGRO, Antônio Luigi, SOUZA, Everton Sales (Org.). *Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.16-7.

A tecelagem do passado, efetivada por meio das palavras, é o meio que os historiadores possuem para que a compreensão das experiências alheias tenha lugar no presente. Enquanto artesãos do passado, temos uma participação ativa na elaboração dos relatos que criamos sobre tempos distintos dos nossos.

Para Müller, sua pesquisa sobre os campos e a posterior elaboração de um romance está vinculada a uma preocupação em ressaltar episódios históricos relegados ao esquecimento coletivo. Como aponta Cristian Cercel, ao estudar as memórias que envolvem a deportação na Alemanha e na Romênia, as autoridades governamentais trataram o tema durante os anos 1950-60 como uma contribuição da minoria alemã para a reconstrução da União Soviética, desconsiderando os maus feitos perpetrados contra os prisioneiros. Sob a égide do regime comunista (1948-1989), as experiências vividas nos campos estiveram largamente ausentes dos discursos oficiais, sendo objeto de discussão prioritariamente em espaços comunitários, como igrejas, ou na intimidade do círculo familiar.

Na segunda metade do século XX, a história da minoria alemã esteve marcada pela migração em massa dessa população para a Alemanha Ocidental, dada a discriminação e o silenciamento vividos na Romênia: depois da saída dos campos, muitos prisioneiros procuraram voltar para o convívio de parentes que habitavam em solo alemão, como forma de escapar das retaliações governamentais.

Após a queda do regime de Ceausescu em 1989, a deportação passou a gerar maior interesse dos dois países, com as vítimas dos campos se unindo em associações que representam seus interesses. A partir dos anos 1990, uma série de entrevistas, comemorações públicas e textos memorialísticos se seguiram e atingiram grande visibilidade no contexto romeno-alemão. A publicação do romance de Müller em 2009 constitui, de acordo com Cercel, um indício da crescente importância social dada ao fenômeno, sugerindo que o tema tem produzido debates para além dos círculos literários dos dois países envolvidos.<sup>456</sup>

Ernest Wichner, em outro trecho da entrevista concedida em 2011, assinala que *Tudo que tenho levo comigo* tem ajudado a promover o debate sobre as deportações, tema ainda cercado de tabus nas sociedades romena e alemã:

Muitas vezes pessoas idosas têm vindo até Herta Müller depois de uma de suas leituras públicas para agradecê-la por dar-lhes de volta as histórias e experiências deles. (...) provavelmente o livro é significativo pois mostra pessoas em situações extremas, apresenta estratégias básicas de sobrevivência, cenas de conforto e de ódio, afetos e indiferenças, e te dá uma ideia de todo o espectro do comportamento humano em todas as suas variações. E este nível de experiência se aplica para muitas pessoas em muitos países. Você pode perceber a recepção do livro, por exemplo, na Polônia, na Hungria, mas também na Espanha e em outros países. Provavelmente, até os que foram trancafiados na Revolução Cultural Chinesa podem encontrar uma parte de

---

<sup>456</sup> CERCEL, Cristian. Romanian Germans and the Memory of the Deportation to the Soviet Union. *Euxeinos: Governance and Culture in the Black Sea Region*, v. 19-20, 2015.

suas próprias estórias em alguns trechos do livro. E nestes tempos pós-ideológicos, a questão se o livro foi apropriado de maneira abusiva torna-se secundária; finalmente permite-se que o livro seja o que ele é: um testemunho dos desafios bárbaros impostos à condição humana, como ocorreu tão frequentemente em todos os tipos de campo, os campos políticos.<sup>457</sup>

Partindo de uma inquietação pessoal, Wichner aponta que *Tudo que tenho levo comigo* acaba por funcionar como um importante testemunho para os indivíduos que vivenciaram os campos, ao mostrar as privações a que eram submetidos os prisioneiros. O escritor ainda assinala que, com a ampla circulação do livro após Müller ser distinguida com o Prêmio Nobel de Literatura em 2009, o romance pôde atingir um público mais amplo, servindo de alerta para diversas comunidades da magnitude dos abusos sofridos pela minoria alemã que habita em território romeno. Além de apresentar as condições extremas de humilhação vividas pelos prisioneiros e as reações possíveis a tais situações, a recepção do romance permitiu que um compartilhamento de experiências que feriram a dignidade humana ao longo do século XX, ocorridas em várias partes do globo, se efetuasse.

Podemos notar uma preocupação tanto política quanto ética atravessando a feitura do romance: como a autora afirma no ensaio “Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos”, sua escrita tem por objetivo não permitir que pessoas que lhe são caras sejam esquecidas, sendo a produção de textos romanescos uma importante ferramenta para testemunhar os abusos cometidos contra a dignidade humana em diferentes contextos.<sup>458</sup>

Esta inquietação, abordada por Müller em seus ensaios e textos romanescos, nos permite realizar mais uma aproximação com a escrita da história, especialmente ao pensarmos na importância de construímos relatos que abordem temas e sujeitos tradicionalmente esquecidos pela dita história “oficial”. A crítica dessa história, realizada por autores como Walter Benjamin, que nela enxergava apenas a perpetuação das inúmeras injustiças cometidas ao longo da história, assinala a importância de também atuarmos enquanto testemunhas em nome dos que não puderam narrar, tarefa que se revela altamente política.<sup>459</sup>

<sup>457</sup> GLAJAR, Valentina ; BRANDT, Bettina. Interview with Ernest Wichner. In: \_\_\_\_\_. *Herta Müller*, op.cit., p. 49-50. “Many times elderly people have come up to Herta Müller after one of her readings to thank her for having given them back their history and their experiences. [...] probably the book tells more because it depicts people in extreme situations, presents basic survival strategies, scenes of comfort and of hate, affections and indifferences, and gives you an idea of the whole spectrum of human behavior in all its variations. And this level of experience applies to many people in many countries. You can see that in the reception of the book, for example, in Poland, in Hungary, but also in Spain and in other countries. Probably even those who were locked up in the Chinese Cultural Revolution might find something of their own stories in it here and there. And in these post-ideological times, the question of whether the book was abusively appropriated fades into the background ; it is finally allowed to be what it is : the further testimony of the barbaric challenge to the human condition, as it happened so often in all kinds of camps, political camps.” (no original).

<sup>458</sup> MÜLLER, Herta. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit., p. 79-108.

<sup>459</sup> Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*, op.cit.

Como historiadores, mesmo não presenciando os horrores que relatamos, é por meio da criação de narrativas que elaboramos o passado e podemos agir na sociedade. Na contemporaneidade, marcada por ser uma “era de catástrofes”<sup>460</sup>, nos vemos confrontados a escutar as vozes dos sujeitos que foram privados de sua dignidade:

O historiador atual se vê confrontado com uma tarefa também essencial, mas sem glória: ele precisa transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nomes, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados (...) Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho com o luto que deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro.<sup>461</sup>

De modo semelhante a Müller, temos na palavra um aliado no combate ao esquecimento, auxiliando a sociedade a enterrar os mortos e a construir o futuro sobre outras bases. Além do cunho político e psíquico contido nessa tarefa, Jeanne Marie Gagnebin ressalta o caráter ético que deve estar presente na escrita da história. Tal preocupação recai na busca por construirmos versões sobre o passado que não maculem a memória dos que já morreram: diante da impossibilidade de uma história única e absoluta, os historiadores não devem mergulhar num relativismo absoluto.<sup>462</sup>

Mesmo tendo a criatividade e imaginação como pilares para a construção de nossas narrativas, não podemos reconstruir o passado sem o amparo a documentos que balizem as conclusões alcançadas. História e ficção, apesar de entrelaçadas, não são indistinguíveis, posto que o produto das pesquisas acadêmicas envolve uma produção narrativa e um processo real ancorado em fontes que necessita da aprovação dos pares para ser considerado legítimo.<sup>463</sup> Ao longo de suas pesquisas, afirma Gagnebin, o pesquisador deve ter sempre em mente os pressupostos éticos que conduzem seu trabalho, de forma a não falsificar o passado e manchar a memória dos sujeitos e grupos estudados.<sup>464</sup>

<sup>460</sup> Expressão utilizada pelo historiador Eric Hobsbawm em seu livro *A era dos extremos*. Ver HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras. 2.ed., 2003.

<sup>461</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*, op.cit., p. 47.

<sup>462</sup> GAGNEBIN, ibid.

<sup>463</sup> GAGNEBIN, ibid.

<sup>464</sup> GAGNEBIN, ibid. Roger Chartier tem um posicionamento semelhante ao de Gagnebin em seu ensaio “A história entre narrativa e conhecimento”, contido no livro *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Para o historiador francês, uma indistinção entre os polos história e ficção pode nos conduzir ao relativismo que assente com as teses negacionistas. Como forma de combater tais posicionamentos, Chartier nos lembra a importância de respeitarmos os procedimentos metodológicos próprios à disciplina, como a construção de hipóteses baseadas em fontes e a possibilidade de verificação dos resultados alcançados. Por sua vez, Saul Friedlander e Dominick LaCapra também assinalam a importância de levarmos em conta os protocolos que guiam a pesquisa acadêmica ao lidarmos com situações consideradas limite. Para Friedlander, as inquietações em relação à linguagem empregada em nossos relatos não podem se desvincular do cuidado com os preceitos metodológicos que guiam a historiografia. Já LaCapra salienta que é necessário buscar um equilíbrio entre as exigências acadêmicas e as inovações formais que podem

Nessa perspectiva, ao reconhecermos a fragilidade e incompletude que envolvem nossas narrativas, não teremos mais como foco os grandes personagens ou acontecimentos do passado: procuraremos nos aproximar da figura do trapeiro ou do coletor de lixo, que recolhem os detritos produzidos nas cidades. Em nossos textos, como aponta Gagnebin baseando-se nas observações de Walter Benjamin, iremos apanhar “tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer.”<sup>465</sup> Ao invés de ressaltar o que já se encontra cristalizado na memória coletiva, abordaremos “o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda.”<sup>466</sup>, de forma a criarmos espaços para o questionamento das catástrofes cometidas ao longo da história, o que pode auxiliar na construção de um futuro sobre outras bases e evitando assim a repetição do horror.

Assim, ao escrever sobre um período marcado por traumas e perdas pessoais, Müller tem como objetivo não despedaçar o que é importante “numa frase ruim”, sendo norteada pelo desejo de não desonrar a memória das pessoas próximas. Tal preocupação está ligada a um uso poético da linguagem, capaz de ressaltar as minúcias aparentemente banais do cotidiano. O foco da escritora recai nos cacos e restos da história, com a desconfiança de esquemas totalizantes que excluem a liberdade de ação e pensamento dos indivíduos.<sup>467</sup>

Por sua vez, os historiadores, ao efetuarem suas pesquisas, aproximam-se dos homens de outros tempos para responder a questões que lhes são caras no presente. Uma das tarefas que cabem aos historiadores contemporâneos é, de acordo com Albuquerque Júnior, “apanhar os restos do que sobrou dos sonhos e grandes projetos e promessas que já pretendiam ser o sentido

decorrer da narração de eventos como o Holocausto. Referências: CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia*, op.cit.; FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*, op cit.; LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op.cit.

<sup>465</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 54.

<sup>466</sup> GAGNEBIN, ibid.

<sup>467</sup> As inquietações de Müller com os cacos e restos da história também se fazem presentes em outros escritores que produziram suas obras na segunda metade do século XX e início do século XXI (como Milan Kundera, José Saramago e Édouard Glissant) analisados pela historiadora Sabina Loriga em seu artigo “Memória, história e literatura”. De acordo com a estudiosa italiana, a história é encarada por tais autores como inconsistente e difícil de apreender. Caberia aos literatos “preencher as lacunas da história” (2017, 28) por meio de narrativas que focalizam personagens tradicionalmente desconsiderados pela historiografia, compensando “a ausência de memória com uma história ficcional ou profética” (2017, 29). Encarada como mentirosa, repleta de armadilhas e inferior ao conhecimento produzido pelos romancistas, a história possui uma “má reputação” para diversos literatos. Neste contexto, Loriga nos lança o questionamento de como lidar com a incredulidade diante das pesquisas realizadas na academia. Uma sugestão dada pela pesquisadora passa pela retificação de nossa confiança na memória e sua fiabilidade. Pensando a partir dos ensaios de Müller, acredito que uma tentativa de resposta passa justamente pela discussão dos pressupostos que guiam nossas reflexões e conclusões, sem esquecer dos aspectos artísticos que compõem o ofício do historiador, como tenho discutido ao longo desta dissertação. Referência: LORIGA, Sabina. Memória, história e literatura. *ArtCultura*, Uberlândia, v.19, n.35, jul-dez.2017.

do processo histórico”.<sup>468</sup> Profissional dedicado à reciclagem das versões, sonhos e utopias falhadas de outros tempos, é por meio do recurso às fontes e da sua escrita que o historiador procura dar ao passado uma forma que seja compreensível na atualidade, de modo a permitir que a “dramaturgia dos tempos idos”<sup>469</sup> volte a circular, exalando sentidos e valores.

Com tais considerações, passo ao próximo capítulo. Nele, procurarei fazer alguns apontamentos sobre como a estranheza, característica que marca a relação de Müller com o passado, pode nos ajudar a pensar a composição e a apresentação dos nossos trabalhos, de forma que as investigações acadêmicas tenham uma atuação social mais efetiva na atualidade.

---

<sup>468</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: BELLINI, Ligia, NEGRO, Antônio Luigi, SOUZA, Everton Sales (Org.). *Tecendo Histórias*; op.cit., p.22.

<sup>469</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, ibid, p.20.

## CAPÍTULO 6

### “O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna”: o estranhamento como procedimento para construção de narrativas

No último ensaio escolhido para conduzir a discussão a respeito da escrita dos trabalhos historiográficos, intitulado “O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna”, Müller também discute seu processo de criação a partir de uma reflexão sobre suas vivências pessoais. A distinção entre a naturalidade e o conceito de “olhar estranho”, expressão cunhada pela autora, é um dos temas principais que guiam as análises desenvolvidas no texto.

O título é proveniente de uma frase que lhe ocorre em momentos em que ela se encontra sob grande ansiedade. Procurando se acalmar em tais ocasiões, Müller se diz “a vida é um peido na lanterna”, o que lhe relembra a importância de manter a sanidade mental e a naturalidade diante de situações nas quais sua vida corre perigo. Quando a frase não surge o efeito esperado, ela se conta a seguinte piada:

Um homem idoso está sentado sobre o banco em frente à sua casa e o vizinho passa e pergunta:  
E aí, o que está fazendo, sentado e pensando?  
E ele responde: Não, só sentado.  
Essa piada é a descrição mais breve para a naturalidade. Conheço a piada há vinte anos e me assento ao lado do velho sobre o banco. Mas realmente acreditar nele, até hoje não consigo.<sup>470</sup>

Com essa pequena piada, Müller nos fornece uma breve descrição da naturalidade, sensação que se contrapõe ao “olhar estranho”: para ela, a naturalidade envolve esquecer-se de si, o que permite manter “uma distância conveniente de nós mesmos. Não estar disponível para si mesmo é a mais perfeita proteção”<sup>471</sup>. A autopercepção constante é “incestuosa para com o ambiente externo e uma infidelidade na própria pessoa”<sup>472</sup>, ao impedir que a existência possa transcorrer sem que os traumas interfiram nos pequenos gestos do cotidiano. Tanto a frase “a vida é um peido na lanterna” quanto a piada ligam-se à tentativa de guardar uma distância segura dos problemas, permitindo que a vida seja encarada de modo mais leve, sem as insidiosas lembranças da perseguição estatal.

Por sua vez, o olhar estranho está envolto pela desconfiança e acaba por invadir todos os cantos e gestos da existência cotidiana de maneira voraz. De acordo com Müller, esse olhar surge:

impiedoso nas ruas, paredes e objetos familiares. As sombras vagueiam por aí e ocupam. E a gente as segue com um sensor que chameja sem parar e queima por dentro. É mais ou menos assim que parece a estúpida palavra perseguição. E essa é a razão pela qual não posso concordar com o OLHAR ESTRANHO

<sup>470</sup> MÜLLER, Herta. O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna. In: *O rei se inclina e mata*. op.cit., p.156. Piada semelhante é utilizada por Müller para se referir ao silêncio que grassava no vilarejo onde cresceu, citada no primeiro capítulo.

<sup>471</sup> MÜLLER, ibid, p. 153.

<sup>472</sup> MÜLLER, ibid, p.153.

como se atesta na Alemanha. (...) Estranho para mim não é o contrário de conhecido, mas o contrário de familiar. O desconhecido não precisa ser estranho, mas o conhecido pode tornar-se estranho.<sup>473</sup>

Para a autora, o olhar estranho encontra-se embrenhado naquilo que é mais familiar, dada a extensão alcançada pela perseguição estatal sofrida durante a ditadura. Com o surgimento desse olhar durante os anos Ceausescu, a autopercepção fica bastante aguçada, interferindo na relação com os demais, já que os atos alheios mais simples podem desencadear reminiscências de experiências vividas anteriormente.

Ao longo do texto, Müller narra como pequenos detalhes cotidianos começaram a lhe parecer incompreensíveis. Um exemplo foi a tentativa, por parte de uma amiga cabeleireira, de lhe vender perfumes franceses. Esses produtos eram originários do mercado paralelo, prática proibida pelo regime de Ceausescu. A amiga, dias antes, havia pintado seu cabelo, formando uma grossa casca no couro cabeludo. Esta sequência de fatos leva Müller a acreditar na existência de uma cilada, dado que ela havia sido acusada de contrabando de mercadorias importadas em um interrogatório conduzido por agentes da polícia secreta. Com a continuidade desses atos, que possuem uma ligação apenas pela intuição de que as pessoas ao seu redor a vigiam, o olhar estranho instala-se e a desconfiança é exercida de maneira constante.

Mesmo após a mudança para a Alemanha, o olhar estranho continua a atuar, acentuando o caráter contínuo do não pertencimento e do estranhamento diante do outro, características que perpassam a obra mülleriana. A escritora aponta que a “estranheza” em seu olhar não advieio da mudança de país, mas das árduas experiências sob a ditadura: é o período anterior ao exílio que lhe fornece o material principal para os seus relatos, fato que gera a incompreensão em muitos críticos alemães. Para eles, sua obra deve ser compreendida exclusivamente a partir do sentimento de deslocamento causado pela chegada na Alemanha. Müller, por sua vez, afirma que a emergência desse olhar nada tem a ver com exercícios estilísticos produzidos com a intenção de impressionar os críticos. É a partir de uma série de acontecimentos em sua vida privada que ele passa a compor sua escrita.

A reflexão sobre o complicado passado por meio da literatura ainda é, segundo Müller, “um luxo bastante novo”<sup>474</sup>, permitido apenas pela queda da ditadura em 1989 e a mudança para um novo país o que, contudo, não apaga o ressurgimento de memórias dolorosas a partir de pequenos atos do presente. Nas palavras dela:

Refletir, falar, escrever são e sempre serão um mero remédio, eles nunca conseguirão acertar o ocorrido, nem por aproximação. Quanto mais precisamente a memória guardou os detalhes, menos eu comprehendo o que e como eu fui através do quê. São somente um quarto ou uma metade de um lado

---

<sup>473</sup> MÜLLER, ibid, p. 142.

<sup>474</sup> MÜLLER, ibid, p.142.

que podem ser conhecidos e, mesmos esses, cada vez que procuro fazê-los, são diferentes.<sup>475</sup>

Escrever, além de envolver um minucioso trabalho com a linguagem, não é nunca se aproximar plenamente do passado narrado, dado que a cada nova tentativa de aproximação, o vivido esbarra em considerações e preocupações existentes na atualidade. Apenas aspectos do passado são passíveis de serem conhecidos. Um mesmo acontecimento, ao ser retomado pela escrita, adquire novas formas, resultando em uma narrativa distinta da anterior e perpassada pela ficcionalidade. A relação de Müller com o passado é marcada pela estranheza e a impossibilidade da construção de um relato totalizante sobre suas experiências anteriores, sendo sempre possível reescrevê-las a partir de novas questões colocadas no presente.

Com o intuito de aproximarmos as reflexões de Müller da escrita da história, parto das análises efetuadas por Carlo Ginzburg sobre o estranhamento enquanto procedimento literário. Ginzburg assinala que este procedimento foi estudado primeiramente pelos teóricos do formalismo russo, críticos da automatização exercida pela vida moderna sobre os sujeitos.<sup>476</sup> Para Victor Chklovsky, um dos principais expoentes dessa escola, a arte é definida como “um instrumento para reavivar nossas percepções, que o hábito torna inertes”.<sup>477</sup> Procurando associar tal técnica ao trabalho do historiador, Ginzburg analisa uma série de literatos que empregaram o estranhamento enquanto método capaz de impactar seus leitores.

Entre os exemplos, o historiador italiano cita o ensaio de Michel de Montaigne sobre os índios brasileiros. Ao narrar o modo de vida das populações indígenas, cuja existência se assemelhava aos antigos mitos da idade de ouro, o ensaísta conduz os leitores diretamente de volta à Europa: três índios são levados à França, onde relatam os detalhes que mais lhes impressionam daquilo que presenciam na corte. Entre tais detalhes, está a separação entre ricos e pobres, inexistente em terras americanas. As injustiças provocadas por essa divisão já há muito tinham sido encobertas pelos hábitos e convenções da sociedade europeia. De acordo com Ginzburg,

Essa incapacidade de tomar a realidade como ponto pacífico deliciou Montaigne. Ele estava pronto a se interrogar sobre tudo, incessantemente, dos fundamentos da vida em sociedade aos mínimos detalhes da existência cotidiana. (...) Compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a apreender algo mais profundo, mais próximo da natureza.<sup>478</sup>

Como nos aponta Ginzburg, a naturalização da desigualdade é colocada em xeque pelos indígenas, levando a uma incapacidade de encarar a realidade como totalmente comprehensível.

<sup>475</sup> MÜLLER, ibid, p.143.

<sup>476</sup> O formalismo russo foi uma influente escola de críticos literários que existiu entre 1910 e 1930 na Rússia. Tinha como objetivo o estudo da especificidade e autonomia da linguagem poética e literária. Entre os teóricos participantes dessa corrente estão Victor Chklovsky, Victor Propp e Roman Jakobson.

<sup>477</sup> GINZBURG, Carlo. Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário. In: \_\_\_\_\_. *Olhos de madeira*, op.cit., p. 16.

<sup>478</sup> GINZBURG, ibid, p.29.

Com a desconfiança daquilo que parece mais habitual, um entendimento mais profundo da vida social pode ser alcançado.

De maneira similar, ao vincular os detalhes cotidianos que lhe causam estranheza a uma crítica de cunho político, Müller deseja provocar nos leitores uma reflexão sobre o poder de destruição que as ditaduras podem alcançar na vida dos sujeitos e as possibilidades de resistência. Na concepção da autora, o uso criativo da linguagem é uma forma de não simplificar a compreensão das experiências passadas, já que é por meio do encontro com o inesperado que uma apreensão do passado, mesmo que parcial, pode ser alcançada.

Para Ginzburg, o estranhamento enquanto procedimento revela “as ficções estranhas de um objeto familiar”<sup>479</sup>, permitindo a superação das aparências e do senso comum. Associando esta técnica ao ofício do historiador, ele aponta que o estranhamento “é um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos sujeitos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos)”.<sup>480</sup> O estranhamento nos propõe que o passado seja compreendido em sua complexidade, apontando para as diversas possibilidades de existência em uma dada sociedade e as escolhas tomadas pelos diferentes sujeitos e grupos. Ao mostrarmos o caráter histórico de tais escolhas, sugerimos que elas podem ser modificadas no futuro.

O estranhamento seria, dessa forma, uma ferramenta capaz de auxiliar tanto os historiadores quanto os seus leitores a questionar a sociedade em que estão inseridos: ao estranharmos aspectos que compõem as sociedades passadas, começamos a desconfiar da naturalidade do que parece imutável em nosso presente. Com isso, podemos aventar outras possibilidades de existência, o que nos ajuda a construir o futuro sobre bases distintas das existentes.

Como assinala Ginzburg, o estranhamento deve ser parte integrante do trabalho do historiador: ao adentrarmos outras temporalidades, muitos aspectos são de difícil compreensão em um primeiro momento. É através da lida com os documentos e métodos desenvolvidos pela historiografia que uma aproximação com o passado se torna possível. Ao construirmos narrativas, temos a oportunidade de apresentar a nossos leitores o passo a passo do processo investigativo, o que nos permite desnaturalizar concepções essencializadas que petrificam e simplificam as vivências dos homens e mulheres que nos antecederam.

Aproximando a noção de “olhar estranho” da escrita da história, acredito que a discussão feita por Müller nos auxilia a pensar a elaboração e apresentação de nossas pesquisas, relembrando-nos a necessidade de não trivializar o passado. A preocupação com a forma de apresentação de nossos trabalhos já esteve no centro das preocupações de muitos historiadores,

---

<sup>479</sup> GINZBURG, *ibid*, p.32.

<sup>480</sup> GINZBURG, *ibid*, p.41.

entre eles Johann Gustav Droysen<sup>481</sup>, Lawrence Stone<sup>482</sup>, Natalie Zemon Davis<sup>483</sup>, Hayden White<sup>484</sup>, Peter Burke<sup>485</sup>, Dominick LaCapra<sup>486</sup> e o próprio Carlo Ginzburg<sup>487</sup>. Sob diferentes vieses, esses pesquisadores refletem sobre a importância de elaborarmos narrativas que explicitem aos leitores os pressupostos que balizam a construção de nossos relatos. Tal processo acaba por trazer à tona as incertezas decorrentes da investigação, apontando que o conhecimento sobre o passado é perpassado pelas escolhas de quem narra e de que a compreensão sobre os objetos e sujeitos que estudamos não é “automática”, mas fruto de um detido trabalho de pesquisa.

No entanto, de acordo com Albuquerque Júnior, a tônica na escrita da história ainda tem sido a escolha de modelos ancorados no romance realista do século XIX, passando “ao largo de todos os desdobramentos que os vários momentos do modernismo trouxeram para a escrita literária.”<sup>488</sup> A história, em grande medida, ainda “teme e treme diante da literatura”, furtando-se a pensar como as discussões conduzidas por escritores contemporâneos podem nos auxiliar na produção de nossos trabalhos.

Tradicionalmente, o texto historiográfico se configura como aparentando uma aproximação com o concreto e o empírico, dada a necessidade do recurso aos documentos que sustentam a argumentação. Certo naturalismo ainda habita nossos textos, com a dissimulação do

<sup>481</sup> DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

<sup>482</sup> STONE, Lawrence. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma velha nova história. In: NOVAIS, Fernando e SILVA, Rogério Forastieri (Orgs.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos*, volume 2. São Paulo: Cosac&Naify, 2013.

<sup>483</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>484</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história: imaginação histórica do século XIX*, op.cit. Tratando mais detidamente da produção literária no artigo “O fardo da história”, White aponta que muitos escritores e filósofos do século XX consideram a história como um “pesadelo” do qual o homem ocidental precisa acordar caso queira “servir” à humanidade. White associa a descrença desses intelectuais na história à perda do papel questionador do status quo assumido pela historiografia ao longo do século XIX, o que poderia ser retomado caso um profícuo diálogo entre arte e ciência se realizasse na comunidade dos historiadores. Em artigo mais recente, intitulado “O passado prático”, publicado em 2018 no Brasil, White volta ao tema e desenvolve suas críticas por meio da noção de “passado histórico”. Este passado seria aquele valorizado pelos historiadores profissionais desde o século XIX e tem como características a valorização da neutralidade e do desinteresse por parte do pesquisador, que estuda o passado como um fim em si mesmo. Por outro lado, a noção de “passado prático”, definida como a “versão de pretérito que a maioria de nós leva em nossas mentes e utiliza na realização de tarefas diárias” (WHITE,2018,16) pode ser efetivamente útil para os indivíduos ao auxiliá-los a tomar decisões, resolver problemas e construir o futuro sobre outras bases. Por sua vez, Sabina Loriga analisa a “má reputação” que os historiadores possuem no campo literário ao estudar obras produzidas no final do século XX e início do XXI. Para diversos escritores contemporâneos, a história é encarada como facilmente manipulável e os trabalhos acadêmicos considerados incapazes de preencher as lacunas advindas da investigação do passado. Caberia aos literatos preencher tais falhas, por meio de narrativas que contemplam sujeitos ignorados pela historiografia tradicional. Referências: LORIGA, Sabina. Memória, história e literatura, op.cit.; WHITE, Hayden. O fardo da história. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Editora EDUSP, 1994; WHITE, Hayden. O passado prático. *ArtCultura*, Uberlândia, v.20, n.37, jul.-dez.2018.

<sup>485</sup> BURKE, Peter. *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

<sup>486</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op cit.

<sup>487</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>488</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Tema, meta, metáfora: porque a historiografia teme e treme diante da literatura. *Linguagem. Estudos e Pesquisas* (UFG), v.17, 2013, p. 26.

lugar de fala que adotamos, como se a narração se desenvolvesse automaticamente. Costumamos fingir que as sequências apresentadas já foram tomadas no desenrolar da própria história, não sendo o investigador o sujeito responsável por decidir

que eventos comparecem em seu texto, que personagens dele fazem parte. O processo histórico mesmo imporia o que deveria ser contado, quais eventos precisariam ser narrados, e quem deveria ser levado em conta na hora de ser contada a história de um dado tempo e espaço.<sup>489</sup>

Textos como o romance *Água viva*, de Clarice Lispector, analisado por Júnior em seu artigo, os ensaios e romances de Müller são especialmente desafiadores para os historiadores ao terem no centro de suas reflexões o próprio gesto de escrever e os limites da representação literária. Tanto Lispector quanto Müller questionam a capacidade da linguagem representar o mundo, de dizer a verdade e expressar a gama de sentimentos vivenciadas por seus personagens, o que ressalta o caráter de construção ficcional presente nas narrativas de ambas.

No texto de Lispector, por exemplo, há o enfoque no tempo fragmentário, que recorre às sensações, pensamentos e sentimentos que pululam no momento da escrita. Ao invés da elaboração de uma trama com começo, meio e fim bem demarcados, *Água viva* se entrega ao fluxo do instante. Lispector também não constrói personagens bem delimitados, que conduzam a narrativa de modo linear. O romance parece querer escapar das regras que definem o gênero, compondo-se de reflexões aleatórias que se dão ao sabor dos acontecimentos.

Já o texto mülleriano aponta para o caráter inventivo existente na narração do passado, duvidando da objetividade e do alcance de verdades definitivas. Como aponta Rosvitha Friesen Blume, a exigência de uma verdade é substituída, no ensaísmo mülleriano, pela exigência de autenticidade: os sentidos são considerados verdadeiros se compatíveis com o proposto no desenrolar do próprio texto. O “real” aparece aqui mediado e construído de modo consciente pela linguagem, demonstrando o caráter fabricado, tanto do texto literário quanto da própria “realidade”.<sup>490</sup>

Outra característica marcante do texto mülleriano é a presença de imagens concebidas pela autora para simbolizar a opressão vivenciada em seu país natal: tais imagens, geralmente criadas a partir de pequenos objetos do cotidiano, se distorcem em imagens surreais, com o cotidiano e o onírico se misturando para realizar uma crítica contundente aos ditames ditatoriais.<sup>491</sup>

Apesar das dissonâncias entre o modelo tradicionalmente adotado na historiografia e a obra dessas duas autoras, Lohanne Gracielle Silva aponta que analisarmos a escrita da história a partir de textos que tenham como preocupação a própria escrita é possível, já que o fazer o

<sup>489</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, *ibid*, p.34.

<sup>490</sup> BLUME, Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã, *op.cit.*

<sup>491</sup> BLUME, *ibid*.

historiográfico também é marcado por aspectos artísticos. A literatura nos oferece a oportunidade de

refletir sobre o nosso próprio fazer, a nossa escrita. Entender a literatura como conhecimento que elabora reflexões sobre a sociedade e a cultura, e não apenas como fonte, requer também um tipo de aliança. Uma aliança que se opõe às rígidas técnicas e métodos que a afastaria de tudo que é subjetivo e intuitivo do fazer literário, isolando, para a pesquisa em história, apenas o que trata sobre acontecimentos, como se estes pudessem ser compreendidos sem uma boa dose de intuição e de inventividade.<sup>492</sup>

Pensar a escrita da história a partir da literatura é refletir em alianças que não se afastam do que é considerado subjetivo e intuitivo. Nossa escrita é marcada pelas decisões de quem narra, o que sugere que a escrita da história pode ser construída a partir de outros modelos narrativos a depender das escolhas e enfoques dados pelos historiadores e instituições que validam esse conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, Albuquerque Júnior aponta para a importância de discutirmos com maior atenção os acontecimentos do mundo literário, não para nos defendermos ou buscarmos um contraponto, mas

para nele buscar inspiração para repensarmos a maneira como escrevemos, como narramos, como construímos narrativamente o tempo, para que possamos fazer das águas passadas, daquilo que passou, dos eventos do passado, águas vivas, capazes de ainda fazer queimar e incomodar o tempo presente e não águas mortas, paradas, estagnadas, estanques. De nada adianta a defesa de uma dada tradição se ela implicar na perda da criatividade, da capacidade de conquistar leitores e adeptos. Revivificar a escrita da história passa por um diálogo com a literatura, não necessariamente para imitá-la ou com ela se confundir, mas para buscar inspiração para mudanças nas regras do discurso historiográfico que permitam que este venha ter audiência e faça efeito socialmente.<sup>493</sup>

Assim, pensar com a literatura envolve procurarmos inspiração neste campo do saber para construirmos nossos relatos, o que, de acordo com Júnior, poderia “revivificar” nossa escrita. Com isso, a escrita da história ressoaria mais fortemente na sociedade contemporânea, marcada pela multiplicidade de informações e fragmentação dos sujeitos. Dialogar com a literatura pode nos inspirar a criar textos que tenham uma audiência mais ampla e provoquem efeito socialmente, já que ao narrarmos o tempo passado também temos o poder de agir sobre o presente.

Os ensaios de Müller nos estimulam a discutir como o estranhamento pode ser um componente de nossos relatos. Para a autora, a desconfiança de tudo que se encontra ao seu redor se integra em sua escrita por meio da presença de associações com o inesperado e de um diálogo com as palavras atravessado pela intuição e criatividade. A escrita atravessada pelo “olhar

<sup>492</sup> SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsões entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*, op.cit., p. 34.

<sup>493</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Tema, meta, metáfora: porque a historiografia teme e treme diante da literatura, op.cit, p.38.

estrano” é vista como uma poderosa arma de intervenção social, capaz de questionar e criticar governos que desrespeitam as liberdades individuais.

A estranheza, como indica Ginzburg, é um procedimento que nos relembra a necessidade de narrarmos o passado em toda sua complexidade, de forma a não naturalizarmos estruturas sociais que perpetuam desigualdades. Dessa forma, acredito que o “olhar estranho” mülleriano pode ser encarado como uma provocação que nos instigue a imaginar a elaboração dos textos historiográficos em formas menos tradicionais, de modo que eles passem a ter uma ação mais efetiva em nossa sociedade. O estranhamento pode fazer parte de nossas narrativas ao procurarmos demonstrar que relatar o passado envolve um minucioso trabalho de pesquisa, repleto de lacunas e questionamentos que talvez não encontrem respostas definitivas.

Outro historiador que trabalhou com a noção de estranhamento e a sua relação com a escrita da história foi o francês Michel de Certeau. Em seu ensaio, “O ausente da história”, Certeau assinala que nossas narrativas implicam uma relação com o outro de maneira muito particular, já que essa aproximação se dá “enquanto ele está ausente (...), aquele que “já era” [*a passé*], como diz a linguagem popular”.<sup>494</sup> A história é considerada por Certeau como uma heterologia, ou seja, *logos* do outro. A diferença é considerada uma característica constitutiva do nosso ofício, já que partimos do presente para tomar encargo dos hóspedes do passado, arranjando-os narrativamente.

A estranheza advinda do nosso contato com outras temporalidades não deve se tornar, para Certeau, inteligível demais, sob o risco de “eliminar a alteridade que parecia ser o postulado do empreendimento”.<sup>495</sup> Ao narrar, nosso trabalho seria o de explicar a estranheza que compõe o passado sem, contudo, “suprimi-la completamente”.<sup>496</sup> Por meio de nossa escrita, aponta Certeau, abrimos espaços de ausência no presente graças à presença do passado entre nós, o que nos permite organizar “sistematicamente pontos de fuga na ordem dos pensamentos e das práticas contemporâneas. Ela coloca-se então ao lado do sonho”<sup>497</sup>.

Ao construirmos narrativas sobre o passado podemos continuar a encenar “a inquietante familiaridade” do outro, multiplicando as marcas de alteridade e possibilidades que compõem o nosso presente. Através da nossa escrita temos a oportunidade de tornar “pensável uma sociedade em sua dimensão de heterogeneidade, de restituí-la a si mesma nas beiradas em que ela se origina e se perde em sua própria ausência (...) O texto historiográfico combina, portanto, a racionalidade da explicação com a narrativa literária que fala do outro.”<sup>498</sup>

Para Certeau, história e ficção se embrenham, sendo nossa escrita uma mistura entre esses dois polos. Em seu ensaio, ele ressalta a importância do estranhamento enquanto parte constituinte

<sup>494</sup> CERTEAU, Michel de. O ausente da história. In: \_\_\_\_\_. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 181.

<sup>495</sup> CERTEAU, ibid, p. 182.

<sup>496</sup> CERTEAU, ibid, p. 184.

<sup>497</sup> CERTEAU, ibid, p. 185.

<sup>498</sup> CERTEAU, ibid, p. 184-5.

do trabalho com o passado, reintroduzido no presente graças aos questionamentos produzidos pelos historiadores. O passado só nos é compreensível por meio de um trabalho de organização dos documentos selecionados por parte de quem narra e de uma busca por explicações plausíveis que não desconsiderem os aspectos artísticos do nosso fazer. Nesse trânsito entre os tempos, apontar o caráter de estranheza que perpassa nossas investigações é uma forma de interpelar os leitores na atualidade, motivando-os a pensar outras possibilidades de construção do futuro: segundo Certeau, passado e presente não se encontram separados, estando um imbricado no outro.<sup>499</sup>

Lohanne Gracielle Silva, a partir dos textos de Clarice Lispector, também nos traz alguns apontamentos sobre o estranhamento a partir das discussões realizadas por Michel de Certeau: em sua análise sobre a escrita da história e a relação com o livro *Água viva*, a historiadora destaca a presença recorrente do espanto nos textos da autora. Lispector procura pensar o ser humano em sua complexidade e mobilidade, convidando-nos a prestar atenção nos aspectos intuitivos que compõem a existência. Para a escritora, provocar o espanto em seus leitores leva-os a “pensar diferentemente”, ou seja, fora do que está socialmente posto.<sup>500</sup> Aproximando as inquietações clariceanas da escrita da história, Silva assinala a semelhança dessa concepção com algumas ponderações desenvolvidas por Certeau no ensaio “O riso de Michel Foucault”. Volto ao historiador francês para mais algumas observações sobre a relação do estranhamento com a nossa escrita.

Certeau, ao abordar o riso na obra de Michel Foucault, reforça a importância do “pensar diferentemente” enquanto uma forma de transgredir os modelos estabelecidos e as estratégias de poder dominantes. De acordo com ele, as identidades fixas e estáticas imobilizam

o gesto de pensar, prestando homenagem a uma ordem. Pensar, pelo contrário, é passar; é questionar essa ordem, surpreender-se pelo fato de sua presença aí, indagar-se o que tornou possível essa situação, procurar- ao percorrer suas paisagens- os vestígios dos movimentos que a formaram, além de descobrir nessas histórias, supostamente jacentes, “o modo como e até onde seria possível pensar diferentemente”<sup>501</sup>

<sup>499</sup> Gostaria de apontar brevemente que as considerações de Certeau sobre a estranheza se aproximam da discussão feita por Sigmund Freud no ensaio “O estranho”, de 1919. De acordo com o psicanalista, geralmente associamos o estranhamento ao que nos é desconhecido. Contudo, tal definição seria incompleta, já que o estranho pode estar incluído naquilo que nos é mais familiar. Pensando na escrita da história, Certeau assinala que, ao narrarmos, os “ausentes” do passado nos aparecem na atualidade com uma familiaridade inquietante, apontando que passado e presente não se encontram desvinculados e que o futuro pode ser construído sobre outras bases ao percebermos que a estranheza é um componente do nosso presente. A estranheza contida no que é inquietantemente familiar também está presente nos ensaios müllerianos: para ela, o “olhar estranho” advém justamente de sua repulsa por práticas excludentes do seu cotidiano, como os frequentes assédios que sofreu ao longo de vários anos por parte da Polícia Secreta romena. Ver FREUD, Sigmund. O estranho, 1919. In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

<sup>500</sup> SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsões entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*, op.cit.

<sup>501</sup> CERTEAU, Michel de. O riso de Michel Foucault. In: \_\_\_\_\_. *História e psicanálise*, op.cit., p.118.

Consigo perceber semelhanças entre o espanto provocado por maneiras inesperadas de se pensar, conforme descrito por Certeau, e o estranhamento mülleriano. Ambos são um convite para pensarmos nossas práticas sob um novo olhar. Como destaca o historiador francês, indagar o que se encontra dado pode nos surpreender e conduzir a uma investigação de como certas situações se formaram. Ao questionarmos aquilo que é considerado fixo e imutável, outras paisagens sociais podem ser vislumbradas. Enquanto historiadores, é por meio de nossa escrita que podemos contribuir para essa tarefa, ao criarmos narrativas que interpelem os sujeitos e os movam a agir em seu meio social.

Segundo Certeau, Foucault, ao longo de sua vida, explorou inúmeros caminhos que

percorreram sinuosamente vários saberes e países. Ele visitava os livros do mesmo modo que circulava, de bicicleta, nas ruas de Paris, San Francisco ou Tóquio, com uma atenção irretocável e vigilante, suscetível de apreender, no virar de uma página ou de uma esquina, o brilho do estranhamento que se escondia aí, desapercebido.<sup>502</sup>

O estranhamento diante do que se encontrava escondido e não era percebido como importante inspirava Foucault ao longo do processo de criação de seus livros, que tinham por objetivo surpreender e questionar o que se encontra previsto e codificado no interior das ciências humanas. Obras como *As palavras e as coisas*, publicada em 1966, tiveram como origem pequenos acasos e citações antes desconsideradas por outros estudiosos. As demais obras de Foucault têm processo de criação semelhante:

Suas outras obras parecem ter a mesma origem: acessos de surpresa (como existem acessos de febre), formas jubilatórias repentinhas, quase extáticas, “espanto” ou “encantamento” que é, de Aristóteles a Wittgenstein, o momento instaurador da atividade filosófica. Pelas frestas do discurso, engracadas, incongruentes ou paradoxais, algo faz irrupção que transborda o pensável e abre uma possibilidade de “pensar diferentemente”. Invadido pelo riso, tomado por uma ironia das coisas que é o equivalente de uma iluminação, o filósofo não é o autor, mas a testemunha desses lampejos que atravessam e transgridem o controle sistemático dos discursos por razões estabelecidas. Seus achados são os acontecimentos de um pensamento que ainda deve ser pensado. Essa inventividade surpreendente das palavras e das coisas, experiência intelectual de uma desapropriação instauradora de possibilidades, é marcada por Foucault com um riso: essa é sua assinatura de filósofo para a ironia da história.<sup>503</sup>

Espanto, estranhamento e encantamento são as armas utilizadas por Foucault para “pensar diferentemente” e elaborar livros que têm o paradoxo como uma importante fonte de inspiração. Por sua vez, Müller também procura provocar nos leitores a surpresa diante do que é considerado habitual, recorrendo a um detido uso da linguagem para alcançar tal objetivo. É na discussão a partir dos detalhes e do estranhamento provocado pelo que é considerado costumeiro que a escrita mülleriana sobre o passado se efetiva.

---

<sup>502</sup> CERTEAU, ibid, p. 118.

<sup>503</sup> CERTEAU, ibid, p.119.

Na escrita da história, abordarmos em nossos textos a surpresa e o estranhamento que perpassam nossas pesquisas pode nos levar a pensar outras maneiras de representar o passado. Com isso, as diversas escolhas que realizamos durante o percurso investigativo teriam seu caráter de fabricação reforçado. Tal preocupação também se encontra presente na abordagem foucaultiana sobre a história, conforme desenvolvido pelo filósofo no ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história”, incluído no livro *A microfísica do poder*, que utilizarei como maneira de amarrar as discussões propostas nestes três capítulos.

Em seu ensaio, Foucault questiona a historiografia dominante no século XIX, marcada pela continuidade, linearidade e a busca pelas origens que dariam um sentido unívoco a entes como o Estado-Nação. O filósofo recorre à genealogia nietzscheana para duvidar de explicações metafísicas utilizadas para explicar o surgimento de instituições sociais que parecem sólidas e imutáveis. Recusando-se a escrever uma história que recolhe a “essência exata da coisa”<sup>504</sup> e que ignora o que é considerado accidental, Foucault relembra-nos da construção histórica ocorrida por trás destes objetos cristalizados. Ao invés de “desvelar (...) uma identidade primeira”<sup>505</sup>, somos convidados a pensar de outro modo nosso saber, dado que a essência por trás dos objetos não é natural, mas foi “construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.”<sup>506</sup>

Foucault sublinha os acasos e lutas existentes no tecido social, já que no começo histórico das coisas o que encontramos “não é a identidade ainda preservada da origem-é a discordia entre as coisas, é o disparate”<sup>507</sup>. Em nossos trabalhos, devemos retirar as máscaras lentamente construídas ao longo do tempo, responsáveis por solidificar e naturalizar os objetos que selecionamos como objetos de pesquisa. Na análise foucaultiana pululam os erros, as falhas, acidentes e os acontecimentos considerados perdidos: somos instados a recuar no tempo não para restabelecer a antiga ordem tranquilizadora das coisas que nos parecem dadas, mas sim para fragmentar “o que se pensava unido”<sup>508</sup>, mostrando “a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo”<sup>509</sup>. Para Foucault, a história é um jogo cujas regras não possuem um fim predeterminado e que por isso “podem ser burladas ao sabor da vontade”<sup>510</sup>.

As ponderações do filósofo se aproximam de nossas considerações sobre a escrita da história ao apontar que participamos na construção dos objetos que escolhemos como pertinentes a uma pesquisa histórica. Para Foucault, a história se constitui em uma “série de interpretações”<sup>511</sup>, sendo o papel do historiador fazer os personagens que seleciona entrarem “em um jogo”<sup>512</sup>,

<sup>504</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In. \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 10a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

<sup>505</sup> FOUCAULT, ibid, p.17.

<sup>506</sup> FOUCAULT, ibid, p.17.

<sup>507</sup> FOUCAULT, ibid, p.18.

<sup>508</sup> FOUCAULT, ibid, p.21.

<sup>509</sup> FOUCAULT, ibid, p.21.

<sup>510</sup> FOUCAULT, ibid, p.25.

<sup>511</sup> FOUCAULT, ibid, p.26.

<sup>512</sup> FOUCAULT, ibid, p.26.

submetendo-os às regras do seu ofício. Assim, é através de nossa escrita e um uso detido da linguagem que damos sentido ao que sujeitos de outros tempos fizeram e agimos sobre o presente, ao participarmos dos embates historiográficos que buscam definir como se deu o passado. As regras do “jogo” histórico são determinadas socialmente e podem ser modificadas graças a novas práticas e modos de ver aquilo que consideramos inalterável.

Em seu ensaio, Foucault ainda critica aquilo que denomina o sentido supra-histórico, marcado pela objetividade e construção de verdades eternas, que recolhe o passado em uma totalidade fechada sobre si mesma. Essa história, que o filósofo reconhece como sendo a tradicionalmente praticada pelos historiadores, “constrói um ponto de apoio fora do tempo; ela pretende tudo julgar segundo uma objetividade apocalíptica; mas é que ela supôs uma verdade eterna, uma alma que não morre, uma consciência sempre idêntica a si mesma”.<sup>513</sup> Ao contrário desse olhar “fora do tempo”, Foucault considera que a história será “efetiva” ao não considerar os acontecimentos inscritos em uma continuidade ideal e objetiva, mas ao procurar compreender como eles foram possíveis e quais os “acacos da luta” concorreram para o seu aparecimento.

De acordo com Foucault, nosso saber sobre o passado é perspectivo: sempre observamos e analisamos nossos objetos de um determinado ângulo, a partir das questões que guiam nossa pesquisa. Nas palavras de Foucault, não devemos temer ou ocultar o fato de que analisamos o passado de certo ponto de vista, já que esse é um ponto constitutivo de nosso saber: “Em vez de fingir um discreto aniquilamento diante do que ele olha, em vez de aí procurar sua lei e a isto submeter cada um de seus movimentos, é um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha.”<sup>514</sup> Ao invés de reafirmamos verdades dadas e estabelecidas, Foucault nos insta a praticar uma história de cunho irônico, que desmonta as versões tidas como absolutas e demonstra seu caráter fabricado.

É por meio da ironia e desconfiança do que se encontra cristalizado que Foucault nos aponta a pertinência de questionarmos as práticas estabelecidas e os modos tradicionais de escrevermos a história, o que se aproxima das considerações de Müller sobre seu fazer literário. A escritora aponta o caráter de fabricação que ronda sua escrita, tendo em acontecimentos e detalhes banais o fio condutor de seus relatos. Por meio de sua escrita, Müller nos apresenta o caráter socialmente construído de práticas e entidades como o conceito de identidade nacional, reforçado durante os anos do regime de Nicolau Ceausescu. De modo semelhante, Foucault assinala que elaboramos o passado ao narrarmos, sendo a estranheza e ironia maneiras de questionarmos a naturalização e continuidade de práticas que privam os indivíduos de sua

---

<sup>513</sup> FOUCAULT, *ibid*, p.26.

<sup>514</sup> FOUCAULT, *ibid*, p.30.

dignidade. Ao criticar uma historiografia baseada na continuidade e na busca pelas origens, Foucault aponta para o caráter construído e discursivo das narrativas históricas.<sup>515</sup>

Na perspectiva foucaultiana, tanto os objetos quanto os sujeitos que estudamos em nossas pesquisas emergem “como efeito das produções discursivas, ao invés de serem tomados como ponto de partida para a explicação das práticas sociais”.<sup>516</sup> De acordo com a historiadora Margareth Rago, Foucault defendeu uma história conforme elaborada pela Escola dos Annales, na qual o trabalho de investigação histórica serve para responder a uma problematização colocada pelo historiador no presente da pesquisa. Partindo de um questionamento, o historiador irá decidir como trabalhar as fontes e elaborar narrativamente o passado.<sup>517</sup>

Nessa perspectiva, nossas fontes não serviriam mais para buscarmos uma verdade “absoluta”, já que, como aponta Foucault na introdução do livro *A arqueologia do saber*, no decorrer do século XX a história modificou sua visão sobre o documento: utilizamos as fontes não mais procurando “restituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela [a história] busca definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações”<sup>518</sup>. Para Foucault, trabalhamos no interior do documento, criando nossas narrativas a partir do contato com os rastros do passado. Somos participantes ativos na construção de nossas versões: nossos saberes e “verdades” são produzidos discursivamente e envolvem a feitura de uma interpretação que pode ser questionada por estudos posteriores.<sup>519</sup>

<sup>515</sup> Ver RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social, Revista de Sociologia*. USP, SP. 7(1/2), outubro de 1995.

<sup>516</sup> RAGO, ibid, p. 71.

<sup>517</sup> RAGO, ibid, p.71.

<sup>518</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, op.cit., p.7.

<sup>519</sup> Gostaria de assinalar brevemente que a discussão feita de Foucault sobre a história não passou despercebida entre os historiadores, sendo alvo de diversos debates nas últimas décadas. Entre eles, destaco o posicionamento de Carlo Ginzburg, crítico das análises foucaultianas. Mesmo sendo possível estabelecer pontos de contato entre os dois pensadores, como por meio do conceito de “estranhamento” trabalhado por Ginzburg e o “pensar diferentemente” de Foucault, as concepções de ambos sobre o real e a construção dos relatos do historiador estão ancoradas em pontos de vista e metodologias diferentes. Para Ginzburg, o trabalho do historiador parte de indícios com o intuito de reconstruir o real em sua totalidade. Mesmo perpassada pela subjetividade do historiador, por meio do recurso às provas é possível alcançar verdades plausíveis e aceitáveis sobre o passado. Ele aponta a necessidade de não descuidarmos do trato com as fontes, já que o discurso histórico não é formado apenas pela retórica, mas pelo seu entrelaçamento com as formas de demonstração baseadas na prova. Já Foucault aponta para a construção discursiva do real: os documentos são vistos pelo filósofo como monumentos que precisam ser trabalhados pelo historiador em seu interior. Dessa forma, somos responsáveis pela elaboração do passado ao narrarmos, com o real se definindo a partir da construção elaborada pelo historiador. Enquanto Ginzburg parte do micro objetivando reconstituir sua relação com o macro, Foucault critica essa busca pela totalidade e uniformidade, enfatizando as rupturas e os acidentes. Para os intuitos deste trabalho, acredito que tanto o estranhamento, conforme trabalhado por Ginzburg, quanto o uso irônico da histórica apontado por Foucault, nos ajudam a pensar a apresentação de nossas pesquisas de maneiras a provocar impacto social mais amplo. Ambos, por diferentes caminhos, nos relembram a importância de não banalizarmos o passado, considerando-o como dado. As interpretações que construímos devem ser amparadas em fontes, além de estarem consonância com as metodologias adotadas na academia para que o trabalho seja validado, exigindo um trabalho minucioso por parte do pesquisador em todas as fases da pesquisa. Para uma discussão mais aprofundada sobre as questões aqui levantadas na perspectiva de Ginzburg, remeto ao ensaio de Henrique Espada Lima, “Narrar, pensar o detalhe: à margem de um projeto de Carlo Ginzburg”, e ao ensaio escrito pelo próprio Ginzburg, “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Para uma leitura sobre as contribuições de Foucault

Nestes três capítulos, procurei sinalizar alguns aspectos levantados pela escrita mülleriana que nos permitem aproximações com a escrita da história. Como ponto de partida, apontei as considerações de Müller sobre seu próprio fazer para, em seguida, discutir a presença da subjetividade em nossos relatos e a necessidade de sermos atentos à linguagem e aos testemunhos dos sujeitos e grupos estudados ao elaborarmos nossos textos. Segundo Dominick LaCapra, ao narrar o passado, podemos lutar contra o esquecimento coletivo, os abusos do poder e auxiliar na construção de uma sociedade organizada de formas mais justas e democráticas. Somos testemunhas, mesmo que não diretas, dos horrores cometidos em diferentes momentos históricos e temos em nossa escrita a função de evitar que eventos responsáveis por macular a dignidade dos sujeitos se repitam.<sup>520</sup>

Como aponta Primo Levi, sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, é ao relatar os acontecimentos que o historiador pode “sanar a discrepância, que é tão mais ampla quanto mais tempo houver transcorrido entre os eventos estudados”.<sup>521</sup> Para o escritor italiano, a distância temporal dos eventos acentua a divergência existente entre os acontecimentos e a percepção social dos fatos, que terminam envolvidos em simplificações e estereótipos. Afastados do nosso presente, a dificuldade em entender a dor alheia aumenta, tornando os horrores mais brutais habituais e comparáveis a um crime comum. É por meio das narrativas que podemos transmitir o inenarrável e manter viva a memória dos que já se foram, sendo a escrita da história uma poderosa maneira de lutar contra a banalização e simplificação do passado.<sup>522</sup>

Nossos testemunhos devem ser marcados por uma preocupação ética e um cuidado no trato com as fontes, já que não podemos dizer qualquer coisa sobre os temas que estudamos. Se somos construtores do passado, devemos fazê-lo procurando respeitar as memórias dos indivíduos e grupos estudados. Esta responsabilidade envolve a consideração de aspectos inerentes ao ofício do historiador, como a análise e crítica de fontes, a produção de hipóteses, verificação crítica dos resultados e a plausibilidade da interpretação. Como aponta Saul Friedlander, diante de eventos marcados pela aniquilação daqueles considerados inimigos e a falsificação proposital do passado, a existência de narrativas historiográficas confiáveis torna-se ainda mais premente, já que tais

---

para o campo historiográfico, o ensaio de Paul Veyne, *Foucault revoluciona a história* aprofunda as questões esboçadas neste texto. Ver GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:

\_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais*, op.cit; LIMA, Henrique Espada. Narrar, pensar o detalhe: à margem de um projeto de Carlo Ginzburg. *ArtCultura. Revista de História, Cultura e Arte*, Uberlândia, EDUFU, CNPq e Capes, jul-dez. 2007; VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: \_\_\_\_\_. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995.

<sup>520</sup> LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*, op.cit. p. 109-113.

<sup>521</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.134.

<sup>522</sup> Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*, op.cit.

acontecimentos podem ser facilmente “distorcidos ou banalizados por representações grosseiramente inappropriadas”<sup>523</sup>, ferindo a memória dos sujeitos que pesquisamos.

Assim, nossas narrativas também estão imbuídas de um caráter político, ao passo que lutamos contra a denegação e o esquecimento coletivo.<sup>524</sup> Essa responsabilidade pode ser exemplificada por meio da “solução final”, almejada pelos nazistas. Desejosos de apagar todos os rastros de aniquilação contra os judeus, os altos dignatários do Terceiro Reich desejavam também “destruir toda uma face da memória e da história”<sup>525</sup>: nos últimos dias de guerra, os arquivos dos campos de concentração foram queimados e os prisioneiros de guerra obrigados a desenterrar os cadáveres para enterrá-los em valas comuns, já que não poderia sobrar nenhum vestígio dos mortos.

Esta tentativa de apagamento dos rastros encontra recentemente eco nas teses negacionistas, que afirmam que o genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial não ocorreu. Para Gagbenin, tais teses representam a “consequência lógica, previsível e prevista de uma estratégia absolutamente explícita e consciente”<sup>526</sup> perpetrada pelos nazistas. Em nossos trabalhos, devemos estar atentos aos vestígios e indícios de outros tempos, utilizando-os para balizar nossas interpretações sobre o passado. Ao narrarmos, devemos ter sempre em mente que história e ficção, apesar de próximas, não se indistinguem, o que poderia nos conduzir à validação de todas as interpretações sobre o passado, inclusive aquelas que ferem a memória dos sujeitos que estudamos, como as defendidas pelo revisionismo.

Pensar sobre a história com os ensaios de Müller ainda nos indica a importância de enfatizarmos o caráter de fabricação presente em nossas narrativas, de maneira a não considerarmos nossas conclusões como absolutas, mas enquanto passíveis de reformulação. Ao ter o estranhamento como elemento crucial na sua relação com o passado, Müller assinala que não devemos banalizá-lo. Seu “olhar estranho” desconfia da naturalidade presente no cotidiano, promovendo uma indagação permanente de práticas que violam a integridade física e moral dos indivíduos. Essa noção nos ajuda a pensar sobre a escrita de nossos trabalhos de maneira que eles possam ter uma participação mais ativa no campo social, visando à desnaturalização de objetos considerados imutáveis.

Como procurei discutir ao longo destas páginas, pensar sobre a história a partir dos ensaios müllerianos não está dissociado de pensarmos com a história, dado que a escritora sempre relaciona suas críticas às sociedades romena e alemã a reflexões de como representar o passado.

<sup>523</sup> FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*, op.cit., p. 24 “distorcido o banalizado por representaciones groseramente inappropriadas” (no original).

<sup>524</sup> Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*, op.cit.

<sup>525</sup> GAGNEBIN, ibid, p.47.

<sup>526</sup> GAGNEBIN, ibid, p.46.

Esse movimento presente nos textos da autora me permitiu realizar algumas aproximações com a escrita da história, também marcada por aspectos de caráter artístico e pela utilização da narrativa na elaboração de nossas análises sobre os tempos idos.

Passo agora para o último capítulo. Escolhi como tópico as reações da imprensa de diferentes países à escolha de Müller como ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura 2009. Discutir esse momento me permitirá aludir a alguns aspectos abordados no decurso da dissertação, em especial a importância de não separarmos os aspectos mais formais das críticas feitas pela autora à sociedade em que ela se encontra inserida. Para os críticos literários e jornalistas que analisaram a premiação, ambos os componentes foram fundamentais para a escolha da Academia Sueca, que foi lida tanto como um recado político quanto como uma valorização do uso criativo da linguagem enquanto possibilidade de resistência a regimes totalitários.

## CAPÍTULO 7

### Herta Müller, o Prêmio Nobel e a literatura oposicionista na contemporaneidade

#### 7.1 O Prêmio Nobel de Literatura 2009 e as reações ao prêmio

Neste capítulo, trabalharei as leituras realizadas por veículos da imprensa de diferentes países e as justificativas dadas pela Academia Sueca após a escolha de Müller como recipiente do Prêmio Nobel Literatura 2009, momento de maior projeção internacional da carreira da escritora. Primeiramente, discuto como os articulistas receberam a notícia do anúncio e quais as considerações feitas por eles sobre a obra mülleriana.

As leituras realizadas pelos jornalistas nos permitem realizar alguns apontamentos sobre a recepção e a circulação dos livros da autora até aquele momento em diferentes partes do globo, aspecto que também discutirei nas próximas páginas: em países como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, alguns colunistas questionaram quem seria Herta Müller, indicando que a obra da autora pouco circulava entre o grande público até o momento da premiação, mesmo que alguns de seus livros já tivessem sido traduzidos para o inglês antes de 2009. Tal cenário passa por mudanças nos anos seguintes ao Nobel, já que o número de traduções conheceu um aumento significativo, permitindo a um maior número de leitores ter acesso à obra da escritora em países que ainda não contavam com nenhum de seus livros publicados.

Na segunda parte do capítulo, analiso a participação de Müller durante a Semana Nobel, evento que ocorre anualmente no início de dezembro e no qual os laureados recebem seus prêmios. Minha discussão perpassará os textos preparados pela escritora para a ocasião, entre eles o discurso intitulado “Toda palavra conhece algo do círculo vicioso”<sup>527</sup>, que retoma algumas das questões abordadas em capítulos anteriores desta dissertação. A partir disso, farei alguns apontamentos sobre os motivos alegados pela Academia Sueca para a seleção de Müller: entre as razões, destaca-se o caráter de oposição a regimes ditoriais presente nos textos da escritora como fundamental para distingui-la com a premiação.

Além dos ensaios e artigos jornalísticos, terei como fonte primordial para a escrita deste capítulo o site do Prêmio Nobel, que reúne artigos acadêmicos, vídeos e entrevistas referentes à escolha de Müller como laureada. Nesta primeira parte, apresento um histórico do prêmio e o processo de seleção dos laureados. Em seguida, discuto como a distinção foi recebida na Alemanha, Romênia, Estados Unidos, Inglaterra e Brasil.<sup>528</sup>

---

<sup>527</sup> MÜLLER, Herta. Toda palavra conhece algo do círculo vicioso. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit.

<sup>528</sup> Estes países foram selecionados pela relevância que possuem na circulação da obra mülleriana e para o desenvolvimento desta pesquisa: Alemanha e Romênia são os países que Müller transitou durante diferentes fases de sua vida. Além disso, a obra da escritora se encontra publicada nesses países desde antes do Nobel, sendo Müller uma figura conhecida no circuito cultural alemão-romeno. Já Estados Unidos e Inglaterra contam com importantes estudiosos da obra mülleriana (como Valentina Glajar, Anca-Elena Luca Holden,

O Prêmio Nobel de Literatura é considerado a maior distinção literária na contemporaneidade, tanto pelo valor ganho pelo recipiente (em 2017, o laureado recebeu cerca de 1,1 milhão de dólares) quanto pelo prestígio alcançado pela premiação ao longo do século XX. O prêmio foi instituído no terceiro e último testamento do químico inventor da dinamite, engenheiro e poeta sueco Alfred Nobel (1833-1896), escrito em 1895. Ao ser aberto e lido após sua morte, o testamento provocou controvérsia na Suécia e no exterior, visto que o químico havia destinado grandes quantias para o estabelecimento do prêmio. Sua família recusou-se a cumprir o desejo de Alfred e somente em 1901 o primeiro prêmio Nobel pôde ser concedido.

Em seu testamento, Alfred determinou que seus bens deveriam ser usados para premiar os indivíduos que “durante o ano precedente conferiram grandes benefícios à humanidade”<sup>529</sup>. Ele demandou que seu capital fosse destinado a um fundo, que deveria ser dividido em cinco partes iguais: um quinto do fundo para invenções no campo da física; um quinto para descobertas no campo da química; um quinto para importantes descobertas na fisiologia ou medicina; um quinto para a pessoa que produzir “no campo da literatura o mais ilustre trabalho em uma direção ideal”<sup>530</sup>; e um quinto para o indivíduo que mais fizer para promover a fraternidade entre nações, a abolição ou redução dos exércitos permanentes e a promoção de congressos destinados a debater a paz mundial. No decorrer de seu testamento, Nobel designa os institutos e academias responsáveis pela escolha dos laureados, que devem ser escolhidos independentemente da nacionalidade.

Até 2019, 116 indivíduos foram laureados com o Nobel de Literatura. Os critérios de escolha, segundo Alfred Nobel, deveriam focar na “direção ideal”, ou seja, metafísica das criações literárias.<sup>531</sup> Esse detalhe é tido como um dos motivos para a não premiação de escritores hoje

Lyn Marven e Bettina Brandt) que possuem obras acadêmicas escritas em inglês sobre a escritora. Os livros da autora também eram publicados antes da atribuição do Nobel em ambos os países. A reação do prêmio na imprensa anglófona permite uma comparação com as análises realizadas pelos articulistas de língua alemã: enquanto a imprensa alemã destacou os aspectos políticos e culturais da premiação, os articulistas de língua inglesa enfatizaram os aspectos biográficos, além de questionarem o porquê da escolha de Müller. Já o Brasil foi incluído por ser o país onde desenvolveu esta dissertação, o que permite algumas considerações sobre como a obra de uma escritora pouco divulgada entre nós antes de 2009 foi lida. Gostaria de assinalar que diversas considerações presentes neste capítulo foram baseadas na pesquisa que realizei para meu trabalho de conclusão de curso, especialmente o primeiro capítulo. Aqui, retomo algumas das discussões que elaborei no trabalho de 2014 e as amplio pensando nas questões discutidas ao longo desta dissertação. Cf. SÁ FILHO, Manuel Batista de. *Nos “labirintos do medo”: exílio e linguagem em Depressões*, de Herta Müller, op.cit.

<sup>529</sup> NOBEL MEDIA AB. *Alfred Nobel's Will*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/alfred-nobel/alfred-nobels-will-2/> Acesso em 02 de setembro de 2019.

<sup>530</sup> NOBEL MEDIA AB, ibid.

<sup>531</sup> Em um artigo que compõe o site do Prêmio Nobel de Literatura, intitulado “The idealised and naturalistic view of reality: Early 20th century German Literature Laureates”, o professor de literatura alemã da Universidade da Suécia, Sture Packalén, apresenta uma discussão sobre o elevado número de premiações a autores alemães no primeiro decênio do século XX (quatro foram o total de laureados, feito ainda não repetido desde então) e esclarece como a “direção ideal” desejada por Alfred Nobel foi lida pelos responsáveis em escolher os recipientes. A justificativa dada pelo Packalén aponta que os laureados possuíam obras com um acentuado caráter idealista. Este caráter era definido como obras voltadas “em direção ao passado e que apresentavam uma imagem idealizada da realidade informada pelo bom, pelo

considerados canônicos como Liev Tolstói, Henrik Ibsen, Émile Zola, Henry James, Marcel Proust e James Joyce, autores com obras consideradas pessimistas. Ao longo das décadas, os critérios sofrem mudanças: passa-se a valorizar literatos cujos textos tragam em seu bojo tendências humanísticas, como a promoção dos direitos humanos e a crítica a regimes totalitários, caso de Herta Müller.<sup>532</sup>

De acordo com o site da Academia Sueca, a escolha do laureado ocorre em um processo que dura de fevereiro a outubro e conta com dezoito jurados, que formam o comitê de seleção do prêmio. O candidato ao Nobel deve ser selecionado por pessoas qualificadas, que recebem um convite para sugerir um concorrente. Entre as pessoas consideradas aptas a opinar estão membros da Academia Sueca e de outras instituições com objetivos semelhantes; professores universitários de literatura e linguística; laureados anteriores do Nobel; e presidentes de organização de autores de diversos países. Uma pessoa não pode se autonomear.<sup>533</sup>

Além da Academia Sueca, há o Comitê Nobel para Literatura, que avalia as nominações e apresenta suas impressões para a Academia. Cartas são enviadas durante o mês de setembro pelo Comitê para as instituições e indivíduos que podem votar. Nos últimos anos, entre 200 e 350 nomes têm sido apontados como possíveis concorrentes ao prêmio pelos votantes, que devem responder à carta até o dia 31 de janeiro. Em abril, o Comitê Nobel apresenta uma lista com 15 nomes para a apreciação da Academia. Muitos nomes são descartados em um estágio preliminar por diversas razões. Entre elas estão: alguns dos nominados são cientistas cujos trabalhos não encontram a demanda de valor literário, enquanto outros foram nominados por razões outras que não literárias (políticas, ideológicas, etc).

A lista apresentada em abril assume um caráter mais definitivo em maio, com a seleção de cinco nomes prioritários. O próximo passo é a leitura dos selecionados entre junho e agosto, caso isso não tenha sido feito, dado que os nomes mais proeminentes se repetem na lista ano após

verdadeiro e pelo bonito” (no original: “towards the past and who presented an idealised picture of reality informed by the good, the true and the beautiful”). O outro motivo assinalado para o grande número de distinções eram as estreitas relações mantidas entre Suécia e Alemanha no início do século XX. A Alemanha era encarada como um modelo cultural a ser seguido, com traduções de autores germânicos sendo muito lidas pela população sueca de então. Para mais detalhes, ver PACKALÉN, Sture. *The idealised and naturalistic view of reality: early 20th century German Literature Laureates*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/themes/the-idealised-and-naturalistic-view-of-reality-early-20th-century-german-literature-laureates-2>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

<sup>532</sup> Em outro artigo que compõe o site do Prêmio Nobel de Literatura, as mudanças no entendimento da “direção ideal” desejada pelo criador da premiação são exploradas em maior detalhe. Ao longo do texto, tenta-se justificar a não premiação de autores atualmente considerados canônicos e as transformações sofridas pelo Prêmio desde seu início, especialmente após as críticas feitas às escolhas da Academia Sueca nas últimas décadas. Entre as críticas, destaco o eurocentrismo e o machismo presentes na seleção dos ganhadores, dado que a maioria dos laureados são europeus e somente quatorze mulheres foram premiadas em mais de cem anos. Ver EPSMARK, Kjell. *Nobel's Will and the Literature Prize*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/themes/the-nobel-prize-in-literature-3>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

<sup>533</sup> SVENSKA AKADEMIEN. *The Nobel Prize in Literature*. Disponível em: <https://www.svenskaakademien.se/en/the-nobel-prize-in-literature>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

ano. Nesse caso, será suficiente checar se no período novos trabalhos foram publicados. Com o retorno das atividades em setembro, os membros da Academia analisam os méritos de cada candidato, com a decisão final sendo tomada na metade de outubro. Para ser laureado, o candidato deve receber mais da metade dos votos dos membros da Academia.<sup>534</sup>

Como assinala a crítica Wiebke Sievers, em artigo que traça a circulação da obra mülleriana antes e após o recebimento do Nobel, o prêmio incentivou o lançamento de livros da autora em países que geralmente pouco traduzem do alemão, como a China e a Coreia do Sul. Antes do prêmio, a circulação das obras müllerianas se concentrava na Alemanha e em nações situadas na Europa Ocidental, como França, Itália, Dinamarca e Suécia, que possuem a tradição de traduzir escritores de língua alemã desde meados do século XVII. Após a queda da Cortina de Ferro, países como Eslovênia, Croácia e Polônia também lançaram obras da autora. A primeira tradução de Müller em seu país natal ocorreu somente em 1995, indicando, segundo Sievers, o desconforto que as editoras e o público romeno possuem em debater o passado ditatorial.<sup>535</sup>

Após o anúncio do Nobel, novas edições dos livros da autora crescem de maneira massiva, com traduções sendo vendidas para países onde a obra mülleriana ainda não estava presente, como Rússia, Líbano, Ucrânia, Índia, Bangladesh e Israel. O grande número de traduções tornou Müller uma best-seller global no tocante à aquisição de direitos para traduzir seus livros, com quarenta licenças vendidas ao longo de 2009. Como exemplo do aumento no número de traduções, cito o caso do Brasil: até 2009, somente um livro da escritora, *O compromisso*, e um conto, *A canção de marchar*<sup>536</sup>, haviam sido lançados entre nós em 2004. Desde o anúncio do prêmio, nove obras ganharam edição brasileira e foram alvo de diversas reportagens em diversos meios de comunicação de alcance nacional.<sup>537</sup>

A recepção dos livros depende da relação mantida pelos países com regimes de caráter autoritário e a relevância que o tema das liberdades individuais possui em cada um deles, já que as obras de Müller costumam ser promovidas pelas editoras como testemunhos do terror sob a vigência de um regime comunista. A ênfase no caráter político impacta na seleção de quais livros serão traduzidos e em como a imprensa os apresenta para os leitores em jornais e revistas.<sup>538</sup>

<sup>534</sup> NOBEL MEDIA AB. *Nomination and selection of Literature laureates*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nomination/literature/> Acesso em 02 de setembro de 2019.

<sup>535</sup> SIEVERS, Wiebke. Eastward Bound: Herta Müller's international reception. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

<sup>536</sup> MÜLLER, Herta. *A canção de marchar*. In: BACKES, Marcelo; RENNER, Rolf G. (org.) *Escombros e caprichos*: o melhor do conto alemão no século 20. Porto Alegre: L&PM, 2004.

<sup>537</sup> As obras de Müller publicadas em nosso país até o momento são: *O Compromisso, Depressões, Tudo que tenho levo comigo, Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio, O homem é um grande faisão no mundo, Fera d'alma, O rei se inclina e mata e A raposa já era o caçador*. Recentemente, em setembro de 2019, um livro de entrevistas com a autora, intitulado *Minha pátria era um caroço de maçã*: uma conversa com Angelika Klammer, foi publicado no Brasil. Com exceção de *O Compromisso*, os demais livros foram lançados após o anúncio do Nobel por editoras de prestígio no país, como Companhia das Letras e Globo.

<sup>538</sup> O livro mais traduzido de Müller para o exterior é *Tudo que tenho levo comigo*, lançado em 17 de agosto de 2009 na Alemanha, data do aniversário de 56 anos da escritora. Até julho de 2010, quarenta e cinco licenças de tradução haviam sido vendidas, indicando, na visão de Sievers, um crescimento do interesse na

Outros países onde a circulação dos livros de Müller é relevante são os Estados Unidos e Inglaterra, tanto pela presença de estudiosos da autora em universidades de ambos os países quanto de traduções premiadas, como a realizada pelo poeta alemão Michael Hoffmann em 1998 do romance *Fera d'alma*, o que garantiu uma apreciação da obra mülleriana anos antes do anúncio do Nobel na imprensa anglófona.<sup>539</sup> No entanto, mesmo com esses fatores, a circulação dos livros da autora nesses países é marcada pela fragmentação e descontinuidade até o anúncio do Nobel. Isso se explica pelo fato de Müller ser publicada por editoras independentes, que têm como objetivo traduzir escritores desconhecidos do grande público.<sup>540</sup> Dessa forma, mesmo sendo respeitada e pesquisada nos círculos acadêmicos, Müller é uma autora cujas obras pouco circulavam entre o grande público anglófono antes de 2009, o que despertou o questionamento de quem seria a escritora e sua relevância artística entre alguns articulistas que discutiram a atribuição do Nobel em jornais como *The Guardian*.<sup>541</sup>

O anúncio do Nobel ocorreu em 08 de outubro de 2009 em Estocolmo: de acordo com a justificativa oficial dada pela Academia para a escolha da autora, Müller reúne “a concentração da poesia e a franqueza da prosa ao retratar a paisagem dos despossuídos”.<sup>542</sup> No site do prêmio, o secretário permanente da Academia Sueca, Peter Englund, detalha os motivos que levaram à seleção da escritora em entrevista concedida momentos após o anúncio. Segundo Englund, Müller foi escolhida tanto pela relevância das estórias narradas, marcadas pela estranheza e pela experiência de ser parte da minoria populacional sob uma ditadura, quanto pelo uso meticoloso da linguagem. Nas palavras do secretário:

---

obra da autora após o Nobel. O fato de *Tudo que tenho levo comigo* ser o livro mais traduzido de Müller se liga à preferência dos editores em publicar os livros mais recentes ao lançar um novo autor no mercado. (SIEVERS, 2013, 179). Após *Tudo que tenho levo comigo*, o livro mais traduzido de Müller é *Fera d'Alma*, que contava com dezesseis traduções em 2009. Entre os romances, o menos traduzido é *Reisende auf einem Bein*, cujo enredo se passa na Alemanha capitalista. Para Sievers, o menor interesse em traduzir este livro se vincula à publicidade das editoras, que focam no passado ditatorial da escritora e desconsideram outras temáticas, como o exílio e a experiência de deslocamento após a chegada em Berlim. Cf. SIEVERS, Wiebke. Eastward Bound: Herta Müller's international reception, In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>539</sup> SIEVERS, ibid. A tradução de Michael Hoffmann, com o título *The land of green plums*, publicada em 1996, ganhou o Prêmio Literário Internacional IMPAC de Dublin em 1998. O prêmio prestigia livros escritos em inglês ou traduzidos para o inglês. Para concorrer, o livro deve ter sido publicado no mundo literário anglófono dois anos antes da premiação. O prêmio de 100 mil euros é dividido, no caso de uma tradução, da seguinte maneira: 75 mil euros para o escritor e 25 mil euros para o tradutor.

<sup>540</sup> SIEVERS, ibid.

<sup>541</sup> SIEVERS, ibid. Para Enikő Stringham, a atitude de questionar quem é Herta Müller após o anúncio do Nobel revela certa arrogância por parte dos articulistas. Mesmo não estando entre as escritoras mais populares e vendidas até então, o trabalho da autora já havia sido alvo de discussões na imprensa de países anglófonos durante a década de 1990, após a premiação pela tradução de *Fera d'alma*. Nas próximas páginas, apresentarei alguns dos artigos que discutem a reação dos jornalistas à atribuição do Nobel a Müller. Para mais detalhes, ver STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*, op.cit.

<sup>542</sup> NOBEL MEDIA AB. *The Nobel Prize in Literature 2009*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2009/summary/>. Acesso em 08 de setembro de 2019. Cito a justificativa completa: “The Nobel Prize in Literature 2009 is awarded to Herta Müller “who, with the concentration of poetry and the frankness of prose, depicts the landscape of the dispossessed.” (no original).

Ela [Herta Müller] viveu em uma ditadura que constantemente usou mal e abusou da linguagem e isso forçou o ceticismo presente nela em relação ao uso das palavras, em relação ao uso da linguagem e assim por diante. Ela tem uma (...) precisão na linguagem e acho que isso advém da experiência de viver em uma ditadura que corrompe a linguagem no cotidiano e do fato dela fazer parte de uma língua minoritária. Então, acho que esses fatores lhe conferem essa singularidade, essa dupla experiência de fazer parte de uma minoria linguística, mas também de viver em uma sociedade oprimida.<sup>543</sup>

Englund destaca alguns aspectos biográficos que compõem a obra mülleriana, fator muito presente nas críticas da imprensa selecionadas para fazer parte deste capítulo. Além disso, ele assinala que a escritora deveria ser especialmente premiada pelo uso criativo da linguagem e pelo componente político que perpassa sua obra, já que Müller interroga reiteradamente os abusos promovidos pelos governantes de seu país. Ao crescer em uma sociedade que emprega a linguagem como ferramenta para justificar as violências cometidas, Müller teria encontrado na inventividade linguística uma maneira de questionar e resistir aos excessos do poder.

Na imprensa alemã, as reações ao prêmio foram imediatas. De acordo com o site Voxeurop.eu, especializado em reunir e comentar as atualidades da imprensa europeia, Müller foi saudada como uma “Nobel contra as ditaduras”, que mantém dentro de si “a memória de várias histórias europeias”.<sup>544</sup> Em matéria do dia 09 de outubro de 2009, o site resume as reações de alguns dos principais jornais alemães. Nas matérias selecionadas, a atribuição do Nobel é encarada como adequada, posto que Müller possui um histórico de luta contra as ditaduras e livros que transitam entre diferentes sociedades, característica fortemente presente na literatura alemã contemporânea. Em seus artigos, os jornais destacaram o aspecto político da obra da autora, que tem dentre seus temas os efeitos deletérios provocados por governos autoritários na vida dos sujeitos.

Entre as reações listadas pelo site, encontra-se a do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, publicado na cidade de Frankfurt. De acordo com o jornal, o Nobel representa um grande dia para a literatura alemã, já que a obra mülleriana apresenta os efeitos da repressão do Estado na vida dos indivíduos por meio de um emprego atento da linguagem. Já o *Suddeutsche Zeitung*, de Munique, salienta que a escritora é uma mediadora entre mundos ao trabalhar questões tanto do período da Guerra Fria quanto da Alemanha do início do século XXI. Outro jornal, o

<sup>543</sup>NOBEL MEDIA AB. *Prize announcement*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2009/prize-announcement/> Acesso em 08 de setembro de 2019. “She has been living in a dictatorship that is constantly misusing and abusing language and this has forced the sort of skepticism in her regarding the use of words, regarding the use of language and so on. She has a (...) precision in her language and I think it comes out of this experience living in a dictatorship that corrupts language in its everyday use and also living as a minority language. So, I think that gives her this uniqueness, this double experience of being a part of a language minority, but also living in an oppressed society.” (no original)

<sup>544</sup>PRESSEUROP. Herta Müller, um Nobel contra as ditaduras. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/113451herta-mueller-um-nobel-contra-ditaduras>. Acesso em 08 de setembro de 2019.

*Tageszeitung*, publicado em Berlim, destacou que este era o terceiro Nobel atribuído a um escritor de língua alemã em dez anos.<sup>545</sup> Atribuir o prêmio a Müller é encarado como adequado e um alerta para a Alemanha: na visão da publicação, enquanto leitores em um mundo globalizado, a sociedade alemã não pode se informar apenas sobre o seu passado, ocultando os conflitos ocorridos em outros continentes. Dessa forma, o público deve procurar livros que abordem os conflitos atuais em literaturas pouco lidas.

Para os intuições deste capítulo, gostaria de apresentar mais três matérias da imprensa alemã que analisam as implicações do prêmio. A primeira delas, assinada pelo jornalista Ulrich Baron, foi publicada na versão internacional do site da revista alemã *Der Spiegel* em 08 de outubro de 2009. Baron assinala que Müller é “uma voz política que também é poética”<sup>546</sup> fundamental no cenário alemão contemporâneo e que laureá-la foi “correto e importante”<sup>547</sup>, posto que ela reúne “as grandes virtudes da literatura”.<sup>548</sup>

O jornalista, após uma breve apresentação de dados biográficos da vida da autora, salienta que Müller escreve contra o terror ao confrontar os “leitores com o mundo alienado do regime de Ceausescu, mas também com a alienação em sua vida privada”<sup>549</sup> por meio de uma linguagem poética, corajosa e pouco convencional presente em livros como *A raposa já era o caçador*, *Fera d'alma* e *O compromisso*. De acordo com Baron, a escolha da Academia foi original, pois “frustrou o eterno debate sobre qual país deveria ganhar o prêmio desta vez. O prêmio foi para uma autora que se mantém e escreve de maneira única- entre territórios nacionais.”<sup>550</sup>

Ao escrever entre Europas, os laços de Müller se manifestam não pelos limites dos Estados, mas pelo fazer e desfazer de laços culturais, muito mais fluidos e passíveis de negociação. A escolha de Müller pode, segundo Baron, nos levar a repensar o conceito de Europa diante dos conflitos que ocorrem entre os Estados-nação na atualidade. Dessa forma, na visão do articulista, a atribuição do Nobel é um lembrete de cunho político que destaca a importância de não esquecermos o passado e de estarmos atentos para as mudanças ocorridas no espaço geográfico europeu das últimas décadas.

<sup>545</sup> Em 1999, o autor alemão Günter Grass foi o recipiente do Nobel. Já em 2004, a escritora austríaca Elfriede Jelinek foi a laureada.

<sup>546</sup> BARON, Ulrich. Herta Müller and the Nobel Literature Prize: an impulse for a new Central Europe. 08 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/hertamueller-and-the-nobel-literature-prize-an-impulse-for-a-new-central-europe-a-654063.html>. Acesso em 08 de setembro de 2019. “a political voice that can also sing poetic” (no original)

<sup>547</sup> BARON, ibid. “correct and important” (no original)

<sup>548</sup> BARON, ibid. “the great virtues of literature” (no original)

<sup>549</sup> BARON, ibid. “Müller confronts readers with the alien world of the Ceausescu regime, but also with the alienation in her own life.” (no original)

<sup>550</sup> BARON, ibid. “foiled the perpetual debate over which country and which author should get his or her turn this time. It has awarded the prize to an author, who stands and writes in her own unique way -- between national territories.” (no original)

A segunda matéria, também publicada na versão internacional do site da revista *Der Spiegel*, é assinada pelo escritor búlgaro radicado na Alemanha Iliya Troyanov<sup>551</sup>. Para Troyanov, a “casa” de Herta Müller é “o seu passado, um passado que permanece colado a ela como uma tatuagem”.<sup>552</sup> A atribuição do Nobel para a escritora foi “um sinal de que as injustiças do comunismo no Leste Europeu não deveriam ser trivializadas”<sup>553</sup> O prêmio dirige a atenção global, mesmo que momentaneamente, para uma obra que demanda uma leitura atenta ao ter na utilização meticulosa da linguagem uma de suas principais características.

De acordo com Troyanov, escritores como Müller, forçados ao exílio pelas circunstâncias políticas, não podem “observar o mundo através das lentes de sua recém-adquirida riqueza, segurança e conforto- pois eles se tornaram o que são em virtude do seu passado, um passado que não pode ser deixado para trás.”<sup>554</sup> Os livros da autora tratam da opressão, tortura, desumanização e o desdém dos governos pelos indivíduos, temáticas que ainda ressoam na sociedade europeia do início do século XXI. Em cada uma de suas obras, Müller “luta contra o esquecimento, contra o frenesi do encobrimento e banalização que tem prevalecido na Europa desde 1989 e que busca abrandar um dos piores períodos de degradação e destruição do indivíduo como uma normalidade regulada.”<sup>555</sup>

Ao laurear Müller, a Academia Sueca reconhece que a escritora permaneceu íntegra diante dos abusos governamentais, mesmo diante das reivindicações de alguns críticos literários, desejosos de que ela apresentasse novos temas e abordagens em seus romances e ensaios. A premiação também reconhece que sua obra evoca e descontrói o totalitarismo vivenciado nas últimas décadas do século XX como praticamente nenhum outro escritor do Leste Europeu na atualidade. Fechando seu artigo, Troyanov afirma perceber o prêmio como “um importante sinal. O processo de chegar a um acordo com um passado comunista é de importância existencial e está

---

<sup>551</sup> Iliya Troyanov: nascido em 1965 na capital búlgara, se exilou na Alemanha com sua família em 1971. Nos anos seguintes, viveu em diferentes países, como Quênia, Índia e África do Sul. Atualmente, mora em Viena. Durante sua carreira, o escritor publicou diversos livros de ficção e não-ficção sobre suas experiências na África e traduziu autores africanos para o alemão.

<sup>552</sup> TROYANOV, Iliya. Nobel Prize for Herta Müller: patriot of an estrangled homeland. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/nobel-prize-for-herta-mueller-patriot-of-an-estranged-homeland-a-654148.html> Acesso em 10 de setembro de 2019. “Herta Müller homeland is her past, a past that is etched into her like a tattoo”. (no original)

<sup>553</sup> TROYANOV, ibid. “a signal that the injustices of communism in Eastern Europe should not be trivialized.” (no original)

<sup>554</sup> TROYANOV, ibid.“observe the world through the lens of their newly won affluence, security and comfort -for they have become what they are by virtue of their past, a past which cannot be left behind.” (no original)

<sup>555</sup> TROYANOV, ibid. “fights against forgetting, against the frenzy of concealment and trivialization which has prevailed in Eastern Europe since 1989 and which seeks to pass off one of the worst periods of degradation and destruction of the individual as a regulated normality.” (no original)

longe de completa. O prêmio recompensa uma obra corajosa e indomável e encoraja aqueles com um caminho similar.”<sup>556</sup>

A terceira matéria, publicada originalmente no jornal *Frakfurter Rundschau*, de Frankfurt, se intitula “Ode a Herta Müller” e foi escrita pelo literato romeno Mircea Cartarescu, que também possui romances nos quais critica duramente o regime de Ceausescu.<sup>557</sup> O autor inicia o artigo destacando sua animação com a premiação de Müller. Para Cartarescu, Müller é uma “pessoa extraordinária”<sup>558</sup> e que sempre o impressionou ao reunir “poder e nobreza”<sup>559</sup>, mesmo sendo uma mulher aparentemente frágil.

Em seguida, ele descreve o estilo da autora como “brilhante, pura poesia”<sup>560</sup>. A ambição da escritora em manter a integridade moral durante os anos da ditadura é definida como “uma espada interior”<sup>561</sup>, o que permitiu à jovem Müller resistir aos maus feitos governamentais. Cartarescu considera que a autora mantém uma relação de amor e ódio com seu país natal, sentimentos expressos de maneira recorrente quando Müller aborda o passado romeno:

Herta fala romeno como eu, ela está saturada com a língua, cultura e literatura romenas, ela sempre esteve obcecada com as expressões poéticas romenas na linguagem comum que ela usa e desenvolve em muitos de seus romances. Tudo que ela escreveu se passa na Romênia, um país que ela ama e odeia, um país que mesmo que a tenha destruído (o país certamente deixou *profundas marcas em seu cérebro*) é uma parte de sua memória viva, é parte dela tanto quanto a Alemanha o é. A (...) criminosa ditadura romena fez dela o que ela é agora, alojando-se profundamente em sua mente o *traumático grão de areia* que produziu a pérola.<sup>562</sup>

De acordo com Cartarescu, os escritos de Müller são o produto de “uma obsessão intensa, um terror único paranoico de estar sendo seguida, perseguida, de ter que lutar contra um inimigo penetrante e incompreensível, que está empenhado em desfigurá-la e deturpá-la”<sup>563</sup>, o que a

<sup>556</sup> TROYANOV, ibid. “as an important signal. The process of coming to terms with the communist past is of existential importance and is far from complete. The prize rewards an indomitable and courageous body of work and encourages those who tread a similar path.” (no original)

<sup>557</sup> Mircea Cartarescu: nascido em 1965 em Bucareste, Cartarescu é considerado um dos principais autores contemporâneos da literatura romena. Desde 1991, é professor associado da Faculdade de Letras de Bucareste. Ao longo de sua carreira, iniciada em 1978, publicou poesias, contos e crítica literária.

<sup>558</sup> CARTARESCU, Mircea. *Ode to Herta Müller*. 13 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.signandsight.com/features/1946.html>. Acesso em 10 de setembro de 2019. “an extraordinary person”. (no original)

<sup>559</sup> CARTARESCU, ibid. “power and noblesse” (no original)

<sup>560</sup> CARTARESCU, ibid. “brilliant, pure poetry” (no original)

<sup>561</sup> CARTARESCU, ibid. “an inner sword” (no original)

<sup>562</sup> CARTARESCU, ibid. “Herta speaks Romanian like myself, she is saturated with the Romanian language, culture and literature, she has always been obsessed with Romanian poetic expressions in the common language that she uses and develops in so many of her novels. Everything she has written is set in Romania, a country that she loves and hates, a country which, even if it has damaged her (it has certainly left *deep scars on her brain*) it is a part of her living memory, is part of her at least as much as Germany is. The (...) criminal dictatorship in Romania has made her what she is now, having lodged deep in her mind the *traumatic grain of sand* that produced the pearl.” (no original. Os grifos são do autor)

<sup>563</sup> CARTARESCU, ibid. “an intense obsession, a unique, paranoid terror of being followed, held in suspicion, persecuted, of having to fight a pervasive and incomprehensible enemy, which is bent on defacing and misrepresenting her.” (no original)

aproxima de autores como o tcheco Franz Kafka. A obra mülleriana também é associada aos quadros da pintora Frida Kahlo, graças ao componente surrealista e onírico presente na produção artística de ambas. As pinturas de Kahlo, na maioria autorretratos, combinam arte naïf com elementos fantásticos. São recorrentes temas de dores físicas e emocionais de um sujeito impotente. Já as obras de Kafka abordam a incapacidade do indivíduo diante de poderes arbitrários que lhe escapam, temáticas semelhantes aos da escritora homenageada pelo artigo. Cartarescu especula o que seria da escrita de Müller em um mundo mais livre: “Podemos apenas especular o que teria se tornado a escrita mülleriana se a Romênia fosse um mundo livre. Estou certo de que ela teria sido uma grande poeta, mas ela não seria Herta Müller.”<sup>564</sup>

Cartarescu ainda assinala que o Nobel é “uma honra que ela merece totalmente”<sup>565</sup>. Além disso, é um prêmio que honra a Alemanha. Não apenas pelo fato de a escritora ter suas origens vinculadas às tradições alemãs, mas porque “o Estado e a indústria cultural alemã tiveram a perspicácia de reconhecê-la quando ela era uma simples imigrante, a generosidade de admirá-la quando ela publicou seus livros, e a fé que a levou para onde ela está agora. Em outras palavras, onde ela sempre esteve.”<sup>566</sup> Com o anúncio, o rosto de Müller estava estampado “em todos os lugares em Berlim, em todos os jornais e em todos os anúncios do metrô. Foi como estar em um sonho”.<sup>567</sup> O prêmio representa um momento de alegria e deveria ser celebrado por todos aqueles preocupados em combater as injustiças que ainda grassam na sociedade alemã.

As três matérias enfocam as implicações culturais e políticas que se encontram por detrás da premiação: para Baron, Müller é uma escritora situada entre mundos ao transitar entre diferentes países e que reúne grandes qualidades literárias ao possuir uma linguagem desafiadora. Já na visão de Troyanov, o Nobel é um lembrete da Academia Sueca para a sociedade alemã: as injustiças cometidas no passado recente não devem ser esquecidas, mas debatidas seriamente no espaço público europeu. Cartarescu, por sua vez, em um artigo bastante elogioso, assinala que passado e presente não estão desvinculados na vida e escrita müllerianas. O passado fornece à autora o material de suas narrativas, mas é na Alemanha que ela pode se expressar com liberdade e refletir com maior tranquilidade emocional sobre os abusos cometidos na época da ditadura ainda não devidamente equacionados.

---

<sup>564</sup> CARTARESCU, ibid. “We can only speculate what her writing would have become if Romania were a free world. I’m certain she would still have been a great poet, but she would not have been Herta Müller” (no original)

<sup>565</sup> CARTARESCU, ibid. “The Nobel Prize for Herta Müller is an honour she deserves absolutely” (no original)

<sup>566</sup> CARTARESCU, ibid. “the German state and the German cultural industry had the wisdom to recognize her when she was a simple immigrant, the generosity to admire her when she published her books, and the *faith* that propelled her to where she is now. In other words, where she has always been.” (no original. Os grifos são do autor)

<sup>567</sup> CARTARESCU, ibid. “everywhere in Berlin, in all the newspapers and on all the screens in the underground. It was like being in a dream.” (no original)

Em dissertação que analisa a recepção da imprensa de língua alemã ao prêmio, Enikő Stringham aponta que reações menos positivas também ocorreram, especialmente na Áustria e Suíça. Nos artigos selecionados pelo pesquisador, os articulistas encaram Müller como uma boa escritora, mas assinalam que outros autores mais populares e representativos da literatura contemporânea, como Philip Roth e Amós Oz, deveriam ter sido distinguidos. Se na Alemanha, a autora foi celebrada por importantes figuras do cenário cultural e político, como a chanceler Angela Merkel e o escritor Günter Grass, que consideraram a premiação satisfatória e uma honra para a Alemanha, reações mais matizadas também se fizeram presentes na cobertura da imprensa de língua alemã.<sup>568</sup>

As reações no país natal da escritora, a Romênia, também foram mistas. Irei me apoiar no artigo da crítica literária Anamaria Ducteac Segesten, intitulado “The post-Communist Afterlife of Dissident Writers: the case of Herta Müller”, para apresentá-las sucintamente. Segesten assinala que alguns veículos se dividiram em considerar sua premiação uma honra para o país enquanto outros foram menos elogiosos, já que a autora é uma crítica ferrenha da história recente romena. No circuito cultural romeno, Müller é conhecida por sua posição anticomunista e pelas declarações polêmicas relacionadas à manutenção de um regime democrático de fachada na Romênia vinte anos após a queda do regime de Ceausescu.<sup>569</sup>

Ao analisar jornais e revistas de circulação nacional, publicados na capital Bucareste, a pesquisadora aponta que o país possui uma imprensa de tamanho reduzido com cunho conservador. A premiação de Müller acontece no mesmo momento do início de amplas discussões públicas sobre o passado comunista e a memória coletiva do país. Nas palavras de Segesten:

Antes de 2007, a problematização da herança comunista era praticamente não existente na mídia convencional. Apenas com a inauguração em 2007 da Comissão Presidencial para o Estudo do Regime Comunista o debate público decolou, abrindo uma caixa de Pandora de reações emocionais e propostas políticas. Isso trouxe de volta o foco nos romances de Herta Müller situados na Romênia de Ceausescu. Por causa das experiências pessoais em lidar com a antiga polícia secreta, Müller também se tornou mais proeminente na mídia. Essa proeminência aumentou quando ela foi laureada em 2009 com o Prêmio Nobel de Literatura, um fato que foi amplamente discutido e comentado na época tanto em jornais diários e semanais quanto em revistas culturais.<sup>570</sup>

<sup>568</sup> Para mais detalhes, remeto à leitura da dissertação de Stringham, especialmente o capítulo 9. Cf. STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*, op.cit.

<sup>569</sup> Cf : SEGESTEN, Anamaria Ducteac. *The post-Communist Afterlife of Dissident Writers: the case of Herta Müller* In: SCHOENHALS, Michael; SARSENOV, Karin. *Imaging the Mass Dictatorship: the individual and the masses in Literature and Cinema*. Palgrave Macmillan, 2013.

<sup>570</sup> SEGESTEN, ibid. A Comissão a que se refere Segesten foi instituída pelo Presidente Traian Băsescu (que governou a Romênia entre 2004 e 2014) e tinha o objetivo de investigar os crimes cometidos durante o regime comunista. A Comissão, formada em abril de 2006, foi liderada pelo historiador Vladimir Tismăneanu e apresentou o relatório final ao Parlamento Romeno em dezembro do mesmo ano. O relatório foi adotado como o documento oficial do Estado romeno sobre o período e condena o regime comunista, considerando-o criminoso e ilegítimo. “Prior to 2007, the problematization of the Communist heritage was practically non-existent in mainstream media. Only with the inauguration in 2007 of the Presidential Commission for the Study of the Communist Regime did the public debate really take off, opening a

Conforme Segesten, a partir de 2007, Müller participou de modo mais constante na vida pública romena, momento no qual as críticas realizadas por ela sobre a ditadura encontraram maior interesse por parte da imprensa. As reiteradas críticas da escritora sobre o governo Ceausescu acabaram por influenciar as leituras realizadas sobre o Nobel, dado que parte relevante da sociedade romena ainda tem dificuldades em discutir o passado ditatorial de maneira tão crítica quanto Müller.

Para os intelectuais que comentaram o Nobel nos jornais e revistas estudados por Segesten, aceitar as ferrenhas críticas de Müller ao regime comunista significa reconhecer a dificuldade que os romenos possuem ao lidar com questões delicadas de sua história. Recusar as críticas da autora significa, por sua vez, desmerecer o debate travado no país sobre o passado comunista. A recepção ao Nobel seguiu duas linhas principais: a primeira, de cunho mais crítico, questiona se a Romênia contribuiu ou não para a formação de Müller enquanto escritora: seria o país merecedor de considerar o prêmio como uma distinção para a literatura e cultura nacionais, posto que Müller é uma crítica ferrenha da política local? Além disso, muitos de seus livros não estão traduzidos para o romeno. A segunda linha, de cunho mais objetivo, elogia Müller por sua carreira e assinala que a autora reforça o debate necessário sobre o passado recente do país.<sup>571</sup>

Em países de língua inglesa, como Estados Unidos e Inglaterra, as reações também foram variadas, indo do elogio ao questionamento de quem seria Herta Müller. Após o anúncio do prêmio, jornalistas de veículos como *The New York Times*, *The Washington Post* e *The Guardian* analisaram as implicações do prêmio e comentaram algumas obras da escritora já traduzidas para o inglês. Para os intuitos deste capítulo, selecionei quatro matérias publicadas ao longo de outubro de 2009.

A primeira delas foi publicada no *The New York Times* em 08 de outubro de 2009. Os articulistas Motoko Rich e Nikolas Kulish fazem uma apresentação geral da vida e obra müllerianas para o público do jornal. A matéria, intitulada “Herta Müller wins Nobel Prize in Literature” (“Herta Müller ganha o Prêmio Nobel de Literatura”), começa com a associação da premiação ao aniversário dos vinte anos da queda do comunismo na Europa. Os jornalistas assinalam que a escritora é “relativamente desconhecida fora dos círculos literários alemães”<sup>572</sup> e que somente cinco de seus livros se encontravam traduzidos na época para o inglês.<sup>573</sup>

---

Pandora's box of emotional reactions and political proposals. This brought back into focus Herta Müller's novels set in Ceausescu's Romania. Because of her personal experiences in dealing with the former secret police, she also became more prominent in the media. This prominence increased after she was awarded in 2009 the Nobel Prize in Literature, a fact which was widely discussed and commented upon at the time in both daily and weekly newspapers as well as cultural journals.” (no original)

<sup>571</sup> SEGESTEN, ibid.

<sup>572</sup> KULISH, Nikolas; RICH, Motoko. Herta Müller wins Nobel Prize in Literature. 08 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09nobel.html>. Acesso em 12 de setembro de 2019. “relative unknown outside of literary circles in Germany” (no original)

<sup>573</sup> Até 2009, os livros traduzidos para o inglês eram: *O homem é um grande faisão no mundo* (traduzido em 1989 com o título de *The Passport*); *Fera d'alma* (traduzido em 1996 com o título de *The land of green*

Rich e Kulish destacam a participação da autora em uma coletiva de imprensa organizada em Berlim pela Associação de Editores e Livreiros Alemães no dia 08 de outubro após o anúncio da premiação. Ao longo da coletiva, Müller abordou seu passado sob a ditadura e analisou como a escrita a ajudou a lidar com as feridas emocionais advindas das perseguições estatais. Os jornalistas citam algumas personalidades do meio político e cultural alemão, que avaliam positivamente os livros de Müller e salientam a personalidade reservada da escritora. O artigo também traz algumas considerações da acadêmica Lyn Marven, professora de literatura alemã da Universidade de Liverpool. Segundo Marven, a premiação é inesperada, dado o fato de Müller não ser uma autora conhecida do grande público em âmbito internacional. A crítica ressalta que o estilo da escritora é poético, com livros que analisam o passado romeno durante os anos Ceausescu.<sup>574</sup>

Em outra matéria publicada no *The New York Times* em 09 de outubro de 2009, o jornalista e escritor norte-americano Dwight Garner analisa de modo mais incisivo os trabalhos da escritora. Intitulado “A prize that shies from predictability” (“Um prêmio que foge do previsível”), o artigo se inicia com o comentário de que as escolhas do Nobel nos últimos anos têm sido marcadas pelo reconhecimento de escritores “cujo trabalho é conhecido apenas por uma elite (...) dentre os leitores americanos.”<sup>575</sup> Em seguida, Garner aponta que Müller é a décima segunda mulher a ser galardoada desde 1901 com o Nobel de Literatura, o que pegou muitos leitores desprevenidos e se questionando quem seria Herta Müller.

Para o articulista, o trabalho da escritora se junta a outros laureados pouco traduzidos e desconhecidos do grande público em língua inglesa, como Elfriede Jelinek (premiada em 2004) e o romancista francês Jean-Gustave Marie Le Clézio (premiado em 2008). Com a premiação, os livros de Müller se encontravam de repente “sob forte demanda e pouca disponibilidade; o Comitê do Nobel proporcionou aos leitores americanos outro inesperado e vagamente exótico dever de casa.”<sup>576</sup>, dificultando uma apreciação mais criteriosa da obra mülleriana.

Em seguida, o jornalista questiona se a Academia Sueca não a distinguiu pelos méritos políticos de seu trabalho, dado que Müller “explora com frequência o exílio e o cotidiano sombrio da vida sob o regime de Nicolau Ceausescu na Romênia”<sup>577</sup>. Além disso, Müller é conhecida por

<sup>574</sup> plums); *Reisende auf einem Bein* (traduzido em 1998 com o título de *Traveling on one leg*); *Depressões* (traduzido em 1999 com o título de *Nadirs*) e *O Compromisso* (traduzido em 2001 com o título de *The Appointment*).

<sup>574</sup> KULISH, RICH, *ibid.*

<sup>575</sup> GARNER, Dwight. A prize that shies from predictability. 08 de outubro de 2009. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09prize.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09prize.html?_r=0). Acesso em 12 de setembro de 2019. “whose work is known only to an elite (...) of American readers” (no original)

<sup>576</sup> GARNER, *ibid.* “in great demand and short supply; the Nobel committee has given American readers another unexpected and vaguely exotic homework assignment.” (no original)

<sup>577</sup> GARNER, *ibid.* “often explores exile and the grim quotidian realities of life under the dictator Nicolae Ceausescu of Romania” (no original)

criticar publicamente escritores de minoria alemã que foram coniventes com o governo socialista e se posicionar firmemente contrária a governos que desrespeitam as liberdades individuais.

Garner também salienta que outros autores favoritos ao Nobel, como Phillip Roth e Amós Oz, ainda não foram laureados, o que indica a preferência da Academia por escritores europeus. Ele lista uma série de autores conhecidos e admirados na literatura norte-americana contemporânea, entre eles Thomas Pynchon, Joyce Carol Oates e Don de Lillo, que mereceriam o prêmio e são preteridos ano após ano. O artigo conclui afirmando que a escolha de Müller, apesar de inesperada, é inspiradora. Ao longo do seu texto, Garner não desmerece a distinção, mas questiona o porquê da não escolha de escritores situados fora do continente europeu, sugerindo uma resistência, por parte da Academia Sueca, em premiar outras literaturas também relevantes no cenário global contemporâneo.

Outra análise do Nobel, publicada no *The Washington Post* em 09 de outubro de 2009 ressalta o aparente descaso que a Academia Sueca possui em relação à literatura norte-americana. Escrito pela jornalista Mary Douglas, o artigo “Herta Mueller wins Nobel Prize in Literature” (“Herta Müller ganha o Prêmio Nobel de Literatura”) começa com a pergunta provocadora: “Herta quem?”<sup>578</sup> Jordan assinala que muitos leitores e importantes críticos literários americanos, como Harold Bloom, nada tinham para comentar sobre a premiação, já que nunca tinham ouvido falar da escritora. O desconhecimento, segundo a articulista, se estenderia à Alemanha, país onde Müller não é uma autora popular entre o grande público, sendo reconhecida como uma grande escritora apenas no restrito círculo de acadêmicos e intelectuais interessados na literatura alemã contemporânea.

Em seguida, Jordan destaca que a última norte-americana a ser premiada com o Nobel foi a escritora Toni Morrison, em 1993. Destacando o desprezo que o júri responsável pela seleção dos laureados cultiva em relação à literatura produzida nos Estados Unidos, Jordan cita as declarações feitas em 2008 pelo então secretário permanente da Academia Sueca, Horace Engdahl: para Engdahl, o centro da vida literária mundial ainda se concentraria na Europa, dado que poucas traduções da literatura americana se encontram disponíveis no mercado europeu, fato que dificulta uma maior circulação internacional das obras literárias criadas nos Estados Unidos. Um tom mais conciliatório foi adotado pelo novo secretário, Peter Englund, em 2009: Englund afirmou que o fato de os dezoito membros do júri serem europeus pesa na decisão final, problema que deveria ser corrigido nos anos seguintes. No entanto, mesmo com tais declarações, realça Jordan, Müller foi a escolhida.

---

<sup>578</sup> JORDAN, Mary. Herta Mueller wins Nobel Prize in Literature. 09 de outubro de 2009. Disponível em:<http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2009/10/08/AR2009100800965.html?nav=E8> Acesso em 12 de setembro de 2019. “Herta Who?” (no original)

Em um dos momentos mais duros de seu texto, a jornalista cita um editor e escritor nova-iorquino que, como ela, demonstra irritação diante da não premiação de autores norte-americanos por tanto tempo:

“É como se eles estivessem em algum outro universo”, disse um proeminente editor e escritor em Nova York sobre os 18 membros do júri do Nobel. Ele disse que passar por cima de autores como [Philip] Roth, Haruki Murakami e Salman Rushdie diminui o prêmio. “Se o comitê do Prêmio Nobel concedesse o prêmio de medicina dessa maneira, ainda teríamos poliomielite.”<sup>579</sup>

Concluindo seu artigo, Jordan destaca que o Nobel concedido a Müller marca os vinte anos da queda do comunismo na Europa e possui um forte componente político.<sup>580</sup> Ao longo de seu texto, a articulista, assim como Garner, questiona os méritos artísticos de Müller ao assinalar que autores mais conhecidos internacionalmente deveriam ter sido laureados no lugar da romena. A insistência em premiar escritores europeus seria um indicativo do caráter eurocêntrico da Academia Sueca, que ainda considera a literatura europeia como a mais relevante no cenário global.

A quarta e última matéria é retirada do *The Guardian* e foi publicada em 24 de outubro de 2009. Nos dias seguintes à premiação, o jornal publicou matérias sobre Müller, trazendo informações a respeito das principais características da obra e detalhes da vida da escritora.<sup>581</sup> Escrita pelo escritor e jornalista Tibor Fischer, o artigo “*The Passport and Nadirs by Herta Müller*” analisa dois livros da autora disponíveis em língua inglesa à época da premiação: *O homem é um grande faisão no mundo* e *Depressões*.

Fischer começa o artigo afirmando possuir simpatia por aqueles que nasceram na Romênia governada por Ceausescu e faz um breve panorama histórico das dificuldades existentes na Europa Central ao longo dos anos 1980. Sua apreciação do estilo de Müller, no entanto, não é das mais elogiosas:

De todos os escritores que ganharam o Nobel, Müller deve ter o estilo de prosa mais rudimentar. A citação do Comitê Nobel faz referência à “franqueza da prosa”. Com a possível exceção de Dan Brown (...) a prosa não possui mais franqueza que isso. (...) Metade de suas sentenças possuem menos de 10 palavras, e poucas possuem mais de 14. Se concisão e claridade de expressão te agradam, Müller é leitura essencial. (...) Se o trabalho dela tivesse me sido

<sup>579</sup> JORDAN, ibid. “It's like they are in some other universe”, a prominent editor and writer in New York said about the 18-member Nobel jury. He said passing over the likes of Roth, Haruki Murakami and Salman Rushdie diminishes the prize. “If the Nobel prize committee awarded the medicine prize like this, we'd still have polio.” (no original)

<sup>580</sup> JORDAN, ibid.

<sup>581</sup> Entre as matérias publicadas, destaco a escrita pela jornalista Alison Flood em 08 de outubro de 2009. Na matéria “Herta Müller takes Nobel Prize for Literature”, Flood apresenta um histórico de Müller sob a ditadura e detalha algumas apreciações da obra da escritora. Ver FLOOD, Alison. 08 de outubro de 2009. Herta Müller takes Nobel Prize for Literature. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2009/oct/08/herta-Müller-nobel-prize-literature>. Acesso em 12 de setembro de 2019.

entregue em um curso de escrita criativa, eu sugeriria o uso de orações subordinadas de vez em quando.”<sup>582</sup>

Associar o trabalho de Müller, no contexto de um comentário sobre o Nobel, a um escritor vinculado à literatura considerada de massas passa longe de constituir um elogio. Fischer afirma não compreender as escolhas artísticas da escritora: apesar de celebrada nos círculos literários alemães, ele aponta que a linguagem empregada nos livros resenhados é abstrata e confusa, dificultando a compreensão do leitor daquilo que está sendo narrado no texto. Mesmo que a autora tenha sido contemplada com o principal prêmio literário da contemporaneidade, Fischer afirma não estar convencido dos méritos artísticos de Müller após lê-la.<sup>583</sup>

Passo agora a algumas reações na imprensa brasileira. Selecionei três matérias que discutem as implicações do prêmio, duas retiradas do jornal *Folha de São Paulo* e outra do site G1. A primeira delas, intitulada “Alemã Herta Müller leva Nobel de Literatura”, foi assinada pelos jornalistas Marcos Strecker e Raquel Cozer. A matéria salienta que Müller foi “perseguida pelo comunismo e é pouco conhecida fora da Europa”<sup>584</sup>, sendo a premiação uma surpresa “tanto pela notoriedade limitada quanto por ela ser jovem- tem 56 anos”<sup>585</sup>. Além disso, é destacado que Müller aparecia entre as favoritas a ganhar o prêmio no site inglês Landbrokes (que organiza anualmente apostas referentes ao Nobel de Literatura), desbancando literatos mais populares internacionalmente, como o israelense Amós Oz e os norte-americanos Philip Roth e Joyce Carol Oates.

Strecker e Cozer apontam que Müller possuía somente um romance publicado no Brasil até 2009 e apresentam aos leitores algumas informações referentes às vendas de *O Compromisso*:

---

<sup>582</sup> FISCHER, Tibor. *The Passport and Nadirs* by Herta Müller. 24 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2009/oct/24/passport-herta-Müller-book-review>. Acesso em 12 de setembro de 2019. “Of all the writers who’ve won the Nobel prize, Müller must have the most rudimentary prose style. The citation from the Nobel committee refers to the “frankness of prose.” With the possible exception of Dan Brown (...) prose doesn’t come any franker than this. (...) Half of her sentences are under 10 words long, and few are over 14. If concision and clarity of expression is your pleasure, Müller delivers to the front door. (...) If her work had been handed to me in a creative writing class I’d be pleading for the use of a subordinate clause every now and then.” (no original)

<sup>583</sup> O artigo de Fischer provocou reação entre os leitores e outros articulistas do *The Guardian*, que resenharam positivamente os livros de Müller publicados em inglês: por exemplo, o escritor e crítico literário inglês Nicholas Lezard publicou um artigo em resposta a Fischer, no qual elogia os méritos artísticos de Müller. Resenhando o romance *Fera d’alma* em 14 de novembro de 2009, Lezard ressalta que, dado o pouco contato que o público anglófono possui com a obra da escritora, os críticos deveriam ser menos apressados em questionar as qualidades literárias da autora. Cf. LEZARD, Nicholas. *The Land of Green Plums, by Herta Müller*. 14 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2009/nov/14/land-green-plums-lezard-review>. Acesso em 16 de setembro de 2009. Para mais detalhes de outras resenhas publicadas no *The Guardian*, ver STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*, op.cit.

<sup>584</sup> COZER, Raquel; STRECKER, Marcos. Alemã Herta Müller leva Nobel de Literatura. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910200908.htm>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

<sup>585</sup> COZER; STRECKER, ibid.

Müller teve um único romance publicado no Brasil, “O Compromisso”. O livro saiu em 2004 pela editora Globo, com tradução de Lya Luft. Até junho, vendera 285 exemplares da tiragem de 2.090. Ontem foram vendidas para livrarias todas as unidades restantes. “Esperamos que o interesse aumente”, diz o coordenador editorial da Globo, Joaci Furtado, que voltará a negociar com a agente de Müller.<sup>586</sup>

Os articulistas também comentam que o Nobel é “um gesto político”<sup>587</sup> ao laurear uma escritora que utiliza a literatura “como elemento transformador”<sup>588</sup>. A premiação também celebra a chamada “Migrantenliteratur (literatura de migrantes) dos autores expatriados”<sup>589</sup>, um gênero que tem raízes “históricas e é forte na Alemanha. Müller ainda se associa a uma seleta linhagem de autores exilados de origem romena”<sup>590</sup>, que possui em Emil Cioran e Paul Celan os nomes mais conhecidos.

As próximas duas matérias destacam a reação dos tradutores de textos de Müller no Brasil e apontam para diferentes leituras da obra da escritora. Uma delas, intitulada “Comendo pelas beiradas” foi escrita por Marcelo Backes, escritor e tradutor do conto *A canção de marchar*, publicado em 2004 pela editora L&PM como parte do livro *Escombros e Caprichos: O melhor do conto alemão no século 20*.<sup>591</sup> Backes afirma que Müller é “uma grande surpresa”<sup>592</sup> e que suas obras se caracterizam pela “linguagem poética, pontilhada de metáforas e de tom peculiar. Aproveita bem um alemão às vezes um tanto arcaico -falado pela minoria alemã da Romênia- e o lirismo da locução estranha.”<sup>593</sup> Os livros da autora tratam do

ser humano abandonado a si mesmo, obrigado a abrir mão de sua pátria, a desconfiar do melhor amigo, a encarar o Estado como inimigo. A autora processa o que viveu e sentiu, e alcança o universal a partir da experiência individual, que sabe importante e significativa; mesmo quando encara o fantástico, o surreal, é porque só ele é capaz de dar conta da realidade. Ela quebra o silêncio, arranca a mordaça “eterna” imposta pelo sistema totalitário de Ceaușescu, a fim de investigar o significado do estigma, de averiguar em que medida é irreversível a avaria anímica causada pelo tacão de um Estado que invadiu sua casa, sua família, seu ser (quando descobriu que a melhor amiga a espionava).<sup>594</sup>

Segundo Backes, o regime de Ceaușescu é caracterizado nos livros de Müller como opressor e capaz de invadir os aspectos mais íntimos da vida dos sujeitos. Nesse contexto, a escrita aparece como uma tentativa de quebrar o silêncio imposto pela ditadura totalitária. Em seguida, ele ressalta que o medo é o sentimento predominante entre os personagens da escritora e que

<sup>586</sup> COZER; STRECKER, ibid.

<sup>587</sup> COZER; STRECKER, ibid.

<sup>588</sup> COZER; STRECKER, ibid.

<sup>589</sup> COZER; STRECKER, ibid.

<sup>590</sup> COZER; STRECKER, ibid.

<sup>591</sup> MÜLLER, Herta. *A canção de marchar*. In: BACKES, Marcelo; RENNER, Rolf G. (org.) *Escombros e caprichos: o melhor do conto alemão no século 20*, op.cit.

<sup>592</sup> BACKES, Marcelo. Comendo pelas beiradas. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910200910.htm> Acesso em 16 de setembro de 2019.

<sup>593</sup> BACKES, ibid.

<sup>594</sup> BACKES, ibid.

Müller se “indigna poeticamente e mostra confiança quase tocante no poder da palavra”<sup>595</sup>. Backes finaliza o artigo comentando que o então recém-publicado romance *Tudo que tenho levo comigo* “mostra uma autora no auge de sua produção”<sup>596</sup> e que mais livros da escritora deveriam ser traduzidos para o português, de modo a facilitar seu acesso ao público brasileiro.

Uma reação menos elogiosa foi a de Lya Luft, tradutora para o português do romance *O Compromisso*. De acordo com a matéria do jornalista Diego Assis, veiculada no site G1, Luft diz ter esquecido “que traduziu obra de vencedora do Nobel”<sup>597</sup>. Assis assinala que a reação de Luft foi parecida com a de muitas pessoas

em todo o mundo que foram pegas de surpresa com a notícia [da atribuição do Nobel a Müller]: “nunca ouvi falar”. Significativa diferença é que foi justamente Luft quem fez a única tradução até agora de um livro de Müller para o mercado editorial brasileiro - “O compromisso”, lançado em 2004 pela Editora Globo.<sup>598</sup>

Assis comenta que, ao ser interrogada por jornalistas após o anúncio do prêmio sobre o romance, Luft não se lembrava nem de detalhes do livro e nem da autora. Para sanar a dúvida de quem seria a ganhadora do Nobel, Luft ligou para a editora e pediu esclarecimentos. Ao longo da reportagem, o jornalista cita os apontamentos da tradutora sobre o romance: desculpando-se por não ter “coisas interessantes”<sup>599</sup> para dizer sobre o livro e a autora por não ser especialista em literatura alemã, Luft comenta brevemente que a personagem principal de *O Compromisso* é bastante kafkiana ao se encontrar em uma situação “a que não sabe como chegou, sempre muito fragilizada”.<sup>600</sup>

Luft ainda aponta que não achou o romance marcante e que os prêmios de literatura “são geralmente muito estranhos”<sup>601</sup>, dado que muitos premiados “não são interessantes, nem muito bons, e a gente não sabe por que ganha”<sup>602</sup> e que as escolhas dos vencedores possuem muitas vezes um caráter duvidoso. A matéria se encerra assinalando que Luft já traduziu livros de outros escritores ganhadores do Nobel de língua alemã, como Thomas Mann, Hermann Hesse e Günter Grass, aos quais ela “não poupa elogios.”<sup>603</sup>

Para finalizar esta primeira parte, gostaria de apontar que a reação à escolha da Academia Sueca depende da relação mantida pelos diferentes articulistas com os livros da escritora e o

<sup>595</sup> BACKES, ibid.

<sup>596</sup> BACKES, ibid.

<sup>597</sup> ASSIS, Diego. Lya Luft diz que tinha “esquecido” que traduziu obra de vencedora do Nobel. 08 de outubro de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1334837-7084,00-LYA+LUFT+DIZ+QUE+TINHA+ESQUECIDO+QUE+TRADUZIU+OBRA+DE+VENCEDORA+DO+NOBEL.html>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

<sup>598</sup> ASSIS, ibid.

<sup>599</sup> ASSIS, ibid.

<sup>600</sup> ASSIS, ibid.

<sup>601</sup> ASSIS, ibid.

<sup>602</sup> ASSIS, ibid.

<sup>603</sup> ASSIS, ibid.

passado ditatorial em países europeus.<sup>604</sup> Na Alemanha, Müller foi saudada como uma autora relevante graças ao combate às ditaduras em seus livros: a premiação foi considerada uma honra para a literatura e o estado alemães. Já na Romênia, as reações foram mais matizadas, dadas as críticas que a escritora realiza ao passado recente do país.

Em países como Estados Unidos e Inglaterra, que possuem poucas obras traduzidas da autora, os articulistas enfocaram no questionamento de quem seria Herta Müller e o porquê da não premiação de autores norte-americanos desde 1993. Além disso, é apontado o caráter eurocêntrico do Prêmio Nobel de Literatura, dado que autores europeus são privilegiados em detrimento de escritores conhecidos mundialmente. Já no Brasil, país que contava com um romance e um conto de Müller traduzidos até 2009, destaco a reação dos tradutores: enquanto a avaliação de Marcelo Backes é bastante positiva, ressaltando as qualidades literárias dos escritos müllerianos, Lya Luft é menos elogiosa e salienta que os prêmios literários nem sempre são justos, posto que muitos ganhadores não são bons escritores.

Como aponta Enikő Stringham, o Nobel de Literatura marca um antes e um depois na carreira de Müller, dada a repercussão internacional da premiação e o aumento do interesse nos livros da autora nos anos subsequentes.<sup>605</sup> Se a recepção de livros como *O rei se inclina e mata*, lançado em 2003, se restringiu à imprensa alemã e de países como a Polônia e Suécia (que publicaram traduções de *O rei se inclina e mata* em 2005)<sup>606</sup>, obras como *Tudo que tenho levo comigo* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio* foram traduzidas pouco tempo após o lançamento em diversos países que pouco ou nenhum contato tinham com os livros da escritora, podendo ser lidas e analisadas criticamente por um público mais amplo.<sup>607</sup>

Passo agora à segunda parte deste capítulo, no qual discutirei a participação de Müller na Semana Nobel e as duas leituras feitas pela escritora durante os dias passados em Estocolmo. Nelas, ela enfatiza a importância da literatura enquanto agente de questionamento de práticas autoritárias em situações de privação das liberdades individuais. A partir dos discursos lidos por Müller, apontarei como o componente político foi relevante para a escolha da Academia Sueca, que encara o caráter oposicionista como uma característica importante dos escritos da autora.

---

<sup>604</sup> Cf. SIEVERS, Wiebke. Eastward Bound: Herta Müller's international reception. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>605</sup> Cf. STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*, op.cit.

<sup>606</sup> No seu artigo sobre a recepção de Müller, Sievers detalha a recepção dos livros da autora em países como Polônia e Suécia, traçando as semelhanças e diferenças na recepção nesses países. Ela, assim como Stringham, assinala que o Nobel atraiu um maior interesse na obra mülleriana, permitindo que um maior número de leitores tivesse acesso aos romances e ensaios da autora. Assim, minha seleção do Prêmio Nobel como ponto de partida para a discussão sobre a recepção dos livros de Müller se justifica por permitir abordar como uma autora que transita entre diferentes culturas em seus textos é lida em várias localidades. Cf. SIEVERS, Wiebke. Eastward Bound: Herta Müller's international reception. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*, op.cit.

<sup>607</sup> SIEVERS, ibid.

## 7.2 Em muitas frentes, muitos lugares e a literatura oposicionista na contemporaneidade

Após o anúncio dos ganhadores em outubro, o próximo passo é a entrega dos prêmios, que ocorrem durante a Semana Nobel em Estocolmo. Durante esta semana, que se inicia anualmente em 06 de dezembro e se encerra no dia 12, os laureados são convidados a participar de diversas atividades, tais como palestras, conferências de imprensa, visitas a museus e universidades, sessões de autógrafos e a cerimônia de premiação.

No caso de Müller, destaco dois momentos de sua participação durante os dias passados em Estocolmo: o primeiro deles, ocorrido em 07 de dezembro, envolveu a leitura de um discurso preparado para ser lido na Academia Sueca, exigência a que todos os recipientes do Nobel de Literatura estão submetidos. Intitulado “Toda palavra conhece algo do círculo vicioso”, Müller abordou em seu discurso temas que estão presentes em seus livros, tais como a ferrenha crítica às ditaduras, a importância dos pequenos objetos para aqueles que se encontram sob regimes totalitários e a necessidade de um uso criativo da linguagem como forma de se contrapor aos ditames ditoriais.

Destaco nos próximos parágrafos alguns pontos deste discurso, em especial os que fazem referência à importância atribuída por Müller ao texto literário em contextos nos quais os valores que guiam a existência parecem se dissipar. Ao longo de sua fala, a escritora narra o assédio a que foi submetida enquanto trabalhava em uma fábrica de tratores após se recusar a colaborar com a Polícia Secreta. Como forma de dar sentido à situação de intensa perseguição psicológica em que se encontrava, ela afirma ter recorrido à escrita como uma maneira de reagir ao medo da morte.

Para a autora, a escrita “é um fazer mudo, um trabalho da cabeça na mão”<sup>608</sup>, no qual as palavras se articulam silenciosamente para escapar do uso cotidiano das palavras, que perdem seu sentido graças aos abusos cometidos pelos governantes. Segundo Müller, sua escrita

começou no silêncio, lá na escada da fábrica, onde eu tinha de fazer mais do que era possível ser dito. O acontecido não podia mais ser articulado no falar. (...) Eu reagi ao medo da morte com ânsia de viver. Tratava-se de uma ânsia de palavras. Só o torvelinho de palavras podia abarcar meu estado. Ele soletrava aquilo que não podia ser dito com a boca.<sup>609</sup>

Como assinala Müller, as palavras foram o único recurso encontrado para lidar com as complicadas experiências sob a ditadura. Na visão da autora, para ser efetiva, a escrita precisa ser atravessada por um uso meticuloso da linguagem, já que as palavras cotidianas não lhe permitem narrar de modo adequado os maus feitos cometidos durante os anos Ceausescu. Em outro trecho

<sup>608</sup> MÜLLER, Herta. Toda palavra conhece algo do círculo vicioso. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit, p. 17.

<sup>609</sup> MÜLLER, ibid, p.17-8.

do discurso, ela destaca que, ao escrever, as palavras tomam a dianteira e determinam o modo pela qual os relatos serão construídos:

Em paralelo à realidade, a pantomima das palavras entrou em ação. Ela não respeita nenhuma dimensão do real, encolhe as coisas principais e estica as secundárias. (...) A pantomima é furiosa e permanece amedrontada e tão viciada quanto enfastiada. O tema ditadura está presente por si mesmo, porque o que é evidente nunca mais volta quando foi quase completamente roubado de alguém. O tema aparece de maneira implícita, mas as palavras me possuem. Levam o tema para onde quiserem. Nada mais está certo e tudo é verdadeiro.<sup>610</sup>

Na concepção da autora, a escrita se constitui em um processo altamente criativo, no qual as palavras escolhem por quais caminhos a narrativa será conduzida. Através da literatura ocorre a recriação das experiências passadas, o que acaba por surpreender e redescobrir o já vivido. Ao indicar que em seu processo de escrita as palavras a levam para onde querem, Müller aponta que suas obras são compostas em meio a um processo ativo de criação, o que nos permite refletir tanto sobre o passado ditatorial quanto sobre as possibilidades de narrar nossas vivências anteriores por meio da escrita. Para a autora, escrever assume um caráter de urgência, visto que é por meio do uso criativo da linguagem que suas experiências não se perderão no esquecimento. Em situações como as vividas por ela ao longo da ditadura, Müller destaca que as palavras “tornam-se tão urgentes que o vivido tem de se agarrar a elas para não sumir.”<sup>611</sup>

Através do ato de escrever, a autora considera que é possível transformar humilhações em algo digno:

Para nos certificarmos de nossa própria existência, precisamos dos objetos, dos gestos e das palavras. De quanto mais palavras pudermos nos servir, mais livres seremos. Quando a boca nos é proibida, procuramos nos afirmar por meio dos gestos, até dos objetos. São mais difíceis de ser interpretados, permanecem insuspeitos durante algum tempo. Podem nos ajudar a transformar uma humilhação em algo digno, que permanece insuspeito durante um tempo.<sup>612</sup>

Além da escrita, os gestos e objetos do cotidiano são fundamentais para garantir aos sujeitos um sentimento de pertencimento e de certificação da própria existência diante das proibições estatais. Em seu discurso, Müller reafirma muitas das análises levadas a cabo nos ensaios que compõem as coletâneas *O rei se inclina e mata* e *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*: ao refletir sobre seu processo criativo, a autora salienta que a literatura pode representar um meio de fuga das coerções ditatoriais. A literatura é considerada um poderoso instrumento no qual são ressaltadas as impressões e experiências individuais, em contraposição ao caráter coletivo de governos totalitários.

<sup>610</sup> MÜLLER, ibid, p.18.

<sup>611</sup> MÜLLER, ibid, p.19.

<sup>612</sup> MÜLLER, ibid, p.19-20.

Considerações semelhantes foram feitas pela escritora no segundo discurso proferido durante a Semana Nobel, em 10 de dezembro de 2009. Intitulado “Saudação”, o curto discurso de agradecimento reafirma a crença de Müller no poder da literatura enquanto uma fonte de apoio para os indivíduos em momentos nos quais os valores descarrilam. Segundo a autora, os pequenos objetos do cotidiano, como os livros, são uma das únicas propriedades privadas que os sujeitos possuem em sociedades que valorizam o coletivo. Os livros, diz Müller, podem ser um importante estímulo para o pensamento crítico em tais sociedades.<sup>613</sup>

Ao longo do dia 10 de dezembro, a escritora participou de dois eventos referentes ao Nobel. O primeiro, ocorrido na Sala de Concertos de Estocolmo, é o momento no qual os laureados recebem um diploma e uma medalha das mãos do rei da Suécia. Cada ganhador é precedido por um discurso de apresentação. No caso de Müller, este discurso foi realizado por Anders Olsson, professor de literatura na Universidade de Estocolmo e membro da Academia Sueca desde 2008. O segundo evento ocorreu logo em seguida na Prefeitura de Estocolmo: nele, os laureados são convidados a proferir um curto discurso de agradecimento, momento no qual a escritora leu o texto “Saudação”. Após as leituras, segue-se um banquete para cerca de mil e trezentos convidados.

Gostaria de detalhar agora as considerações de Anders Olsson feitas durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel. Enquanto membro da Academia Sueca, o discurso de Olsson é relevante ao apresentar as principais temáticas trabalhadas por Müller em seus romances e textos ensaísticos. As considerações do crítico podem ser encaradas tanto como uma introdução à obra da autora quanto como uma justificativa, por parte da Academia Sueca, dos motivos que levaram Müller a ser distinguida com a premiação.

De acordo com o crítico, Müller possui “uma energia linguística com a qual nos ligamos desde a primeira frase. Algo relacionado à vida ou à morte está em jogo. Nós sentimos isso rapidamente por meio da temperatura, a respiração apressada, o detalhe afiado e tudo que está implícito, mas permanece não dito.”<sup>614</sup> A escritora escolhe a “oposição [aos regimes autoritários] enquanto método”<sup>615</sup>: seus textos são ancorados na própria experiência de Müller como dissidente

<sup>613</sup> MÜLLER, Herta. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.22-4. Tratei deste discurso com mais detalhes no capítulo 5.

<sup>614</sup> OLSSON, Andres. *The Nobel Prize in Literature 2009- Presentation Speech*. Disponível em: [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/2009/presentation-speech.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2009/presentation-speech.html). Acesso em 18 de setembro de 2019. “a linguistic energy that we bond with from the first sentence. Something concerning life or death is at stake. We sense this quickly through the temperature, the hurried breathing, the sharp detail, and everything implied but left unsaid.” (no original)

<sup>615</sup> OLSSON, ibid. “opposition as a method” (no original). Olsson destaca que, ao se opor aos poderes ditatoriais por meio da literatura, Müller se aproxima de escritores como o austriaco Thomas Bernhard (1931-1989) que, em suas obras, critica duramente seu país natal e discute os efeitos do passado nazista na sociedade contemporânea.

do regime comunista e sua obra foca nos anos Ceausescu, período histórico no qual “o medo e a traição e a constante vigilância”<sup>616</sup> grassavam entre a população.

Segundo Olsson, as primeiras obras da autora abordam “um tipo de ditadura dentro da ditadura”<sup>617</sup>, representada pelo vilarejo onde Müller nasceu. Nos livros de contos *Depressões* e *Barfüßiger Februar*, somos introduzidos no cotidiano repetitivo de pessoas que se isolaram após o final da Segunda Guerra Mundial e celebram tradições excludentes, como as promovidas pelo regime nazista. Em outras obras, especialmente aquelas escritas após o exílio para a Alemanha em 1987, Müller expõe como o sentimento de “alienação se estende pela ditadura romena em geral”<sup>618</sup>: de acordo com Olsson, isso se faz presente em romances como *A raposa já era o caçador*, *Fera d’alma* e *O Compromisso*, nos quais os personagens são obrigados a lidar com a perseguição estatal e o medo durante todos os momentos de seu cotidiano nas cidades. Dessa forma, para Müller, toda a Romênia se encontrava sob o jugo de uma ditadura, sendo a população obrigada a organizar sua existência a partir dos preceitos autoritários do regime.

Ainda de acordo com Olsson, para Müller, o exílio “serve para afiar a confrontação com a ditadura”<sup>619</sup> e o retorno ao país natal se configura como “uma impossibilidade”<sup>620</sup>. Neste contexto, os pequenos objetos cotidianos são um dos amparos que os sujeitos possuem ao serem desprovidos de sua dignidade. Os objetos frequentemente mostram a Müller “uma direção. Eles possuem um papel fundamental em sua prosa, por conta de seus lados obscuros relacionados aos labirintos do medo”<sup>621</sup>. Na visão da autora, se os regimes de cunho autoritário apregoam a unidade, é através da valorização dos pequenos detalhes e da narração de acontecimentos cotidianos que as estruturas tirânicas podem ser contrapostas.

Em seguida, é destacado o emprego cuidadoso da linguagem presente nas obras müllerianas: o crítico aponta o livro de ensaios *O rei se inclina e mata* como um guia que introduz os leitores nas considerações da escritora sobre a temática. Nas palavras de Olsson, “se o mundo é ambíguo e opaco,

a literatura deve deixar de fornecer uma visão geral enganosa [da realidade]. Ela disse que apenas a surpresa ficcional nos permite abordar a realidade. (...) Em sua coleção de ensaios, *O rei se inclina e mata*, de 2003, um guia indispensável à sua autoria, ela explica que não encontra diferença conclusiva entre poesia e prosa. Sua individualidade como narradora reside exatamente nessa capacidade de casar a densidade da poesia com a sensação de detalhes em prosa. Ela faz isso com uma sintaxe clara, onde todas as orações exigem nossa atenção.<sup>622</sup>

<sup>616</sup> OLSSON, ibid. “fear and betrayal and constant surveillance.” (no original)

<sup>617</sup> OLSSON, ibid. “a kind of dictatorship within a dictatorship” (no original)

<sup>618</sup> OLSSON, ibid. “exposition of alienation widens into the Romanian dictatorship in general”

<sup>619</sup> OLSSON, ibid. “serves to sharpen the confrontation with dictatorship” (no original)

<sup>620</sup> OLSSON, ibid. “an impossibility” (no original)

<sup>621</sup> OLSSON, ibid. “a direction. They play a major part in her prose, because their shadow-side points to the labyrinths of fear.” (no original)

<sup>622</sup> OLSSON, ibid. “literature must cease to provide a deceptive overview of it. She has said that only fictional surprise allows us to approach reality. (...) In her essay collection, *Der König verneigt sich und*

Como assinala Olsson, *O rei se inclina e mata* pode ser lido como uma porta de entrada para o universo literário da autora, dado que nele Müller aborda em detalhes como se desenrola seu processo de criação ficcional. Ao longo dos nove ensaios que compõem a coletânea, Müller discute detidamente o emprego da linguagem em seus livros e como a literatura pode ser um mecanismo de questionamento e transformação social, assuntos também presentes nos textos de *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, o outro livro de ensaios da autora selecionado para compor esta pesquisa e publicado dois anos após o recebimento do Nobel.

Finalizando suas considerações, Olsson destaca a escrita do romance *Tudo que tenho levo comigo*, que contou com a intensa participação de Oskar Pastior ao longo de sua feitura. Na visão do crítico, as preocupações apresentadas ao longo do romance aproximam Müller do poeta romeno Paul Celan, que também se dedicou a narrar o terror nazista em suas poesias por meio de um emprego meticoloso da linguagem. Dirigindo-se diretamente à autora, Olsson resume os motivos pelos quais Müller é merecedora da distinção:

Querida Herta Müller,  
Você demonstrou grande coragem em repudiar de modo intransigente a repressão provincial e o terror político. É pelo valor artístico dessa oposição que você merece este prêmio (...) E embora você tenha dito que o silêncio e a supressão lhe ensinaram a escrever, você nos deu palavras que nos envolvem profunda e diretamente- no silêncio e além dele. Gostaria de expressar as mais calorosas congratulações da Academia, pois agora solicito que você receba o Prêmio Nobel de Literatura das mãos de Sua Majestade, o Rei.<sup>623</sup>

Como salienta Olsson ao longo de sua fala, os textos müllerianos podem ser caracterizados pela oposição a regimes que desrespeitam as liberdades individuais e pela constante busca por maneiras criativas de empregar a linguagem. Podemos considerar esses dois atributos como os mais relevantes para a escolha de Müller enquanto recipiente do prêmio por parte da Academia Sueca, já que ambas as características também são ressaltadas na justificativa oficial e na apresentação feita pelo então secretário permanente Peter Englund durante a entrevista realizada logo após o anúncio da premiação. As características ressaltadas por Olsson compõem uma literatura denominada por Edward Said de caráter oposicionista, que tem sido valorizada na premiação do Nobel desde os anos 1980.<sup>624</sup>

---

tötet from 2003, an indispensable guideline to her authorship, she explains that she finds no conclusive difference between poetry and prose. Her individuality as a narrator resides in just that ability to marry poetry's density with the feel for detail in prose. She does this in crystal-clear syntax, where every clause demands our attention." (no original)

<sup>623</sup> OLSSON, ibid. "Dear Herta Müller. You have shown great courage in uncompromisingly repudiating provincial repression and political terror. It is for the artistic value in that opposition that you merit this prize. (...) And even though you have said that silence and suppression taught you to write, you have given us words that grip us deeply and directly – in silence and beyond silence. I would like to express the warmest congratulations of the Swedish Academy as I now request you to receive the Nobel Prize for Literature from the hands of His Majesty the King." (no original)

<sup>624</sup> Cf. SAID, Edward. O papel público de escritores e intelectuais. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Em artigo publicado em 2001, intitulado “O papel público dos escritores e intelectuais”, Said desenvolve alguns pontos que nos auxiliam a pensar tanto no componente político contido na seleção dos laureados quanto no papel que a literatura pode desempenhar na sociedade contemporânea, considerações que utilizarei para fechar as discussões realizadas neste capítulo. O crítico assinala que o escritor é tradicionalmente associado a alguém que produz literatura em forma de romance, poesia ou teatro. No entanto, no início do século XXI, o escritor começa a assumir cada vez mais “atributos oposicionistas em atividades como a de dizer a verdade diante do poder, ser testemunha da perseguição e sofrimento, além daquele de dar voz à oposição em disputas contra a autoridade.”<sup>625</sup>

Para reforçar esse argumento, Said lista alguns dos laureados com o Prêmio Nobel de Literatura das últimas décadas. Cada nome nos remete

a uma região que se tenha tornado emblemática, que, por sua vez, possa ser vista como uma espécie de plataforma ou ponto de partida para atividades subsequentes daquele autor, tais como intervenções em debates que se dão muito longe do mundo da literatura. É o caso de Nadine Gordimer, Kenzaburo Oe, Derek Walcott, Wole Soyinka, Gabriel García Márquez, Octavio Paz, Elie Wiesel, Bertrand Russell, Günter Grass, Rigoberta Menchú, entre outros.<sup>626</sup>

Mesmo não citando o trabalho de Müller, premiada em 2009, podemos incluir a obra da escritora romena no rol da literatura oposicionista discutida por Said, que tem como característica comum trazer à tona os abusos do poder. Segundo Said, os escritores no debate contemporâneo assumem o papel de intelectuais na medida em que “ambos atuam na nova esfera pública dominada pela globalização (...), seu papel público como escritores e intelectuais pode ser discutido e analisado em conjunto. Outra maneira de expressá-lo é dizer que nós devemos nos concentrar naquilo que escritores e intelectuais têm em comum quando intervêm na esfera pública”<sup>627</sup>

Para Said, intelectuais e escritores partilham a possibilidade de expressar sua oposição a governos que desrespeitam as liberdades individuais por meio de suas obras e intervenções no debate público. Em situações de opressão, o papel de ambos é o de mostrar que conceitos e práticas que sustentam o poder são construções históricas que podem ser colocadas em xeque. Nas palavras do crítico, “o papel do intelectual, de modo geral, é elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto quanto o silêncio conformado do poder invisível, em todo lugar e momento em que seja possível.”<sup>628</sup>

Contra discursos utilizados pelos governos para justificar e mistificar seu funcionamento, o escritor pode fornecer relatos de como “identidade, tradição e nação são construídas como

<sup>625</sup> SAID, *ibid*, p.29.

<sup>626</sup> SAID, *ibid*, p. 29-30.

<sup>627</sup> SAID, *ibid*, p.31.

<sup>628</sup> SAID, *ibid*, p.35.

entidades, na maior parte das vezes na forma insidiosa de oposições binárias que são, inevitavelmente, expressas como atitudes hostis ao outro.”<sup>629</sup> Na construção do discurso do intelectual em nossos dias, Said foca a importância da ausência de

qualquer fórmula, planta baixa ou grande teoria para aquilo que o intelectual pode fazer, e, no momento, a ausência de qualquer teleologia utópica em cuja direção a história humana esteja caminhando. Portanto (...), inventam-se metas através da abdução, isto é, elaboram-se hipóteses de situações melhores a partir de fatos conhecidos, históricos e sociais.<sup>630</sup>

Isso permite ao escritor atuar “em muitas frentes, muitos lugares, muitos estilos e que mantêm em uso tanto o sentido de oposição quanto o sentido de participação engajada.”<sup>631</sup> Como podemos ver no caso de Müller, romances, contos e artigos de jornal são diferentes espaços para a reafirmação dos valores democráticos, considerados como sempre em construção e passíveis de discussão. Concluindo o artigo, Said aponta que

o pensamento de que o lar provisório do intelectual é o domínio de uma arte exigente, resistente e intransigente, dentro da qual não é possível, infelizmente, nem se esconder nem procurar soluções. Mas é apenas nesse precário mundo solitário que se pode verdadeiramente compreender a dificuldade daquilo que não pode ser compreendido e ir em frente e tentar assim mesmo.<sup>632</sup>

A análise de Said vai ao encontro das afirmações de Olsson em relação aos textos müllerianos: para o crítico da Academia Sueca, Müller desconfia da possibilidade de apreendermos diretamente a realidade através da escrita, sendo somente por meio da assumida recriação ficcional e da surpresa que podemos nos aproximar de nossas experiências passadas. Estas considerações não se desvinculam de preocupações envolvendo o questionamento dos abusos cometidos por diferentes governos ao longo do século XX. De acordo com Olsson, a escritora enfatiza em seus livros a importância do indivíduo e dos objetos cotidianos como contrapontos às estruturas coletivas que regiam a sociedade romena da segunda metade do século XX.

Por sua vez, Said assinala que a literatura de caráter oposicionista é um importante instrumento de discussão das agruras enfrentadas por aqueles submetidos a regimes que violam as liberdades individuais na contemporaneidade. A crença no poder questionador da literatura, compartilhada por Müller e outros escritores ganhadores do Nobel, esteve especialmente presente nas justificativas apresentadas pela Academia Sueca, que consideraram a oposição a governos ditatoriais como um fator relevante para laurear a escritora romena.

Dessa forma, ao passo que a leitura feita por diferentes veículos da imprensa sobre a premiação ressaltou aspectos mais gerais, como a relação entre os livros e a biografia da escritora,

<sup>629</sup> SAID, *ibid*, p.35.

<sup>630</sup> SAID, *ibid*, p.38.

<sup>631</sup> SAID, *ibid*, p.38.

<sup>632</sup> SAID, *ibid*, p.41.

o porquê da escolha e se ela foi justa ou não, a Academia Sueca salientou dois motivos para justificar a distinção: o primeiro é o caráter político que perpassa os livros müllerianos. O segundo é o emprego cuidadoso da linguagem: como apontou Olsson em sua apresentação, se a língua é deturpada por governos totalitários, é somente através da invenção artística que Müller acredita ser possível narrar suas experiências passadas. Esses elementos compõem o que Edward Said denomina uma literatura de cunho oposicionista, que intervém na esfera pública por meio da denúncia dos abusos cometidos pelos governantes.

Em seus dois discursos proferidos em Estocolmo, Müller ressaltou o caráter de oposição presente em seus escritos: ao encarar a literatura como um instrumento de questionamento do status quo, a autora assinala que suas críticas também apresentam algumas possibilidades de resistência a regimes totalitários. Entre elas, destacam-se as já citadas valorização do indivíduo e dos pequenos objetos cotidianos, em especial os livros, capazes de estimular o pensamento dissidente e de ser uma fonte de amparo em situações de privação da liberdade. É por meio dessas ferramentas que Müller interroga os pressupostos da sociedade em que cresceu, sem deixar de se preocupar com um emprego meticuloso e criativo da linguagem.

**“A HISTÓRIA ESTÁ POR TODA A PARTE” E A IMPORTÂNCIA  
DE LIVROS BEM ESCRITOS COMO FERRAMENTA DE CRÍTICA**

Ao longo desta dissertação, procurei analisar como os ensaios müllerianos podem auxiliar os historiadores a refletir sobre a escrita das pesquisas produzidas na academia e como a autora trabalha as temáticas do totalitarismo e do exílio. Para Müller, escrever sobre esses assuntos não se encontra dissociado de uma discussão sobre o modo como representamos o passado, dado que a linguagem pode ser empregada tanto para justificar quanto para interrogar os maus feitos cometidos pelos detentores do poder. Em ensaios como “Em cada língua estão fincados outros olhos”, a escritora salienta que a língua não é boa ou má *per si*: de acordo com ela, é a utilização da linguagem, encarada como um agente político e capaz de intervir na realidade social, o fator determinante para estabelecermos se seu emprego reforça exclusões ou é capaz de colocá-las em xeque.<sup>633</sup>

Na visão da autora, escrever sobre suas experiências passadas envolve uma recriação artística por meio de um uso meticoloso e criativo da linguagem, ponto de partida para as reflexões desenvolvidas no decurso da dissertação sobre as relações mantidas entre a escrita da história e a literária. Entre os tópicos que compuseram minhas reflexões, destaco a presença da subjetividade do pesquisador nas investigações historiográficas; a necessidade de estarmos atentos ao uso que fazemos da linguagem; e a importância de não simplificarmos e banalizarmos o passado ao termos os testemunhos de sujeitos despidos de sua dignidade como fontes de pesquisa, dado que nossos relatos podem ser importantes instrumentos de questionamento dos maus feitos perpetrados ao longo da história.

Em entrevista contida no livro *Minha pátria era um caroço de maçã*, publicado recentemente no Brasil, Müller destaca que ao escrever sempre leva em consideração que “a história está por toda a parte”<sup>634</sup>, especialmente em períodos nos quais os sujeitos são confrontados com os desígnios de governos totalitários. A autora encara a história como uma personagem atemorizante: dos diferentes encontros mantidos por ela e seus familiares com essa personagem, ninguém saiu ilesa, dado o grau de intervenção estatal na vida privada dos sujeitos. Ao refletir sobre a relação que mantém com os acontecimentos vividos nos anos em que morou na Romênia, Müller afirma:

Há muitos desses lugares de catástrofe, então preciso pensar: meu pai já esteve por toda parte aonde chego. Querendo ou não, minha família se arrasta pelo mundo atrás de mim. Ou eu a levo comigo para estes lugares, pois não dá para deixar a cabeça em casa. Não tenho que me sentir culpada pelo meu pai, mas preciso refletir sobre isso.<sup>635</sup>

---

<sup>633</sup> MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*, op.cit.

<sup>634</sup> MÜLLER, Herta. *Minha pátria era um caroço de maçã*. Tradução de Silvia Bittencourt. São Paulo: Globo, Edição do Kindle, 2019. Título original: *Mein Vaterland war ein Apfelskern: Ein Gespräch*. Ano de publicação original: 2014, locais do Kindle 32-3.

<sup>635</sup> MÜLLER, ibid, locais do Kindle 33-5.

Para a escritora, a história romena da segunda metade do século XX é marcada por inúmeras perdas, o que provoca repercussões tanto em nível individual quanto de modo mais amplo, já que “até as relações totalmente pessoais, mesmo relações mudas e instintivas de toda família, têm uma dimensão política, pois reagem ao sistema político que as cerca. O político ocasiona muito do psicológico e tem uma participação fatal em tudo e todos.”<sup>636</sup> Como assinala Müller, os aspectos mais íntimos de sua existência se encontravam envolvidos no que ela denomina “grande história”<sup>637</sup>, ou seja, a contínua intervenção do regime socialista no cotidiano de toda a população romena.

Ao ser confrontada com o “cruzamento da história individual com a história em grande escala”<sup>638</sup> a partir do passado de seus parentes (em especial o do seu pai, que participou da Waffen-SS como soldado) e da percepção de que a violência psicológica era a principal arma utilizada pelo governo para combater aqueles considerados inimigos, Müller encontrou na leitura de obras críticas e na escrita dois aliados, que lhe permitiram elaborar suas reflexões tanto sobre os mecanismos que regiam a sociedade em que cresceu quanto sobre as maneiras pelas quais as pessoas podem resistir a governos que desrespeitam as liberdades individuais.

Entre as reflexões construídas em *O rei se inclina e mata e Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, procurei destacar a atenção dispensada pela escritora aos pequenos detalhes, a um emprego criativo da linguagem e aos objetos cotidianos, que se colocam como contrapontos aos abusos cometidos por governos totalitários. De acordo com Müller, objetos cotidianos, tais como os livros, são capazes de fornecer um sentimento de pertencimento e individualidade em uma sociedade que valoriza somente o coletivo, além de permitir que os sujeitos adquiram uma percepção mais crítica do mundo em que estão inseridos.

Já a atenção dada aos pequenos detalhes se faz presente nas narrativas da escritora por meio de uma prosa poética e fragmentada, que mistura presente e passado ao enfocar as agruras existenciais de sujeitos comuns (como estudantes universitários, operárias e habitantes de vilarejos localizados no interior da Romênia) submetidos à perseguição ditatorial. Por sua vez, o uso metílico da linguagem é, na visão da literata, capaz de irritar os responsáveis pela perpetuação de práticas abusivas, além de não permitir que as trajetórias pessoais daqueles perseguidos e mortos pelo governo de Ceausescu sejam esquecidas.

A preocupação com um emprego metílico da linguagem também é primordial nas reflexões de Müller sobre suas experiências enquanto exilada. Ao não se sentir pertencente a nenhuma pátria, a autora valoriza em seus escritos o trânsito entre idiomas e culturas e a discussão de como práticas excluientes, que faziam parte do seu dia a dia na Romênia, se repetem no novo

<sup>636</sup> MÜLLER, ibid, locais do Kindle 33-5.

<sup>637</sup> MÜLLER, ibid, locais do Kindle 32-3.

<sup>638</sup> MÜLLER, ibid, locais do Kindle 33-5.

país. Entre tais práticas, a autora destaca a naturalização da violência e a indiferença dos agentes de imigração diante do seu passado. Conforme Rosvitha Friesen Blume, a chegada na Alemanha,

que poderia ser vista como um retorno à pátria dos antepassados, como a experiência de finalmente “chegar em casa”, como diz a expressão alemã, também não se revela como tal. Lá ela é considerada e se sente de fato uma estrangeira, uma imigrante do Leste Europeu, uma exilada. Ela, bem como suas personagens, não estão “em casa” em lugar algum; a experiência do não-pertencimento é duradoura.<sup>639</sup>

Desconfiando da possibilidade de pertencer a um país que quase a matou, Müller também não se sente acolhida na Alemanha, sendo a experiência de não pertencimento duradoura. Entre as perguntas trazidas à tona pela autora em seus ensaios sobre o exílio, destacam-se: como pertencer a um país que quase a matou? Como pertencer a uma minoria com tradições que valorizam os antepassados nazistas? Como se estabelecer em uma nova “casa” que não acolhe?

Ainda de acordo com Blume, o escritor que, como Müller, experimenta os limites da linguagem é caracterizado como um exilado, cuja posição já o coloca como dissidente por seu trabalho de perene estranhamento através da linguagem. Com considerações que vão ao encontro daquelas realizadas por Edward Said ao comentar as características que unem os laureados com o Prêmio Nobel de Literatura nas últimas décadas, Blume aponta que o intelectual contemporâneo seria aquilo que se situa no exílio ou na diáspora e faz da linguagem sua forma política de atuação.<sup>640</sup>

Dessa forma, Müller considera a literatura como uma importante ferramenta de intervenção social<sup>641</sup>, capaz de promover discussões sobre temáticas prementes na sociedade contemporânea. Ao refletir sobre como sua criação artística é perpassada pela sensibilidade, intuição e inventividade linguística, os ensaios müllerianos podem auxiliar na discussão de como esses aspectos também se fazem presentes na escrita da história, mesmo quando pesquisamos encontros com o passado que envolvem traumas e pesadas perdas para os sujeitos estudados.

Aproximo-me da finalização dos caminhos percorridos ao longo destas páginas sabendo que outras trajetórias poderiam ter sido traçadas e outras abordagens relacionadas à escrita da história trabalhadas com maior vagar. Entre elas, aponto para a discussão sobre os saberes da literatura: como aponta o historiador francês Ivan Jablonka, os historiadores não são os únicos detentores do passado, sendo os escritores de ficção também responsáveis por formar muitas das concepções que construímos sobre os tempos idos. Dessa maneira, nossas pesquisas devem se aproximar das elaborações feitas pelos literatos sobre o passado, não para se opor a elas, mas para compreender como a literatura também figura a temporalidade e a história, já que tais textos

<sup>639</sup> BLUME Rosvitha Friesen. “Não se pode pertencer a lugares”. A poética do deslocamento na obra de Herta Müller, op.cit.

<sup>640</sup> BLUME, ibid.

<sup>641</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*, op.cit.

também procuram compreender “o que está acontecendo, o que se passa, o que se passou, o que os desaparecidos e o mundo antigo se tornaram; um novo espaço que permite inscrever o verdadeiro em formas renovadas.”<sup>642</sup> Pensando nessa perspectiva, alguns questionamentos, apenas esboçados nesta dissertação, podem vir a compor investigações futuras: entre elas, destaco um maior detalhamento do papel do testemunho nas investigações historiográficas; uma discussão mais apurada de como a autora configura a complicada relação entre presente e passado, marcada por traumas de cunho pessoal e coletivo; e uma análise mais detalhada das formas pelas quais Müller encara os polos memória e esquecimento ao longo de sua obra, marcada pelo imperativo de garantir que os crimes cometidos contra ela e pessoas próximas sejam propriamente equacionados na esfera pública.

Em alguns momentos, acredito que acabei me restringindo em demasia às considerações da autora sobre seu fazer artístico e às construções elaboradas por ela sobre sua trajetória de vida, o que me auxiliou a pensar as questões que me propus discutir neste trabalho, mas que precisam ser encaradas com um maior distanciamento em outras pesquisas. Dados os limites que me propus para a produção desta dissertação, busquei analisar como a literatura pode ser útil para nos ajudar a refletir sobre a feitura das narrativas historiográficas, em uma tentativa de ressaltar os pontos de contato entre os dois campos, sem deixar de lado uma discussão sobre as críticas realizadas por Müller em relação às sociedades romena e alemã.

Encerro esta narrativa relembrando as palavras que concluem o discurso de agradecimento proferido por Müller em Estocolmo durante a Semana Nobel: como salienta a autora, escrever sobre temas delicados do passado é muito precioso para que o deixemos tombar em frases ruins. Se a literatura não pode mudar os acontecimentos traumáticos do passado, ela pode ser uma fonte de amparo e de promoção de discussões que questionam o status quo. Segundo a escritora, a literatura fala com cada um de nós individualmente, sendo os livros uma das poucas propriedades privadas que podem ser guardadas pelos sujeitos submetidos a governos totalitários. Em contextos de privação da liberdade, “nada fala de maneira tão incisiva conosco que um livro. E nada espera em troca, exceto que pensemos e sintamos”.<sup>643</sup>

Em momentos históricos como o que vivemos atualmente, nos quais as liberdades individuais são colocadas em risco em nosso país, procurarmos uma aproximação com outros saberes pode constituir uma inspiração para a elaboração de narrativas que não desconsiderem os aspectos artísticos e os afetos contidos no fazer historiográfico. Como procurei ressaltar ao longo destas páginas, levar em conta tais elementos na escrita da história pode ser um caminho para que as pesquisas acadêmicas atuem de modo mais incisivo na sociedade já que, como afirma Müller,

<sup>642</sup> JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *Artcultura*, v.19, n.35, jul-dez. 2017. Esta discussão também pode ser encontrada no seguinte artigo: ANHEIM, Étienne; LILITI, Antoine. Introduction. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v.2, n. 65, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-annales-2010-2-page-253.htm> Acesso em 08 de dezembro de 2019.

<sup>643</sup> MÜLLER, Herta. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*, op.cit., p.24

nada possui o poder de agir tão diretamente nas percepções de nossos leitores como textos e livros bem escritos, capazes de fazer sentir e pensar sobre o mundo de maneira mais crítica.

## FONTES DE PESQUISA

### Ensaios de Herta Müller citados:

#### Ensaios da coletânea *O rei se inclina e mata*:

MÜLLER, Herta. Em cada língua estão fincados outros olhos. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p.7-40.

\_\_\_\_\_. O rei se inclina e mata. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p.41-76.

\_\_\_\_\_. Se nos calamos, tornamo-nos incômodos- se falamos, tornamo-nos ridículos. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p. 79-108.

\_\_\_\_\_. Pegar uma vez-largar duas. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p.109-133.

\_\_\_\_\_. O olhar estranho ou a vida é um peido na lanterna. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p.135-56.

\_\_\_\_\_. Aqui na Alemanha. In: *O rei se inclina e mata*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Der König verneigt sich und tötet*. Ano de publicação original: 2003, p.187-198.

#### Ensaios da coletânea *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*:

MÜLLER, Herta. Toda palavra conhece algo do círculo vicioso. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p. 7-21.

\_\_\_\_\_. Saudação. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p. 22-4.

\_\_\_\_\_. Cristina e seu simulacro. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.42-74.

\_\_\_\_\_. Lalele, Lalele, Lalele ou A vida poderia ser tão bela como nada. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.75-82.

\_\_\_\_\_. Um motor tão grande e um corpo tão pequeno. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.83-94.

\_\_\_\_\_. Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.95-107.

\_\_\_\_\_. Milho amarelo e sem tempo. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.123-43.

\_\_\_\_\_. Mas sempre ocultou. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.163-69.

\_\_\_\_\_. O homem quer saber quem o está agarrando: sobre a “massa” de Canetti e o “poder” de Canetti. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p.170-181.

\_\_\_\_\_. Cada objeto tem de assumir seu lugar- e eu tenho de ser quem sou. In: *Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012. Título original: *Immer derselbe Schnee und immer derselbe Onkel*. Ano de publicação original: 2011, p. 182-193.

### Outros livros e textos de Herta Müller citados:

- MÜLLER, Herta. *Depressões*. Tradução de Ingrid Ani Assman. São Paulo: Globo, 2010. Título original: *Niederungen*. Ano de publicação original: 1982.
- \_\_\_\_\_. *Drückender Tango: Erzählungen*. Bucareste: Kriterion-Verlag, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O homem é um grande faisão no mundo*: um conto. Tradução de Tercio Redondo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Título original: *Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt*. Ano de publicação original: 1986.
- \_\_\_\_\_. *Reisende auf einem Bein*. Berlin: Rotbuch-Verlag, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Der Teufel sitzt im Spiegel*. Berlin: Rotbuch-Verlag, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A raposa já era o caçador*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Título original: *Der Fuchs war damals schon der Jäger*. Ano de publicação original: 1992.
- \_\_\_\_\_. *Fera d'alma*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2013. Título original: *Herztier*. Ano de publicação original: 1994.
- \_\_\_\_\_. *Hunger und Seide: essays*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1995.
- \_\_\_\_\_. *In der Falle*. Göttingen: Wallstein-Verlag, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O compromisso*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Globo, 2004. Título original: *Heute war ich mir lieber nicht begegnet*. Ano de publicação original: 1997.
- \_\_\_\_\_. A canção de marchar. In: BACKES, Marcelo; RENNER, Rolf G. (org.) *Escombros e caprichos*: o melhor do conto alemão no século 20. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Tudo o que tenho levo comigo*. Tradução de Carola Saavedra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Título original: *Atemschaukel*. Ano de publicação original: 2009.
- \_\_\_\_\_. *Minha pátria era um caroço de maçã*. Tradução de Silvia Bittencourt. São Paulo: Globo, Edição do Kindle, 2019. Título original: *Mein Vaterland war ein Apfelskern*: Ein Gespräch. Ano de publicação original: 2014.

### Sobre Herta Müller:

- ASSIS, Diego. Lya Luft diz que tinha “esquecido” que traduziu obra de vencedora do Nobel. 08 de outubro de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1334837-7084,00-LYA+LUFT+DIZ+QUE+TINHA+ESQUECIDO+QUE+TRADUZIU+OBRA+DE+VENCEDORA+DO+NOBEL.html>. Acesso em 16 de setembro de 2019.
- BACKES, Marcelo. Comendo pelas beiradas. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910200910.htm>. Acesso em 16 de setembro de 2019.
- BARON, Ulrich. Herta Müller and the Nobel Literature Prize: an impulse for a new Central Europe. 08 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/hertamueller-and-the-nobel-literature-prize-an-impulse-for-a-new-central-europe-a-654063.html>. Acesso em 08 de setembro de 2019.
- BLANC, Lydia. “*The cat and lizard*” game: censorship on German-speaking authors from Banat during the Ceausescu era. A case study: Horst Samson’s poetry book La Victoire. Tese de doutorado, European University Institute, Florença, 2009.
- BLUME, Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 21, n. 16, jun. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1982-88372013000100004>
- \_\_\_\_\_. “Não se pode pertencer a lugares”. A poética do deslocamento na obra de Herta Müller. *Revista Sociopoética*. João Pessoa, v.1., n.9, jan/jun.2012.
- \_\_\_\_\_. Traços migratórios e tradução cultural na obra ensaística de Herta Müller e Yoko Tawada. *Itinerários*, Araraquara, n.38, jan.-jun. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller*: confluências entre vida e obra. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278106743\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278106743_ARQUIVO_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf). Acesso em 25 de março de 2019.
- CARTARESCU, Mircea. Ode to Herta Müller. 13 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.signandsight.com/features/1946.html>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- CERCEL, Cristian. Romanian Germans and the Memory of the Deportation to the Soviet Union. *Euxeinos*: Governance and Culture in the Black Sea Region, v. 19-20, 2015.
- COOPER, Thomas. Bewteen Myths of Belonging. In: NEUBAUER, John ; TÖRÖK, Borbála Zsuzsanna (orgs.). *The Exile and Return of Writers from East-Central Europe*. A Compendium. De Gruyter: 2009.
- COZER, Raquel; STRECKER, Marcos. Alemã Herta Müller leva Nobel de Literatura. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910200908.htm>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

- FISCHER, Tibor. The Passport and Nadirs by Herta Müller. 24 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2009/oct/24/passport-herta-muller-book-review>. Acesso em 12 de setembro de 2019.
- FLOOD, Alison. Mo Yan's nod a "catastrophe", says fellow laureate Herta Müller. 26 de março de 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2012/nov/26/mo-yan-nobel-herta-Müller>. Acesso em 21 de março de 2019.
- \_\_\_\_\_. Herta Müller takes Nobel Prize for Literature. 08 de outubro de 2009 .Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2009/oct/08/hertha-muller-nobel-prize-literature>. Acesso em 12 de setembro de 2019.
- GARNER, Dwight. A prize that shies from predictability. 08 de outubro de 2009. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09prize.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09prize.html?_r=0). Acesso em 12 de setembro de 2019.
- GLAJAR, Valentina; BRANDT, Bettina. Interview with Ernest Wichner. In: \_\_\_\_\_. *Herta Müller: Politics and Aesthetics*, University of Nebraska Press, 2013.
- GLAJAR, Valentina. Banat-Swabian, Romanian and German: conflicting identities in Herta Müller's *Herztier*. *Monatshefte*, v.89, n.4, 1997.
- \_\_\_\_\_. The presence of the Unresolved Recent Past: Herta Müller and the Securitate. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford : Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654642.003.0004>
- HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford: Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654642.001.0001>
- HÎNCU, Adela-Gabriela. *Children of the cultural Revolution "Gone Ashtray"*: the forlorn 1970s Generation of German Writers from Socialist Romania. Mestrado em Artes. Universidade de Budapeste, 2013.
- HOLDEN, Anca-Elena Luca. *Cultural Identity in Contemporary German-Romanian Literature*: Richard Wagner and Herta Müller. Tese de doutorado, Universidade de Geórgia, Atenas, 2010.
- JORDAN, Mary. Herta Mueller wins Nobel Prize in Literature. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2009/10/08/AR2009100800965.html?nav=E8>. Acesso em 12 de setembro de 2019.
- KLEIN, Kelvin Falcão. Ficção como suplemento da história e voz do corpo: o caso Herta Müller. *Revista Escrita*. Rio de Janeiro. n.11, 2010. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.escrita.16355>
- KOHL, Katrin. Beyond Realism: Herta Müller's Poetics. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford : Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654642.003.0002>
- KULISH, Nikolas; RICH, Motoko. Herta Müller wins Nobel Prize in Literature. 08 de outubro de 2009. Disponível em : <https://www.nytimes.com/2009/10/09/books/09nobel.html>. Acesso em 12 de setembro de 2019.
- LEZARD, Nicholas. *The Land of Green Plums*, by Herta Müller. 14 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2009/nov/14/land-green-plums-lezard-review>. Acesso em 16 de setembro de 2009.
- LOPES, Scheila Mara Batista Pereira. *A linguagem como instrumento de resistência em tempos de exceção no romance Tudo que tenho levo comigo de Herta Müller*. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- NOBEL MEDIA AB. *The Nobel Prize in Literature 2009*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2009/summary/> Acesso em 02 de setembro de 2019.
- \_\_\_\_\_. *Prize announcement*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2009/prize-announcement/> Acesso em 08 de setembro de 2019.
- OLSSON, Andres. *The Nobel Prize in Literature 2009- Presentation Speech*. Disponível em: [http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/2009/presentation-speech.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2009/presentation-speech.html). Acesso em 18 de setembro de 2019.
- PETRESCU, Cristina. Romania. In: POTLAK, Detlef; WIELGOHS, Jan. *Dissent and Opposition in Communist Eastern Europe: origins of civil society and democratic transition*. Ashgate, 2004.
- \_\_\_\_\_. When dictatorships fail to deprive of dignity : Herta Müller's "Romanian Period". In: BRANDT, Bettina ; GLAJAR, Valentina. *Herta Müller: Politics and Aesthetics*. University of Nebraska Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. *From Robin Hood to Don Quixote*: resistance and dissent in communist Romania. Bucareste: Editora Enciclopedica, 2013.
- PRESSEUROP. Herta Müller, um Nobel contra as ditaduras. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.presseurop.eu/pt/content/article/113451herta-mueller-um-nobel-contra-ditaduras>. Acesso em 08 de setembro de 2019.

- SÁ FILHO, Manuel Batista de. *Nos “labirintos do medo”*: exílio e linguagem em *Depressões*, de Herta Müller. 2014. Monografia- Curso de História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- SEGESTEN, Anamaria Ducteac. The post-Communist Afterlife of Dissident Writers: the case of Herta Müller In: SCHOENHALS, Michael; SARSENOV, Karin. *Imaging the Mass Dictatorship*: the individual and the masses in Literature and Cinema. Palgrave Macmillan, 2013. [https://doi.org/10.1057/9781137330697\\_3](https://doi.org/10.1057/9781137330697_3)
- SIEVERS, Wiebke. Eastward Bound: Herta Müller’s international reception. In: HAINES, Brigid; MARVEN, Lyn. *Herta Müller*. Oxford :Oxford University Press, 2013. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654642.003.0011>
- SOUZA, Samia Tavares de. *Representações da violência totalitária na literatura contemporânea de língua alemã*: o romance *Herztier*, de Herta Müller. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- STRINGHAM, Enikő. *The Critical Reception of Herta Müller in the German and English Printed Media Before and After the Nobel Prize for Literature 2009*. Mestrado em Artes. Arizona State University, 2011.
- TICUDEAN, Mircea. 11 de outubro de 2009. Interview: Herta Müller on growing up in Ceausescu’s Romania. Disponível em: [http://www.rferl.org/a/Interview\\_Herta\\_Mueller\\_On\\_Growing\\_Up\\_In\\_Ceausescu\\_Romania/1848830.html](http://www.rferl.org/a/Interview_Herta_Mueller_On_Growing_Up_In_Ceausescu_Romania/1848830.html). Acesso em 21 de março de 2019.
- TROYANOV, Iliya. Nobel Prize for Herta Müller: patriot of an estranged homeland. 09 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/nobel-prize-for-herta-mueller-patriot-of-an-estranged-homeland-a-654148.html>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- URSPRUNG, Daniel. The German Minority in Romania: a historical overwiev. *Euxeinos*: Governance and Culture in the Black Sea Region, v. 19-20, 2015.
- WECKER, Miriam Inês. *Ser estrangeiro é uma arte para Yoko Tawada e Herta Müller*: a escrita des-locada na literatura alemã contemporânea. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- WHITE, John J. “Die Einzelheiten und das Ganze”: Herta Müller and Totalitarianism. In: HAINES, Brigid. (org.). *Herta Müller*. Cardiff: University of Wales Press, 1998.

### **Sobre o Prêmio Nobel de Literatura:**

- EPSMARK, Kjell. *Nobel's Will and the Literature Prize*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/themes/the-nobel-prize-in-literature-3>. Acesso em 02 de setembro de 2019.
- NOBEL MEDIA AB. *Alfred Nobel's Will*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/alfred-nobel/alfred-nobels-will-2/> Acesso em 02 de setembro de 2019.
- \_\_\_\_\_. *Nomination and selection of Literature laureates*. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nomination/literature/> Acesso em 02 de setembro de 2019. Acesso em 02 de setembro de 2019.
- PACKALÉN, Sture. *The idealised and naturalistic view of reality*: early 20th century German Literature Laureates. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/themes/the-idealised-and-naturalistic-view-of-reality-early-20th-century-german-literature-laureates-2>. Acesso em 02 de setembro de 2019.
- SVENSKA AKADEMIEN. *The Nobel Prize in Literature*. Disponível em: <https://www.svenskaakademien.se/en/the-nobel-prize-in-literature>. Acesso em 02 de setembro de 2019.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABRAHAM, Florin. To collaborate and to punish: democracy and transitional justice in Romania. In: APOR, Peter; HORVÁTH, Mark; MARK, James. *Secret Agents and the Memory of Everyday Collaboration in Eastern Europe*. Anthem Press, 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. O que é contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero? In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
- \_\_\_\_\_. História: a arte de inventar o passado. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

- \_\_\_\_\_. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: \_\_\_\_\_. *História. A arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
- \_\_\_\_\_. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: BELLINI, Ligia, NEGRO, Antônio Luigi, SOUZA, Everton Sales (Org.). *Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- \_\_\_\_\_. Tema, meta, metáfora: porque a historiografia teme e treme diante da literatura. *Linguagem. Estudos e Pesquisas* (UFG), v.17, 2013. <https://doi.org/10.5216/lep.v17i2.30453>
- ANHEIM, Étienne; LILITI, Antoine. Introduction. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v.2, n. 65, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-annales-2010-2-page-253.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2019. <https://doi.org/10.1017/S0395264900038518>
- ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 8ª reimpressão, 2009.
- \_\_\_\_\_. Walter Benjamin. In: \_\_\_\_\_. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. *Revista Maracanã*. Rio de Janeiro: v.8, n.8, jan./dez. 2012. <https://doi.org/10.12957/revmar.2012.12773>
- BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. Teses sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLECHER, Max. *Acontecimentos na irreabilidade imediata*. São Paulo: Cosac&Naify, 2013.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. *A escrita da História, novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CANTINHO, Maria João. Paul Celan, a experiência do limite da linguagem. Disponível em: <https://revistacaliban.net/paul-celan-a-experi%C3%A3Ancia-do-limite-da-linguagem-30afb01b99bf>. Acesso em 29 de outubro de 2019.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative and history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2.ed. Lisboa: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. O riso de Michel Foucault. In: \_\_\_\_\_. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- \_\_\_\_\_. O ausente da história. In: \_\_\_\_\_. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- \_\_\_\_\_. Ler: uma operação de caça. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- \_\_\_\_\_. Literatura e história. *Topoi*: Revista de História, n 1, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000. <https://doi.org/10.1590/2237-101X001001006>
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. Discutindo com Deus – Glikl bas Judah Leib. In: \_\_\_\_\_. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DELETANT, Dennis. *Hitler's forgotten ally: Ion Antonescu and his regime, Romania 1940-1944*. New York: Palgrave Macmillan, 2006. <https://doi.org/10.1057/9780230502093>
- \_\_\_\_\_. *Ceausescu and the Securitate: coercion and dissent in Romania 1965-1989*. Routledge, 2015. <https://doi.org/10.4324/9781315481579>
- DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 10a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FREUD, Sigmund. O estranho, 1919. In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).
- FRIEDLANDER, Saul. Introducción. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación. El nazismo y la solución final*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.
- \_\_\_\_\_. Memória, história e testemunho. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GAY, Peter. *O estilo na história*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. Estranhamento. Pré-história de um procedimento literário. In: \_\_\_\_\_. *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOLDSCHIDMT, Georges-Arthur. *À l'insu de Babel*. Paris: CNRS Éditions, 2009.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988.
- HITCHINS, Keith. *A concise history of Romania*. New York: Cambridge University Press, 2014. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139033954>
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras. 2.ed., 2003.
- HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *Artcultura*, v.19, n.35, jul-dez. 2017. <https://doi.org/10.14393/ArtC-V19n35-2017-2-01>
- JUDT, Tony. *Pós-guerra*: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 12, 2008.
- LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.
- LACAPRA, Dominick. Representar el holocausto: reflexiones sobre el debate de los historiadores. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*. El nazismo y la solución final. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau a internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LIMA, Henrique Espada. Narrar, pensar o detalhe: à margem de um projeto de Carlo Ginzburg. *ArtCultura*. Revista de História, Cultura e Arte, Uberlândia, EDUFU, CNPq e Capes, jul-dez. 2007.
- LORIGA, Sabina. Memória, história e literatura. *ArtCultura*, Uberlândia, v.19, n.35, jul-dez.2017. <https://doi.org/10.14393/ArtC-V19n35-2017-2-02>
- MANGUEL, Alberto. *Leituras proibidas*. In: \_\_\_\_\_. *Uma história da leitura*. Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social*, Revista de Sociologia. USP, SP. 7(1/2), outubro de 1995. <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85207>
- REIS, José Carlos. A escola metódica, dita “positivista”. In: \_\_\_\_\_. *A história, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. O papel público de escritores e intelectuais. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga*: Estudos Linguísticos e Literários, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, 2012.
- SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC-Rio. v.20, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>

- \_\_\_\_\_. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAÚJO, Maria Paulo; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). *Violência na história: Memória, trauma e reparação*. Rio de Janeiro, Ponteio, 2012.
- SEMPRUN, Jorge. *Saudações de Federico Sanchez*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsões entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*. Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- STONE, Lawrence. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma velha nova história. In: NOVAIS, Fernando e SILVA, Rogério Forastieri (Orgs.). *Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos*, volume 2. São Paulo: Cosac&Naify, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record: 1999.
- VERDERY, Katherine. *National Ideology under Socialism: Identity and Cultural Politics in Ceausescu's Romania*. University of California Press, 1991. <https://doi.org/10.1525/9780520917286>
- VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: \_\_\_\_\_. *Como se escreve a história*. 3.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995.
- VULTUR, Smaranda The role of ethnicity in the collectivization of Tomnatic/Triebswetter (Banat region). In: IORDACHI, Constanin; DOBRINCU, Dorin (orgs.). *Transforming Peasants, Property and Power: the collectivization of agriculture in Romania 1949-1962*. Central European Press, 2009.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. O fardo da história. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Editora EDUSP, 1994.
- \_\_\_\_\_. O passado prático. *ArtCultura*, Uberlândia, v.20, n.37, jul.-dez.2018. <https://doi.org/10.14393/artc-v20-n37-2018-47235>